



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

ALINE MARIA LOUREIRO MUNIZ MOITA

**O CURRÍCULO OCULTO E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO
BOMBEIRO MILITAR: O HERÓI (RE)VELADO**

FORTALEZA

2014

ALINE MARIA LOUREIRO MUNIZ MOITA

O CURRÍCULO OCULTO E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO
BOMBEIRO MILITAR: O HERÓI (RE)VELADO

Tese apresentada à coordenação do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Linha de Pesquisa: Educação, Currículo e Ensino, Eixo Temático: Currículo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Helena Carvalho Holanda.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Moita, Aline Maria Loureiro Muniz.

O currículo oculto e a constituição da subjetividade do bombeiro militar : o herói
(re)velado / Aline Maria Loureiro Muniz Moita. – 2014.
200 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Patrícia Helena Carvalho Holanda.

Coorientação: Prof. Dr. Meirecele Calíope Leitinho.

1. Currículo oculto. 2. Subjetividade. 3. Etnografia semântica. 4. Bombeiro militar e herói.
I. Título.

CDD 370

ALINE MARIA LOUREIRO MUNIZ MOITA

O PROCESSO FORMATIVO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO
BOMBEIRO MILITAR: O HERÓI (RE)VELADO

Tese apresentada à Coordenação do
Curso de Doutorado em Educação do
Programa de Pós-Graduação em
Educação Brasileira da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do título de. Linha de
Pesquisa: Educação, Currículo e Ensino,
Eixo Temático: Currículo.

Defesa em: ____/____/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia Helena Carvalho Holanda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Meirecele Calíope Leitinho (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Iorio Dias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz
Universidade Regional do Cariri (URCA)

A Deus, em quem me abasteço e repouso meu espírito.

Aos meus pais, Maria Cláudia e Arimateas Moita, com quem aprendi as maiores e mais importantes lições que me permitiram me tornar o que sou e chegar até aqui.

Aos meus irmãos, Eduardo e Carlos Eugênio, pedaços de mim.

Ao meu marido, Luiz Eduardo, fonte inesgotável de companheirismo e cumplicidade, pelo lar de amor e de paz que construímos.

Aos colaboradores desta pesquisa, aos meus pacientes e alunos por terem passado por mim e ficado em mim, através das lições que me proporcionaram e daquelas que ainda virão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de modo especial a Deus, por habitar em mim e nutrir minha alma de fé, entusiasmo e sensibilidade para realização desta pesquisa.

Agradeço à minha mãe, Maria Cláudia, e ao meu pai - vivo em minha alma, Arimateas Moita, pois a pesquisadora que sou hoje não se constituiu apenas nestes quatro anos de doutoramento, mas, sobretudo no seio familiar, através do incentivo ao estudo e à leitura e, acima de tudo, dos valores e princípios éticos que transmitiram e guardo comigo como meu maior e melhor atributo.

Agradeço aos meus irmãos, Dudu e Carlinhos, pelo amor incondicional que habita minhas entranhas e por serem duas, entre poucas, certezas que trago comigo.

Agradeço aos queridos Tio Luiz Carvalho e Tia Regina Cerqueira, pelo vínculo e afeto que transpõem o papel de sogro e sogra, o que representam para mim não tem definição.

Às minhas primas, Sabrina, Janaina e Laís, pela certeza do apoio, das doces e leves partilhas e, sobretudo, pelo laço de amor que construímos.

À Eudinha, pela escolha mútua de um amor fraternal.

Aos meus familiares, representados pelos queridos tios Ordônio Moita, Júlia Moita, Ângela Moita e Teresa Muniz, pelo que significam em minha história de vida e por me ensinarem o valor dos vínculos familiares.

Às minhas amigas de longa jornada, representadas por Lana Veras, pela afinidade, amor e presença em minha vida.

Às minhas amigas, Mara Aguiar e Fabiana Lira, por acreditarem e torcerem por mim.

À Joseja Acioly e Diana Feitosa, por fazerem diferença em minha vida, através do apoio, incentivo e amizade.

À amada Alinne Raulino e toda tropa, em especial Larissa Costa, por terem feito a diferença com os treinos de musculação e os momentos de descontração.

À Érica Salvino, um *anjo* em minha vida, pelo cotidiano de trabalho e, fundamentalmente, pelo cuidar, cujo carinho e afeto transpuseram o papel de recepcionista.

Aos meus colegas de doutoramento, pela troca e aprendizado, Francione, Edna, Germana, Eudes, Emílio, Alice e, em especial, Elivânia, pelos estudos em dupla, em minha casa, originando o GEEA- grupo de estudo Elivânia e Aline.

À minha estimada orientadora, Professora Patrícia Holanda, pela relação de profundo carinho e respeito que estabelecemos, pela liberdade ao meu processo criativo e pela confiança e validação positiva em meu movimento acadêmico.

À Professora Meirecele, minha coorientadora e bússola, pelos braços abertos, em todos os sentidos. Com a enorme confiança em mim depositada, propondo desafios de pesquisa na busca de uma tese consistente teórica e metodologicamente, encorajou-me a acreditar em meus recursos como pesquisadora, ensinando-me que é possível ser exigente, criteriosa, acolhedora e afetuosa.

Às Professoras Leônia Teixeira, Ana Iorio e Zuleide Queiroz, pelas fundamentais contribuições, exercendo um papel diferenciado na construção do meu estudo.

Aos professores doutorado, por me instigarem pela busca de conhecimento.

Ao Professor Vianey, pela revisão literária deste estudo e pelas palavras de incentivo.

À Eliene, por colaborar com a formatação desta tese, seguindo a padronização da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação, em especial ao Sérgio, pela ajuda e acesso às informações importantes.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa REUNI de Orientação e Operacionalização da Pós-Graduação articulada à Graduação (PROPAG), pelo fomento investido neste estudo.

A todos os Bombeiros Militares do Ceará, pela confiança e possibilidade de acessar a instituição, a alma e os sentidos de cada um.

Ao Colégio Sagrado Coração de Jesus e à Escola Dom Bosco pela formação pedagógica, ética e humana que me proporcionaram.

À Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Piauí, berço da minha graduação em Psicologia, pelo semear da psicóloga e pesquisadora que permanece se construindo em mim.

Aos inesquecíveis Hadassa e Dilcio, pela contribuição para minha formação como psicóloga e pessoa, afinal, essas coisas não prescrevem com o tempo.

À Noquinha, minha segunda mãe, por tudo que significa para mim e pela presença, dedicação e amor, desde a minha infância.

Aos sobrinhos, Carlos Eugênio Filho, Raíssa, Lucas e Rafaela por alimentarem minha criança interior.

À minha sobrinha e afilhada, Maria Eduarda, com quem me sinto ligada e com quem aprendi que existem relações e sentimentos que não somos capazes de explicar.

Ao meu marido, por estar ao meu lado, concreta e simbolicamente, partilhando e vivendo intensamente todos os (de)sabores deste processo, e, acima de tudo, por esse amor que transforma, transborda e nos faz ir além.

[...] Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consume com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.

Não forces o poema a desprender-se do limbo.

Não colhas no chão o poema que se perdeu.

Não adules o poema. Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lheres:

Trouxeste a chave?

(ANDRADE, 1992, p. 97).

RESUMO

Este trabalho apresenta e discute a pesquisa de doutoramento em Educação da Universidade Federal do Ceará, cujo objetivo foi compreender como o currículo de formação profissional do bombeiro militar se constrói socialmente, visando a explicitação dos processos de subjetivação que determinam sua identidade heroica. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que teve como percurso metodológico básico a etnografia semântica, ou seja, uma etnografia conceitual-advinda de imagens, textos, concepções, discursos – situando-se, portanto, no território da etnopesquisa crítica e assegurando que o currículo, objeto desta pesquisa, fosse privilegiado em suas manifestações subjetivas e simbólicas, através da lente hermenêutica de natureza sociofenomenológica e crítica. O referencial teórico que subsidiou a análise de dados está circunscrito na área da psicologia social e da educação, epistemologicamente fundamentado nas teorias críticas e pós-críticas, cujo eixo teórico estruturante foi o processo de subjetivação e o currículo oculto. Neste veio, o currículo emerge como artefato social e culturalmente construído, capaz de produzir identidade, (re)velando, assim, nuances de um ensino tácito que fomenta um processo de subjetivação profissional do bombeiro enraizado em crenças, valores e atributos que se equiparam àqueles associados às figuras heroicas. Evidencio a relação dialética entre os sujeitos e a instituição formadora, estando ambos também em constante movimento, produzindo assim interferências mútuas. Desta forma, os cursos de formação dos bombeiros ratificam aspectos da carreira militar e estão em consonância com o ideário pragmático que circunda a profissão do bombeiro. Admitindo a perspectiva fenomenológica em que sujeito-bombeiros- e mundo- cursos de formação- se constituem mutuamente, a identidade heroica do bombeiro parece ser alimentada por essa relação que se estabelece entre profissionais, instituição, sociedade e currículo.

Palavras-chave: Currículo oculto. Subjetividade. Etnografia semântica. Bombeiro militar e herói.

ABSTRACT

This paper presents and discusses research conducted under the Doctoral Program in Education of the Federal University of Ceará. The goal of this research was to understand how the professional training curriculum of military firefighters is built socially, aiming to reveal the subjectification processes that determine their heroic identity. This is a qualitative research whose basic methodology pathway followed semantic ethnography, that is, conceptual ethnography - arising from images, texts, concepts, discourses -, and placed within the territory of critical ethno-research and making sure that the curriculum under study was favored in its subjective and symbolic expressions, through the hermeneutic lens of a socio-phenomenological and critical nature. The theoretical reference which provided the grounds for data analysis is part of social and education psychology, epistemologically grounded in critical and post-critical theories, whose structuring theory backbone was the subjectification process and the hidden curriculum. Within that scope, the curriculum emerges as a social and culturally constructed artifact that is able to produce identity, therefore revealing the subtleties of a tacit teaching that encourages a professional subjectification process of firefighters, rooted in beliefs, values and attributes that are on a par with those associated with heroic figures. I also reveal the dialectic relationship between subjects and the training institution; they are both in constant movement, therefore producing mutual interference. Therefore, firefighter training courses ratify aspects of the military career and are in harmony with the pragmatic ideals that surround the firefighting profession. Admitting the phenomenological perspective in which subject (firefighters) and world (training courses) constitute each other, firefighters' heroic identity seems to be nurtured by this relationship that is established between professionals, institution, society and curriculum.

Keywords: Hidden curriculum. Subjectivity. Semantic ethnography. Military firefighter and hero.

RESUMEN

Este trabajo presenta y discute la investigación para el Doctorado en Educación de la Universidad Federal de Ceará, cuyo objetivo fue comprender la construcción social del currículum de formación profesional del bombero militar, teniendo en cuenta la explicitación de los procesos de subjetivación que determinan su identidad heroica.

Se trata de una investigación de naturaleza cualitativa que tomó como itinerario básico la etnografía semántica, o sea, una etnografía conceptual – devenida de imágenes, textos, concepciones, discursos – situándose, por lo tanto, en el territorio de la etnoinvestigación crítica y asegurando que el currículum, objeto de esta investigación, fuera privilegiado en sus manifestaciones subjetivas y simbólicas, a través del lente hermenéutico de naturaleza sociofenomenológica y crítica. El referencial teórico que subsidió el análisis de los datos se circunscribe al área de la psicología social y de la educación, epistemológicamente fundamentado en las teorías críticas y poscríticas cuyo eje teórico estructurador fue el proceso de subjetivación y el currículum oculto. Con este fundamento, el currículum emerge como un artefacto construido social y culturalmente, capaz de producir identidad, (re)velando así los matices de una enseñanza tácita que fomenta un proceso de subjetivación profesional del bombero, arraigada en creencias, valores y atributos que se equiparan a aquellos que son asociados a las figuras heroicas. Pongo en evidencia la relación dialéctica entre sujetos e institución formadora, ambos en constante movimiento, produciendo de este modo mutuas interferencias. De esta manera, los cursos de formación de los bomberos ratifican aspectos de la carrera militar y se encuentran en consonancia con el ideario pragmático que circunda la profesión del bombero. Admitiendo la perspectiva fenomenológica en que sujeto-bomberos- y mundo- cursos de formación- se constituyen mutuamente, la identidad heroica del bombero parece alimentarse de esa relación que se establece entre profesionales, institución, sociedad y currículum.

Palabras clave: Currículum oculto. Subjetividad. Etnografía semántica. Bombero militar y héroe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará	44
Figura 2	– Prédio da AESP	45
Figura 3	– Bombeiro ou herói?	60
Figura 4	– A aceitação do sacrifício	60
Figura 5	– Sobre ser diferente, sobre ser Bombeiro	61
Figura 6	– Sobre o igualar-se do bombeiro	61
Figura 7	– Vontade de Potência: Nos piores momentos vem a superação de s os bombeiros sentem-se os melhores	63
Figura 8	– O risco e o Bombeiro	65
Figura 9	– A farda legitimando a coragem e o risco	66
Figura 10	– Bombeiro, o <i>herói</i> poderoso ou virtuoso?	66
Figura 11	– Escreve com fogo a luta pela vida	68
Figura 12	– Entrada do lançamento do filme	150
Figura 13	– Capa do DVD	150
Figura 14	– Capa da Revistinha	160
Figura 15	– Publicidade do Capitão Tocha	160
Figura 16	– Os Heróis (bombeiros) da revistinha Capitão Tocha	161
Figura 17	– Os vilões, mencionados como integrantes da seita triangulo do foc	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Hierarquia do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará	31
Quadro 2 – Atores da pesquisa	31
Quadro 3 – Categorias Analíticas ou Noções Subsunçoras	41
Quadro 4 – Definição das categorias de análise	42
Quadro 5 – Arcabouço com principais eixos de discussão teórica com respectivos autores para fundamentação	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PERCURSO METODOLÓGICO	23
2.1	A abordagem qualitativa	23
2.2	A etnopesquisa crítica	25
2.3	O campo da pesquisa	29
2.4	A análise documental	33
2.5	A entrevista	35
2.6	O procedimento de análise e categorização dos resultados	37
3	DADOS DE CONTEXTO	43
3.1	O cenário da pesquisa	43
3.2	A profissão de Bombeiro Militar revisitada em sua história	45
3.3	Os cursos de Formação Profissional dos Bombeiros: fundamentos e Proposições	46
4	REFERENCIAL TEÓRICO	49
4.1	Da modernidade à hipermodernidade: (des)cobrando a ‘história’ que se incide sobre o indivíduo	49
4.1.1	<i>(Hiper)modernidade: o indivíduo em movimento</i>	50
4.1.2	<i>Tempos de felicidade (hiper)narcísica</i>	51
4.2	Estudos sobre a subjetividade e os mecanismos de subjetivação: significados e manifestações	54
4.2.1	<i>Discussão sobre a subjetividade</i>	55
4.2.2	<i>Compreensão dos mecanismos de subjetivação</i>	56
4.2.3	<i>A construção da Identidade Heroica do bombeiro e sua mútua constituição com seu contexto de trabalho</i>	58
4.2.4	<i>“Soldados do Fogo”: compreendendo a vontade de potência dos Bombeiros Militares como manifestação da vida psíquica</i>	62
4.2.4.1	<i>Vontade de potência: pulsão de vida em (super)ação</i>	62
4.2.4.2	<i>A profissão de Bombeiro como potência</i>	64
4.3	O herói-mito e o herói urbano	69

4.4	Discussão sobre o currículo	71
4.4.1	Sentidos e concepções de currículo	71
4.4.2	Compreensão do currículo sob a óptica da Teoria Crítica	73
4.4.2.1	<i>Educação significativa para criticidade: um caminho emancipatório</i>	73
4.4.2.2	<i>As categorias conceituais do pensamento crítico de Giroux</i>	75
4.4.2.3	<i>Escolarização e currículo oculto: discurso crítico</i>	77
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	81
5.1	Dimensão técnico-pedagógica	81
5.1.1	Racionalidade técnica-instrumental	81
5.1.2	O currículo a serviço da ditadura	87
5.1.3	O curso como instrumento de poder disciplinador	87
5.1.4	Forjando o “bombeiro de ferro”	91
5.1.5	Aprende a ser bombeiro fazendo: ver e fazer	95
5.1.6	A apropriação dos ‘códigos’ que personalizam a profissão	97
5.1.7	O Tanque do Jacaré: a face oculta do currículo	99
5.1.8	Formação dos formadores: fragilidade técnico-pedagógica	100
5.1.9	(Trans)formação para salvar vidas	102
5.2	Cultura	103
5.2.1	O valor de “abraçar a causa”	103
5.2.2	Valorização do sofrimento e da operacionalidade para se tornar um bombeiro	105
5.2.3	A cultura simbolizada	108
5.2.4	A cultura da punição	109
5.2.5	A experiência vivida na profissão como valor e crença institucional	111
5.3	Subjetividade	113
5.3.1	Nascendo o Bombeiro: Subjetivando-se pela operacionalidade e prática	113
5.3.2	O currículo sob a ótica dos egressos: os sentidos, as percepções e os paradoxos	116
5.3.3	“Vidas por vidas”: a (trans)formação do sujeito e a (trans)figuração do herói	124
5.3.4	O caráter grandioso da profissão: “Vidas alheias, riquezas a salvar”	129

5.3.5	<i>O “teatro operacional” como espelho da autoimagem e a imagem social da profissão</i>	130
5.3.6	<i>Em pouco tempo não serás mais o que és: o lugar do iluminado</i>	135
5.3.7	<i>A dor e a Delícia de ser o que é: Da iluminação ao peso de salvar vidas</i>	138
5.3.8	<i>O resgate simbólico: bombeiro cidadão</i>	140
5.4	<i>Ambiguidade</i>	142
5.4.1	<i>As faces do herói</i>	142
5.4.2	<i>Bombeiro: herói ou empregado?</i>	146
5.4.3	<i>Ser ou não ser, eis a questão?</i>	148
5.5	<i>Ideologia</i>	152
5.5.1	<i>Não basta estar fardado, é preciso ter ‘pele vermelha’</i>	152
5.5.2	<i>Um por todos e todos por um: Um só “corpo”</i>	153
5.5.3	<i>A mística bombeirística e o aquartelamento</i>	155
5.5.4	<i>Para frente! Que importa a tormenta. Nenhum passo daremos atrás</i>	156
5.5.5	<i>A sociedade como mãe do herói: “Toma que o filho é teu”</i>	157
5.5.6	<i>A hierarquia e sua mútua constituição com a instituição: do concreto ao simbólico</i>	162
5.5.7	<i>A hierarquia oculta dos heróis</i>	164
6	SÍNTESE CRÍTICA CONCLUSIVA	166
	REFERÊNCIAS	174
	APÊNDICE A – QUADROS	183
	APÊNDICE B – RELATÓRIO DA PESQUISA EXPLORATÓRIA	186
	APÊNDICE C – ROTEIROS DE ENTREVISTA	195
	ANEXO A – TABELA DOS PROFISSIONAIS MAIS CONFIÁVEIS	197

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como foco o currículo dos cursos de formação dos Bombeiros Militares do Ceará, considerando para isso a visão que eles têm sobre sua formação e aquilo que os constitui simbolicamente, como homem e/ou “herói”. Assim, a investigação proposta evidencia os aspectos psicológicos que incidem no currículo, privilegiando suas dimensões subjetivas e seus desdobramentos no processo de subjetivação profissional.

Creio que, para clareza sobre esta pesquisa de doutoramento, é um imperativo reaver o percurso que culminou no interesse por este estudo, pois conforme assinala Sampaio (1997, p. 4), “[...] toda realização humana revela seu ator, suas impressões digitais, as marcas e cicatrizes do vivido falam de sua trajetória, o trabalho científico não poderia escapar a esse destino”, de sorte que a história pessoal e profissional do pesquisador, bem como suas vivências, alicerçam suas intenções como investigador e sua forma de estar e olhar para o mundo.

O interesse em pesquisar particularmente a formação dos bombeiros militares adveio de minha trajetória na qualidade de psicóloga e pesquisadora. Desempenhei a função de psicóloga clínica na cooperativa dos Bombeiros, a Caixa de Assistência e Pecúlio do Bombeiro Militar (CAPBOM), do início de 2004 ao final de 2010, bem como no consultório particular, de 2010 até este momento. Ao longo desse período de quase dez anos, debruicei-me sobre questões concernentes à vida profissional e pessoal desse grupo.

No início da minha inserção como psicóloga na Instituição, realizei a primeira pesquisa com bombeiros, de caráter exploratório, no intuito de fazer um sucinto levantamento acerca do panorama da saúde biopsicossocial destes profissionais. Para tanto, apliquei uma escala de mensuração do nível de estresse, que observava as múltiplas dimensões de suas vidas; e ainda um inventário sobre tensões no trabalho, voltado especificamente para a realidade profissional. Os indicadores recolhidos na ocasião apontaram uma realidade de estressores laborais preocupantes, do seguinte ponto de vista: a) relações interpessoais no trabalho; e b) condições laborais. Esta realidade denotava contornos específicos de acordo com a unidade operacional, ou seja, o setor a que estes profissionais estavam vinculados, cujo cotidiano de trabalho tem características particulares e, portanto, refletem distintas experiências e significações.

A pesquisa exploratória supracitada foi relatada no Encontro de Oficiais de 2004, propiciando o início dos atendimentos psicoterápicos com mais clareza sobre a realidade institucional e laboral dos bombeiros militares do Ceará. Naquele momento, principiou-se outra etapa de minha incursão para chegar a esta pesquisa de doutoramento.

Em linhas gerais, o lugar de onde falo hoje está em grande parte alicerçado na escuta terapêutica exercida com estes profissionais. Por quase uma década, no papel de psicóloga, pude simbolicamente encontrar-me com o *mundo interno* desses profissionais em um espaço clínico. Assim, com a experiência vivida como psicoterapeuta, fui cotidianamente confrontada com demandas que me faziam inferir sobre a dificuldade dos Bombeiros em lidar com sentimentos e experiências próprias da realidade humana, principalmente quando estas traziam em seu cerne a ideia de finitude e impotência. Foram estas experiências que culminaram com os estudos e a pesquisa que realizei de 2005 a 2007, durante o mestrado acadêmico de Psicologia.

O tema desta pesquisa de doutorado germinou a partir das reflexões provocadas durante a pesquisa anterior. No período da elaboração de minha dissertação de mestrado, constatei que o ideário de *herói* não só se inscreve na profissão de bombeiro militar, como também é validado e incorporado pela instituição. Ao mesmo tempo, esse profissional, em sua vida pessoal, está suscetível às vivências próprias da condição humana, transitando, portanto, na ambiguidade entre o papel de homem e *herói* (ver Quadro 6, página 183).

Assinalo, pois, o fato de que a dissertação de mestrado teve como objeto de estudo o sofrimento psíquico e lançou o olhar para o Bombeiro Militar do Ceará e os sentidos por ele atribuídos ao cotidiano profissional de trabalho *heroico* e às relações amorosas, objetivando compreender como se articulam. Ao pesquisar a respeito do sofrimento psíquico dos bombeiros porém, naquela ocasião, não estava clara a existência de uma interface deste fenômeno com uma concepção de heroísmo. Assim, o *herói* foi se manifestando e assumindo sonoridade seja pelo discurso dos próprios bombeiros entrevistados, seja pelo que expressavam os rituais da instituição e até mesmo as 'paredes' do quartel central.

Foi, então, com origem na inserção empírica durante o mestrado, que pude desvelar a sutil e patente manifestação do lugar de *herói* em que pareciam transitar os bombeiros, inscrevendo-se e orbitando de forma simbólica (significados

atribuídos pelos bombeiros sobre sua vivência profissional) e concreta (aspectos da estrutura física do quartel, por exemplo) sobre a vivência desses profissionais. Esta compreensão se deu por meio da observação participante ao perceber que, em frente ao alojamento (espaço onde ficam acomodados os bombeiros de plantão para serviços operacionais) do quartel central do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará, encontra-se pintada, em toda a extensão da parede, a seguinte frase: “A palavra covardia não existe no dicionário do bombeiro.” (MOITA, 2007, p. 50). Seguindo nesta mesma direção, como elemento que compõe o *bombeiro-herói*, encontrei uma colorida revistinha em quadrinhos que faz parte de um projeto desenvolvido pela instituição, Corpo de Bombeiros Militar do Ceará (CBMCE), intitulada *Capitão Tocha e a Brigada Salvamento*¹ A criação e circulação desta revistinha suscitam a ideia de que, de alguma forma, a própria instituição alimenta a crença sobre um bombeiro com habilidades heroicas e um cotidiano de trabalho como palco para o exercício de sua missão: “vidas alheias, riquezas a salvar”. (MOITA, 2007).

Assim, o tema desta tese também foi tecido com base nos conteúdos, compreensões e indagações advindas da pesquisa anterior, que havia me possibilitado contemplar aspectos subjetivos de profissionais já formados e em pleno exercício da profissão, ou seja, egressos de seus cursos de formação profissional. Com isso, foram tomando corpo reflexões concernentes ao processo de tornar-se bombeiro e de constituir-se em seu mundo interno como *herói*; foi então que me senti estimulada a investigar os cursos de formação de bombeiro, objeto desta pesquisa de doutoramento, sob a óptica da subjetivação profissional que aí se instaura. Portanto, o salto qualitativo deste ensaio consiste em estudar o processo formativo, principalmente em suas dimensões simbólicas.

As minhas indagações sobre o ofício do bombeiro se ampliaram e adquiriam contornos que tangenciavam o papel do currículo, principalmente do currículo oculto. Deste modo, o caminho percorrido conduziu para a temática proposta – o processo formativo na constituição da subjetividade do bombeiro militar: o *herói* (re)velado.

Com efeito, minhas reflexões acerca da realidade profissional do bombeiro, em sua perspectiva psicológica, despertaram minha curiosidade sobre a formação dessas pessoas e trouxeram indagações acerca da forma como os valores

¹ No capítulo da apresentação e discussão dos resultados retomo o tema da revistinha, como recurso de análise e articulação com os achados da pesquisa.

que compõem o panorama da profissão permeiam os currículos e medeiam o *tornar-se bombeiro*. Nesta pesquisa, lancei o olhar para além da intencionalidade do projeto de formação dos bombeiros militares - os sujeitos que estes cursos pretendem formar; buscando observar o resultado de sua efetivação: os sujeitos (homem e/ ou herói) que de fato estão formando, problematizando sobre o '*aprender a ser herói*'.

Foram estas perspectivas que me conduziram a beneficiar os aspectos curriculares imbricados nesta realidade. Destarte, ante meus anseios como pesquisadora, proponho a seguinte questão central: **como se manifesta a subjetivação nos processos formativos e autoformação do bombeiro militar do Ceará e como se relaciona com o imaginário social de herói da profissão?**

Com vistas ao norteamento teórico-metodológico deste projeto e com procedência no desdobramento da pergunta central, aponto as seguintes problematizações:

- a) Qual a percepção do bombeiro sobre seu lugar no mundo do trabalho?
- b) Quais os mecanismos de subjetivação no processo de formação do bombeiro militar que possibilitam a emergência de subjetividades coerentes com o perfil profissional e o imaginário social de herói idealizado pelos formadores?
- c) Quais os significados e as manifestações da subjetividade e dos mecanismos de subjetivação?
- d) Qual a fundamentação teórica sobre formação profissional e currículo evidenciada no documento de formação?
- e) Qual a significação mitológica de herói e sua evolução histórica?
- f) Como os valores, crenças e relações de poder se manifestam no cotidiano profissional?
- g) Quais os fundamentos orientadores do projeto oficial de formação profissional do Bombeiro Militar do Ceará?
- h) Como a concepção de herói é expressa no discurso do bombeiro militar?
- i) Como é constituído o currículo de formação do bombeiro militar do Ceará?

Desse modo, como suporte na questão central, emergiu a seguinte **tese**: **a natureza da profissão do bombeiro militar do Ceará e o imaginário social**

como herói são definidores dos processos formativos que possibilitarão constituir subjetividades que integrem o eu individual e o eu social. Nessa acepção, o sentido de heroísmo é apregoadado no âmbito social e institucional, pois permeia a cultura do quartel, tanto no que concerne aos processos formativos como às vivências cotidianas; paradoxalmente, o trabalho dos bombeiros tem as marcas do contexto globalizado situado em terreno ambíguo, pois, se por um lado, se encontra o herói, de outra parte, existe o homem comum, trabalhador e assalariado.

Para realizar esta tese, tracei como **objetivo² geral** da pesquisa, a compreensão do currículo de formação profissional do bombeiro militar em sua construção social, visando a explicitação dos processos de subjetivação que determinam sua identidade heroica.

Como **objetivos específicos**, foram definidos os que vêm à seguir:

- Identificar estudos sobre os aspectos subjetivos e os processos formativos do bombeiro.
- Analisar a atuação do bombeiro, incluindo valores, crenças e relações de poder manifestos em seu cotidiano profissional.
- Analisar o currículo oculto da formação do bombeiro, atentando para a emergência da dimensão do heroísmo.
- Identificar os mecanismos de subjetivação no processo de formação profissional do bombeiro militar.
- Entender como se constitui o currículo do bombeiro militar do Ceará.
- Identificar o(s) fundamento(s) político-ideológico(s) que constitui(em) o curso de formação profissional dos bombeiros.

Para percorrer com segurança o caminho desta investigação e no intuito de me acercar dos estudos já realizados (*estado da questão*) que possuam alguma forma de aproximação com a pesquisa realizada, foi necessário acessar e descortinar o panorama científico minha busca científica se inscreve. Deste modo, lancei, no banco de dados da CAPES, palavras-chave (termos e categorias teóricas) que são o cerne deste projeto. Em síntese, constatei que o terreno pelo qual enveredei se exprime pouco explorado, pois apenas 14 trabalhos foram encontrados; destes, todos discutem sobre o bombeiro militar, entretanto nenhum tem qualquer relação com os processos formativos ou trazem à tona a perspectiva

² No apêndice A desta tese, encontra-se a Quadro 8, que sintetiza os objetivos (geral e específicos) articulados com a questão central e as problematizações – página 185.

de estudar o currículo e a subjetividade. Acrescento ainda que, dentre os estudos localizados no portal da CAPES, apenas dois se entrelaçam com a perspectiva do Bombeiro feito Herói, sendo um destes a dissertação que defendi no mestrado.³

Portanto, conforme o panorama científico, há pouco descortinado, esta pesquisa veio ao encontro de uma produção científica insuficiente, com recorte acerca de uma profissão pouco privilegiada pela ciência, mesmo sendo os bombeiros profissionais de destacada relevância social e que foram apontados, por três anos consecutivos, como os mais confiáveis pela população brasileira e de 18 países, em pesquisas realizada pela GfK – 4ª maior empresa de pesquisa de mercado no Brasil e 4ª maior grupo mundial do setor (AS NOVE..., 2010; LVBA COMUNICAÇÃO, 2011)⁴. A pesquisa aqui apresentada inova, ainda, na medida em que articula uma discussão sobre formação profissional, subjetividade e currículo oculto, na perspectiva de fornecer, de forma geral, com as reflexões e as produções de conhecimento no campo da educação entrelaçado à lente psicológica, bem como, de forma específica, prestar uma contribuição para o avanço dos estudos sobre os processos formativos do bombeiro militar, diminuindo a insuficiência de investigações referentes à temática e descortinando uma área investigativa que não é privilegiada pelo olhar da ciência.

Nesta pesquisa, evidenciei a necessidade de observação e descrição do currículo do bombeiro, fundamentalmente na vertente do 'currículo' oculto, com vistas a compreender a subjetivação profissional que aí se instaura. Portanto, foram realizados estudos sobre o bombeiro e o contexto ao qual estão inseridos, identificando a natureza da profissão e como se relaciona com o imaginário social em sua (trans)formação. Ressalto ainda, que não tive acesso ao documento com a estrutura curricular formal concernente à formação dos egressos entrevistados, ou seja, currículo prescritivo dos cursos de formação anteriores à fundação da atual Academia Estadual de Segurança Pública do Estado do Ceará (AESP), em 2010. Entretanto, o currículo é um artefato que extrapola a dimensão prescritiva, sendo possível acessá-lo através da perspectiva vivencial – oculta –, e alcançar uma ampla e profunda análise de sua manifestação através dos egressos e formadores, intenção e caminho percorrido neste estudo.

³ O levantamento realizado no portal da CAPES está sintetizado no Quadro 7, do Apêndice A, p. 184 desta tese.

⁴ No Anexo A, página 197 desta tese, foi disponibilizada a Tabela 1 formulada pela empresa que realizou a pesquisa sobre os profissionais mais confiáveis.

Assinalo que esta tese segue, no próximo capítulo, abordando o percurso metodológico, para tanto, explico as propriedades desta investigação que a situam no veio qualitativista. Apresento e discuto, ainda, a compreensão do processo investigativo que culminou com a utilização do método pertencente à perspectiva da etnopesquisa crítica, concebida como uma etnografia semântica, ou seja, uma etnografia conceitual – advinda de imagens, textos, concepções, discursos-, assegurando, assim, que o currículo, objeto desta pesquisa, fosse privilegiado em suas manifestações subjetivas e simbólicas, através da lente hermenêutica de natureza sociofenomenológica e crítica.

Ainda no segundo capítulo, apresento e dialogo, de forma articulada e integradora, o campo da pesquisa, espaço que me possibilitou a associação de várias técnicas. Em seguida, exponho sobre análise documental, cujos *etnotextos excluídos* foram o cerne, ou seja, considere documentos, textos, hinos, cartas e imagens periféricas, pautando-me na compreensão que, ao trazê-los da periferia para o centro da análise, estaria evidenciando os sujeitos e suas manifestações, inclusive as mais informais, como as imagens e frases postadas por bombeiros nas redes sociais. Neste caso, algumas as imagens são apresentadas de forma articulada com referencial teórico, outras, porém, foram discutidas no capítulo de análise dos dados. Concluo, pois, o capítulo do percurso metodológico, discutindo sobre o recurso da entrevista e os procedimentos de análise e categorização dos resultados.

O terceiro capítulo desta tese versa sobre os dados de contexto, para tanto, discorro sobre o cenário da pesquisa; a profissão do bombeiro militar em seu aspecto histórico e, por fim, faço uma alusão aos cursos de formação profissional dos bombeiros.

O referencial teórico que subsidiou a análise de dados está circunscrito nas áreas da psicologia social, sociologia e educação; epistemologicamente fundamentado nas teorias críticas e pós-críticas, cujo eixo teórico estruturante foi o processo de subjetivação e o currículo oculto, contando ainda como uma teorização sobre o mito do herói; discussão exposta no quarto capítulo desta tese.

No quinto capítulo, abordo a apresentação e análise dos dados, cujo desafio metodológico deu-se por uma inserção no campo, proporcionando um trabalho discursivo e interpretativo, estabelecendo uma postura compreensivista e dialógica com o objeto e, principalmente, com os atores da pesquisa. Assim, a

análise foi ao encontro dos traços metodológicos desta tese, amparando-se na ideia que uma postura rígida, fixa e fechada não dá conta de uma *pesquisa aberta*, cujos achados foram trabalhados de forma articulada e integradora.

Nesta perspectiva, esclareço ainda, sobre o processo de categorização proposta na análise dos dados, que este ocorreu por duas vias, *a priori* e *a posteriori*. Sobre a via *apriorística*, trata-se das *categorias conceituais*, advindas da referencial teórico que alicerçou a tese, parte, portanto, da lente conceitual para compreender e analisar os dados coletados. A segunda, por sua vez, diz respeito às *categorias empíricas*, ou seja, emergentes do próprio campo. Desta feita, a análise dos dados se deu através de cinco categorias analíticas, ou noções subsunçoras, como elucida Macedo (2006, p. 138):

noções subsunçoras – as denominadas categorias analíticas –, que irão abrigar analítica e sistematicamente os subconjuntos das informações, dando-lhes feição mais organizada em termos de um corpus analítico escrito de forma clara e que se movimenta para a construção de um *pattern* compreensível e heurísticamente rico.

Entre as cinco noções subsunçoras, apenas *ambiguidade* foi categoria emergente, ou seja, empírica. As demais – *dimensão técnico-pedagógica*, *cultura*, *subjetividade* e *ideologia* –, foram categorizações teóricas, elaboradas aprioristicamente, antes do mergulho para coleta dos dados desta pesquisa. Acrescento que, diante da riqueza e amplitude dos dados, o processo de análise permitiu reagrupar os subconjuntos de informações em subcategorias; todas advindas da elaborações tecidas a partir das manifestações do próprio campo empírico, apreciação empreendida no quinto capítulo desta pesquisa.

No último capítulo, por fim, proponho uma síntese crítica conclusiva, momento em que resgato e discuto a tese deste estudo; sintetizo e elaboro reflexões sobre os achados e o vivido enquanto pesquisadora e reitero o olhar crítico, hermenêutico e dialético sobre o fenômeno analisado. Finalmente, no sentido de expressar a concepção e o movimento epistemológico e teórico-metodológico empreendidos nesta tese, reporto-me ao poeta espanhol, Antonio Machado (1999), quando diz:

[...] Caminhante, são tuas pegadas
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
o caminho se faz ao caminhar [...].

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao lançar luzes sobre aspectos concernentes ao percurso metodológico realizado nesta pesquisa, esclareço que a compreensão sobre metodologia, na qual me referencio, parte da perspectiva de Demo (1989), em que a metodologia assume o lugar de conhecimento crítico dos caminhos adotados na pesquisa científica, revestindo-se, portanto, de questionamentos e discussões sobre suas possibilidades e limites.

2.1 A abordagem qualitativa

Como trajeto metodológico, optei pela pesquisa qualitativa e a etnopesquisa como técnica de coleta de indicadores a ela associada.

Assim, explicito a caracterização do procedimento metodológico adotado e a compreensão que fundamentam a pesquisa de natureza qualitativa. Como ensinaram os sociólogos Denzin e Lincoln (1994, p. 2), “Os pesquisadores qualitativistas estudam as coisas em seu *setting* natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos das significações que as pessoas trazem para estes.” Corroborando com esta perspectiva, Minayo (1994, p. 21) assinala que a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Considero, entretanto, importante salientar que os pesquisadores qualitativistas não estão preocupados simplesmente com o estudo do fenômeno em si, mas, sobretudo, com a *significação* que um determinado fenômeno denota para quem o vivencia.

Ante as articulações mencionadas, compreendo que a pesquisa qualitativa se consolidou como o caminho mais coerente com os objetivos estabelecidos, na medida em que privilegia qualidades, processos e significados.

A pesquisa efetuada teve como objeto de investigação o currículo de formação dos bombeiros militares. Este currículo, todavia, foi concebido em uma perspectiva dinâmica, atingindo as dimensões objetivas e subjetivas, tecendo-se como artefato cultural e socialmente constituído, capaz de transformar e suscetível

de ser transformado pelo ser humano, pelo contexto histórico e social no qual se constitui. De tal sorte,

[...] o currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA; SILVA, 1995, p. 7-8).

Evidencio que o entendimento do currículo o qual me fundamento traz intrinsecamente a dimensão humana e, conseqüentemente, social como seu alicerce, sendo nela em que ele se constrói e também onde “deságua”, se consolida e demonstra sua força. Ante a concepção e a caracterização do objeto de pesquisa que me proponho a investigar, compartilho com Martins (2004) o entendimento sobre as dificuldades de tratamento de um objeto que tem o ser humano como aporte, na medida em que está tão suscetível às modificações e que ostenta uma complexidade abissal, escapando à possibilidade de o pesquisador contemplá-lo inteiramente e reagindo às caracterizações e previsões uníssonas e absolutistas. Acrescido a isto, a análise do currículo e do processo de subjetivação que o cerca será feita por um “[...] observador humano falível e tendendo a distorcer os fatos.” (MARTINS, 2004, p. 291).

Deste modo, Rey (2002) expressa que o aspecto flexível, versátil e complexo da subjetividade humana faz com que o homem seja capaz de ensinar processos que modificam a sua vida, reconstituindo, assim, a própria subjetividade, de forma dinâmica e interativa. Os fenômenos postos no território de uma pesquisa sobre currículo e subjetivação não se mostram tangíveis nem reproduzíveis laboratorialmente; suas (re)construções e avaliações empíricas são “[...] sempre parciais, dependendo de documentos, observações, sensibilidades e perspectivas.” (DA MATTA, 1991, p. 21). Ou seja, diferentemente do que ocorre na pesquisa quantitativa, na qual se preconizam a neutralidade e o afastamento entre os sujeitos – pesquisador e colaborador –, a busca de teor qualitativo não apenas procura como também se vale desta interação, emergindo assim sua dinâmica relacional, mediante a fluidez de informações, sentidos e significados tecidos na relação entre pesquisador e colaborador. Assim, o caminho não foi produzido de forma unilateral, pelo contrário, minha história de uma década com a instituição e as relações

estabelecidas ao longo deste período permearam e favoreceram uma dinâmica relacional e dialógica durante a coleta dos dados.

Bruns e Holanda (2001) destacam que o cerne de uma pesquisa qualitativa é incontestavelmente acessar o mundo privado e subjetivo do homem, além de alcançar dimensões não mensuráveis do vivido humano mediado pela perspectiva quantitativa. Como lecionam Denzin e Lincoln (2007), essa abordagem observa a realidade como socialmente constituída e percebe o pesquisador não como neutro, mas implicado na elaboração de construção do conhecimento e em parceria com os colaboradores, com os quais compartilha o poder, retirando-o da relação sujeito/objeto, dando-lhe voz. Desta forma, suplanta a visão dicotomizada entre sujeito/objeto e abre um espaço metodológico que admite o fenômeno estudado como parte constitutiva do colaborador, mas também do pesquisador.

Conforme discutido, os paradigmas que norteiam a pesquisa qualitativa, com sua proposta de conhecer a fundo vivências e representações que determinado grupo de pessoas tem de suas experiências de vida, coadunam-se com a ideia de compreender a relação dos processos formativos na subjetivação profissional dos bombeiros militares, considerando o significado que estes profissionais atribuem aos seus cursos de formação.

Ressalto, ainda, a existência de vários métodos de pesquisa qualitativa. Creswell (2007) expõe cinco tradições da abordagem qualitativa: a etnografia, a teoria embasada, os estudos de casos, a pesquisa fenomenológica e a pesquisa narrativa. Com amparo nestas cinco tradições, defini como percurso metodológico básico a etnografia semântica, ou seja, uma etnografia conceitual- advinda de imagens, textos, concepções, discursos – situando-se, portanto, no território da etnopesquisa crítica e assegurando que o objeto desta busca fosse privilegiado em suas manifestações subjetivas e simbólicas, na medida em que este recurso metodológico valoriza a dimensão sociofenomenológica e enfatiza a singularidade e a construção de sentidos como princípio que o alicerça (MACEDO, 2006).

2.2 A etnopesquisa crítica

De acordo com Turato (2005), a história dos métodos qualitativos (compreensivos) é recente, pois surgiu há pouco mais de um século, momento em que, paralelamente, germinavam as ideias de criação das Ciências Humanas,

terreno fértil de contraste em relação às Ciências Naturais, cuja prática já parecia consolidada, embora limitada em seu alcance de contemplação das dimensões menos objetivas da realidade empírica. Neste âmbito, apropriando-se dos métodos qualitativistas, a Antropologia desenvolve o que denominou de etnografia, ganhando amplitude pelos estudos realizados por Malinowski na década de 1920. Desde a imersão e convívio com povos nativos na Oceania, esse antropólogo realizou observações e descrições sistemáticas sobre suas estratégias de coleta dos dados, possibilitando um desenho sobre sua experiência, e sendo reconhecido pelo pioneirismo na pesquisa científica de natureza qualitativa. O movimento de ruptura epistêmica, entretanto, tem entrelaçamentos com outros teóricos.

Deve-se dar mérito a Marx e a Freud por terem propiciado importantes cortes epistemológicos para compreensões novas e profundas do ser humano, permitindo estudos científicos autônomos para as Ciências Humanas. Esses pensadores construíram escolas que, respectivamente, ergueram o véu que oculta os mecanismos da Ideologia atuante nos grupos da sociedade e tiraram a máscara que esconde os mecanismos do Inconsciente atuante no mundo psíquico dos indivíduos. Contribuíram decisivamente para a sustentação da cientificidade das Ciências Humanas, nas quais se encontra o lócus da construção metodológica da pesquisa qualitativa. (TURATO, 2005, p. 508).

Um dos aspectos imprescindíveis para compreensão da etnopesquisa crítica é saber que seu berço veio da inspiração e tradição etnográfica, assemelhando-se por sua base investigativa e distanciando-se, na medida em que se vale de uma hermenêutica de natureza sociofenomenológica e crítica (MACEDO, 2006).

Com sua preocupação *ethno* (do grego *ethnos*, povo, pessoas), a etnopesquisa direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em organização, constituídas por sujeitos intersubjetivamente edificados e edificantes, em meio a uma *bacia semântica* culturalmente mediada. Neste sentido, preocupa-se primordialmente com os processos que constituem o ser humano em sociedade e em cultura e compreende esta como algo que transversaliza e indexaliza toda e qualquer ação humana [...] Como ponto de partida, *descrever para compreender é um imperativo*. (MACEDO, 2006, p. 9).

Com isso, preconiza a descrição densa, uma vez que envolve uma pluralidade de estruturas complexas que deverão ser apreendidas e demonstradas (LAGE, 2009). Segundo Geertz (1989), realizar uma pesquisa com pressuposto *ethno* assemelha-se a um desvelamento de um *manuscrito estranho*, desconhecido, alicerçado em situações transitórias, além de ser revestido de incoerências. Macedo

(2006) assinala que a ideia de realizar uma descrição exige uma aproximação do pesquisador com o campo empírico, com vistas a uma percepção apurada e relacional dos fenômenos em seu contexto social e, ao associar-se à tradição crítica em Ciências Humanas, sobrepuja-se à ideia de neutralidade e a um posicionamento ingênuo. Não obstante, Mattos (2001) situa a etnografia como a *escrita do visível* e, para alcançá-la, é necessário empreender uma análise holística ou dialética, situar os sujeitos em um papel ativo e capaz de transformar as estruturas sociais e, por fim, tornar visíveis as relações de poder existentes no universo da pesquisa.

A realização de uma etnopesquisa crítica para revelar aspectos da bagagem simbólica e subjetiva envolvida na profissão dos bombeiros, por via dos seus processos formativos, levou-me a fazer indagações acerca do meu papel de pesquisadora em um universo no qual mergulhei profissionalmente nos últimos dez anos, mas que, paradoxalmente, sou *estrangeira*, na medida em que não pertença a esta categoria profissional. Esta preocupação já é objeto de atenção de renomados teóricos que lançaram seus olhares sob os métodos de acepção *etno* e discutiram a respeito do papel do pesquisador, a partir dos registros pessoais dos diários de campo de Malinowski (FIRTH, 1997; GEERTZ, 2001).

Da Matta (1991), com entendimento hermenêutico, também se volta para analisar esta relação entre *sujeito e objeto*. Segundo ele, é necessário considerar a “[...] interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado”, uma vez que possuem o “mesmo universo de experiências humanas [...]” (DA MATTA, 1991, p. 23), ainda que isto não esteja explicitado na relação; ele acrescenta que é justamente neste espaço para o diálogo com o objeto que as Ciências Sociais e Humanas se diferenciam das Ciências Naturais.

Geertz (2001) chega a refletir sobre as possibilidades de um pesquisador conhecer o mundo privado (pensamentos, sentimentos, percepções) de uma pessoa que pertence a um grupo no qual o pesquisador é *estrangeiro*. Segundo esse autor, o desafio reside em olhar o mundo segundo a perspectiva do próprio nativo, o que me recordou e fez valer da ideia de compreensão empática, fortemente difundida na Psicologia e versada poeticamente por Moreno em 1914:

Um encontro de dois: Olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
E colocá-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
Para colocá-los no lugar dos teus;

Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-às com os meus. (MORENO, 2011, p. 9).

Nesta direção, ao realizar a pesquisa de campo, utilizei como *bússola* o que Geertz (1989) propõe ao investigador -, a descoberta dos significados atribuídos aos fenômenos pesquisados pelos próprios indivíduos pertencentes ao universo da investigação (nativos). É interessante salientar, entretanto, que, apesar dos esforços serem válidos, ainda assim, aspectos da subjetividade do pesquisador escapam na compreensão dos fenômenos, o que, na concepção contemporânea de ciência, não descredencia o processo, apenas o singulariza. Destarte, ainda de acordo com Geertz (1989), a cultura é tecida por significados construídos pelo homem, enquanto a etnografia se constitui em uma *descrição densa* da realidade na perspectiva de desvelar e interpretar os seus significados. Sobre isso, Clifford (2008) leciona que uma pesquisa baseada no método com viés etnográfico produz-se de uma relação *dialética entre experiência e interpretação, intencionando* alcançar um espaço comum de significados.

É imperativo destacar que a dificuldade em alcançar a realidade não está posta apenas para etnopesquisa crítica, pois a ciência já reconheceu sua incompletude neste sentido e, na medida em que o fez, avançou, abrindo espaço para a proposta de compreender da melhor forma os fenômenos estudados. Afinal “Não existem observações objetivas, apenas observações que se situam socialmente nos mundos do observador e do observado – e entre esses mundos.” (DENZIN; LINCON, 2007, p. 33).

Identifico a de ideia que as movimentações empreendidas pela ciência chegaram à etnografia; portanto, o método passou por transições, ajustamentos e ressignificações de suas concepções e propostas, resultando daí características e possibilidades metodológicas específicas, como o que foi empregado neste estudo, ou seja, a etnopesquisa crítica, identificado por Macedo (2006) como um modo crítico-fenomenológico de pesquisar. Se suas primeiras pesquisas se propunham conhecer povos ‘*primitivos*’, cuja cultura era distante da realidade do pesquisador, em outro movimento, a etnografia lançou luzes para o universo mais próximo ao pesquisador, imbuído da missão de estranhar aquilo que lhe era familiar, questionando a ordem estabelecida, que já tornara os envolvidos pouco sensíveis e críticos a ela, como esclarece Da Matta (1978, p. 29) “[...] estranhar alguma regra social familiar e, assim, descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós

pela reificação e pelos mecanismos de legitimação.” Neste sentido, me propus a pensar criticamente acerca do currículo dos bombeiros militares, indagando sobre o entrelaçamento de seus projetos formativos, sua subjetivação e a ideia de herói que atravessa o imaginário social.

2.3 O campo da pesquisa

O lócus de realização do experimento será aqui mostrado de forma articulada, mantendo assim a congruência com a estrutura lógica que fundamenta a elaboração desta tese e me caracteriza como pesquisadora. Neste sentido, aspectos do campo de pesquisa - minha inserção no Quartel Central dos Bombeiros (lócus da pesquisa)⁵, minhas percepções, os sujeitos e a observação que realizei – não foram contemplados de forma compartimentada, mas postos em relação, em uma perspectiva dialógica e integradora, admitindo que o campo me integrou em várias técnicas.

A ideia de ir a campo se deu pela compreensão da importância de contextualizar o sujeito da pesquisa, possibilitando divisá-lo em seu cotidiano e ambiente de trabalho – neste caso, o quartel –; além de dar espaço para que o campo se manifestasse e comunicasse dimensões e informações sobre os bombeiros egressos e a instituição que não seriam possíveis de outra forma, como a entrevista. Desta maneira, visei o cotidiano, acessando suas revelações, contradições e dificuldades, possibilitando a compreensão dos discursos, imagens e símbolos, aspectos que foram o cerne dos registros do Diário de Campo.

Assim, foi da minha inserção no campo que emergiram os sujeitos colaboradores para realização das entrevistas, ao passo que os dados advindos da observação subsidiaram a análise das entrevistas, possibilitando, inclusive, o surgimento da categoria de análise denominada de *ambiguidade*.

Ante o exposto, trago à discussão os sujeitos que emergiram do campo, ou seja, os atores da pesquisa, bombeiros militares do Estado do Ceará, com quem foram realizadas as entrevistas semiestruturadas⁶.

⁵ A caracterização sobre o Quartel Central será expressa adiante, como cenário da pesquisa, em Dados do Contexto.

⁶ As informações metodológicas sobre as entrevistas serão apresentadas separadamente em uma seção adiante, dada a necessidade de detalhamento e a especificidade da técnica de entrevista.

Ao realizar um levantamento sobre a palavra bombeiro e sobre a sua instituição militar, constatei que sua origem remonta a tempos bastante remotos. Como informa Campos (1999), a palavra bombeiro tem origem no latim *bombus* e significa bomba, pois, na Antiguidade, os incêndios eram contidos com bombas de água. Sobre o combate a incêndios, os registros remontam à Grécia antiga (300 a.C.), onde esta atividade era realizada por escravos (NATIVIDADE, 2009).

Os bombeiros militares que contribuíram com a pesquisa foram emergindo desde a minha inserção no campo, como já mencionei, durante a observação, e também a partir da relação pessoal e profissional que estabeleci ao longo dos anos em que trabalhei como psicóloga no setor biopsicossocial, onde realizei atendimentos psicoterápicos a estes profissionais.

Pelas características metodológicas desta investigação, havia certa flexibilidade quanto à amostra, entretanto, em função dos objetivos propostos, elaborei alguns critérios norteadores quanto aos atores da pesquisa, cuja premissa foi entrevistar tanto egressos como formadores, que fossem bombeiros militares do Estado do Ceará; atuassem em serviços operacionais, ou seja, de combate a incêndio, busca e salvamento ou qualquer outra atividade desta natureza; e incluindo, necessariamente, entrevistas com praças e oficiais, independentemente do tempo de profissão. Sobre a categoria hierárquica dos atores da pesquisa, apresento o quadro seguinte como recurso para explicitar a forma como se organiza a instituição e, assim, caracterizar os bombeiros que participaram da pesquisa, na medida em que o posto que ocupam, como oficial ou praça, demarca certas fronteiras em seus processos formativos e alicerça algumas de suas experiências vividas.

Quadro 1 – Hierarquia do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará

CATEGORIA	HIERARQUIZAÇÃO	ORDENAÇÃO
OFICIAIS	Círculo de Oficiais Superiores	Coronel Tenente-Coronel Major
	Círculo de Oficiais Intermediários	Capitão
	Círculo de Oficiais Subalternos	Primeiro Tenente Segundo Tenente Aspirante a oficial
PRAÇAS	Círculo de Subtenentes e Sargentos	Subtenente Primeiro Sargento Segundo Sargento Terceiro Sargento
	Círculo de Cabos e Soldados	Cabo Soldado de Primeira Classe Soldado de Segunda Classe

Fonte: Produzido pela autora.

Foram realizadas oito entrevistas, com duração média de 60 minutos, correspondendo a três formadores e cinco egressos. Por motivos éticos, de proteção à identidade dos colaboradores, optei por não identificar especificamente a patente ou a ordenação, apenas a categoria hierárquica de que fazem parte- praça ou oficial. Acrescento ainda que, no caso dos formadores ou instrutores, denominação utilizada pela instituição, os entrevistados necessariamente foram oficiais, por não haver praças ocupando essa função de instrutor. Adotei ainda nomes fictícios, inspirados nos heróis ou semideuses da mitologia grega, conforme indico no quadro a seguir.

Quadro 2 – Atores da pesquisa

Atores da Pesquisa			
Bombeiros Egressos		Bombeiros Formadores	
Categoria Hierárquica	Nome	Categoria Hierárquica	Nome
Praça	Perseu	Oficial	Deon
Oficial	Ulisses	Oficial	Jasão

Praça	Teseu	Oficial	Hércules
Praça	Aquiles		
Praça	Ajax		

Fonte: Produzido pela autora.

Seguindo a mostra e a discussão do percurso metodológico, tendo o campo como critério de articulação das percepções, da amostra (atores) e das técnicas de observação, neste momento, iluminarei a observação que o campo proporcionou.

Neste sentido, a observação corresponde a um dos recursos técnicos utilizados pelo etnopesquisador e, como exprime Macedo (2006), a observação, com olhar etnográfico, configura-se como umas das bases metodológicas com maior autonomia e relevância entre os demais recursos de investigação qualitativistas, chegando a adquirir *status* de *pesquisa* participante. Baseia-se, pois, na aproximação do pesquisador com o *locus* da pesquisa mediante um contato direto com o contexto onde o fenômeno estudado se manifesta. O emprego da observação se fundamentou na ideia que por intermédio dela eu poderia acessar situações relevantes sobre o objeto e que não seriam tangíveis por via apenas de entrevistas; tratou-se, portanto, de uma oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, colocando-os em comunicação. Ao realizar a *escrita da cultura* nesta pesquisa empírica, entretanto, busquei o que assinalam Laplantine (1996) e Macedo (2006), não apenas ver, mas, sobretudo, fazer ver, transformando o olhar em linguagem que comunique a realidade como apreendida pelo pesquisador. Ressalto que, “Nesse veio, o campo da subjetividade na ciência não pode ser considerado um mero epifenômeno, tampouco o das ideologias, pois são, em todos os momentos da produção científica, produtores de critérios determinantes dos resultados alcançados.” (MACEDO, 2006, p. 91).

Nesta direção, a ideia de acessar a realidade com apoio na observação foi compreendida como um momento de fluidez e um processo de interação e atribuição de sentidos e não como um ato mecânico de registro. Remete o pesquisador a uma missão tripla: circular, observar o campo e criar sua versão do que aconteceu ali, atribuindo significado e admitindo, ainda, que estes três *ofícios* do pesquisador são interdependentes; portanto, foram vivenciados durante a pesquisa como um fluxo dinâmico, no qual essas ações se alternaram e se constituíram

mutuamente, assumindo uma perspectiva integrada e não sequencial (SILVA, 2009, p. 186).

James Clifford (2008) concebe a observação participante como um movimento que transita entre as dimensões interiores e exteriores dos acontecimentos, possibilitando, ao mesmo tempo, singularizar os indivíduos e os fenômenos pesquisados e também coletivizá-los. Para isso, o Diário de Campo surge como instrumento importante neste trabalho, uma vez que, na etnopesquisa, este recurso não se caracteriza apenas como descrição objetiva dos conteúdos que emergem do campo; permitiu assim registrar as impressões, sentimentos e reflexões vivenciados em meu mundo interno que estão em relação com o universo pesquisado e são por ele atingidos. Estes dados contribuíram para melhor compreensão de sentidos emergentes na entrevista, possibilitando o diálogo entre as manifestações obtidas por intermédio dos instrumentos utilizados nesta pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2007; GEERTZ, 1989; MINAYO, 2006).

Acrescento, por fim, que a observação foi realizada durante dez meses, com visitas semanais ao quartel central, com duração média de quatro horas; esta inserção no campo fazia parte do planejamento da pesquisa, desde a elaboração do projeto. Com o decorrer da realização da pesquisa, entretanto, a própria imersão e os vínculos estabelecidos com alguns colaboradores me conduziram a conhecer e observar o cotidiano em outros dois quartéis dos bombeiros, ambos com finalidade e características operacionais. Em um deles, fui convidada a assistir a uma aula de um curso de habilitação de cabos⁷.

2.4 A análise documental

Seguindo os pressupostos da etnopesquisa e buscando desvelar e aprofundar os achados sobre o objeto da pesquisa, bem como a emergência de novos aspectos que permitissem alcançar com maior propriedade os objetivos deste estudo, lancei mão de mais um recurso da tradição da etnopesquisa -, a análise documental. Blumer (1980) refere-se ao documento como registro objetivo de uma experiência ou vivência, ou seja, fixador de experiências que refletem uma cultura em dimensões amplas e tácitas. Em se tratando de uma pesquisa cujo cerne é o

⁷ Cursos em que soldados que atenderam aos critérios institucionais para serem promovidos a cabo passam por um curso que os habilitará a ascenderem na hierarquia da instituição.

currículo, Macedo (2006, p. 109) ensina que: “O currículo, aliás, tem um dos seus primeiros sopros de objetivação legitimado pela via do documento. [...] o currículo real transcende, e muito, o documento oficial, por ser um fenômeno construído eminentemente nos fluxos das interações cotidianas da escola”. Ao fazer essa reflexão, o autor amplia sua compreensão de documentos capazes de refletir a cultura e revelar dados ocultos do currículo, alcançando, por exemplo, cartazes e quadros da instituição pesquisada. Com efeito, a análise documental realizada teve como recurso não apenas documentos oficiais, mas, sobretudo, não oficiais, ou seja, quadros, hinos, revistinhas ou gibis, fotos e mensagens que compõem desde a estrutura física da instituição até os conteúdos postados em redes sociais que revelam valores, crenças, sentidos e significados sobre a realidade investigada e seus atores sociais.

Com isso, realizei um levantamento e uma análise de textos até então desqualificados e que, inicialmente, com um olhar menos atento, pareciam refletir uma banalidade cotidiana, os denominados etnotextos excluídos. Para tanto, parto da compreensão de que, ao conceder lugar de destaque aos sujeitos e a sua linguagem, é possível incluir todas as formas de produção dos indivíduos, que vão desde cartas às comunicações informais (MACEDO, 2006).

Assim, durante o curso de doutoramento, em um dos acessos à rede social, deparo-me com postagens em homenagem ao Dia dos Bombeiros, comemorado naquela ocasião, postagens estas feitas pelos próprios bombeiros e que traziam imagens e frases permeadas de símbolos que direta ou indiretamente atribuíam ao bombeiro o lugar de herói. Neste momento, na qualidade de pesquisadora que já tinha uma história de quase uma década com a instituição e os sujeitos pesquisados, compreendi aquelas postagens como recurso de expressão desses sujeitos, cuja mensagem dificilmente apareceria no discurso oficial ou mesmo nas entrevistas, por trazerem como conteúdo atributos de uma imagem social e uma autoimagem mitificada, que nas redes sociais passa a ser uma “construção anônima”, pois dá voz a uma imagem com a qual o sujeito se identifica ou gostaria de estar identificado e por isso compartilha. Ao mesmo tempo, porém, que o indivíduo está identificado e compartilha, simbólica e objetivamente aquelas mensagens, ele está diluído no coletivo e em uma construção de fotografias e mensagens cuja autoria muitas vezes se dissipa na ‘grande rede’ virtual.

Deste modo, comecei a acessar os perfis e grupos destinados aos bombeiros militares, com especial atenção às páginas que reuniam bombeiros do Estado do Ceará, por se tratar do contexto desta pesquisa. As postagens de imagens e frases que eram ali publicadas se revelaram ricas como etnotexto que, segundo Macedo (2006), fixa experiências, revela inspirações, sentidos, normas e conteúdos valorizados; o documento é uma fonte primordial para o entendimento e explicitação do cotidiano, da cultura e dos sujeitos.

2.5 A entrevista

Com vistas aos objetivos indicados neste estudo, bem como a discussão realizada anteriormente, na qual apontei a base epistemológica e metodológica na qual estou apoiada, realizei entrevistas como técnica de coleta de dados, por constituir-se como um recurso por demais expressivo para etnopesquisa (MACEDO, 2006), na medida em que o mundo social não deve ser concebido de forma naturalizada, mas constituído por sujeitos histórica e culturalmente situados, e, por via, da entrevista, é possível acessar ao universo simbólico dos atores sociais e à relação que estabelecem com a situação pesquisada.

De acordo com Banister *et al.* (1994), a entrevista costuma ser empregada nas pesquisas qualitativas como possibilidade para o estudo de significados subjetivos, aspectos complexos para serem investigados por instrumentos fechados e padronizados. O pesquisador abre este caminho na medida em que dá voz ao sujeito entrevistado, compartilhando com ele o *poder*.

Minayo (2006) exprime que a entrevista se encontra em uma arena de conflitos e contradições, citando principalmente os critérios de representatividade da fala e a questão da interação social (pesquisador – pesquisado). Deste modo, emerge a necessidade de uma atitude que não aprisione o entrevistado ao olhar do entrevistador, possibilitando aproximação, acesso e compreensão dos conteúdos verbais e não verbais disponibilizados na entrevista, o que exige delicadeza e cautela desde a elaboração do roteiro até a etapa de análise dos dados.

Sucintamente, acrescento à discussão alguns esclarecimentos que subsidiaram o desenvolvimento da entrevista e que foram adotados nesta pesquisa.

Foi elaborado um instrumento com “estrutura aberta e flexível” (MACEDO, 2006, p. 102), mas, também, sob alguns aspectos, seguindo minhas coordenadas, considerando como ponto de partida um objetivo e uma problemática que, de alguma maneira, se relacionam com o momento da entrevista. Assim, trabalhei com dois roteiros de entrevista, um voltado para os formadores e outro para os egressos⁸, cujo ponto de convergência foram as percepções e sentidos atribuídos ao processo formativo e à profissão.

As entrevistas foram realizadas de forma dialógica, tendo contornos incontestáveis a minha formação profissional, considerando que, na qualidade de psicóloga, estou identificada com uma atitude de escuta, acolhimento e formação *rapport*,⁹ bem como com uma visão de ser humano em que o sujeito tenha espaço na análise da sua fala. Desta forma, durante todas as entrevistas, assumi uma postura reflexiva e compartilhei com os atores da pesquisa a possibilidade de interpretação e análise de alguns aspectos por eles mencionados. Para tanto, em diversos momentos, funcionei como espelho, refletindo o conteúdo do discurso trazido pelo sujeito, seja clarificando, articulando com outras falas do próprio sujeito que se aproximavam ou se distanciavam daquilo que ele havia citado em outro momento; ou mesmo expressando o que havia compreendido sobre algo que o sujeito acabara de falar, dando-lhe espaço para reafirmar ou reformular seus pensamentos ou a compreensão que sinalizei.

Acrescento que a técnica da entrevista foi fundamentada e orientada, sobretudo, pelo papel de pesquisadora, o qual norteou todo o processo. Para isso, não foi necessário, entretanto, despir-me do que sou, da visão de mundo que tenho e do lugar de onde falo, pelo contrário, como pesquisadora, aproprie-me de outros recursos que possuo e que poderiam contribuir com esta investigação, imprimindo a identidade de pesquisadora e conferindo a autoria que um processo de investigação demanda.

Por fim, os critérios norteadores foram:

⁸ O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice C, p. 195, desta tese.

⁹ *Rapport* é uma palavra comumente utilizada pela Psicologia para referir-se ao movimento de criar uma ligação de sintonia e empatia com outra pessoa. Origina-se do termo em francês *rapport*, que significa "trazer de volta". No plano teórico, o *rapport* inclui três componentes comportamentais: atenção mútua, positividade mútua e coordenação (SIGNIFICADO..., 2012).

- a) formulação semiestruturada, com uma pergunta desencadeadora que atua como ponto de partida para expressão do sujeito, considerando que esta questão será elaborada com base nos objetivos da pesquisa;
- b) ter objetivos claros que funcionaram como uma espécie de *bússola*, possibilitando o acesso às informações que me propus a buscar nesta pesquisa.
- c) realização de um encontro individual, em uma perspectiva dialógica

Ao realizar o contato inicial, forneci aos entrevistados os dados necessários sobre a pesquisa, desde questões éticas até mesmo o nome da instituição à qual a tese está vinculada e o tema da pesquisa. Em seguida, solicitei ao entrevistado a permissão para a gravação da entrevista, assegurando o anonimato no que tange ao acesso às gravações e às análises, momento em que *rapport foi o ponto central para que se estabelecesse* uma informalidade e empatia necessárias à relação intersubjetiva.

Esclareço ainda que foi disponibilizado um tempo adequado para que o entrevistado se expressasse livremente, pois, conforme Fraser (2004, p. 147), a entrevista na pesquisa qualitativa implica em “[...] dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala.” Assim, as entrevistas tiveram tempo médio de uma hora, havendo, entretanto entrevistas com duração de uma hora e meia, fruto da disponibilidade e interesse do sujeito em falar sobre o assunto e contribuir com a pesquisa.

2.6 O procedimento de análise e categorização dos resultados

Na etnopesquisa crítica, a análise e a interpretação dos dados empíricos ocorre ao longo de todo o processo de investigação, não havendo, portanto momento reservado e particularizado para este ofício. Desta feita, caracteriza-se por um mover-se fluido e incessante do pesquisador, o que possibilita, em um determinado momento, a fecundação e o desenvolvimento de um conhecimento (MACEDO, 2006). Todavia, isso exige especial atenção por parte do pesquisador, na medida em que, com base neste pressuposto teórico-metodológico, é possibilitada a utilização de mais de um instrumento de coleta de dados para acessar o objeto de pesquisa. Em virtude disso e considerando a riqueza e o volume de dados advindos dos três instrumentos de coleta empregados nesta investigação,

durante todo o processo, realizei o que chamei de *negligência seletiva*, ou seja, para fins de análise dos resultados, desconsidere eventuais informações que não pudessem dialogar com o objeto desta pesquisa – currículo – e que não contribuíssem com os objetivos e as problematizações levantadas inicialmente.

Embora não se caracterize por um procedimento linear e fragmentado, segundo Macedo (2006), a análise dos dados exige um movimento do pesquisador, didaticamente, dividido nos seguintes momentos: *primeira etapa* da análise dos dados tratou-se de um exame minucioso das informações coletadas na pesquisa empírica, permitindo que, em um *segundo momento*, com base nas questões que norteiam esta investigação e nos *insights* advindos do contato estabelecido com seu objeto, como pesquisadora, pude questionar a relevância dos “achados”. Desta forma, foi possível avaliar a suficiência dos dados (critério de saturação dos dados) e principiar o *terceiro momento*, o da análise e interpretação final do *corpus* empírico.

Posteriormente a estes movimentos e seguindo sua base epistêmica ligada à fenomenologia, a etnopesquisa crítica sugere o que chamei de *quarto passo*, a realização da redução fenomenológica, ou seja, distinguir e selecionar as partes da descrição que são essenciais e aquelas não-significativas¹⁰, assim é possível perceber os aspectos que constituem a experiência e que têm significado para compreensão do objeto pesquisado. Frequentemente, a redução fenomenológica se dá através da técnica da variação imaginativa, ou seja, a partir da reflexão sobre os elementos da experiência do sujeito que sinalizam um significado, seja ele cognitivo, afetivo ou conativo. O pesquisador faz afirmações significativas para ele, mas que denote a experiência dos atores sociais, tais asserções transformam-se em unidades dos significados, *quinta etapa*.

Posteriormente, através das expressões transformadas do discurso, torna-se possível alcançar a *sexta fase*, a “síntese das unidades significativas”, originada das várias fontes de informações e dos colaboradores da pesquisa

Reflico, pois, que a partir deste momento o pesquisador passa ser “desafiado”, pela exigência de uma capacidade de criação e de um movimento de categorização mais autoral, desvencilhando-se de uma simples descrição e

¹⁰Foi em relação a estes achados ‘não-significativos’ que realizei a redução fenomenológica ou o que chamei anteriormente de ‘*negligência seletiva*’, para isso, utilizei como critério a questão central desta investigação e coloquei entre parênteses ou criticamente negligencie informações que não dialogavam com os objetivos estabelecidos anteriormente, no sentido de manter uma coerência no processo de investigação.

reagrupando os elementos em “noções subsunçoras” – categorias analíticas – que deverão ter capacidade ampla de reunir as informações, constituindo um *corpus* analítico escrito e estabelecendo conexões. Acrescento, ainda, que as unidades de significação tornaram-se categorias (conceitos subsunçores) de acordo com sua frequência e relevância, por constituírem-se como macroconceitos subsidiaram a sistematização da escrita deste trabalho.

Com base no que salienta Macedo (2006), a análise de conteúdos não dispensa em hipótese alguma a inspiração filosófica e teórico-epistemológica, devendo ser evidenciada nos referenciais que fundamentam uma pesquisa. Neste caso, na etnopesquisa, a análise de conteúdos caracteriza-se como um recurso metodológico *interpretacionista*, cuja ideia é desvelar os sentidos que o campo comunica. Daí a utilização de dados empírico advindos das redes sociais, do contexto institucional e seu cotidiano e das entrevistas, pois segundo o autor,

[...] quaisquer formas de ação ou realização humanas são objetos de uma análise de conteúdo – isto é, qualquer realidade em que o conteúdo possa emergir significativamente para a compreensão de uma dada situação, via processos construcionistas de comunicação humana; daí a noção de texto se ampliar para tudo que expressa e comunica no mundo humano. (MACEDO, 2006, p. 146).

O processo de análise dos dados empreendidos neste estudo valeu-se da ideia de tornar-se membro, como sugerem os etnometodólogos, buscando “*encharcar-se*” ou fazer parte da linguagem natural utilizada por uma comunidade, com vistas a compreendê-la em profundidade (MACEDO, 2006). Inclusive, durante a realização da pesquisa de campo, em uma cerimônia oficial, recebi o título de “BOMBEIRA HONORÁRIA” homenagem que costuma ser feita aos civis que de alguma forma contribuem com a instituição; esta cerimônia foi realizada no dia do psicólogo, momento que simbolizou uma forma de pertença àquele contexto.

A análise dos dados advindos da entrevista foi articulada com os etnotextos e com os sentidos e as percepções advindas da imersão no campo, pois, seguindo a base metodológica e epistemológica desta investigação, “[...] destacar, fragmentando, o conteúdo onde ele se dá, com o objetivo de analisá-lo, é uma prática inconcebível para uma etnopesquisa, seria um paradoxo insuperável.” (MACEDO, 2006, p. 146-147).

Nesta direção, Bardin (1997, p. 52) especifica três principais momentos no processo de com a análise dos dados, quais sejam: pré-análise, descrição e

interpretação inferencial, na busca de desvelar sentidos e significados que habitam o processo e as nuances comunicativas, que se ocultam e se revelam, estando conectadas aos valores, às ideologias e aos interesses do ser social. Inclusive, a ideia do herói (re)velado, apresentada no título desta tese, advém desta perspectiva.

Diante da discussão empreendida, acrescento que a análise de conteúdos assume um papel primordial no conjunto das técnicas praticadas pela etnopesquisa crítica, cujo alicerce se fundamenta nos pressupostos e princípios da sociofenomenologia, incluindo contornos de criticidade. Desta forma, para que a análise de conteúdo desta pesquisa tivesse como referência os princípios da etnopesquisa crítica, a incorporação da inspiração hermenêutica¹¹ de orientação crítica foi um imperativo.

Reflico, pois, que foi necessário que me desvencilhasse de uma simples descrição, passando a ser “desafiada” pela exigência da capacidade de criação e de um movimento de categorização mais autoral. Por fim, fruto deste processo de análise empreendido nesta investigação, apresento um quadro com as categorias analíticas, ou noções subsunçoras, no sentido de sistematizar e favorecer uma melhor visualização e, conseqüentemente, compreensão da forma como os dados serão apresentados, discutidos e analisados no quinto capítulo desta tese.

¹¹ A Hermenêutica refere-se à teoria da interpretação, no que diz respeito tanto à arte da interpretação ou a teoria e treino de interpretação. Apesar de ser um método plural, dada suas ramificações, enfoquei nesta tese a hermenêutica moderna, ou contemporânea, por englobar além dos textos escritos, tudo que existe e esteja ao alcance do processo interpretativo, ou seja, formas verbais e não verbais de comunicação.

Quadro 3 – Categorias Analíticas ou Noções Subsunçoras

Categorias ou noções subsunçoras	Subcategorias (Possibilitaram análise aprofundada)
1. DIMENSÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA	1.1 Racionalidade instrumental.
	1.2 O currículo a serviço da ditadura.
	1.3 O curso como instrumento de poder disciplinador
	1.4 Forjando o “bombeiro de ferro”
	1.5 Aprende a ser bombeiro fazendo: ver e fazer
	1.6 A apropriação dos ‘códigos’ que personalizam a profissão.
	1.7 O Tanque do Jacaré: A Face Oculta do Currículo
	1.8 Formação dos formadores: Fragilidade técnico-pedagógica
	1.9 (Trans)formação para salvar vidas.
2. CULTURA	2.1 O valor de “abraçar a causa”
	2.2 Valorização do sofrimento e da operacionalidade para se tornar/ser um bombeiro.
	2.3 A cultura simbolizada
	2.4 A cultura da Punição
	2.5 A experiência vivida na profissão como valor e crença institucional.
3. SUBJETIVAÇÃO	3.1 Nascendo o bombeiro: subjetivando-se pela parte operacionalidade do curso
	3.2 O currículo sob a ótica dos egressos: Os sentidos, as percepções e os paradoxos.
	3.3 “Vidas por vidas”: A (trans)formação do sujeito e a (trans)figuração do herói.
	3.4 O caráter grandioso da profissão: “Vidas alheias, riquezas a salvar”.
	3.5 O “teatro operacional” como espelho da autoimagem e a imagem social da profissão.
	3.6 Em pouco tempo não serás mais o que és: O lugar do iluminado
	3.7 A dor e a Delícia de ser o que é: Da iluminação ao peso de salvar vidas
	3.8 O resgate simbólico: Bombeiro cidadão

4. AMBIGUIDADE	4.1 As faces do herói
	4.2 Bombeiro: Herói ou Empregado?
	4.3 Ser ou não ser, eis a questão?
5. IDEOLOGIA	5.1 Não basta estar fardado, é preciso ter 'pele vermelha'.
	5.2 Um por todos e todos por um: Um só "corpo".
	5.3 A mística "bombeirística" e o aquartelamento
	5.4 Para frente! Que importa a tormenta. Nenhum passo daremos atrás.
	5.5 A sociedade como mãe do herói: "Toma que o filho é teu".
	5.6 A hierarquia e sua mútua constituição com a instituição: do concreto ao simbólico.
	5.7 A hierarquia oculta dos heróis

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Ressalto, pois, que a experiência de quase uma década como psicóloga da instituição, a técnica de observação utilizada durante esta pesquisa e o referencial teórico adotado – situado na teoria crítica e pós-crítica- sugeriram indícios para análise e estes, por sua vez, suscitaram a elaboração de categorias *a priori*, entretanto a categoria ambiguidade surgiu *a posteriori*, ou seja, com o processo de análise das entrevistas, articulando-a com os achados do campo. Desta forma, acrescento um quadro com uma definição das categorias de análise, o que possibilita visualizar a compreensão na qual me referencio.

Quadro 4 – Definição das categorias de análise

Categorias de Análise	Definição
1. Dimensão Técnico-Pedagógica	Trata-se de uma descrição de um conjunto de elementos técnicos e pedagógicos de um processo formativo (LEITINHO, 2014). ¹²
2. Cultura	São práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Refere-se às crenças, aos comportamentos, aos valores, às instituições e às regras morais que permeiam e identificam uma sociedade (MALINOWSKI, 1976).
3. Subjetividade	"O sujeito é essencialmente aquele que faz perguntas e que se questiona, seja no plano teórico ou no que chamamos prático. Chamarei subjetividade a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo." (CASTORIADIS, 1999, p. 35).
4. Ambiguidade	A ambiguidade é o que caracteriza o encontro do indivíduo

¹²A definição sobre a dimensão técnico-pedagógica foi elaborada pela Professora Doutora Meirecele Calíope Leitinho durante o processo de orientação desta tese. Trata-se de uma nota de orientação.

5. Ideologia	<p>com a realidade (nômeno) e sua aparência à consciência (fenômeno). (MERLEAU-PONTY, 1999).</p> <p>“É um construto crítico que orienta o pensamento e comportamento humano, de forma a produzir múltiplas subjetividades e percepções do mundo e da vida cotidiana.” (LEITINHO, 2000, p. 38-39)</p> <p>“Por um lado, a ideologia pode ser vista como um conjunto de representações produzidas e inscritas na consciência humana e no comportamento, no discurso e nas experiências vivenciadas. Por outro lado, a ideologia afeta, e se concretiza, nos vários 'textos', práticas e formas 'materiais" (GIROUX, 1986, p.189).</p>
---------------------	--

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

3 DADOS DE CONTEXTO

A discussão sobre os dados de contexto se fundamenta na apresentação do cenário da pesquisa e se entrelaça com o surgimento histórico do ofício do bombeiro, bem como com os fundamentos e proposições dos cursos de formação destes profissionais.

3.1 O cenário da pesquisa

Esta investigação se deu fundamentalmente no corpo de bombeiros militar do Ceará, entretanto também foram realizadas duas visitas à Academia Estadual de Segurança Pública do Estado do Ceará (AESP). Esclareço que em função de não haver nenhum curso de formação ocorrendo na referida academia, durante o período desta pesquisa, as visitas neste contexto foram para levantamento de informações iniciais e coleta de documentos.

Princípio, pois, a discussão sobre o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE). Este foi criado em 08 de agosto de 1925 como uma corporação cuja missão primordial baseia-se na realização de atividades no âmbito da defesa civil, através de prevenção e combate a incêndios, buscas, salvamentos e socorros públicos, traz como missão a preservação da vida e do patrimônio alheio, ainda que arrisque a própria vida, pois conforme assinala o Estado Maior das Forças Armadas: “O exercício da atividade militar, por natureza, exige o comprometimento da própria vida”. (BRASIL, 1995, p. 11).

Sua estrutura está dividida em várias unidade operacionais, com sedes localizadas em bairros de Fortaleza e demais cidades do Estado. O Quartel Central (FIGURA 1) simboliza a unidade com maior representatividade institucional, por ser a sede do Comando Geral e ter o maior número de bombeiros em atividade, o que justifica o fato de ter sido palco de grande parte da pesquisa empírica realizada.

Figura 1 – Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará



Fonte: Ceará (2008).

A Academia Estadual de Segurança Pública do Estado do Ceará (AESP) é a instituição responsável pela formação inicial e continuada de todos os profissionais que compõem o sistema de segurança pública e defesa civil do Estado do Ceará, atendendo, portanto, às Polícias Militar e Civil, ao Corpo de Bombeiros e à Perícia Forense do estado. Encontra-se vinculada à Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará (SSPDS). A sua criação foi publicada na Lei 14.629, de 26 de fevereiro 2010, e a sua inauguração ocorreu em 18 de maio

de 2011 (FIGURA 2), marcando, assim, a centralização dos processos formativos em sede única, conforme aponta o *site* oficial do órgão:

Passou a atender ao conceito de academia única apregoada pelo Governo Federal, dentro do Sistema Único de Segurança Pública (SUSP) e do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), consolidando, desta forma, o processo de integração das organizações que formam a Segurança Pública do Ceará. (ACADEMIA ESTADUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ, 2008a, p. 1).

Revela-se, portanto, como cenário importante para esta pesquisa, uma vez que tem como missão

Desenvolver e executar, de modo exclusivo e integrado, formação inicial, continuada, graduação, pós-graduação (*lato senso* e *stricto senso*) dos profissionais de segurança pública, da defesa civil e de instituições públicas conveniadas, produzindo e socializando o conhecimento científico e tecnológico, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. (ACADEMIA ESTADUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ, 2008b, p. 1).

Figura 2 – Prédio da AESP



Fonte: Ceará (2008).

3.2 A profissão de Bombeiro Militar revisitada em sua história

A origem dos Corpos de Bombeiros está conectada ao surgimento do fogo e sua utilização. Como notícia Menezes (2007), ainda na Antiguidade, na época de Abraão, os povos hebreus e os gregos criaram os vigias noturnos (*vigiliae nocti*),

cuja missão era patrulhar e vigiar as ruas, impedindo a ocorrência e a propagação de incêndios. Entretanto, foi na Roma Antiga, com o imperador Otávio Augusto, que estas rondas noturnas se aperfeiçoaram e, através de documentos históricos, foi instituído uma das primeiras organizações de combate ao fogo de que se tem registro, em face ao fato que, no século 22 a.C., a capital do império Romano foi assolada por um incêndio, ocorrência que demarca o surgimento do primeiro corpo de bombeiros, composto de soldados e 600 escravos. Desta forma, os bombeiros surgiram para atender a uma necessidade da sociedade.

Ainda segundo Menezes (2007), no Brasil, a técnica de apagar incêndio chegou juntamente com os portugueses, que trouxeram, em suas caravelas, os “vigias do fogo”, marinheiros com a missão de combater possíveis incêndios nas embarcações de madeira. Anos mais tarde, em 1763, a primeira guarda de combate ao fogo foi instituída, pelo Conde da Cunha, e a atividade era realizada pelo Arsenal de Marinha do Brasil. Entretanto, foi Dom Pedro II quem constituiu o primeiro corpo de bombeiros do país, através do Decreto Imperial n.º 1775, de 2 de julho de 1856, e foi chamado de Corpo Provisório de Bombeiros da Corte. Através da história revisitada, em especial do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, pude observar que os bombeiros possuem um entrelaçamento com o regime escravagista existente no país, durante este período, a recém-fundada instituição era vista por muitos como um local de abrigo e liberdade, Menezes (2007), fato que sugere as raízes e as heranças históricas e culturais na quais a instituição se constituiu no Brasil.

3.3 Os cursos de Formação Profissional dos Bombeiros: fundamentos e proposições

Com intuito de contemplar os objetivos lançados na introdução desta tese, considero fundamental apresentar os aspectos relativos ao contexto de trabalho dos bombeiros, pois os programas de formação dos soldados são formulados a partir da compreensão de sua realidade profissional.

Compete ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE) as seguintes atribuições: a) atuar na defesa civil estadual e nas funções de proteção da incolumidade e do socorro das pessoas em caso de infortúnio ou de calamidade; b) exercer atividades de polícia administrativa para a prevenção e combate a incêndio, bem como de controle de edificações e seus projetos, visando à observância de

requisitos técnicos contra incêndio e outros riscos; c) promover a proteção, busca e salvamento de pessoas e bens, atuar no socorro médico de emergência pré-hospitalar, de proteção e salvamento aquáticos; d) desenvolver pesquisas científicas em seu campo de atuação funcional e ações educativas de prevenção de incêndio, socorro de urgência, pânico coletivo e proteção ao meio ambiente, bem como ações de proteção e promoção do bem-estar da coletividade e dos direitos, garantias e liberdades do cidadão; e) estimular o respeito à cidadania, através de ações de natureza preventiva e educacional; f) manter intercâmbio entre os assuntos de interesse de suas atribuições com órgãos congêneres de outras unidades da Federação; g) normatizar, controlar e fiscalizar a criação e extinção de brigadas de incêndio municipal, privadas e de voluntários e exercer outras atribuições necessárias ao cumprimento de suas finalidades (Art 1º da Lei Nº 13.438, de 07 de janeiro de 2004) (CEARÁ, 2004).

Observando o que descreve a lei supracitada, penso que os programas de formação profissional dos bombeiros evidenciam aspectos da carreira militar e estão em consonância com o ideário pragmático que circunda a profissão do bombeiro. Como exemplo do referido pragmatismo, em obra de 2007, faço o seguinte esclarecimento:

Os bombeiros atuam efetivamente como agentes de manutenção da ordem pública, desempenhando desde salvamento de uma criança que se encontra soterrada por um deslizamento, por exemplo, até mesmo prestação de atendimento emergencial a um paciente psiquiátrico, encaminhando-o a um hospital. Podem atuar, ainda, cortando uma árvore que configure uma ameaça a uma residência, exterminando inseto que esteja oferecendo risco de vida ou removendo bêbados de ruas e calçadas. Enfim, há uma extensa e diversificada lista de atividades bombeirísticas. (MOITA, 2007, p. 37-38).

Evidencio, por oportuno, o fato de que o Corpo de Bombeiros constitui uma instituição fundamentada em preceitos por demais hierarquizados. A descrição contida no artigo 13º do Estatuto do Bombeiro Militar define que se trata de uma instituição militar em que “a hierarquia e a disciplina são a base institucional, crescendo a autoridade e a responsabilidade com a elevação de grau hierárquico”. A hierarquia é um importante mecanismo legal de controle e normatização do comportamento dos indivíduos na instituição. Essa hierarquia se configura através de duas categorias: a dos oficiais e a dos praças. Em cada uma dessas, há subdivisões que compõem o panorama hierárquico.

Os praças iniciam suas carreiras com a graduação de soldado; sendo assim, o posto máximo ao qual podem ascender é o de capitão. A carreira dos oficiais, por sua vez, principia-se no posto de aspirante a oficial, podendo chegar a coronel, patente máxima na corporação. A posição hierárquica do soldado é de extrema relevância para a compreensão das possíveis interferências nos cursos de formação e, por conseguinte, no trabalho que desempenharão, uma vez que esse cotidiano é particularmente delineado mediante a patente, conforme assinalam os artigos 37 a 39 do estatuto mencionado anteriormente:

O oficial é preparado, ao longo da carreira, para o exercício do Comando, da Chefia e da Direção das Organizações dos Bombeiros-Militares. Os subtenentes e sargentos auxiliam ou complementam as atividades dos oficiais, quer no adestramento e emprego dos meios, quer na instrução e na administração. Os cabos e soldados são essencialmente elementos de execução. (BRASIL, 1986, p. 10-11).

Acredito que os cursos de formação de soldados não estão blindados desta atmosfera que circunda a corporação.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o intuito de fundamentar teoricamente o estudo proposto, pretendo articular um arcabouço conceitual ancorado nos eixos teóricos abaixo apresentados:

Quadro 5 – Arcabouço com principais eixos de discussão teórica e com respectivos autores para fundamentação

EIXOS DE DISCUSSÃO TEÓRICA	PRINCIPAIS AUTORES PARA FUNDAMENTAÇÃO
Processo de subjetivação	Luiz Cláudio FIGUEIREDO; Pedro Luiz de SANTINI; Norbert ELIAS; Richard SENNETT; Roberto da MATTA.
Currículo	Ivor I. GOODSON; J. Augusto PACHECO J. Gimeno SACRISTANI; Tomaz Tadeu da SILVA;
Mito do Herói	Otto RANK Carl Gustav JUNG Joseph CAMPBELL

Fonte: Produzido pela autora.

4.1 Da modernidade à hipermodernidade: (des)cobrimdo a ‘história’ que incide sobre o indivíduo

Considerando que os processos educacionais são profundamente atravessados pelos fenômenos sociais e que estes compõem a formação do indivíduo, voltei o olhar para os aspectos sociais e psicológicos que se delineiam em tempos hipermodernos. Admitindo, ainda, que o processo de individualização ou subjetivação se caracteriza e se fundamenta a partir do contexto social e histórico em que o indivíduo está inserido; busquei uma fundamentação teórica que permitisse compreender a construção social deste indivíduo e sua mútua constituição com a (hiper)modernidade.

Aventarei os conceitos de modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade, adotando como referencial teórico as obras de Lipovetsky (1983, 2004, 2009), articulado ao olhar psicanalítico de Freud (1986) sobre o indivíduo em seu processo civilizatório.

No cerne da discussão encontram-se os esforços empreendidos pelo indivíduo contemporâneo pela busca por felicidade e seus desdobramentos em uma *trama social e psicológica* que se forma. Cabe acrescentar que não é recente a busca do homem pela compreensão ou explicação da vivência de felicidade e sofrimento, temas recorrentes nas sagradas escrituras. Desde Caim até Jó, passando pelo Gólgota até a visão do Apocalipse, há poucos capítulos na bíblia que não referenciam, explícita ou implicitamente, a relação humana com sofrimento e sua busca por felicidade. Acrescento, pois, que a relevância desta discussão situa-se no fato que para compreender aspectos subjetivos do bombeiro militar articulados ao seu processo formativo, sujeito e objeto desta pesquisa, é necessário concebê-los implicados neste contexto e refletir sobre os desdobramentos de uma realidade social para a construção do currículo, ou seja, de um artefato social e cultural, como pontua Moreira e Silva (1995).

4.1.1 (Hiper)modernidade: o indivíduo em movimento

Ao debruçar-me sobre os escritos de Lipovetsky (A Era do Vazio, 1983; Tempos Hipermodernos, 2004; e A Felicidade Paradoxal, 2009), observei que o *desenho* da sociedade e a *figura* do indivíduo esboçada pelo autor se constituem mutuamente e aparecem costurados pela noção de *modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade*. O emprego destes termos traz em seu bojo uma profusão de

sentidos e significados que vão além de uma demarcação histórico-temporal e alicerçam as ideias discutidas por esse autor.

O individualismo na sociedade moderna emerge em cores brandas e contornos limitados, visto que a modernidade aparece fortemente demarcada pela presença de ideais e concepções como, por exemplo, o nacionalismo, o socialismo e a revolução; temáticas com ênfase nas questões de *domínio público*, ou seja, sem perder de vista aspectos da coletividade e da existência do *outro*.

Enquanto a modernidade pode ser simbolizada por estruturas normatizadoras e tradicionalistas, com territórios definidos e padronizados para os indivíduos que neles transitam, a pós-modernidade vem representada pelo indivíduo autônomo, com afrouxamento e flexibilidade dos processos normativos.

É interessante atentar que nos escritos de Lipovetsky o termo pós-modernidade não evoca a conotação de *para além* da modernidade, mas, sobretudo sinaliza uma mudança de direção, um período *transitório* que corresponde à década de sessenta e se estende até meados dos anos oitenta, precedendo, assim, ao que chama de hipermodernidade. Assumindo uma *nova ordem social*, a pós-modernidade sentencia os indivíduos à busca por prazer. Deste modo, o hedonismo deslegitima quaisquer formas de sacrifício de si, uma verdadeira *panaceia narcísica*. Sobre isso Lipovetsky (1983, p. 13) assinala:

Na época pós-moderna, perdura um valor principal, intangível, indiscutido através das suas múltiplas manifestações: o indivíduo e seu direito cada vez mais proclamado de se realizar à parte, de ser livre, à medida que as técnicas de controle social passam a aplicar dispositivos mais sofisticados e humanos.

Passado o período de transição, adentramos a era dos excessos, denominada de Hipermodernidade, cuja compreensão aparece sustentada na superlativação da sociedade e dos fenômenos que a constituem, transformando-os em hipérboles sociais, identificadas pela profusão de hipermercados, arranha-céus, megalópoles, heperconsumidores e hipernarcisos, vazios de referências estruturantes.

4.1.2 Tempos de felicidade (hiper)narcísica

Nas reflexões de Lipovetsky (1983), em face à época de felicidade narcísica, tudo é permitido, sem obrigação nem sanção. Parece ter entrado

em cena a ideia de *vale tudo* em nome da satisfação pessoal. Com apoio no que suscita o autor, uma indagação toma força: não seria essa busca frenética por felicidade um forte indicativo sobre como os indivíduos hipermodernos têm se sentido? Estaríamos, acima de tudo, em busca de um antídoto para aplacar nossas frustrações e sentimentos dolorosos? Não seria o sentimento de felicidade, mas antes de tudo a sua pseudoexistência ou mesmo a sua *falta* que lubrificaria e permitiria o funcionamento de toda essa (hiper)engrenagem?

Mediante a poesia intitulada *Velho Tema*, Vicente de Carvalho (1928, p. 3, grifo meu) privilegia a existência humana e a trama paradoxal da felicidade.

Só a leve esperança em toda a vida
 Disfarça a pena de viver, mais nada;
 Nem é mais a existência, resumida,
 Que uma grande esperança malograda.
 O eterno sonho da alma desterrada,
 Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.
Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,
Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.¹³

Os questionamentos e a poesia acima parecem apontar para uma compreensão que Freud já havia suscitado: o paradoxo da falta. Ao escrever uma carta a Fliess, sugere a ontologia dessa falta: “É como se a excitação e tensão psíquica acabassem por cavar uma espécie de furo pelo qual a energia libidinal não parasse de escapar.” (FREUD, 1986). A concepção de *falta*, como força mobilizadora e veículo principal para escape da angústia, ultrapassa o olhar psicanalítico sobre o indivíduo e emerge de forma contundente na teoria defendida por Lipovetsky (2009, p. 317), quando acentua:

O que é válido para sociedade, vale também para o indivíduo: O homem caminha para um horizonte que se evapora à medida que ele julga estar mais próximo, cada solução trazendo novos dilemas. De todas às vezes, a felicidade tem de ser reinventada e ninguém possui a chave que abre as portas da terra prometida.

¹³O trecho em negrito foi destacado por mim, pois suscita a relação intersubjetiva que a pessoa humana estabelece com a felicidade.

Considero que a confrontação com a impotência de obtenção definitiva do acesso à felicidade parece inadmissível para o indivíduo (hiper)narcísico, cuja imagem que vê refletida no lago aparece dotada de múltiplas habilidades para elaboração, e aquisição, de quaisquer mecanismos e produtos. Destarte, essa contemplação narcísica parece alimentar a crença de potência, formando-se então, um mecanismo engenhoso de (in)felicidade, cuja decepção é retroalimentada pela suposta (hiper)capacidade desse indivíduo.

Embora sem a pretensão de esgotar a compreensão sobre os mecanismos que movem os seres humanos, na obra *Mal-estar na Civilização*, Freud (1976) identifica um princípio geral que funciona como força mobilizadora na vida dos seres humanos: o princípio do prazer; este se estabelece por duas vias distintas, - a de busca de prazer e a de *evitação* do sofrimento. Admite, entretanto, que essa meta jamais será plenamente atingida, uma vez que tanto o macrocosmo quanto o microcosmo *funcionam* na contramão deste princípio, confrontando-o com um significativo dilema existencial: o desafio essencialmente subjetivo para empreender todo o esforço possível para conseguir aproximar-se da sua consecução.

Parece que os sujeitos hipermodernos lançam mão de mecanismos de consumo para tentar lidar essa problemática existencial a que está sentenciado, conforme propõe Lipovetsky (2009, p. 288):

É em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo. A produção de bens e serviços, os meios de comunicação social, as atividades de lazer, a educação, o planejamento urbano, tudo é pensado e criado, em princípio tendo em vista a nossa felicidade.

Chama a atenção que, no âmbito da cultura da felicidade, ocorre uma liquefação das preservações moralistas e a solidificação do direito à liberdade e à satisfação pessoal dos seres humanos, implicando em profundas transformações que “esvaziam” espaços outrora ocupados de forma una e inquestionável, como as instituições familiares. Nessa direção, a família adquiriu múltiplos sentidos, que vão desde a transmissão de deveres até ao investimento e satisfação emocional. Evocando a perspectiva que “o consumo não é só de bens materiais, mas de jogos

simbólicos e a grande mercadoria é a felicidade”, conforme argumenta a Professora Doutora Juraci Cavalcante¹⁴.

Ao mesmo tempo em que o indivíduo cria mecanismos para se aproximar da felicidade, constrói e se envolve ainda mais em *teia social* denominada por Lipovetsky (1983) como “*era vazia*”. A ideia de vazia discutida pelo autor advém do viés flutuante e multiplicador dos referenciais estruturantes de sociedade, produzindo desorientação e abrindo um abismo, onde diversas realidades coexistem, ou seja, a copresença flexível das antinomias. Nesta direção, a Professora Doutora Juraci Cavalcante acrescenta que “A pluralidade da sociedade do consumo e da felicidade nada é *uno*, singular. Há um mosaico frouxo, *caleidoscópico*” (informação verbal)¹⁵.

Ressalto ainda, que, na sociedade de hiperconsumo, há uma fragilização dos indivíduos, cujo acesso e aquisição de bens materiais e jogos simbólicos não resultam diretamente proporcionais à sensação plena de bem-estar e felicidade.

Não sofremos porque um mecanismo perverso nos convenceu de que era preciso ser-se feliz: o insucesso, a solidão, as mágoas sentimentais, o tédio, a pobreza, a doença, a morte dos que estão próximos, todas essas experiências comportam infelicidade independente de qualquer imposição ideológica e do dever de felicidade em particular. Logo que o indivíduo se emancipa das imposições comunitárias, a sua demanda irresistível da felicidade condena-o a uma existência problemática e insatisfatória. (LIPOVETSKY, 2009, p. 289).

Esta discussão sobre a felicidade em tempos hipermodernos e, conseqüentemente, como se delinea a construção social do indivíduo nesse contexto, torna possível fundamentar criticamente alguns conceitos trazidos por Lipovetsky e a compreensão que daí germinou com vistas à contextualização dos fenômenos propostos nesta pesquisa.

Mediante articulação com a psicanálise, fica patente que as possibilidades de felicidade são restritas, considerando a própria constituição subjetiva do ser humano, pois, apesar do propósito da vida ser a realização do princípio do prazer (evitar o sofrimento e alcançar a satisfação dos desejos), sabotado, esse propósito já *morre ao nascer*, uma ferida narcísica para o sujeito hipermoderno, que aparece

¹⁴Nota de aula ocorrida dia 26/10/2010, na disciplina Educação Brasileira, ministrada pela Professora Doutora Juraci Cavalcante e ofertada pelo Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

¹⁵Nota de aula ocorrida dia 09/11/2010, na disciplina Educação Brasileira, ministrada pela Professora Doutora Juraci Cavalcante e ofertada pelo Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

percorrendo vários caminhos (modernos e pós-modernos) no intuito de alcançar a *Terra Prometida*, o Éden, onde a felicidade é a rainha soberana. Por fim, nesse caminho, o indivíduo se *superlativou* em seus poderes, cercando-se de (hiper)experiências, hiperconsumo, hipermercados, (hiper)relações afetivo-sexuais e (hiper)possibilidades de escolhas; liquefazendo tudo o que anteriormente foi utilizado em nome da felicidade, mas que, por não cumprir sua função, teve que ser (re)inventado.

4.2 Estudos sobre a subjetividade e os mecanismos de subjetivação: significados e manifestações

O estudo proposto estruturou-se a partir da necessidade de discutir sobre a subjetividade e compreender seus mecanismos, além de articular a construção da identidade heroica do bombeiro com o seu contexto de trabalho e, finalmente, de contemplar a concepção de Nietzsche sobre vontade de potência, pondo em diálogo com a profissão do bombeiro militar.

4.2.1 Discussão sobre a subjetividade

A discussão suscita, primeiramente, o esclarecimento da palavra subjetividade, que tem como alicerce e referência o sujeito. Segundo Abbagnano (1998) refere-se à essência, propriedade, qualidade e ao estado daquilo que pertence ao sujeito.

A palavra subjetividade é do étimo latino, *subjectivus*, de *SUBJECTUS*, particípio passado de *subicere*, ou seja, sub, “colocar sob”, mais *jacere*, “atirar, jogar, lançar”. Como informa Aulete (2007) o vocábulo se refere à “Qualidade ou domínio do que é subjetivo. Condição psíquica e cognitiva do ser humano encontrável tanto no âmbito individual quanto no coletivo e que faz com que o conhecimento dos objetos externos ao sujeito se dê segundo os referenciais próprios deste.” Desta forma, diz respeito ao mundo interno do sujeito, à sua marca singular de como se relaciona com o externo, formando sua essência com origem em vivências singulares e o definindo como ser no mundo.

Do ponto de vista da ciência psicológica, a subjetividade é entendida como o espaço íntimo da pessoa, mundo interno, com o qual ela se relaciona no

espaço social, mundo externo, gerando marcas singulares na formação do indivíduo e construção de crenças e valores, estes, por sua vez, são partilhados culturalmente e irão compor a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações (MAYOS, 2004).

A emergência e relevância das questões concernentes à subjetividade têm transitado como objeto de interesse, principalmente, das ciências humanas e da educação, na medida em que seus estudos têm como cerne os indivíduos, quer em sua dimensão privada, quer em sua dimensão social ou mesmo na perspectiva integradora destas duas dimensões. Sendo, esta última, a perspectiva adotada como referência nesta tese, ao articular indivíduo e currículo, concebido como artefato cultural, construído socialmente, para e pelos sujeitos. Ao referir-se à subjetividade, Figueiredo e Santi (2010, p. 19) corroboram e validam a ideia que a noção de interioridade é algo plausível e necessário para sociedade e para ciência, propondo o conceito de “subjetividade privatizada” como sendo, a priori, a experiência pessoal e, posteriormente, coletiva que a sociedade ocidental constituiria acerca de referenciais desenvolvidos de forma reflexiva e não mais formatados pela tradição e religião, que, em particular, em alguns momentos da história, assujeitavam sobremaneira as pessoas.

Ao discutir e também referenciar-me na perspectiva de subjetividade privatizada, proposta por Figueiredo e Santi (2010), a compreensão de mundo subjetivo não fica alheia ao seu viés histórico e sociocultural que se constitui e se entrelaça no mundo interno do sujeito, trago, ainda, como fundamento a ideia de Da Matta (1978) de que o homem precisa do outro como seu espelho e seu guia. Assim, compreendo e reflito sobre a subjetividade em uma perspectiva dialética, em que mundo interior e mundo exterior se constituem e se enraízam.

4.2.2 Compreensão dos mecanismos de subjetivação

Avançando na discussão sobre subjetividade e refletindo sobre a relação que se estabelece entre dimensão privada e dimensão social, enveredo no campo da subjetivação, cuja compreensão implica necessariamente uma referência aos *processos*.

Nesse processo de interiorização da experiência subjetiva, destaco a influência do surgimento da imprensa, no século XVI, que principiou a prática cultural

da leitura silenciosa, de modo que os sujeitos deixassem as situações familiares e sociais para, individualmente, conectar-se e dialogar com o mundo interno, possibilitando a construção de um ponto de vista próprio (FIGUEIREDO; SANTI, 2010). Giddens (2002), corroborando com esta visão, assinala que a emergência da reflexividade dos indivíduos da sociedade ocidental se deve às quebras de paradigmas ligados à tradição e religião, principalmente relacionados à orientação dos comportamentos, possibilitando uma problematização do que estava posto e a busca de respostas advindas da interioridade dos indivíduos. Outrossim, com o iluminismo europeu, o *eu* emerge como um *projeto reflexivo* (GIDDENS, 2002).

A compreensão proposta, entretanto, não desvincula ou rompe a subjetividade dos mecanismos sociais. Na verdade, a subjetivação é compreendida de forma conectada aos processos sociais, culturais, econômicos e ecológicos que colaboram com sua constituição e seu funcionamento, sem que, para isso, assumam atitude determinista e causalista. Nesta lógica, Deleuze e Guattari (1996) propõem a noção de concomitância, no sentido de conexão rizomática ou causalidade imanente, pensando a subjetividade como processo e não como estrutura.

Com Deleuze e Guattari (1996) a noção de subjetividade está alicerçada pela multiplicidade que compõe o meio social e os sujeitos, tecendo-se entre desejos, afetos, signos, símbolos, valores e normas de um momento histórico, multiplicidade esta que os autores chamam de *processo de subjetivação*. Alerto, pois, para noção que este conceito foi introduzido por Foucault, particularmente em sua produção da história da sexualidade, em 1984. (FOUCAULT, 2010a).

Influenciados por Foucault (2010a), Deleuze e Guattari (1996) compreendem a subjetividade como um sistema aberto e *pulsante* que se constitui em um fluxo contínuo, conforme se relaciona com a multiplicidade de fatores que compõem a realidade. A essa multiplicidade Guattari e Rolnik (1993) dá o conceito de “equipamentos coletivos de subjetivação ou componentes de subjetivação”, para designar os distintos fatores sociais, históricos, psíquicos, tecnológicos etc. atuantes na subjetivação (GUATTARI, 2000).

Esta concepção de subjetividade rompe com sua representação restrita à dimensão intrapsíquica. A subjetividade revela-se na dialética entre o social e o sujeito, partícipe de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos.

A ideia de sujeito recupera o caráter dialético e complexo do homem, de um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser

social, relação esta que não é uma relação de determinação externa, mas uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro. O conceito do sujeito é incompatível com o determinismo mecanicista causalista, pois a ação do sujeito é imprevisível. (REY, 2003, p. 224).

Assim, a perspectiva adotada rompe com a dualidade envolvendo sujeito e objeto, na medida em que pensa o indivíduo *atravessado* de inúmeros componentes de subjetivação que se (re)vinculam intermitentemente, diferenciando-se, portanto, da ideia de sujeito absolutamente confinado em sua interioridade.

4.2.3 A construção da Identidade Heroica do bombeiro e sua mútua constituição com seu contexto de trabalho

Se tradicionalmente o significado de identidade contém aspectos de unidade de semelhanças, fechando-se na ideia de permanência, a Psicologia Social e outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, por sua vez, desenvolvem novas perspectivas conceituais acerca dos processos identitários. É possível observar esta tendência, no conceito proposto por Ciampa (1997, p. 61), quando sugere que identidade “é contraditória, múltipla e mutável” e, assim, possui como viés um *vir-a-ser* sempre inacabado; todavia, sem perder de vista sua característica una. Desta forma, diferenças e igualdades emergem como fundamento do conceito proposto, que adquire movimento de diferenciar-se e igualar-se, de acordo com o grupo no qual o sujeito está inserido, bem como seu contexto social e histórico.

De acordo com Sousa Santos (1995, p. 135), a identidade pode ser traduzida como uma síntese de identificações em curso, quando ele menciona que são “[...] resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação [...] identidades são, pois, identificações em curso”. A partir das ideias do autor, a formação identidade, portanto, se dá em incessantes, e até contraditórios, movimentos, *abolindo* o caráter estático.

Vale elucidar que, para o sociólogo português, Sousa Santos (1995), a identidade acaba por se constituir como uma necessidade fictícia, pois se faz

necessária como escudo e defesa de si diante da intimidação que o outro pode representar, não concebendo a identidade como marca de unidade sólida. Conforme Maheirei (2002, p. 41), a compreensão de identidade para o autor “[...] é, antes de tudo, uma categoria política [...] envolve questões poder.”

Ao entrelaçar a discussão expressa sobre identidade à realidade da profissão do bombeiro, considero pertinente citar o hino dos bombeiros, intitulado “Hino do Soldado de Fogo”¹⁶, mencionado por Holanda (1997, p. 347-348, grifos meus) que descreve sua missão:

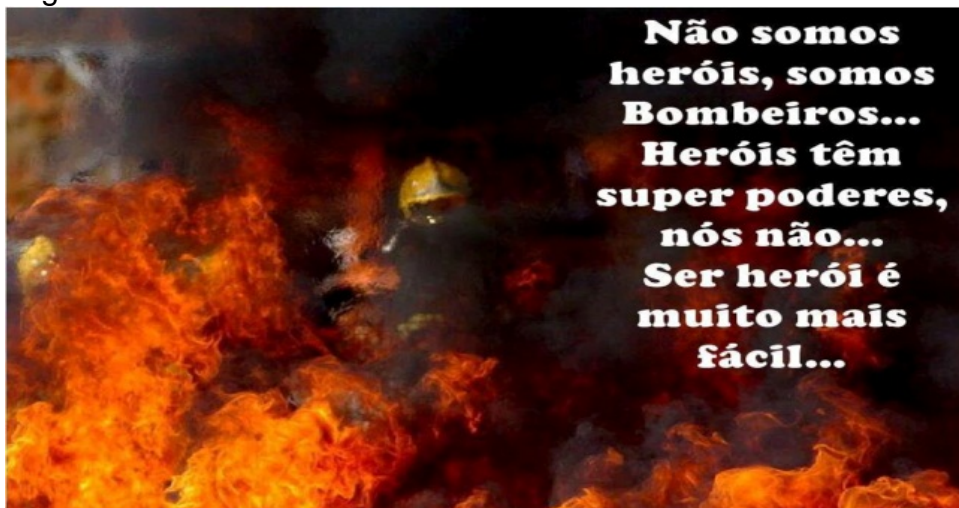
Contra as chamas e lutas ingentes
Sob o nobre alvi rubro pendão,
Dos soldados do fogo valentes.
É, na paz, a sagrada missão
E se um dia houver sangue e batalha,
Desfraldando a auriverde bandeira,
Nossos peitos são férreas muralhas.
Contra audaz agressão estrangeira.
Missão dupla o dever nos aponta:
Vida alheia e riquezas a salvar.
E, na guerra, punindo uma afronta,
Com valor pela Pátria lutar.
Aurifulvo clarão gigantesco!
Labaredas flamejam no ar!
Num incêndio horroroso, dantesco,
A cidade parece queimar!
Mas não temem da morte os bombeiros
Quando ecoa d'alarme o sinal,
Ordenando voarem ligeiros
A vencer o vulcão infernal.
Rija luta aos heróis avienta,
Inflamando em seu peito o valor,
Para frente! Que importa a tormenta.
Dura marcha ou de soes a rigor?
Nenhum passo daremos atrás.
Repelindo inimigos canhões!
Voluntários da morte na paz
São na guerra indomáveis leões.

Por meio do citado hino, percebo que os atributos esperados dos bombeiros no exercício da profissão preconizam valores como a coragem e a bravura. Os versos do soldado de fogo também enfatizam o trabalho em prol da sociedade, mesmo que para isso os bombeiros abdicuem da própria vida –

¹⁶Os trechos em negrito foram destacados por mim por trazerem mensagens acerca da missão e do trabalho dos bombeiros, além de remeter aos processos identitários envolvidos no contexto de sua formação.

concepção esta que remete a ideia de heroísmo (FIGURAS 3 e 4). Sobre isso, Lins (1995, p. 74) aponta: “A aceitação do sacrifício pela comunidade é, contudo, permeada por um sentimento de um martírio congruente com a vocação do sagrado. De fato através do sacrifício e da imolação, o ídolo integra o mundo dos heróis.”

Figura 3 – Bombeiro ou herói?



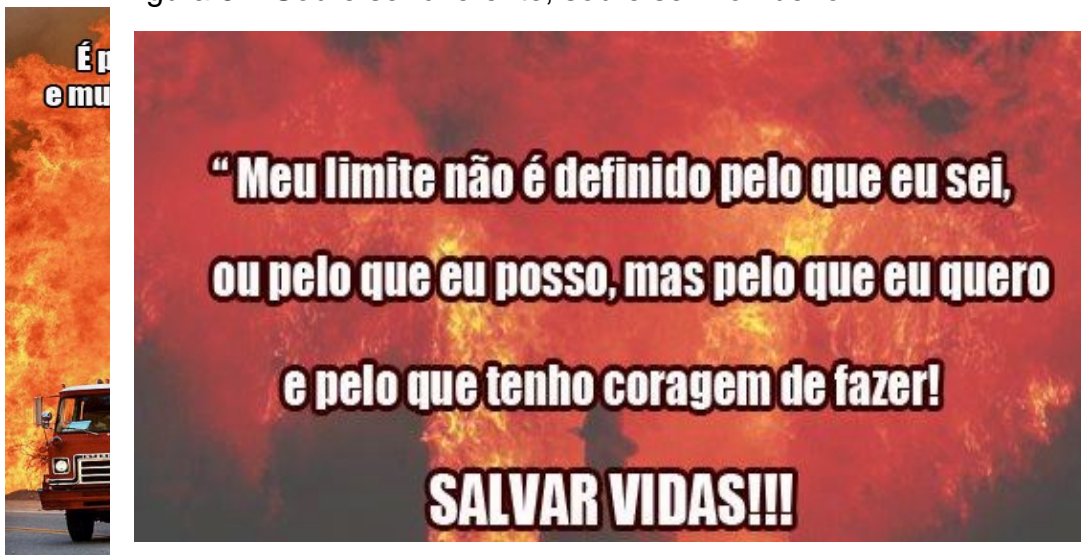
Fonte: Santos (2012).

Figura 4 – A aceitação do sacrifício

Fonte: Santos (2012).

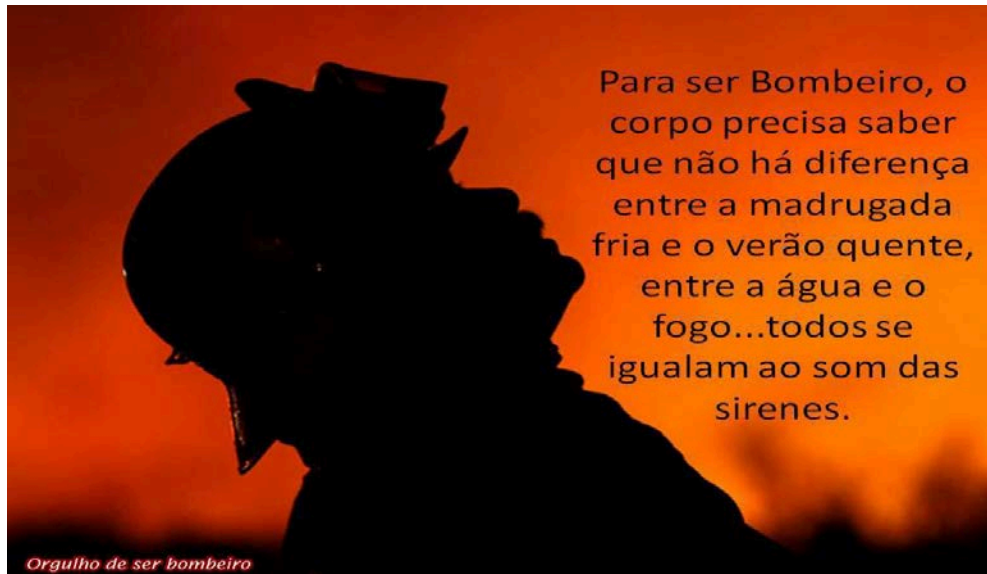
As ideias ora suscitadas me fazem refletir sobre como essas concepções atravessam a construção da identidade destes profissionais, o que remete ao que foi discutido anteriormente acerca da identidade com seu viés de diferenciar-se, no papel de *herói* (FIGURA 5), e igualar-se, como ser humano (CIAMPA, 1997); e ainda como categoria política, de poder, como instrumento de defesa ante a ameaça oriunda da profissão ou da corporação (SOUSA SANTOS, 1995).

Figura 5 – Sobre ser diferente, sobre ser Bombeiro



Fonte: Santos (2012).

Figura 6 – Sobre o igualar-se do bombeiro



Fonte: Santos (2012).

Acrescento que Sawaia (1999) considera pertinente a identidade ser concebida desde a perspectiva de *processo de identificação*, alertando, apenas, para a noção que não convém associar identificação com admiração ou reconhecimento por aquilo que é igual. A perspectiva da autora é corroborada por Boris (2002), que, ao estudar sobre esta temática, alerta que o termo identificação é mais oportuno, exatamente por dar a ideia de um processo de elaboração e reelaboração identitária, o que assume um aspecto mais dinâmico. Ensejando a discussão dos autores, acrescento, por fim, uma concepção dialética entre a identificação dos bombeiros e os cursos de formação oferecidos pela instituição.

4.2.4 “Soldados do Fogo”¹⁷: compreendendo a vontade de potência dos Bombeiros Militares como manifestação da vida psíquica

Aventarei o conceito de vontade proposto por Nietzsche e sua articulação com a profissão de bombeiro militar. Considerando que Nietzsche se propõe a tratar o tema da “*vontade de potência*” a partir de diversos aspectos, tomarei como base a vontade de potência como vida, pois como o próprio filósofo sugere: “Somente onde há vida, há também vontade; mas não vontade de vida, e sim – assim vos ensino – vontade de potência.” (NIETZSCHE, 1978, p. 246). Assim, delimitei como objetivo

¹⁷Designação retirada do Hino dos Bombeiros, intitulado “*Hino do Soldado do Fogo*”, citado anteriormente nesta tese, na página 52.

para este debate compreender a vontade de potência que está posta na profissão de bombeiro.

Ressalto que a realidade é sempre mais rica do que a que se consegue abarcar em um artigo ou estudo, reconheço aqui as limitações em tratar profundamente o sofisticado pensamento filosófico nietzscheano e seu contraponto com a fecunda realidade de trabalho dos bombeiros.

4.2.4.1 *Vontade de potência: pulsão de vida em (super)ação*

O conceito de vontade de potência que parece adquirir seus primeiros contornos na obra *Gaia Ciência*, se desenvolveu progressivamente no trajeto filosófico de Nietzsche e, em *Assim Falou Zarathustra*, amadurece e se consolida no pensamento nietzscheano.

Vontade de potência ou *WillezurMacht* (expressão em alemão) expressa o domínio sobre os outros, sobre a natureza e ainda a superação de si, das atonias. Trata-se da pulsão permanente pela vida e pelo domínio, mobilizando as energias, físicas e mentais, para incessantemente (re)direcionar à máxima potência.

Figura 7 – Vontade de Potência: Nos piores momentos vem a superação de si, os bombeiros sentem-se os melhores



Fonte: Santos (2012).

A noção de homem e de mundo sugerida por Nietzsche está fundada na ideia de desordem e irracionalidade, emergindo como princípio filosófico, a *vida*. Esta é concebida como um processo fluido, por natureza, dinâmico, que ocorre ao acaso, portanto, atuando sem objetivos estanques e definidos, capaz de se transformar em um constante devir. Ao fazer referência sobre sua compreensão de vida e potência, Nietzsche (1989, p. 82) apregoa

A vida como a mais conhecida forma do Ser para nós é especificamente uma vontade de acumulação de força: Todos processos da vida têm aqui sua alavanca: nada quer se conservar, tudo deve crescer e acumular. A vida, como um caso isolado: hipótese a partir de lá sobre o caráter geral da existência: esforço para um *sentimento maximal de potência*: é essencialmente um esforço por mais de potência: esforço não é nada além do que um esforço por potência.

De acordo com Nietzsche, a vontade de potência é a busca da superação da catástrofe, da morte, estando representada pelo esforço de triunfar sobre o nada e vencer a fatalidade, a destruição. Com suporte no que suscita o autor, a vontade de potência não diz respeito apenas a um simples instinto de conservação, mas a toda luta que se engendrará para isso, e, sobretudo, a uma batalha rumo ao *além do tangível*, podendo atingir um patamar mais elevado, o da generosidade, esboçado

pela existência de si mesmo. Sobre isso, Nietzsche faz importante elucidação através do fragmento 349 da *Gaia Ciência*:

A vontade de conservação é a expressão de um estado de desespero, uma restrição ao verdadeiro instinto fundamental da vida que tende à extensão de potência e que, por essa vontade, põe em questão e frequentemente sacrifica a autoconservação. É preciso ver um sintoma no fato de certos filósofos, Espinosa, por exemplo, tuberculoso, terem considerado o instinto de preservação como causa determinante. Eram homens em pleno estado de desespero. A luta pela vida é uma exceção, uma restrição momentânea da vontade de viver. As grandes e pequenas lutas que se desenrolam por toda parte são em torno da preponderância, do crescimento, do desenvolvimento e da potência que é precisamente a vontade de viver. (NIETZSCHE, 2006a, p. 190).

Destarte, a ideia de vontade de potência aparece determinada como o mais forte de todos os instintos que dirige a evolução (in)orgânica.

4.2.4.2 A profissão de Bombeiro como potência

Ao entrelaçar a discussão expressa no pensamento filosófico nietzscheano e à realidade da profissão do bombeiro, considero pertinente mencionar o hino dos bombeiros, citado anteriormente nesta tese.

Para Nietzsche, a vontade de potência está ligada ao destino de busca pela contradição, admitindo, portanto, a copresença flexível das antinomias. Nesta direção, está tecida a trama em que, assim como feio deseja se tornar belo, o frágil busca se fortalecer e o covarde se transformar em bravo. Deste modo, o hino do soldado de fogo simbolizaria essa metamorfose de potência e antinomia a qual está subjugado o bombeiro. Recorrendo às palavras de Nietzsche, na obra *Assim falava Zaratustra*, ele confirma esta questão dizendo:

Se o mais fraco serve ao mais forte, é que a isso é persuadido por sua vontade que quer dominar sobre alguém mais fraco ainda. E essa é única alegria de que não se quer privar. [...] onde há sacrifício e serviço e olhares de amor, há igualmente vontade de ser senhor. Por caminhos secretos desliza o mais fraco até a fortaleza e até mesmo ao coração do mais poderoso, para roubar o poder. (NIETZSCHE, 1989, p. 107).

A partir das ideias suscitadas acima, algumas indagações tomam força: seria a vontade de potência a força que mobilizaria os bombeiros? A missão de preservar a vida do outro, sem que seja possível recuar (ainda que, implique no sacrifício da própria vida), representaria a existência em si mesma, portanto o nível

superior de potência? Ou, por força da antinomia, estaria o “vilão” lutando para se tornar “herói”?

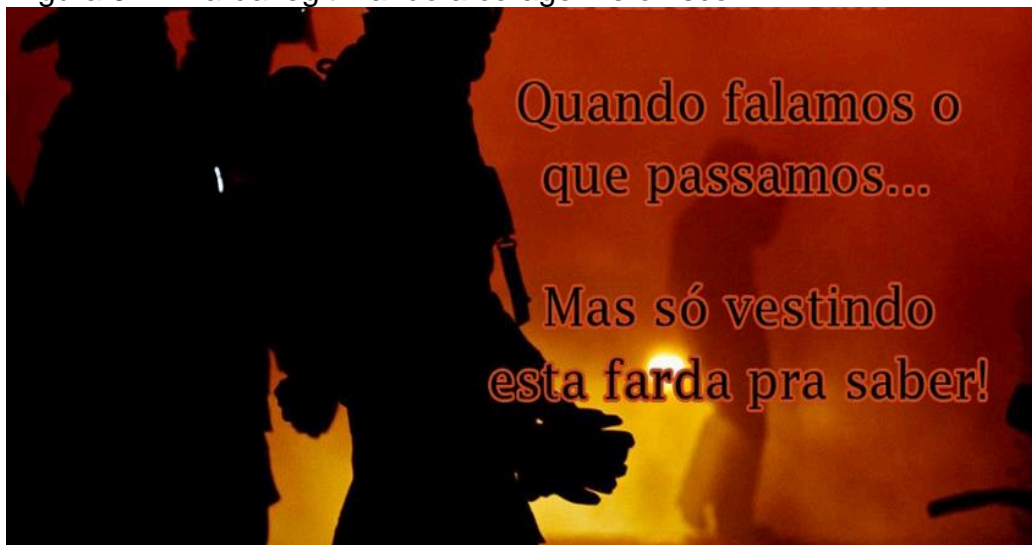
Figura 8 – O risco e o Bombeiro



Fonte: Santos (2012).

As indagações que estão postas foram concebidas no território da reflexão, não parece pertinente a busca por respostas ou verdade absolutas, pois segundo Nietzsche (1978, p. 92) “Não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas.” Contudo, face os questionamentos acima, devo retificar a perspectiva de luta entre *ser* x *não ser*, através da qual se atingirá a força em movimento, ou seja, a vontade de potência. Diz respeito à atitude psíquica de uma alma que é forte e quer alimentar sua potência e que, portanto, não abre mão de *legitimar* sua coragem, validando o exercício do que havia sido *instituído*: “*vidas alheias e riquezas a salvar*”.

Figura 9 – A farda legitimando a coragem e o risco



Fonte: Santos (2012).

Figura 10 – Bombeiro, o herói poderoso ou virtuoso?



Fonte: Santos (2012).

A fim de aprofundar a discussão sobre o contexto de trabalho dos bombeiros militares, retomarei os *princípios* que demarcam sua realidade profissional, descritos no Art 1o da Lei Nº 13.438, de 07 de janeiro de 2004 (CEARÁ, 2004), e já apresentados nesta tese.

Observando o que descreve a lei supracitada, penso que a vontade de potência atravessa a realidade profissional dos bombeiros na medida em que esta aparece norteadas por leis que simbolizam a vida. Embora pareça sobre a profissão do bombeiro uma eminente confrontação com a morte, ainda assim, seria factível admitir que tal profissão esteja circunscrita pela vontade de potência *como vida*, pois

a vida é apenas um aspecto particularizado desta vontade, não devendo ser compreendida precisa e necessariamente como uma vontade de viver. A vontade de potência sinalizaria sua relação estreita com a profissão de bombeiro na medida em que se refere às pulsões que fazem a roda da vida girar. Assim para Nietzsche “Uma criatura viva quer antes de tudo **dar vazão** à sua força - a própria vida é vontade de potência.” (NIETZSCHE, 2006b, p. 20).

Ao produzir uma vinheta, fruto de observação participativa no Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará, em obra anterior (MOITA, 2007, p. 50,) descrevo:

Percorrendo o corredor, no primeiro andar do prédio onde ficam os alojamentos dos bombeiros, avista-se uma frase em **letras maiúsculas**, na **cor vermelha**, escrita na parede de cor amarela do prédio principal, parede esta que fica de frente aos alojamentos dos bombeiros que estão em escala para serviço operacional; a frase é a seguinte: “A palavra **covardia não existe no dicionário do bombeiro**”.

A descrição acima põe em evidência a apologia à coragem e à bravura que permeia a profissão do bombeiro, atributos que aparecem legitimados na estrutura física ou mesmo no hino do soldado de fogo (citado anteriormente). Tais evidências convergem para concepção de vontade de potência em seu pleno significado de autossuperação (vontade de potência sobre si próprio), desvelando a ideia nietzscheana de (re)velar os mecanismos da vida.

Compreender a vontade de potência, sob a óptica da profissão de bombeiro, implica em relacioná-la com um desejo insaciável destes profissionais de se fazerem potentes, referenciando a incansável, orgânica e inorgânica força interior geradora de movimento; será nesta direção que o bombeiro se apropriará do jogo de forças que está posto e disponível, atribuindo-lhe sentido.

Ao declarar “*Para frente! O que importa a tormenta*” (citado por HOLANDA, 1997, p. 348), fica implícito a vontade de ir avante, assenhorando-se de quaisquer coisas, ainda que seja o fogo ou as enchentes, que atravessarem seu caminho. A toque de caixa e clarim, o hino do soldado de fogo, assim como a vontade de potência, proclama e *recruta* toda a *energia vital* (pulsão incessante) do indivíduo superior.

O exame desses elementos deixa patente que vontade de potência é uma força que justifica o dinamismo presente no ser humano. Dinamismo este que o leva a realizar suas ações. Significa, pois converter obstáculos em estímulo.

Para Nietzsche (1998, p. 149), “O homem prefere querer o nada do que nada querer; a vontade de nada, a revolta contra as condições fundamentais da vida, ainda é vontade de potência.” Nesse sentido, parece factível dizer que o bombeiro prefere a “*tormenta*”¹⁸, “o *incêndio horroroso e dantesco*”¹⁹, como fundamento da vida, através do qual ele pode se constituir como ser potente, autossuperado, ao considerar que seus “*peitos são férreas muralhas*”²⁰, capazes de “*vencer o vulcão infernal*”²¹, afinal são “*indomáveis leões*”²². Corroborando com esta perspectiva e através de um trocadilho entre os verbos viver e escrever, Nietzsche (1989, p. 56) diz: “Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito.” Ao trilhar o caminho em que *vive* (escreve) com *fogo* (sangue), o bombeiro se aproxima da possibilidade de aprender que *fogo* (sangue) é *vida* (espírito), conforme simbolizado a figura 11.

Figura 11 – Escreve com fogo a luta pela vida



Fonte: Santos (2012).

Por fim, seguindo a mesma direção do pensamento nietzschiano, ressalto que a vida não se movimenta no horizonte de verdades absolutas, portanto a discussão aqui suscitada, bem como as articulações entre vontade de potência e a profissão de bombeiro, não tinham o intuito de elaborar conclusões resolutas,

¹⁸Palavra pinçada do hino do bombeiro e articula teoricamente à análise existencialista nietzscheana.

¹⁹Frase pinçada do hino do bombeiro e articula teoricamente à análise existencialista nietzscheana.

²⁰Frase pinçada do hino do bombeiro e articula teoricamente à análise existencialista nietzscheana.

²¹Frase pinçada do hino do bombeiro e articula teoricamente à análise existencialista nietzscheana.

²²Frase pinçada do hino do bombeiro e articula teoricamente à análise existencialista nietzscheana.

inquestionáveis e acabadas, mas, sobretudo, de compreender o conceito proposto por Nietzsche, refletindo seus vieses na experiência vivida de ser bombeiro.

4.3 O herói-mito e o herói urbano

De acordo com Michaelis (2012) a palavra herói, do latim, *heros*, pelo grego *héros*, cuja definição na língua portuguesa remete ao homem que se distingue por sua coragem extraordinária diante de uma situação de perigo ou de guerra. Já do ponto de vista da mitologia helênica, essa denominação era conferida àqueles que, de forma geral, eram filhos de um(a) deus(a), imortal, e um(a) humano(a), mortal, estavam, portanto, em uma dimensão intermediária, semidivina. Nesta perspectiva, o herói transita em um território ambíguo, cuja condição humana lhe põe em contato com sua finitude, além de sua complexa dimensão psíquica e social; de forma ambivalente, sua descendência divina lhe confere virtudes e atributos (coragem, força, bravura, sacrifício, etc) que transcendem à condição de homem comum, mas não garante a imortalidade, trazendo, por conseguinte, ideia do autossacrifício, ou seja, de martírio.

Do ponto de vista da psicologia, Otto Rank (1914), estudioso e pesquisador da psicanálise, colaborador de Sigmund Freud, em sua obra *O mito do nascimento do Herói* analisa alguns mitos, não apenas de cultura grega, mas personagens que compõe a história e a religião, como Moisés e Jesus. Em sua análise, ele destaca símbolos recorrentes a todos esses mitos, tais como a água, a luta para nascer, mesmo contra toda adversidade, e a vitória do herói.

Ainda segundo Otto Rank (1914) “Numerosos investigadores têm enfatizado que a compreensão da formação do mito requer o retorno para a sua derradeira fonte, a faculdade da imaginação individual”, assim, é através do recurso da imaginação que se torna possível a compreensão dos mitos e a fonte do mundo da imaginação é a criança.

Discutir sobre a temática do herói, remete, inicialmente, à ideia de mito, palavra grega (*mythos*) que significa fala, narração, concepção. Fundamentalmente, os mitos são narrativas tradicionais acerca de deuses e heróis, ou então, descrições acerca da origem do mundo e de sua ordenação no “era uma vez” (BURKERT, 1993). Não é conveniente, no entanto, compreender a questão dos mitos reduzida à uma narrativa sacralizada. Com vistas à uma interpretação mais abrangente, é

necessário procurar a sua especificidade não apenas do conteúdo, mas sobretudo da sua função. Segundo Burkert (1993, p. 18), uma das referências neste tema, “o mito é narrativa aplicada, como verbalização dos dados complexos supra individuais, coletivamente importantes” (CARNEIRO; MARQUES, 2005). Sua importância, enquanto expressão mítica e simbólica, é observada pelo historiador romeno Mircea Eliade (2007) que considera o pensamento simbólico como *consubstancial ao ser humano*; precedendo até mesmo a linguagem e a razão discursiva.

Assim o autor aponta o poder simbólico do mito, *símbolo que* “[...] revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafia qualquer outro meio de conhecimento” (BURKERT, 1993, p. 8); aprofundando sua compreensão, o autor atribui às imagens, símbolos e mitos a capacidade de responder a uma necessidade e de revelar aspectos velados do ser. Foi a partir desta compreensão que a discussão proposta assumiu papel de destaque nesta tese.

O mito trata-se de uma representação coletiva, enquanto produto do inconsciente, passando através de gerações e chegando até a contemporaneidade; repete-se ao longo dos tempos, ainda que sob outra *roupagem*, o que, porém, tem pouca importância, pois não promove alterações do sentido de seu cerne (FURLANI, 1992). Essa modificação na sua forma de apresentação demarca que ele está presente nos diversos momentos históricos e níveis culturais; refletindo de forma genuína a experiência humana ou mesmo seus repetidos sintomas, realidades, ou necessidades do homem.

Apesar de haver uma diversidade de *roupagens* do mito, como comentei acima, esta variedade não prejudicou o reconhecimento de uma estrutura ou morfologia constante, ou seja, o monomito, o arquétipo ou o mitologema heróico; definida em grande parte pela função que o herói desempenha nos mitos: fundador e transgressor, ele ou ela institui a ordem humana ao romper com a ordem divina.

O arquétipo representa um padrão, modelo ou paradigma e para Jung (1977) concebe uma estrutura universal, originária do inconsciente coletivo, passando a ser compartilhado por toda a humanidade através dos mitos, contos ou quaisquer produções imaginárias do mundo simbólico do ser humano. Nesta concepção de arquétipo, a figura a que darei especial atenção, por contribuir e dialogar com esta tese, trata-se da figura do herói, já introduzido no início desta discussão. Desde o semideus da antiguidade ao herói urbano pós-moderno, suas configurações histórico-culturais apresentam-se múltiplas e variadas, passando de

heróis e heroínas míticos, aos heróis trágicos, épicos, romanescos, picarescos, clássicos, tradicionais, chegando aos heróis contemporâneos e até mesmo aos anti-heróis, daí ser coerente dizer que o herói tem mil faces (CAMPBELL; MOYERS, 2003). E entre estas faces, a princípio, a que reflete feitos e qualidades nobres parece aproximar o bombeiro militar do arquétipo do herói.

4.4 Discussão sobre o currículo

As reflexões sobre currículo que serão apresentadas a seguir emergiram da necessidade de compreender seus sentidos e suas concepções, analisando-o a partir da lente da teoria crítica e pós-crítica, viés epistemológico deste estudo.

4.4.1 Sentidos e concepções de currículo

Para discutir os sentidos e as concepções do currículo, recorro, inicialmente, à etimologia da palavra “currículo” que, segundo Silva (2011), origina-se do latim *curriculum*, pista de corrida. Ao tentar conceituá-lo, Rodrigues (1993) aponta que o currículo tem *natureza polissêmica*, assim, seu conceito abrange múltiplas dimensões, que vão desde a sua concepção – planificação, projeto e desenvolvimento –, até o seu nível de sala de aula e de validação – avaliação final –, sendo, portanto, um conjunto de fenômenos educacionais que estão presentes em todas as dimensões da prática educativa. Em razão desta pluralidade, o currículo assinala-se como fenômeno educacional complexo e, por isso, é concebido de diversas formas por diferentes perspectivas teóricas, com diferenciação metodológica e epistemológica. Tais concepções de currículo possuem uma relação estreita como o momento histórico, social, cultural e econômico da sociedade; o currículo se enraíza e é enraizado, reflete e é refletido pelo contexto em que se inscreve.

Historicamente, foi nos Estados Unidos, em meados dos anos 20, que o currículo surgiu como objeto de interesse científico, precisamente, em 1918, Bobbitt escreveu uma obra que foi considerada um marco do currículo como campo especializado, cuja consolidação viria com a publicação do livro de Ralf Tyler, em 1949. No contexto americano de ascensão da industrialização que transitava com a lógica da massificação da escolarização e a racionalização dos processos

administrativos e econômicos, o modelo vigente é o taylorista-fordista. É nesta racionalidade de massificação, produção, divisão de tarefas que o currículo é compreendido, tendo como fundamento o modelo de fábrica e princípios da administração científica de Taylor e Fayol. Referindo-se ao modelo de Bobbitt, Silva (2011, p. 23) aponta que “O sistema educacional deveria ser tão eficiente quanto qualquer outra empresa econômica”, o currículo assume uma objetividade, com resultados mensuráveis, uma visão mecanicista e um modelo tecnocrático. O paradigma estabelecido por Tyler dominou os Estados Unidos e se estendeu a outros países, como o Brasil, por quatro décadas (SILVA, 2011).

Ainda no século XX, concorrendo com as concepções de Bobbitt, havia a vertente mais progressista, liderada por John Dewey, que, ainda em 1902, escreveu o livro “*The Child and the curriculum*”²³, cuja preocupação primeira era muito mais a construção da democracia do que o funcionamento econômico (SILVA, 2011). Nesta concepção, a educação era local de vivência e prática dos princípios democráticos e o currículo adquire contornos epistemológicos de cidadania (PACHECO, 2005; SILVA, 2011). Todavia, conforme ressalta Silva (2011, p. 23), “A influência de Dewey, entretanto, não iria se refletir da mesma forma que a de Bobbitt na formação dos currículos como campo de estudos.”

Destaco, ainda, que ambos os modelos de currículo – mais tecnocráticos ou mais progressistas- emergiram no século XX, nos Estados Unidos, e, de alguma forma, estabeleceram-se como uma reação ao currículo clássico humanista, estes, por sua vez, dominavam a educação secundária, desde que esta havia sido institucionalizada (SILVA, 2011).

O modelo clássico só encontrava terreno na escolarização secundária da classe socioeconômica dominante, cujo objetivo era favorecer um repertório cultural vasto, associado à grandes obras literárias e artísticas, bem como a aquisição do latim, enquanto língua. Assim, a “[...] democratização da escolarização secundária significou também o fim do currículo humanista clássico.” (SILVA, 2011, p. 27).

As décadas de 60 e 70 foram palco de grandes agitações e transformações, com a nova crise capitalista vieram também as demandas de reformulação no campo do Estado e do trabalho, eclodindo movimentos sociais e culturais em diversas partes do mundo (RODRIGUES, 1993; SILVA, 2011). Como

²³Tradução: A criança e o currículo.

frisei no início desta discussão – que o currículo se enraíza e é enraizado, reflete e é refletido pelo contexto em que se inscreve –, o currículo, constituindo e sendo constituído por este momento social, se vê as voltas de um terreno de produções e teorizações que questionavam e apresentavam resistências ao pensamento e à estrutura educacional vigente até o momento.

Segundo Silva (2011), estudiosos de vários países reivindicam a primazia destes movimentos, entretanto, para o autor, esta renovação da teoria educacional, e conseqüentemente das teorias curriculares, foi deflagrada em vários países, concomitantemente. Assim, têm destaque os autores da *nova sociologia da educação*, como o inglês Michael Young; o brasileiro Paulo Freire; e os franceses Althusser, Bourdieu e Passeron, Baudelot e Establet; representantes da teoria crítica, cujos fundamentos alicerçam parte da concepção adotada nesta tese.

Embora existam divergências entre os teóricos da teoria crítica, um ponto convergente e que merece destaque é o fato que, neste paradigma, a teoria parte de uma desconfiança, com questionamento e reflexão crítica por uma transformação radical. O movimento de reconceitualização do currículo estava insatisfeito com os parâmetros tecnocráticos, alheios às teorias sociais, nesta vertente de insatisfação, temos a fenomenologia, a hermenêutica, o marxismo e a teoria crítica da Escola de Frankfurt. Entretanto, os teóricos da vertente marxista distanciaram-se deste movimento por acreditarem que este movimento estava excessivamente centrado em questões subjetivistas e distanciado dos aspectos políticos.

Destarte, a compreensão de currículo depende, em grande parte, do lugar epistemológico de onde se fala. Silva (2011) referencia currículo como documento de identidade e o caracteriza por todas as experiências ou aprendizagens do aluno, planejadas e conduzidas pela instituição educacional, bem como a partir daquilo que não está expressamente afirmado nos planos e documentos curriculares, mas que, de alguma forma, se manifesta através de crenças, valores, atitudes, etc. durante o processo formativo, incluindo assim a dimensão do currículo oculto.

4.4.2 Compreensão do currículo sob a óptica da Teoria Crítica

Esta discussão traz em seu cerne a concepção teórica de educação proposta por Giroux. Influenciado por alguns teóricos da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer (1973), Marcuse (1969), assim como por Gramsci (1981) e

pelo pensamento emancipador de Paulo Freire (1967), Giroux (1986, 1987) fundamenta a teoria crítica educacional com vistas à renovação pedagógica e como meio para um redimensionamento educacional necessário na sociedade pós-moderna.

Por considerar que os processos educacionais são profundamente perpassados pelos fenômenos sociais, históricos e políticos e que estes constituem o processo de formação do indivíduo, ou seja, em sua dimensão psicológica, voltei o olhar para a teoria e o discurso crítico instaurado particularmente em Giroux (1986), propondo como objetivo para este debate compreender o pensamento crítico educacional em sua dimensão teórico-prática, através da concepção desse autor.

4.4.2.1 Educação significativa para criticidade: um caminho emancipatório

Ao debruçar-me sobre os escritos de Giroux (1983, 1986, 1997), em particular sua fecunda obra *Teoria Crítica e Resistência em Educação* (1986), observei que o autor traz como marco uma perspectiva de educação que recusa a ideia conformista, na qual as dimensões conflitivas e ideológicas de sociedade parecem ser minimizadas, como apontam as críticas à teoria funcionalista de Parsons. A teoria crítica abdica ainda da perspectiva crítico-determinista, que não leva a termo o aspecto da intencionalidade humana e de suas ações, conforme propõe Bourdieu (1978) em sua teoria da reprodução.

Clarifico, ainda, que o caminho epistêmico, no qual foi traçada a teoria crítica de Giroux, baseia-se no legado de teóricos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Horkheimer, Marcuse, cuja preconização era fundada no desvelamento e na ruptura com as estruturas de dominação existentes, com vistas à emancipação dos indivíduos e da sociedade.

Cabe advertir, ainda, que a Teoria Crítica não deve ser uniformizada ou universalizada na forma como seus teóricos desenvolvem suas concepções. Embora possam ser vistas singularidades entre os autores, no que tange a postura crítica e emancipatória na interação fenomênica, isso não parece suficiente para agrupá-los rigidamente em uma mesma *vertente* ou *escola*, haja vista a pluralidade de seus trabalhos.

4.4.2.2 As categorias conceituais do pensamento crítico de Giroux

O pensamento Hery Giroux foi profundamente influenciado pela Escola de Frankfurt, que funcionou como embasamento para sua *Pedagogia Radical*. O autor alicerça seu pensamento no território da *teoria crítica*, entretanto alerta para o duplo significado que esta teoria assume em seu trabalho, pois pode referir-se tanto a uma escola de pensamento como também a um processo de crítica, através de um discurso de emancipação e transformação social (GIROUX, 1983). É nesta teia que Giroux tece sua concepção de educação e formula as conceituações que discutirei a seguir.

Assim, aventarei as categorias conceituais concernentes ao *currículo oculto* e à *escolarização*, ambas contempladas a partir do ora citado autor. Ao suscitar os fundamentos teóricos educacionais, no que tange o aspecto da teoria e da prática, Giroux (1986) discute e articula os conceitos de *racionalidade*, *problemática*, *ideologia* e *poder*, explicitando a tessitura que se dá entre uma racionalidade dominante em um dado momento social e histórico e as instituições educacionais que a reproduzem. Destarte, instaura o viés político que está posto no âmbito da educação, articulando com o olhar pedagógico *freireano*.

No cerne da discussão encontra-se a compreensão do ensino como uma forma de política cultural. Através dos pensamentos de Freire, e até mesmo de Gramsci, Giroux admite que a ideologia se estabelece e se legitima de diversas formas, mediadas ou determinadas pela cultura, etnia, poder e/ou gênero.

1. A concepção de racionalidade

A racionalidade deve ser concebida como um construto que, de acordo com Giroux (1986), representa um conjunto específico de pressupostos e práticas sociais que demarcam a relação entre o micro (indivíduo ou grupo) e o macro (sociedade como um todo), trazendo subjacente um conjunto de interesses que norteiam a forma como a pessoa concebe o mundo. Sobretudo, diz respeito a uma

lente dominante em uma sociedade, em um dado momento histórico, através da qual o mundo é visto e compreendido. Acrescento, pois, que esta perspectiva supera a ideia de racionalidade atrelada à pressupostos e práticas que alicerçam verdades ambicionadas.

Lira (2010) baseia-se na teoria crítica de Giroux e aponta, em linhas gerais, que os modelos educacionais aparecem circunscritos em três possíveis racionalidades, a saber:

- a) **técnica**: considera as dimensões controláveis, bem como a perspectiva de veracidade ou de certificação, caracterizando-se por:
 - validação empírica;
 - pretensão de neutralidade dos valores;
 - concepção processual de causa e efeito (lógica linear dos processos);
 - possibilidade de prognóstico ou predição do *produto final* do processo educativo.
- b) **hermenêutica**: baseia-se na intencionalidade e na atribuição de significado, buscando a compreensão dos *arquétipos* que se delineiam na comunicação e na simbolização entre indivíduos (intersubjetiva);
- c) **emancipatória**: possui como finalidade criticar tudo aquilo que restringe e oprime o processo de construção e interação humana, defendendo uma prática educativa que age assegurando a liberdade do indivíduo.

Ao discutir sua concepção de racionalidade, Giroux atenta para sociedade e sua conexão com as instituições, em que estas têm o papel de reprodutor social destas racionalidades, apontando que “Tais interconexões politizam a noção de racionalidade, questionando como a ideologia apóia, medeia ou se opõe à configuração de forças sócio-políticas existentes, que utilizam a racionalidade dominante para legitimar e sustentar sua existência.” (GIROUX, 1986, p. 171).

II. O construto da problemática

Compreender a ideia de problemática pressupõe situá-la em relação à racionalidade, na medida em que esta racionalidade implicará e convergirá em uma

determinada problemática, ambas se fundem com as inquietações e problemas advindos de um período histórico. Sobre esta ótica, Lira (2010, p. 233) esclarece que

qualquer modo de racionalidade pode ser visto como um quadro de referência teórico, cujo significado pode ser entendido analisando-se tanto o sistema de questões que comanda as respostas dadas, quanto à ausência dessas questões que existem para além da possibilidade de tal quadro de referência. Assim, um modo de racionalidade pressupõe sua problemática particular, consistindo ambas não apenas em resposta à lógica interna da problemática, como também às lutas, tensões e problemas objetivos suscitados pelo tempo histórico em que a problemática opera, instruída pela racionalidade dominante.

III. A Ideologia como instrumento crítico e político

Ao suscitar o constructo da *ideologia*, Giroux (1986) desenvolve uma concepção *positiva* desta, admitindo que todas as ideologias podem permitir o desenvolvimento de uma visão crítica do mundo; tal concepção se aproxima pensamento de alguns *teóricos marxistas*, como Lênin, Gramsci, Gouldner, Aronowitz, apontando que

A ideologia [...] contém um momento positivo e um momento negativo, cada um determinado em parte, pelo grau em que promove ou distorce o pensamento reflexivo e a ação. Como distorção, a ideologia se torna hegemônica; como uma clarificação, ela contém os elementos de reflexibilidade e os fundamentos para a ação social. (GIROUX, 1986, p. 95).

A ideologia deve ser compreendida como instrumento de análise crítica e com dimensão política. Lira (2010, p. 233) fundamenta-se na ideia de Giroux, ensejando que:

Trata-se também de um constructo político, pois (1) torna o significado problemático e questiona a desigualdade de acesso aos recursos materiais constituintes das condições para a produção, o consumo e distribuição de significado; e (2) levanta questões sobre a prevalência de certas ideologias sobre outras dentro de determinadas práticas sociais organizadas em derredor de sistemas sociais específicos, e sobre quais interesses elas servem. Nesse sentido, 'ideologia' relaciona-se intimamente à noção de poder, particularmente por acentuar os modos complexos através dos quais as relações de significado são produzidas e por que há um campo de luta por tais relações.

4.4.2.3 Escolarização e currículo oculto: discurso crítico

Para Giroux (1986), o debate sobre currículo oculto somente será fecundo quando transpuser a dimensão descritiva e chegar à crítica, concepção que se reveste pela Teoria Crítica Social da Escola de Frankfurt. Com base nisto, e sem perder de vista a discussão travada sobre problemática, o currículo oculto é contemplado sobre três enfoques:

- a) **tradicional**, pelo qual o currículo oculto atrela-se às normas sociais e seu conjunto de crenças e valores morais, que se consolidam através da socialização, sendo, portanto, este currículo agente de reprodução no processo de escolarização; neste enfoque, segundo Lira (2010, p. 234): “A problemática é governada pela pressuposição-chave de que a educação tem um papel fundamental na manutenção da sociedade existente.”
- b) **liberal**, quando situa o currículo oculto sob a dimensão do poder e da ordem social que se fazem presentes na sala de aula, abrindo mão do estudo acerca das estruturas sociais para por evidência a análise sobre como os significados são aí produzidos e negociados; Lira (2010, p. 324) aponta que a problemática deste enfoque “[...] tem por cerne a questão de como o significado é produzido na sala de aula.”
- c) **radical**, ao contribuir para compreensão da escola em sua função política, na medida em que lança o olhar para as relações sociais da instituição educacional como espelho das relações no mundo do trabalho e admite a *reprodução* como força determinante na configuração da escola, incluindo a ideia de classe e dominação; a problemática emergente deste enfoque, de acordo com Lira (2010, p. 324) “[...] tem como questão central o modo através do qual o processo de escolarização funciona para reproduzir e manter as relações de dominância, exploração e desigualdade entre classes.”

Acrescento, pois, que Giroux não poupa crítica às concepções de economia política de currículo oculto, por considerá-las impregnadas de uma austeridade ortodoxa, e, por conseguinte, reducionista no que tange as ideias de dominação e socialização, inviabilizando a possibilidade de resignificação dos processos e transformação da sociedade.

Destarte, Giroux (1986) vislumbrando uma noção mais significativa de currículo, propõe uma redefinição de currículo oculto considerando:

- a) a compreensão das culturas e ideologias *silenciosas* que interferem no conhecimento escolar, tanto na forma como este é trabalhado como os critérios que o elegem;
- b) a noção de libertação, pautada em valores que contemplem tanto a dimensão individual como a social, permitindo pensar criticamente e, por conseguinte, vislumbrar e questionar a lógica que alicerça o discurso;
- c) uma teoria de escolarização que atente para reprodução e também para transformação do conhecimento;
- d) a concepção mais ampla de escola, concebendo-a como espaço humano, portanto território de dominação e contestação;

Ao escrever sobre o currículo oculto fundamento na teoria radical de escolarização, Giroux (1986, p. 44) argumenta que

Um enfoque mais viável para se desenvolver uma teoria da prática da sala de aula terá de se basear numa fundamentação teórica que reconheça o jogo dialético entre interesse social, poder político e poder econômico, de um lado, e conhecimento e prática escolar, por outro lado. O ponto de partida para tal enfoque é a tradição e crítica educacional que emergiu em torno da problemática da escolarização e currículo oculto no final da década de 1960 e no início da década de 1970.

A despeito disso, acrescento que o conceito de *currículo oculto* proposto por Giroux (1986) leva em consideração as teorias funcionalista e liberal em educação, na medida em que questiona o conformismo das referidas teorias, por atribuírem à escola a ideia de território politicamente neutro ou desconectado da sociedade como um todo.

A fim de discutir o processo de escolarização, Giroux (1986) vale-se das *Teorias da Reprodução em Educação*, que tratam este processo como um mediador dos interesses dominantes e reprodutor das condições que garantem que a divisão social do trabalho se mantenha - conceito que desvela a ideologia que perpassa a escola. Entretanto, considero esta perspectiva limitada por estar profundamente centrada nos mecanismos estruturais da reprodução, desconsiderando a ação humana e, dialeticamente, a possibilidade de resistência à dominação; em síntese, a teoria da reprodução em educação, ao conceber a escolarização, não se imbui da visão dialética de ideologia.

Fica patente a ideia que as instituições educacionais devem ser concebidas como espaços instituídos de múltiplas dimensões, como as econômicas, as culturais e as sociais; admitindo ainda que estes espaços e estas dimensões se constituem mútua e dialeticamente, além de delimitarem as questões de poder e controle.

Destarte, as instituições desempenham um papel bem mais complexificado e pluralizado que a ideia de repassar de maneira objetiva um conjunto comum de valores e conhecimentos. Tais instituições são, sobremaneira, palcos onde se *a(re)presentam* as formas de conhecimento, as práticas de linguagem, e também as relações e os valores sociais, em que todas estas advém de seleções e exclusões particulares da uma cultura mais ampla. Como vistas à Teoria Crítica de Giroux, as escolas atuam na introdução e legitimação das formas particulares da vida social, superando sua contemplação sob a ótica de instituições objetivas, segmentadas da política e de poder.

De fato, observando o debate de Giroux (1986) sobre escolarização e currículo oculto, as instituições educacionais são esferas *controversas* que incorporam e expressam as relações de poder, os tipos de conhecimento, a ideologia, e as formas de regulação moral, mas também pode ser espaço de resistência e de redimensionamento dialético de subjetividades.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como mencionado anteriormente, são expressos e discutidos os achados da entrevista e da observação de forma articulada e dialógica, em congruência com a base epistemológica que norteia esta análise, de orientação hermenêutico-fenomenológica. Inicialmente, alvitro a mostra, discussão e interpretação analítica dos dados e ao final proponho uma síntese crítica.

5.1 Dimensão técnico-pedagógica

O processo de análise dos dados empíricos permitiu a acessar a percepção dos formadores e egressos sobre os elementos técnicos e pedagógicos que constituem a formação dos bombeiros, o que será apresentado através das subcategorias que compõem a dimensão técnico-pedagógica.

5.1.1 Racionalidade técnica-instrumental

De acordo com Weber, o conceito de “racionalização” se desenvolveu fundamentalmente pelas ciências ocidentais em seus aspectos técnicos. “Essa racionalização intelectualista [...] devemos à ciência e à técnica-científica.” (WEBER, 1993, p. 30). O desenvolvimento de uma ciência racional fundamentada em princípios racionais e no método científico é um produto do ocidente. Os intelectuais da escola de Frankfurt também voltaram seus olhares ao conceito de racionalidade na teoria crítica da civilização. Horkheimer (1976) define com maior profundidade o conceito racionalidade instrumental, distinguindo duas formas de razão: a razão

subjetiva, interior, e razão objetiva, exterior. A razão subjetiva (instrumental) é a faculdade que torna possível as nossas ações, pois dela advêm as classificações, inferências e deduções, ou seja, é a faculdade que possibilita o “funcionamento abstrato do mecanismo de pensamento [...]”. A razão subjetiva se revela como a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado” (HORKHEIMER, 1976, p.11 e 13). Os relatos a seguir explicitam a racionalidade que caracteriza os cursos de formação dos bombeiros:

um curso que eu posso dizer é um curso fraco (...) REFERINDO-SE AO INSTRUTOR... não repassava a contento os conhecimentos sobre bombeiro, na época o negócio dele era só mais sala de aula , ensino de polícia, é ... sala da aula e ensino de polícia (...) nós passamos a bem dizer... como nós chamamos no quartel, bem dizer enchendo linguiça no primeiro mês, não aprendemos quase que nada. (PRAÇA EGRESSO)

É um tempo que a gente não vai aprender tudo, principalmente como a gente diz que uma ocorrência, uma ocorrência na teoria, quando é na prática, a teoria é outra, né, como na prática. Você tá entendendo, né? Porque é muito bom você estudar uma ocorrência numa sala de aula com tudo confortável, então a gente tem mil e uma soluções, quando você chega no local, aí você vai às vezes lutar pelo tempo da vida daquela pessoa, curiosos que mais atrapalham, porque muita gente pensa que sabe, (...) até que vem gente furtar objetos, a gente tem que ter até cuidado nesses materiais das pessoas, porque ainda pertence aquela pessoa, né? Então, as pessoas às vezes se colocam em perigo na cena, pode ser eletrocutado, às vezes atropelado. (...) Muitas variáveis como essas, então a gente tem que se preocupar com todo o cenário, tem que ter a nossa segurança também que a gente as vezes pode se contaminar, pode se cortar, a gente pode se ferir, sofrer um choque elétrico, então até mesmo atropelamento como já sofreu, agressões de populares, certo? A nossa formação foi bem específica certo? Foi bem, é...foi de bombeiro mesmo,certo? (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Na realidade, o curso de formação, o curso que nós tivemos, assim, mudou muito da minha época para cá. Mas o meu curso de formação, ele foi um curso mais voltado para a condição digamos assim, braçal, por quê? No corpo de bombeiros, as mudanças foram muitas e até meados dos anos noventa e até dos final dos anos oitenta, início dos anos 90 tinha uma formação muita voltada para a questão, digamos assim, muito braçal. E... tinha também um preparo para o lado emocional, tinha, mas a visão era pra área braçal da profissão. Então, nós tivemos, assim um curso que ele trabalhou a questão humana? Trabalhou. Trabalhou a questão emocional? Trabalhou. Mas, digamos, a questão cidadã em si, já foi menos trabalhada em relação aos cursos de hoje. As mudanças foram muitas nesse sentido. Trabalhava mais a questão braçal do que propriamente questão intelectual, a questão moral da profissão em si, mas mudou muito no decorrer desses anos. Hoje a formação tá muito diferenciada, a formação cidadã tá diferenciada, a formação voltada mais pra questão humana tá também diferenciada. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Perseu e Ulisses minimizam o papel da fundamentação teórica durante o processo formativo, e a teoria aparece desvalorizada em seus discursos. O segundo

por sua vez, remete-se ao cenário da atuação profissional como sendo o critério determinante do que o bombeiro precisa se instrumentalizar. A dimensão técnico-pedagógica dos cursos de formação atravessa a história da instituição e dos seus processos formativos e é percebida por Ajax como tendo passado por melhorias na medida em que, em sua visão, inseriu a dimensão cidadã na formação do bombeiro militar.

Contraopondo com a fala dos demais entrevistados e com a minha inserção no campo empírico, observo que, embora esta mudança tenha ocorrido, os cursos permanecem seguindo uma racionalidade instrumental, com adaptações para os sujeitos e os processos da sociedade atual; mudanças estas que estão a reboque dos formadores, pois, segundo Jasão, o currículo de formação do bombeiro tem precária estruturação técnico-pedagógica, cabendo aos instrutores a condução do processo, conforme seus valores, crenças, atitudes, o que me permite afirmar que o currículo é regido de forma preponderante pela dimensão oculta.

Mas aqui, como formador, eu vou te dizer uma coisa, assim, que vai te deixar estarecida: não tem planejamento. Lamentavelmente, não tem. As pessoas são lançadas pra serem professores, instrutores dos cursos: “tá aí tua disciplina e desenvolve”. Não existe uma unidade, quem tá na coordenação não se preocupa em reunir os professores, os instrutores, conversar, dialogar e determinar uma linha a ser seguida, uma espinha dorsal que seja importante que os alunos sofram, né? Passem por esse processo a fim de que haja uma formação, uma construção do espírito bombeiro em cada um, né? Importante... Eu sempre, quando trabalhei na seção de Ensino como aspirante, eu comecei como aspirante como tenente, eu não tive força de fazer isso, porque tinha muita gente acima, né? Então naquela época eu já tinha mais ou menos esse entendimento que era preciso ter uma espinha dorsal. E hoje, depois da formação do Mestrado, eu vejo o quanto a nossa formação é “capenga”, né? É delicada por conta disso, não há uma unidade. As pessoas, eu vejo muitos oficiais nas instruções, eles fazem isso livremente, mas não porque sigam uma diretriz, uma doutrina, uma determinação da coordenação do curso, então é, são iniciativas pessoais. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Aprofundando a discussão sobre o que Jasão chamou de iniciativa pessoal dos formadores, Deon, em sua fala, ilustra esta realidade, possibilitando observar a manifestação da dimensão oculta do currículo.

A partir do momento que eu estou formando novos profissionais com as pessoas que já tenham a vivência e conhecimento técnico e a vivência, a satisfação de atuar, de está dentro daquela profissão, o momento que ele está ministrando a aula ele não passa apenas o conteúdo programático, limpo e seco. Eu não pego uma apostila e te digo: um exemplo: ah! vamos estudar hoje a metodologia do fogo. O fogo é surge do..., nós temos o triângulo do fogo: oxigênio, material combustível e uma fonte de calor. Não!

A gente fala mais isso aí, a gente fala mais na experiência, a gente puxa experiências que nós temos passadas, então a pessoa a gente acaba envolvendo a pessoa, o aluno, não só no mundo científico mas no mundo emocional daquele processo. Então, o gostoso disso aí...dessa relação de ser o instrutor da casa que tem sua experiência é passar essa emoção. Então, eu passo ali como sendo bombeiro, se alguém pergunta, eu faço questão de destacar a situações vivenciadas de ênfase, porque uma de nossas características de nossas atividades é... após o término de uma ação você ter a satisfação da resposta de quem a gente atendeu. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Articulando discurso dos egressos, Perseu e Ulisses, com a fala de Deon, é possível ver uma convergência da valorização da experiência operacional que funciona como recurso pedagógico de subjetivação, extrapolando a dimensão racional e atingindo o mundo emocional do aluno, a partir de histórias e vivências que são narradas em sala de aula. Deon chega a explicitar essa ideia, ao dizer:

essa ideia subjetiva que não tá formalmente escrita no conteúdo programático é que é passado com é.. (...) história é como se fosse... É um discurso de um professor que é bombeiro. Por que se me permite, podemos lembrar até no passado, no passado não tinha escrita, mas tinha a transmissão oral, as gerações iam contando o que aconteceu aos seus jovens, aos seus jovens até chegar um ponto da linguagem formal até então era legal a transmissão, até hoje acontece que a gente transmite e quer se envolver com a pessoa, as experiências, os contatos, da vivência e isso é bacana é interessante, dá um diferencial. (...) Na formação, eu vejo como um grande diferencial. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Refletindo sobre estas falas, problematizo acerca dos desdobramentos desta concepção de processo formativo e remeto-me à Adorno e Horkheimer (1973) quando pontuam que a grande implicação da racionalidade instrumental foi à perda da autonomia do indivíduo. Neste sentido, a racionalidade técnica põe em *processo de “extinção”* as tentativas de ruptura, diante disto, a sociedade passa a funcionar ancorada neste aparelhamento ideológico e os currículos prestam sua contribuição no sentido de alimentar ou perpetuar esta lógica. Em um processo formativo militar, parece “congruente” balizar-se nesta visão de mundo e de ser humano, na medida em que aquele território é caracterizado entre outras coisas por obediência, disciplina e relações de poder.

Os achados revelaram e reforçam ainda outro aspecto da racionalidade instrumental, que domina a dimensão técnico-pedagógica da formação dos bombeiros, e se entrelaça com a discussão feita há pouco, trata-se da valorização atribuída à operacionalidade, atividade fim destes profissionais, e das simulações de

ocorrências que permeiam o cotidiano de trabalho. Neste sentido, o discurso de Perseu reflete um currículo vivenciado a partir destas simulações do cotidiano operacional do bombeiro, sugerindo uma racionalidade instrumental.

na época havia dois pelotões de recruta, turma A e turma B, aí todos nós... era de 13 horas até 17 horas, a tarde, todo o dia, de 2ª a 6ª, a tarde toda instrução de combate a incêndio, como tinha um simulacro né... lá no quartel central de um tanque, tanque de combustível aí nossos colegas colocavam fogo nesse tanque aí nos simulávamos como se fosse um incêndio. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

A valorização da operacionalidade é tão acentuada que gera problematização do egresso, Aquiles, acerca das técnicas e dos instrumentos pedagógicos disponíveis em contraponto com as exigências da prática profissional. Ao questionar a forma como as atividades práticas são ensinadas, no curso de formação (recrutamento), e a repercussão disso para a formação profissional, põe em evidência o quanto a dimensão técnica-instrumental é considerada condição de boa formação. Ainda neste sentido, emerge a figura do bombeiro mais antigo como personificação da racionalidade vigente, na medida em que este é detentor de uma técnica mais refinada pela experiência de anos de atuação, espera-se que ele preencha a lacuna deixada pela formação, aproximando o egresso da realidade de atuação.

(...) falta deixar o recrutamento bem mais próximo do real. Falta isso, falta muito isso. (...) Levando pra parte de altura, você só trabalha na torre (...) com uma altura de 10 ou 15 metros, quando vai pra uma ocorrência é 60 ou 50 metros. A parte de sistema aqui de identificação de forças pra descer em espaço confinado (...), um sistema que a gente monta que é pra descer em espaço confinado, e o camarada não desce num espaço confinado, quando na realidade na ocorrência, vai descer no espaço confinado. Qual a implicação disso para o profissional hein? Má formação. Se você não forma o homem bem, como é que na hora da... atividade vai exercer essa atividade... com precisão, daí então que a peça fundamental que é o antigo. Está ali, já vivenciou aquilo muito tempo. (...) O antigo ele sempre vai ser importante, sempre! Devido (...) esse distanciamento que fica entre a formação e a execução, então vem o antigo pra tentar aproximar vocês dessa realidade. A senhora falou tudo agora, é assim que funciona. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Apesar da importância dada aos bombeiros mais experientes, trata-se de uma dimensão presentificada deste bombeiro, ou seja, de um profissional que ainda esteja em atuação para que, através dos seus atos em atividades operacionais, outro bombeiro, movido por um desejo individual, possa aprender com sua experiência. Segundo Jasão, não se trabalha no processo formativo a história e a

memória da instituição e dos indivíduos que a compõe e se destacaram em suas funções.

E aqui na nossa disciplina de História da Corporação, infelizmente a gente não tem história. Lamentavelmente, a gente não tem história, a gente não conta dos nossos feitos, tem registros dos avanços que foram conquistados, não tem... Não se mostra. Tanto é que se você perguntar pros soldados que entraram, pros cabos recém- promovidos que foram soldados dessa última turma, eles não sabem o que é o bombeiro do Ceará, o que foi feito nessa instituição, os grandes incêndios que aconteceram nessa cidade, não se tem memória, o que foi aprendido nesses eventos, né? A instituição não é um, uma instituição “aprendente”, lamentavelmente. Eu aprendo individualmente com a minha prática, mas esse meu aprendizado individual não repercute no aprendizado da instituição, lamentavelmente. (OFICIAL FORMADOR- JASÃO).

Se por um lado, Jasão ratifica Aquiles ao sinalizar a importância dos bombeiros antigos e de seus feitos, por outro ele ratifica a racionalidade instrumental da instituição, na medida em que não há espaço no currículo para formar o bombeiro também como ser histórico.

Avançando nos achados, Jasão aponta a repetição de ações operacionais como recurso de ensino-aprendizagem, evidenciando a racionalidade técnico-instrumental, cuja intenção é formar um hábito e um padrão de comportamento automatizado, que, na percepção do formador, tem uma utilidade social, pois possibilita um exercício profissional mais qualificado, com menos acidentes de trabalho. Analiso ainda que parece existir outra intencionalidade nesta lógica, um padrão de comportamento racionalizado e automatizado parece funcionar como escudo protetor das emoções²⁴ e minimizam o estresse que, por si só, está presente no cenário de uma operação realizada por um bombeiro.

É porque a formação de certas ações não me permite mais pensar na ação, eu já tenho que dar a resposta esperada pra determinada situação. “Vai no automático”. É pra ser no automático, em certas situações. Por isso que se repete, porque eu tenho que ter o disciplinamento dos músculos, o disciplinamento do corpo, né, o preparo físico também tá dentro disso, né. Por exemplo, atender um, uma vítima que tá caída no chão. Como é que eu vou colocar na cabeça que eu tenho que chegar na vítima, e me ajoelhar ao lado da vítima? Eu tenho que repetir várias vezes. O racional é fácil, todo mundo entende, né? Mas aí coloca uma pessoa sentada lá no chão, você mesmo vai tender a não sentar, a não ficar de joelhos, vai tender a tentar se aproximar da vítima em pé, por sobre a vítima, ou só sobre os joelhos.

²⁴Na categoria intitulada de AMBIGUIDADE apresento e discuto a concepção de emoção que a instituição alimenta. Nesta perspectiva, articulo com a análise aqui empreendida, em que evidencio que há uma tentativa de se proteger e minimizar o papel das emoções, através de mecanismos de defesa como a racionalização que, embora possam funcionar, em alguns momentos não dão conta, sustentando assim uma vivência ambígua.

Então você tem que aprender a disciplinar a ação como ela deve ser feita. E isso tem um motivo de ser: pra que a pessoa não tropece e caia em cima da vítima, e machuque mais ainda. Então eu vi uma pessoa no chão, ao me aproximar dela, eu me ajoelho. Pra eu ter apoio, pra não machucar a vítima. Então a repetição de certas posturas, de certas ações, que são feitas à exaustão mesmo, que é pra pessoa não esquecer, porque na hora da ocorrência a gente tá num momento de estresse, num momento que eu tô fora da minha normalidade, e eu vou responder com aquilo que eu estou acostumado a fazer, com o que eu estou habituado a realizar. (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

Analiso, ainda, que, em geral, os discursos revelaram uma percepção dos Bombeiros que deságua na ideia proposta pela Escola de Frankfurt, em que os processos racionais são plenamente operacionalizados. E diante do que preconiza Horkheimer (1976), sobre a razão instrumental se opor à razão crítica, perspectiva na qual se alicerçam os recursos técnico-pedagógicos da formação dos bombeiros, não seria, portanto terreno fértil para o exercício da criticidade, a menos que por um movimento de resistência, mas, sobretudo de uma postura disciplinada e de assimilação das regras e da cultura da instituição.

5.1.2 O currículo a serviço da ditadura

Ajax refere-se ao período histórico da ditadura e suas consequências para a instituição e para os processos formativos.

Porque se trabalhava muito a questão do militarismo e deixava de trabalhar, às vezes, a questão social, deixava de trabalhar instruções voltadas pra área operacional em si, pra área social, e trabalhava muito a questão do militarismo. Sabemos que tem que ter a questão do militarismo, mas é... principalmente na instituição de bombeiros que tá trabalhando mais com a sociedade, diretamente com a sociedade, não precisava ter aquele militarismo tão forte quanto tinha. Então a meu ver isso atrapalhava as ações (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Ao apontar para um dado histórico, Ajax suscita a ideia da dimensão técnico-pedagógica como recurso político e disciplinador, denotando uma intencionalidade do currículo, este se prestava a manutenção de uma ideologia vigente naquele momento do Brasil, advinda da ditadura militar. Através da fala de Ajax, evidencio a concepção de currículo como ferramenta de controle social em que conteúdos são priorizados de modo a alimentar a ideologia hegemônica, pois como propõe Apple (2006) em sua teorização crítica sobre currículo, parte do pressuposto que as relações de poder e o currículo constituem mutuamente na “engrenagem”

dos processos formativos. Neste sentido, há uma intencionalidade nas práticas desenvolvidas, como por exemplo, no contexto histórico de ditadura militar. Silva (2011), ratificando as ideias de Bernstein, Bourdieu e Young, pontua que o conhecimento proposto e vivenciado no currículo é produto dos interesses das classes e grupos dominantes.

5.1.3 O curso como instrumento de poder disciplinador

Podia ficar sexta, sábado e domingo? Poderia, mas ia variar da ocorrência, daquela anotação, da gravidade, né? Se era leve, média ou grave, a gravidade daquela anotação, variava de leve média ou grave, e decidiam lá, certo? Decidiam. Então no curso se aprende também a ter juízo, né? Ter juízo, exatamente. É aquele negócio, a gente tem que aprender a hierarquia e disciplina. A hierarquia e disciplina tem que ter em todo canto, a pessoa pensa que é só de militar isso. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Dimensão histórica: a relação entre a ditadura, o poder disciplinar e os processos formativos.

O militarismo era aquelas ações muito voltadas para questão da disciplina forte dentro dos quartéis, e aquilo dali em determinado momento custava à gente, dos quartéis que tinha de outra visão, então era uma instituição muito fechada. E atrapalhava nosso momento social muitas vezes com os próprios companheiros, em muitas situações, você temia é... determinadas conversas de determinados companheiros, então atrapalhava o relacionamento social da gente com a própria tropa e aquilo dali se via também no convívio das ações operacionais, das ações da gente como bombeiro. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Analisando o discurso de Ulisses fica evidente que o processo formativo vale-se de recursos pedagógicos para trabalhar duas ideias que funcionam de forma particular como identidade de uma instituição militar: A hierarquia e a disciplina; concepção semelhante à de Ajax, que denomina de militarismo os conteúdos e as ações que visam estabelecer regras e rotinas e que são adotadas na instituição e nos cursos de formação, ações estas que ultrapassam o processo de ensino e de aprendizagem, permeando e mediando as relações sociais entre os indivíduos inseridos neste contexto.

Apontando nesta mesma direção, Deon menciona um dado histórico sobre os cursos de formação em que a ideia do poder disciplinar está posta na própria denominação que era dada à escola de formação de bombeiros na década de 90.

uma das coisas interessantes que eu tô lembrando aqui é porque... o que é mudança cultural, na sociedade? Nós tínhamos aqui antigamente chamada a ESAB (Escola de Adestramento de Bombeiros). Até 2000, ...não, acho que até 95. Percebeu-se na própria denominação da escola que isso é uma mudança de sociedade. Nós tínhamos, nós estamos adestrando pessoas? Não é adestrar, nós estamos formando pessoas, chamando pessoas pra trabalhar conosco. Eu não tô mais adestrando, eu tô formando, até nisso valoriza o profissional que está doando e valoriza aquele rapaz que... desculpa, aquele cidadão que está ali aprendendo, valoriza o ambiente. Então, diz "Ah, só o nome, não foi grande coisa", é como um hino, se eu tô repetindo o hino, eu tô cantando valores, se eu tô dizendo aquele nome daquelas escolas de adestramento, no mundo afora adestramento está voltado a animais." Agora lá, lá... é uma academia", não, mas eu tá formando aqui é animais. Então, gera nas próprias pessoas um estímulo. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Ainda na formação, durante o processo de aprender a ser bombeiro, já é sinalizada a reduzida tolerância às falhas ou erros, não havendo espaço para "ser um voador", denominação que faz parte da cultura da instituição e emergiu algumas vezes durante a observação e que discutirei adiante. Antes disso, apresento o discurso de Perseu e Ulisses:

no recrutamento, passamos quase que oito meses, o início era seis meses de recrutamento a previsão, aí em decorrência...sempre quando está pertinho de terminar o curso, tem aqueles é meio, como nós chamamos de cara de pau, esses voadores aí "aumenta mais um mês o recrutamento!" tal e tal por causa desses um ou dois voadores, aumentou mais um mês o recrutamento. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

ficava, era direto, foi dois anos e meio o nosso curso "Vivendo dentro do quartel" no quartel, você saía só no final de semana, férias, final de semana se você não tivesse nenhuma transgressão anotada no livro como a gente fala, registrada no livro. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Perseu e Ulisses apontam as estratégias pedagógicas adotadas durante o processo formativo no sentido de lidar com as eventuais falhas técnicas ou disciplinares dos bombeiros.

Evidencio uma dimensão técnico-pedagógica mediada por sanções disciplinares, na medida em que, em face das falhas cometidas por alguns alunos, o curso de formação é estendido ou são vetados os finais de semana de descanso fora do quartel, em casos de cursos que ocorrem com aquartelamento durante a semana, -estratégia que denota uma correlação com os aspectos cotidianos da profissão, como evidenciada na nota do Diário de Campo:

A inserção de campo tem me possibilitado vivenciar aspectos relacionais do cotidiano do quartel, alguns de ordem tão simbólica que sinto dificuldade em

registrar-los. Estava percorrendo o pátio do quartel central, quando um oficial se aproxima para me cumprimentar e se certificar se eu estava ali por ocasião da pesquisa de doutorado, confirmei a razão da minha presença e o oficial logo prontificou-se a falar algumas coisas e mostrar alguns lugares que poderiam contribuir com a pesquisa. Neste momento, fomos abordados por um praça que trabalha no mesmo setor que o bombeiro oficial e o procurava para assinar um documento. Ao ser interpelado sobre alguns procedimentos deveriam ter sido feitos, antes mesmo que o oficial assinasse o papel, o praça informa que ainda não tinha feito, mas garante que o faria. O oficial assinou, recomendou “pela terceira vez” (palavras usadas por ele) que o praça não esquecesse o passo a passo do procedimento, este pediu permissão para sair, prestou continência e quando se afastou, o oficial inicia um diálogo sobre os “voadores” da instituição. Neste momento, ele perguntou se eu sabia o que era um voador e embora eu tivesse compreendido a forma como aquela terminologia era empregada, eu pedi que ele me explicasse melhor, durante a explicação, passamos por outro bombeiro, praça, que estava de serviço, oficial nos apresentou e disse: “Este é um bombeiro de verdade, Doutora, o cabra é desenrolado, esse a senhora deveria entrevistar, oposto a alguns voadores que temos por aqui.” (DIÁRIO DE CAMPO, DATA: 17 DE JUNHO DE 2014).

Enquanto pesquisadora, produzi um relato acerca da percepção que esta vivência me trouxe:

Pude participar de um momento com aspectos aparentemente tão elementares, mas repleto de complexidades. No diálogo entre o oficial e o praça emergiu um jargão já internalizado pelos bombeiros e revelador de uma comunicação simbólica, o lugar de certa forma pejorativo e impróprio que alguns bombeiros assumem por ocasião de erros recorrentes, o de voador; enquanto outros bombeiros parecem personificar o padrão profissional esperado, neste caso, são chamados de desenrolados. Enquanto os primeiros parecem ocupar um papel inadequado, os desenrolados são qualificados como a imagem que representaria a identidade profissional idealizada.

A discussão acima revela um aspecto que não fica circunscrito ao cotidiano de trabalho, ele atravessa os processos formativos. Jasão apresenta um discurso que está relacionado com as ideias trazidas por Perseu e Ulisses, na medida em que fundamenta a necessidade de apurar as técnicas, pois o erro pode colocar em risco a própria vida ou dos demais colegas que estejam trabalhando juntos, mencionando isto como um valor a ser internalizado pelo bombeiro. Dentro desta lógica, os erros de qualquer natureza são coibidos inclusive com o recurso do aquartelamento, ou seja, o indivíduo fica detido no quartel, como sugeriu Ulisses.

então a gente tem que aprender a lidar com o risco. O bombeiro, ele trabalha num ambiente de risco, mas sabendo mapear os riscos. Esse é o

diferencial que as pessoas pensam que a gente entra num incêndio aleatoriamente, sem saber o que tá fazendo. Mas a gente tem um treinamento pra entender como agir dentro de um ambiente como esse e continuar vivo, que equipamentos a gente pode dispor, que aqui a gente não tem muitos, mas existem alguns equipamentos que vão me garantir a vida mesmo num ambiente de alto risco. E aí, se eu não souber operar lá dentro, aí é que o risco de morrer é muito grande. Então, se eu souber operar, se eu for bem formado, como decorrência eu vou ter sucesso nas minhas operações, né, ninguém vai se machucar. Pelo menos em tese, né? A gente sabe que o... Com a natureza não se tem muito domínio, né, a gente tem que tá muito atento aos sinais que os eventos nos indicam pra gente poder se antecipar ao que possivelmente possa acontecer. Então é esse olhar clínico que a gente tem que aprender nos cursos de formação também, mas essa questão desses valores, desses princípios que norteiam a atividade profissional, deve ser uma ação perene de todos os instrutores, de todos os que atuam na formação, né? Em todas as disciplinas tem que esses valores estar presentes, tem que perpassar toda a formação do sujeito, a fim de que ele consiga entender o que são esses valores, porque é... Necessário que haja uma mudança interna dentro dele, né. (OFICIAL FORMADOR- JASÃO).

Com o decorrer da entrevista com Jasão, ele aprofunda estas questões, apresentadas e discutidas acima, sugerindo como estratégia ensino-aprendizagem a repetição de uma atividade até que não haja falhas, fomentando o que Jasão chamou de estar no sangue e, como pesquisadora, denomino de INTERNALIZAÇÃO ORGÂNICA.

No combate a incêndio, quando a gente vai fazer, tem uma operação chamada de "bomba armar". Quê que é o "bomba armar"? É um encadeamento racional das ações pra esticar as mangueiras, fazer o combate e enrolar as mangueiras, preservando o meu equipamento. Como eu tenho poucos equipamentos, eu tenho que cuidar do que eu tenho. Então essa operação é uma operação que desenvolve a ação de combate a incêndio de modo racional, preservando todo o equipamento que é utilizado. Como é que eu vou aprender isso? Executando uma vez, duas, três, quatro... Executando. Então quando eu começo a executar pela terceira vez, eles já começam a chiar, a achar ruim. "De novo?", "De novo. Vamos fazer até não aparecer nenhum erro". E o resto da vida operacional, tem que se fazer o "bomba armar". Tem que tá no sangue... (OFICIAL FORMADOR- JASÃO).

Diante dos achados, evidencio que o currículo de formação do bombeiro funciona como recurso de poder disciplinador, cujos recursos técnico-pedagógicos revelam uma (in)tolerância aos erros, o que parece mediar a introjeção da hierarquia e da disciplina e fomentar o que chamei de internalização orgânica, isto é, um processo de apropriação das técnicas profissionais que transcende o saber fazer e, simbolicamente, 'atravessa' a carne, chega ao sangue e faz surgir um outro ser, uma nova pele.

5.1.4 Forjando o “bombeiro de ferro”

A rotina dos cursos inclui valorização do esforço físico no processo de formação, torna-se, portanto, uma aptidão e uma via a ser trilhada no processo formativo.

primeiro pela manhã educação física “tá” educação física militar”, começava a 6 horas, (...) às vezes nos íamos do quartel central correndo até ao final da Francisco Sá na Barra do Ceara e voltávamos pela leste oeste (...) fazia esse percurso tranquilo, aí quando tínhamos aula de natação nós íamos correndo do quartel central, que é no Liceu ali, até ao SESI da Barra para fazer natação lá nas piscinas, íamos correndo e voltávamos correndo, era moleza, tranquilidade, aí a instrução de educação física não era todo dia era 2º, 4ª e 6ª, aí tínhamos instrução de educação física, instrução de ordem unida, que era marchar, tínhamos instrução geral que era sobre regulamento, sobre patente, sobre as normas e diretrizes de ser militar a tarde, e todos dia a tarde seção de combate a incêndio. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Eu me senti muito desafiado, né? Principalmente no modo de salvamento aquático (...) poxa, achei interessante os desafios que propunham, né, de varar a rebentação (...) você chegar sem material e voltar pra muitos era um terror psicológico fantástico, inclusive dois desistiram, é, diante dessa instrução, né, só que sempre teria alguém do lado, com flutuador com material para resgatar possíveis é... então, já estava tão adaptado que eu, poxa, eu tô brincando aqui se esse realmente é o curso de formação prático, pra mim eu tô em casa, eu tô feliz aqui. (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

Aquiles apresenta um relato que segue na mesma direção de Perseu e Teseu, em que o vigor e a superação dos desafios físicos são cultivados e vivenciados no currículo e percebidos como indispensáveis para o processo de tornar-se bombeiro.

tem que ir buscar fora e a às vezes a gente paga caro, todos esses cursos que a gente vai buscar a gente paga tão caro! “Como assim?” porque dói, falta da família, a gente levado ao seu extremo na parte física, psicológica, fica sem comer, sem beber água, sente muito frio, “faz parte do curso?” Faz parte. Ele forja o bombeiro, né, deixa mais forte, ele forja o bombeiro, eu acho que isso tem que ter, não em excesso, mas tem que ter, “E os cursos promovem isso?” promove rusticidade né, deixa o cara rústico. Isso é bom. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

De acordo com o relato acima, observo que Aquiles vai além, sugerindo que quanto mais próxima da realidade profissional for a simulação e quanto mais o sujeito é levado ao extremo, melhor para o processo de ‘forjar’ o bombeiro rústico,

ou seja, existe uma intencionalidade oculta, por não existir de forma expressa nos documentos curriculares, acerca de um padrão de comportamento, atitudes e crenças que devem ser plantadas no mundo interno do bombeiro e que forjariam um indivíduo melhor ajustado à profissão. E Aquiles complementa:

Então, esses cursos que a gente faz fora, de especialização²⁵ ele te deixa apto a encarar a situação, como nesse de altura, quantas e quantas vezes eu fiquei pendurado (...) por vários minutos, entendeu? Quantas situações eu tive que ficar a oitenta, setenta metros... Aline: Isso é planejado no curso? É planejado (...) É planejado! Tá aqui na situação real que você possa pensar! Tudo real! (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Corroborando com as ideias de Perseu, Teseu e Aquiles; Ajax sugere que a valorização do esforço físico, incluindo trabalho braçal, nos cursos de formação dos bombeiros, tem raízes históricas e relaciona-se com a natureza e a concepção da profissão, associada a um período em que a sociedade não dispunha de ferramentas e máquinas mais sofisticadas que ajudassem na execução de algumas tarefas, deixando um legado cultural e ideológico que atravessou o tempo e se mantém vivo até os dias atuais, mesmo que com outra “roupagem”.

Porque na verdade a gente trabalhava mais voltada digamos para a questão sapador(...). Era uma nomenclatura do corpo de bombeiros dos anos 50 até os anos meados, início dos anos 70, que ele era militar, mas ele também era chamado de corpo de bombeiro sapador. Ele estava muito voltado para ação para essa parte mesmo braçal a coisa, era ... tinha uma ajuda dos mecanismo dos equipamentos, mas era muito a parte braçal. Então trabalhava muito essa questão sapador os cursos de formação tava muito formado nesse sentido tá muito voltado para essa linha de sapador (...). Dentro da perspectiva do esforço físico. Trabalhava muito essa questão nos anos 80, e pelo que nós estudamos, também nos anos 70, nos anos 60, 70... (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

A partir da fala de Ajax e do legado cultural a que me referi, ilustro um fato registrado no diário de campo, durante a observação participante, a competição do bombeiro de ferro, promovida pela instituição e realizada no quartel central, momento que sugere um evento festivo, em que todos se voltam para assistir os desafios e as provas que os bombeiros inscritos irão realizar. São provas que exigem extrema resistência física e domínio de técnicas de salvamento, tanto em altura como terrestre, que devem ser executadas no menor tempo possível e com perfeição, pois o erro implica em penalidade, pontos perdidos na competição. No dia

²⁵Os cursos de especialização aos quais Aquiles se refere, são cursos promovidos pelo Corpo de Bombeiros de algum estado da federação com o objetivo de especializar os bombeiros em uma área técnica de serviços operacionais, como por exemplo, salvamento em altura.

que realizei esta observação, chamou a atenção os valores, as crenças e o imaginário que permeiam a instituição, cujos atributos de força e bravura que desafiem os limites físicos são desfilados e assistidos com visível orgulho e contentamento. Analisei que isto parece qualificar não apenas os bombeiros que realizam esta prova, mas, sobretudo mantém vivo um imaginário mitificado da profissão. Na ocasião, observei o semblante de muitos bombeiros que assistiam os companheiros realizando seus feitos e me remeti ao mito de Narciso; como pesquisadora, analisei que ao olhar um colega e representante da sua profissão desfilando atributos era como se estivessem nas margens do rio, mirando a sua imagem profissional, e tal reflexo era contemplado com ar de admiração, entusiasmo e enamoramento.

O discurso dos egressos aparece fortalecido pela fala dos formadores.

O bombeiro, ele tem que ter um, um, um preparo físico um pouco diferente. Tanto é que na nossa atividade é sugerido, ainda não é obrigatório, apesar de eu pensar que deveria ser obrigatório, duas vezes por semana, um tempinho pra que o indivíduo, ele faça atividade física pra se manter organicamente saudável. E nos cursos de formação, Educação Física geralmente é a atividade que mais deixa o pessoal desgastado. Durante os cursos isso é obrigatório? A atividade física, sim. É uma disciplina dentro dos cursos, né? É uma disciplina de atividade física, porque ela é a base pro combate a incêndio. Por exemplo, subir e descer prédio, escalar, descer com corda, carregar pessoas no salvamento, pra atividade aquática, pra o atendimento pré-hospitalar, carregar uma pessoa mais gordinha na maca, vou precisar ter uma certa força, então a atividade física colabora nesse sentido. Então, a formação do bombeiro tem que alcançar essas três dimensões, uma dimensão técnica, uma psicológica e uma física. "Independente se essa formação é de um "praça" ou um oficial" Independente da patente ou da graduação do aluno, né. (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

porque assim, sabe, principalmente pra nós militares, porque nós temos uma concepção assim, que o militar com muito ou pouco, ele tem uma atividade física, então como o curso de resgate são três semanas e ele é muito pesado, quando você traz, abre para o público externo, o público civil, nós consideramos a maioria sedentário, né? (OFICIAL FORMADOR - HÉRCULES).

e na hora que eu vou pra aula na sala de aula eu levo toda essa bagagem, não é só o conteúdo em si, não, mas é a experiência, o diálogo, o bate papo, o abraçar pra trazer pra instrução, né, o acolhimento, eu acho muito importante, principalmente o acolhimento. Eu tenho que ter as regras rígidas, eu tenho que ter, é... nós... tá em situações difíceis então eu tenho que treinar a pessoa para o estresse, alguns gritos, isso é um processo natural, fazer uma atividade mais forçada, isso é natural. Mas eu tenho que ter acolhimento, eu tenho que dar aquela pessoa a ideia de que você é bem-vindo, então eu vou passando esse conhecimento, mas você é muito bem-vindo, seja bem-vindo a nossa instrução. Posso ter todas as situações mais complexas, mas faz parte (OFICIAL FORMADOR- DEON).

Evidencio que Deon valoriza a formação do vínculo afetivo-emocional entre formadores e alunos, além da utilização da história oral como recurso pedagógico através do qual transmite valores, experiências e memória; entretanto isso não tira de cena as práticas pedagógicas que proporcionam situações de estresse e de uma atividade forçada e já naturalizada pela instituição; reafirma, portanto uma concepção semelhante ao que Jasão, Hércules e os egressos suscitaram acima.

Hercules aprofunda a importância do esforço físico como cerne da ideia de aproximar os processos formativos daquilo que os bombeiros entendem fazer parte do cotidiano operacional, atribuindo à habilitação do bombeiro na área do salvamento como algo que demanda uma qualificação em três esferas: terrestre, aquático e aéreo.

É o curso de especialização em salvamento. Esse curso são quatro meses. Então são quatro meses aí onde ele vê... começa com emergência pré-hospitalar, que é uma matéria mais assim... podemos dizer mais light, é mais sala de aula e as práticas não exigem tanto esforço físico. E aí a gente vai, na medida que o aluno vai passando naquela cadeira, ele vai pegando as cadeiras um pouco mais pesadas. Então vem salvamento... emergência pré-hospitalar, depois terrestre, depois altura, aquático, que o aquático é muito pesado, o aluno já tem que estar bem condicionado fisicamente, é muita corrida, é muita natação, muito treinamento de resgate pra enfrentar arrebentação, rebocar o companheiro. Então requer muito do aluno né, e a gente encerra com operação de busca na mata. Então somando tudo dá quatro meses. (OFICIAL FORMADOR - HÉRCULES)

5.1.5 Aprende a ser bombeiro fazendo: ver e fazer

Perseu, Ulisses e Jasão aproximam as vozes de egressos e formadores ao apresentarem uma visão pragmática sobre a formação do bombeiro, em que não basta ouvir, é preciso ver e fazer como recurso de aprendizagem.

de manhazinha nós tínhamos instrução na sala de aula e a tarde nós vivenciamos isso, ou seja, é aquele ditado: ver e fazer! De manhazinha nós víamos o material, olhávamos pelas apostilas e nós aprendíamos com facilidade porque pela manhã nós víamos pela apostila e a tarde nós já íamos usar aquele material que nós víamos pela apostila, então, “o ver e o fazer” era bem mais fácil do que só você ver e ficar imaginando como seria o uso daquele material, mas foi é... como disse... foi tempo meio pesado o recrutamento muito pesado, mas tempo bom que não volta mais. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Na prática, com certeza. Na prática ne pelo que você ta dizendo. Então, o curso de formação ele teria importância pra quê? Justamente pra aperfeiçoar essa prática, na prática, chegar já e saber o que fazer, como eu já disse, vai aprender no dia a dia, mas se você tem, vê na teoria, você chegar no local, você saber o que fazer, vai diferenciar muita coisa? Vai. Mas eu já vou saber usar um aparelho, desencarcerador, eu já vou saber fazer, estancar as hemorragias de uma vítima (...) “A vivência é que faz com que sua prática se torne qualificada” melhor, qualificada, com certeza, certo? Então, a teoria é essencial? Muito essencial porque na teoria eu digo, pronto, se eu chegar “Vamos ali doutora, pega ali um divisor pra mim, no ABT, pega uma chave de mangueira, um divisor, um adaptador e traz pra mim ali ta no ABT”. Aí tu vai começar a dizer “O que é ABT?” certo? Foi mal doutora, é autobomba tanque, é o caminhão de combate em incêndio. “E vocês colocam aonde?” Então, isso aí a gente aprende na academia, cada aparelho, tudo isso aí vai aprender, certo? Desenrolar uma mangueira na prática, a duchar uma mangueira. Tudo isso aí vai ser na...a gente...no curso. E quando a gente chegar, a gente vai fazer, até de entrar num ambiente confinado, saber os riscos que tem, até sair, certo? Como eu disse, a gente pode entrar num ambiente confinado seguro, que não pode desabar? Pode, mas a gente já aprende de olhar toda a estrutura, de ver o risco, se a guarnição pode entrar ou não, se isso ali pode desabar. Então, isso aí a gente aprende na teoria, na prática a gente pode, aquilo ali “Não pessoal, não vamos arriscar não, isso aí vai desabar. A teoria é importantíssima? Muito importante, mas a prática no dia a dia vai ensinar muito mais. Muito mais. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Porque apagar um incêndio, apaga o fogo com jato neblinado, a água pulverizada, que é o que absorve calor. E se eu jogar o jato compacto, eu não apago o fogo, a água vai ficar só escorrendo. Mas como é que eu vou dizer isso pros bombeiros? Até digo, mas será que eles vão acreditar, se eles não vêem isso? (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Os relatos de Perseu e Ulisses refletem com clareza a concepção sobre a dimensão técnico-pedagógica dos cursos de formação, tanto de praças como de oficiais, ao explicitarem o caráter experiencial dos cursos. Este lugar de destaque também surge na fala de Jasão ao dizer que para formar bombeiros é necessário equipamentos e recursos, ou seja, uma visão intimamente aproximada ao que Perseu e Ulisses trouxeram.

Olha só, pra eu formar bombeiros, eu preciso de equipamento, de recursos. A gente tem um, um, uma carência muito grande de recursos no campo operacional. Então aí você já pensa na formação, esses recursos nem aparecem. Como é que eu vou ensinar às pessoas a vestirem uma máscara autônoma, que é pra entrar em ambientes gasados, se eu não tenho a máscara? Como é que eu vou ensinar às pessoas a usarem um T-for²⁶, se eu não tenho o T-for dentro da academia, que é um equipamento. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Hércules posiciona-se com questionamentos semelhantes aos de Jasão, problematizando sobre o atual centro de formação de bombeiros, Aesp (Academia de Segurança Pública do Ceará).

²⁶Segundo o próprio entrevistado “T-for é um equipamento de multiplicação de forças. Um homem só consegue levantar um caminhão com um T-for, que é um multiplicador de forças.” (Jasão).

Então eu não concordo com uma academia única, eu concordo assim, uma academia de bombeiro, vamos investir, muito ou pouco, mas vamos investir. A AESP ta lá, foi inaugurada acho que em 2010, não tem nada, é só sala de aula e as piscinas. Por isso que eu não gosto de dar instrução lá. (OFICIAL FORMADOR – HÉRCULES).

Analiso ainda que, ao mesmo tempo em que é atribuída uma enorme relevância aos recursos materiais, emergindo uma compreensão de formação extremamente pragmática, Jasão e Hércules suscitam a precarização de tais recursos. Desta forma, problematizo sobre as implicações disto para os processos formativos. Como pesquisadora, contemplo estes fenômenos com um olhar hermenêutico-dialético, assumo, por conseguinte, uma postura de refletir com criticidade sobre este achado e os impactos sociais que esta precarização formativa podem representar ao estado do Ceará, pois concebendo os bombeiros como profissionais que o são, cuja atividade fim está ligada à vida e patrimônio da sociedade, o que um processo formativo precarizado põe em risco? A resposta parece vir do próprio lema da profissão: “Vidas por vidas”; vidas estas que poderiam estar melhor salvaguardadas se a capacitação e instrumentalização destes profissionais fossem concebidas a partir de um olhar mais sensível à qualificação e ao investimento da esfera pública.

5.1.6 A apropriação dos ‘códigos’ que personalizam a profissão

A análise das entrevistas permitiu identificar como recurso técnico-pedagógico a apropriação dos símbolos e signos da profissão, cujo papel aparece relacionado aos rituais, valores e crenças que entoam.

na época tinha dois corneteiros que davam aula direto com a gente (...) um dia e de outro não, o coronel pegava levava ele para o pátio, para a quadra, tinha uma quadra esporte e botava dois pelotões de recrutamento, aí tocava os toques, todos os toques relativamente ao serviço de bombeiro: bomba armada, bomba armada nº 1, acrescentar uma mangueira, diminuir, avançar o rancho (PRAÇA EGRESSO- PERSEU).

ALINE: Vocês estudam o hino do bombeiro no curso não estudam? “Estudam também” ALINE:O que é que você pensa sobre isso, quando a gente fala do hino até o seu semblante muda, né? (risos) A questão cidadã, o hino ajuda muito trabalhar a gente como um cidadão, isso é bom também, a gente se sente mais fortalecido. Então ajuda a resgatar a autoestima também, então o hino ele serve pra isso pra dar uma...esse dinamismo na gente como cidadão, então a questão cidadã também ele ajuda muito no trabalho. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Com isso, analiso que o currículo vivenciado abre espaço para a internalização dos códigos que compõe a profissão e passam a constituir-se na subjetividade privatizada dos bombeiros, como aprofundarei a seguir.

pelo menos na época a nossa turma tocante os toques, acredito que 90% do recrutamento, nosso recrutamento eram 65 bombeiros.... 32 num pelotão e 33 no outro, dos 65 acho que 90% saiu sabendo 90% dos toques, no tocante, em relação ao serviço de bombeiros. Foi bom demais! (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

no começo eram feitas algumas QTS, que era quadro de trabalho semanal, e na época, às vezes não era obedecido aquelas QTS. Não sei se pela carga de serviço dos bombeiros, não sei como é que era “QTS era o planejamento da semana de aula?” era como se fosse um PA, que nós chamamos hoje em dia plano de aula. Aí a SEI que a seção responsável por todo o planejamento de cada curso que tem, é Seção de Ensino e Instrução, a SEI, seção SEI em que o planejamento digamos, é... Ordem Unida tinha que ter cento e vinte horas aula, cento e vinte hora aula, aí cento e vinte dividia pela quantidade de tempo que era o curso digamos se o curso fosse oito meses se tivesse duas aulas por dia, que a aula é em média de torno de cinquenta minutos, então cinquenta minutos com mais cinquenta minutos dava uma hora e quarenta, uma hora e quarenta, aí dividia cento e vinte dividido por esse valor por essa quantidade de horas que dava o nº de dias, entendeu? (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Apesar de ser previsto no currículo a apropriação de recursos simbólicos, como, por exemplo, o hino do soldado de fogo, trata-se apenas de um processo de treinamento objetivo, sem uma reflexão sobre seus sentidos e significados, o que denota a visão de homem que permeia a instituição e engendra do processo formativo.

tem que aprender a cantar, só. Mas não entendem o significado de cada uma daquelas estrofes. Deveria ser trabalhado, né? Não tem o cuidado de trazer os significados que estão por trás daquelas letras, daquela poesia. É só um hino a ser cantado, “É só uma letra” é só uma letra. Só isso. (...) Cada um se apropria, com a sua forma, com as suas experiências. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Deon também se refere ao hino como recurso técnico-pedagógico de subjetivação, sinalizando uma intencionalidade de despertar valores através de um (en)cantamento que aciona o mundo emocional, atravessando e constituindo-se no mundo interno dos indivíduos; que, segundo Deon, “acabam cantando”, ou seja, dando-lhes voz e tomando para si, apropriam-se destes valores.

não só o hino do bombeiro, hinos eles são criados, até se você observar o hino da pátria, o hino nacional, eles são criados, a maneira e construção

deles é, para aquele segmento que tá sendo voltado, despertar valores que muitas vezes a gente não consegue expressar, tão claramente, e o hino diz isso. Então, quando a gente canta o hino, que é uma prática comum dentro das escolas, nós estamos absolvendo a ideia dos valores, de uma maneira que é interessante porque é uma maneira cantada. E encanta a música e mexe com a gente, e permeia na pele de uma maneira que você nem percebe e quando vê você tá cantando, você já tá dizendo. E claro que com aquelas ideias de valores repassadas é que...onde é que estão os valores? Estão dentro da sequência de disciplinas, aliada a quem está ministrando. Ela acaba identificando no que está vendo ali no dia a dia, presente no hino. Então é como se fosse um casamento, é uma...eu vejo como se fosse uma didática, é...construtiva. Embora muitas vezes a pessoa “Não, o hino foi feito pra focar de uma maneira seca”, mas eu vendo esse processo taticamente eu vejo como uma forma complementar do ensino. “E diz muito sobre essa profissão?” Diz, de uma maneira simples e as pessoas acabam cantando. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Ainda sobre essa valorização e apropriação dos símbolos que caracterizam a profissão, enquanto dimensão técnico-pedagógica, abaixo, Hércules menciona sua importância e o impacto sobre o processo formativo, através do relato sobre a inexistência de uma academia que personalize a profissão.

eu acho uma repercussão um pouco negativa. Porque você... pronto, chega os novos soldados. Fiz a inscrição pros bombeiros passei, você vai pra academia. O que é que ele vai imaginar? Em ver coisa de bombeiro, viaturas, treinamento, torre e tal, e chegando lá ele vê o quê? Uma estrutura onde tem várias pessoas de várias áreas de segurança, polícia civil, polícia militar e corpo de bombeiros. O que ele vê que serve pra bombeiro é a piscina, e alguma coisa de bombeiro que ele vai ver é as visitas aos quartéis, é as instruções. Então, eu acho que isso, que repercute negativamente na formação. (OFICIAL FORMADOR – HÉRCULES).

5.1.7 O Tanque do Jacaré: a face oculta do currículo

tinha um tanque que eu acredito que era acho, que não era três metros quadrados, esse tanque. Foram colocados nesse tanque sessenta cinco bombeiros dentro. Parece incrível caber tanta pessoa dentro, (...) hoje em dia não tem mais esse tanque no quartel central, mas na nossa época tinha. Aí quando nós chegamos lá, ainda era conhecido como o tanque do jacaré, (...) aí pessoal antigo “ó recruta, durante...se voar... é colocado no tanque do jacaré ou então no tanque da cobra”, que o pessoal dizia que, fazia crer a gente que nesse tanque tinha um jacaré e tinha cobra “o que significava ir para esse tanque você ficava lá ?” fazia parte da instrução se você estava na instrução você voava ou você errava, “vai, vai tomar banho vai tomar banho no tanque!” você vinha correndo, mergulhava no tanque, era aquele mergulho como se você pulasse na água, mergulhava e saía bem, tinha medo realmente se tinha cobra ou jacaré, e o pessoal falava “vai, vai para o tanque!” Se mergulhava tentava sair o mais rápido possível, porque nós pensávamos na época que tinha realmente jacaré né? Ou então, tinha cobra, porque no quartel tinha lá uma unidade que era SBS, Seção de Busca e Salvamento (...), o pessoal de Salvamento, eles pegavam muita cobra, aí algumas delas por ser... eu já vi no tanque do recrutamento algumas dessas cobras serem colocadas no tanque só que pela manhã o pessoal pegava elas e dava destino, levavam para serem colocadas noutro local. Só a que a gente pensavam tem... é “rapaz aí dentro tem a casa do jacaré” (...) Só o medo mesmo, mas nunca, nunca, nunca ninguém foi

mordido por cobra ou jacaré nesse tanque, mas o medo era grande. “esses procedimentos que utilizavam você olhando hoje o que você pensa disso assim era que você fala rindo, né ? ” é rindo agora mas isso na época era ALINE: “o que vc sentia ?” muito medo, sentia medo, esperava não ser o primeiro a entrar no tanque, entendeu? (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

quase todas as instruções as vezes tínhamos competição (...) Às vezes ele marcava por tempo, digamos (...) uma boa guarnição para formar todos os procedimentos tem de ser de 30 segundos” equipe que passava daquele tempo, automaticamente já ia diretamente para o tanque, a equipe que bate o recorde e você fazendo menos que uma hipótese, agora não me lembro o tempo, mas imaginamos que era 30 segundos, essa equipe às vezes, às vezes não entrava no tanque “entendi “ mas quando do final “Rapaz, vocês são muito desunidos!” Aí todo o mundo tinha de passar pelo tanque (risos (PRAÇA EGRESSO- PERSEU).

Perseu releva um vivência pedagógica extremamente simbólica, o tanque do jacaré parece representar alguns aspectos da instituição, como a questão da obediência, da disciplina e, como foi mencionado anteriormente, a ideia que os erros ou as falhas de Bombeiro podem trazer consequências e são passíveis de punição. Todavia, ao imergir na observação participante, verifiquei que tais procedimentos são percebidos de forma positiva pelos bombeiros com mais tempo de formados, funcionando como uma via que favorecia a caminhada do profissional, além de se tornar parte das narrativas e parecer conferir uma identidade à profissão.

Durante a observação participante, um bombeiro que nem mesmo vivenciou o “tanque do jacaré”, aproximou-se para conversar sobre a pesquisa que eu estava realizando e, espontaneamente, foi percorrendo o quartel central, a fim de apresentar e explicar algumas questões que pudessem contribuir com a tese. Em um determinado ponto, deu especial atenção à narrativa do tanque do jacaré, verbalizando que “infelizmente, não temos mais isso por aqui, acabou tudo”, denotando descontentamento e sugerindo que o tanque do jacaré faz parte da memória da instituição e que simbolizava uma forma de interagir, uma maneira de tornar o aprendizado dos alunos mais dinâmico.

Voltando ao que Perseu explicita, é possível observar que existe uma ideia de vivência e trabalho em equipe, durante o processo formativo, incluindo as aulas e as avaliações; fato evidenciado, principalmente, quando Perseu narra que, ao final do exercício do tanque do jacaré, mesmo quem não havia errado nenhuma questão e, portanto não havia mergulhado no tanque, era convocado para juntar-se aos demais, como sinal do espírito de equipe e como brincadeira. Neste sentido, a

ideia de fomentar uma compreensão de bombeiro enquanto profissional que trabalha equipe aparece na fala de Deon, como uma intencionalidade do processo formativo.

Aquela sala de aula na realidade, eu via como uma grande equipe, e se naquele momento já existia uma formalidade de uma sala de aula, e passado aquele período de formação, existia um espírito de equipe, se formava o espírito de equipe ali, quando se encontrava fora da unidade, fora da escola, vamos trabalhar conjuntos. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

5.1.8 Formação dos formadores: fragilidade técnico-pedagógica

Sobre o curso de formação em seu aspecto técnico-pedagógico, Teseu traz ainda uma percepção que a aprendizagem foi mediada por profissionais sem formação didática/técnica para ensinar aquele conteúdo, mas que assumem a função pela remuneração extra que isso trará.

eram os conteúdos ministrados por pessoas as vezes que não tinha domínio, até oficiais mesmo que não tinham capacidade de transmitir conhecimentos e estavam ali porque eram na instituição, enfim, teriam que preparar supostamente os futuros militares da sua própria instituição e eles seriam os mais indicados representantes, aí eu vi depois que quando eu entrei aqui, que tem questão de horas aula. Ah! Então, hoje eu vejo, pô, então eles estavam lá para ganhar as horas aulas dele e tal, mesmo não estando tão capacitados foi lá dar uma aula de primeiros socorros, foi falar um pouco de salvamento em altura. (PRAÇA EGRESSO TESEU).

O relato de Perseu encontra abrigo na reflexão de Jasão, ambos põem luzes sobre a formação pedagógica dos instrutores que assumem o papel de mediar o processo ensino-aprendizagem. Jasão vai além e expõe uma vulnerabilidade deste processo, além de revelar em quais bases e critérios o quadro de formadores é constituído.

Não existe um, um cuidado da, é... Da coordenação em acompanhar esse processo, em verificar. Até porque a gente não foi formado pra isso, né. Não existe formação específica no bombeiro pra... na área de ensino, não existe. Não existe esse cuidado. Inclusive, é... Eu conversava com alguns oficiais que a gente não tem um quadro de instrutores, que é o mínimo. Qual é o perfil do bombeiro pra ser instrutor? Qualquer um pode ser instrutor? Qualquer um, qualquer um pode ser instrutor. “Basta ser oficial?” Basta dizer que quer ser instrutor, e liga pra um, liga pro outro, e acaba na sala de aula. Não existe um quadro com... Não existem requisitos, né. A academia vai lançar um edital agora pra contratar instrutores pros cursos que vão ser oferecidos para a Copa, né? Tanto na área de Polícia como na área de Bombeiro. Mas é uma exigência que não é daqui, é uma coisa exógena que veio pra cá pra fazer um edital pra contratar esses instrutores pra ministrar esses cursos. Não existe, como o... Acho que é o Pedro Demo que fala “A gente deveria dar menos aula, né”?, O professor deve dar menos aula e

cuidar mais pra que o aluno aprenda. A gente não tem esse cuidado. As pessoas vão pra sala de aula, despejam lá o seu conteúdo e a coordenação, que deveria agir nessa articulação de todo esse processo, não tem esse cuidado porque não tem formação pra isso, né, não teve a preparação pra isso, infelizmente. (OFICIAL FORMADOR JASÃO).

Sugerindo outra fragilidade técnica-pedagógica, Jasão aponta que os formadores não dispõem de diretrizes que norteiem suas ações, ficando a cargo de aspectos individuais a forma como será conduzida uma disciplina.

Mas, assim, como eu já te falei, de modo individual. Cada um absorveu essa doutrina, essa forma de enxergar a atividade profissional e, ao seu jeito, tenta repassar pros novos bombeiros, né? Não existe uma diretriz que oriente a ação de todos, por enquanto ainda não existe. (OFICIAL FORMADOR JASÃO).

Conforme estes discursos, evidencio que muitos professores assumem disciplinas segundo critérios que não são pedagógicos ou educacionais, tendo ainda a responsabilidade de conduzir disciplinas que não contam com uma orientação e estruturação pedagógica.

De acordo com Gimeno Sacristán (2008, p. 32), “O currículo é um ponto central de referência de melhora da qualidade do ensino, na mudança das condições da prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares”. Problematizo, portanto, sobre os desdobramentos desta fragilidade técnico-pedagógica dos formadores, no sentido que a atuação dos professores está intimamente relacionada com o papel que lhes é conferido no desenvolvimento curricular, bem como o currículo, em sua práxis, se dá através de atuação como sujeito pedagógico. Em uma perspectiva dialética, portanto, a FRAGILIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE não só ressoa na qualidade do ensino, como é igualmente reflexo de uma precarização pedagógica e curricular.

5.1.9 (Trans)formação para salvar vidas

De acordo com Aquiles e Ajax, como estratégia pedagógica, o curso de formação trabalha a ideia do ‘Bombeiro Salvador’, como valor, crença e atitude a ser plantada no mundo interno do bombeiro, emergindo uma dimensão oculta do currículo. A compreensão trazida por estes dois egressos parece ajuizar a fala de Jasão, enquanto formador.

Nessa formação é... é batido todo dia esse aspecto de que ser bombeiro é “algo mais do que isso que vocês tão aprendendo aqui”. Ser bombeiro é se envolver com essa tarefa, se dedicar a essa ação, é saber que a vítima depende das suas mãos, do seu conhecimento e do seu preparo físico pra poder sobreviver. Você vai fazer diferença na vida de, de pessoas, pessoas que choram, que se emocionam, que sorriem, que vivem, que depois talvez nem se lembrem de você, mas você vai lembrar de cada um dos olhos que você ajudou a salvar. Eu, pelo menos, me lembro. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Até então eu não conhecia né, atividade eu achava legal, passei e achava legal. E... aquela sementinha é aquela ideia de o camarada “olha, você vai salvar vidas!” Mas até então por não ter ido em nenhuma ocorrência o camarada não sabe a dimensão como que seja. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Então, era uma missão nova uma missão que... que... muito forte por sinal que requer muita responsabilidade, então nós fomos, digamos assim, modelados numa formação que a gente tinha que se preparar para a responsabilidade que é muita grande de ser bombeiro, porque ser bombeiro é a pessoa que trabalha dia a dia com a vida do ser humano, e quem trabalha com a vida do ser humano ele tem que ter realmente um preparo muito forte, um incentivo pra formar realmente um cidadão equilibrado, uma pessoa preparada para novos tipos de ocorrência. Porque existe alguns tipos de ocorrência que você tem de estar muito bem preparado inclusive emocionalmente e aquilo dali despertou na gente este senso de amadurecimento que tem realmente que estar preparado para poder atuar. Então, em vários momentos da formação deixa a gente realmente mais maduro nesse sentido, na responsabilidade... na responsabilidade que terá como profissional de bombeiro. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Os relatos acima explicitam os recursos pedagógicos que de forma tácita e, em alguns momentos de maneira explícita, evocam o valor de salvar vidas, ultrapassando a dimensão cognitiva da formação e atingindo o mundo emocional dos alunos, aspirantes à bombeiro. As falas dos egressos, Ajax e Aquiles, sinalizam uma compreensão que vai ao encontro do relato de Jasão; este, enquanto formador, põe em evidencia o significado emocional de salvar vidas como recurso de (trans)formação do bombeiro, o que sugere um empoderamento narcísico destes indivíduos, que são *moldados* e, de forma privatizada, se subjetivam pela *dimensão* e *responsabilidade* desta *forte missão*. Esta análise adveio da reflexão e valeu-se de palavras retiradas dos discursos supracitados.

5.2 Cultura

A categorização que versa sobre aspectos culturais foi construída a partir da noção de crenças, valores institucionais e regras morais ou disciplinares que

identificam a profissão do bombeiro, aspectos evocados pela análise e crítica compreendidas ao longo de todo o processo investigativo e que foram organizados em cinco subcategorias que serão discutidas a seguir.

5.2.1 O valor de “abraçar a causa”

O campo revelou que existe uma cultura de “abraçar a causa” e executar uma ação bombeirística, para além de suas condições emocionais; valor cultural que é compreendido como necessário ao perfil de egresso, cabendo ao curso formação promover o aluno (ou recruta) a vivência desta realidade durante o processo formativo.

na experiência que a gente tem, as pessoas que não conseguem absorver, de certa forma são olhadas de modo atravessado, né... É porque é um, é... é um fato muito recente na instituição o... a figura dos “concurseiros”. (...) Mas a pessoa que é... é... não consegue se envolver com o serviço, não consegue se envolver com a rotina da instituição é colocada de lado, é vista como... a gente fala “macetoso”, né? Aquele que enrola pra não fazer o serviço. A gente tem absurdo de gente que paga pra outro fazer o serviço administrativo dele, como fazer uma escala, por exemplo, como ir pruma prevenção, um grande evento. As pessoas pagam umas pras outras pra poderem se livrar da, né? Como se fosse uma carga (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

Jasão explicita um aspecto que merece ser discutido, a concepção cultural sobre o comportamento esperado e adequado de um bombeiro denota ser tão consolidada, que os indivíduos que sinalizam não estar envolvido com a instituição são percebidos de forma pejorativa, havendo uma adjetivação que faz parte da linguagem cultural da instituição – “macetoso”, e, estar identificado desta forma, tem desdobramentos em sua relação com instituição, como sugeriu ao dizer que estes bombeiros perdem espaço.

Reforçando este valor cultural, discutido acima, Ajax explicita com clareza o que se espera de um bombeiro, trata-se, pois da ideia de “abraçar a causa”, ou seja, doar-se às atividades profissionais, independente de suas questões individuais, esta seria a polarização oposta ao lugar do “macetoso”, conforme relato a seguir:

O profissionalismo é você abraçar a causa e ter sempre o compromisso com ela. Você... eu sou bombeiro e tenho que executar as ações de bombeiro, eu tenho que me preparar para essas ações. Embora às vezes emocionalmente você não tenha determinada condição, mas pra isso é que a formação vai lhe preparar pra você ter aquela condição emocional para fazer determinado tipo de ação bombeirística. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

A partir dos relatos de Jasão e Ajax, fica claro que o processo formativo aparece encharcado de práticas que estão alicerçadas na cultura de valorização da implicação do bombeiro com a profissão. Nesta perspectiva, há uma crença sobre a importância de lidar com tensões e condições adversas desde o processo formativo, incluindo a avaliação da aprendizagem dos alunos e recrutas, no sentido de fomentar com que o bombeiro doe-se à missão.

de 2ª a 6ª, nós tínhamos várias instruções, e na 6ª feira nós tínhamos a sabatina, (...)toda a instrução da gente quando não era no pátio, era no meio do sol, não tinha moleza de ser só em sala de aula, debaixo de uma garagem ou na sombra, ele botava os pelotões um de frente para o outro, um voltado para o outro no sol e pegava todo o material da viatura e alguns dos materiais que estavam no almoxarifado e colocava no chão... espalhado e chamava “recruta fulano de tal, recruta nº 2 pega ali uma mangueira de dois e meio”, (...)“vai recruta o que é isso aqui “ tinha aquela pressão, se nós, digamos, o recruta que não soubesse o que era o material ficava de SSD o que seja sexta sábado e domingo no quartel estudando para aprender o que era o material quando fosse na semana seguinte quando fosse abordado perguntado sobre o respectivo material já sabia o que era. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Deon confirma o que Perseu propõe, na medida em que explicita o valor cultural da tensão e do estresse que caracterizam a profissão e se refletem nos processos formativos.

É treinamento mais exaustivo, treinamento mais exaustivo, gritos, porque numa situação de ocorrência você ouve gritos, ouve choro, desespero, então você também tem que estar preparado pra aquela coisa, e durante a formação há momentos de grito, há momentos de tensão pra você despertar “Então o senhor gera essa tensão pra poder a pessoa estar preparada” provocar,é. E é até nesse momento que a pessoa às vezes não se identifica “Opa, isso aqui não da pra mim não, eu não gosto desse momento, eu gosto de trabalhar num ambiente mais tranquilo”, lógico que na grande maioria das vezes você pode ter um ambiente tranquilo na instrução, mas quando você tá trabalhando você pode ter tensão, você pode tá na rua, você tá sob tensão, você tá fardado, normalmente qualquer pessoa sabe que como bombeiro você é necessário você atuar, ainda bem que você sabe. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Perseu e Deon trazem um relato que sinaliza como os cursos de formação estão em relação com a cultura da instituição, cujo currículo emerge com recursos que visam formar bombeiros comprometidos com a profissão e envolvidos com a missão, de forma que sentimentos e emoções individuais não interfiram em seus comportamentos e desempenho. Assim, o currículo é, ao mesmo tempo, refletor e reflexo da cultura, trata-se portanto de um “*artefato cultural*”, ou seja, “*resultado de um processo de construção social*”, como sugere Silva (2011, p. 134).

5.2.2 Valorização do sofrimento e da operacionalidade para se tornar um bombeiro

“fulano de tal vai ser o instrutor de vocês agora do recrutamento... vocês vão sofrer bastante”, na época, né? pra os moldes da época, mas foi a melhor coisa que aconteceu... em relação ao conhecimento sobre a área bombeirística, (...)Aí foi que todo o dia nós tínhamos instrução, pela manhã, de ordem unida, que era marchar, que anteriormente nós não tínhamos, no recrutamento, ordem unida, era muito cansativo, mas no final foi muito salutar porque foi ... aí que nós começamos a gostar realmente das coisas, e a tarde, todo o dia a tarde, era instrução de bomba armar, o que era bomba armar, era de combate incêndio (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Ainda nesta direção, ao falar da questão do sofrimento e da operacionalidade, Ulisses sinaliza que bombeiro deve ter aptidão física e suplantar suas necessidades fisiológicas, como fome e sono, superando-se pelo vigor físico, o que sinaliza uma significação supra-humana do próprio corpo.

Porque nós temos bombeiros aí que tá indo pra reserva hoje, tá indo pra aposentadoria, que ainda tá na sua plena atividade. Ainda pega menino aí, que a gente fala menino de 25 anos, que era pra estar em plena atividade mesmo, física mesmo, vigor mesmo físico, então de pegar, colocar, é... ajudar, assim sem cansaços, sem exaustão. Então eu vejo, como um nosso amigo que nós temos, o FULANO, que foi pra sua reserva agora. O FULANO, o cara mergulha ainda, (...), o cara que percorre uma área o dia todinho sem reclamar. Os meninos quando dá meio dia já tão atrás de água, já tão atrás de comida (...) eu já passei por uma situação onde a gente estava no local e já estavam“_”OFICIAL”, nós vamos almoçar?” Aí eu: “_Não, nós estamos em ocorrência amigo, ninguém para pra almoçar”. Infelizmente é desse jeito. Quem tá precisando da gente, ele não vai dizer: “Espera aí, tu fica sofrendo um pouco que eu vou almoçar”. Não existe isso, não existe isso. Então, eu já fui pra busca de cadáver onde eu fui almoçar 4 horas pra 5 horas da tarde, né. Então, dá pra morrer de fome? Não dá. Como dizia minha avó, ela dizia assim, que fome é depois de três dias, antes disso é só vontade de comer. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Aquiles também sugere ter internalizado a concepção da aptidão física como recurso que habilita o bombeiro ao cumprimento de sua missão.

O bombeiro tem que ser levado à atividade física extrema, tá muito deficiente. Esse é o diferencial do bombeiro, o bombeiro que não tem é... uma resistência física não pode ser bombeiro, não pode ser bombeiro. O bombeiro não precisa correr muito, mas tem que correr, ele não precisa nadar muito, mas ele tem que saber nadar, precisa ser um cara pronto, mas tem que ser apto pra trabalhar (...) a gente costuma muito ver aqui pessoal parado, bombeiro muito parado. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Ideia que faz parte da cultura e do funcionamento da instituição, fato que pode evidenciar na rotina do quartel, com a educação física como atividade institucionalizada, no início das manhãs das terças e quintas. E, pelos relatos acima, tanto Aquiles quanto Ulisses não percebem de forma positiva os bombeiros que rompem ou tentam romper a cultura dominante.

Essa valorização cultural da aptidão física já faz parte da história da instituição, o que denota que pode ter havido uma mudança de algumas necessidades, mas o valor do vigor físico atravessa o tempo, na medida em que Ulisses e Ajax afirmam:

antigamente, o bombeiro como a gente fala, até os antigos falavam, né? Que eles faziam muito as coisas na tora, né? Na marra mesmo, como diz, vai lá e fazia, antigamente não existia uma desencarcerador, um aparelho onde vai tirar uma vítima presa nas ferragens que arrasta uma tonelada e meia, onde corta uma flandagem de um carro onde corta como tá contando uma tesoura num papel, certo? Antigamente, era machado, era marreta, era na alavanca, era na força bruta mesmo. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Então, hoje se trabalha mais essa questão humana, a questão profissional, se trabalha o preparo, coisa que anteriormente já era um pouco de lado, deixado de lado, e trabalhava mais a questão é...braçal, questão do chegar e resolver do jeito que desse pra resolver, não, hoje trabalha muito a questão técnica, mas também trabalha a questão emocional, a questão social, por isso essa modernidade de que no interior dos cursos estão passando. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Os discursos anteriores ganham ainda mais forma quando são colocados em relação com o relato dos formadores. Jasão sugere uma interseção da ‘cultura da valorização do sofrimento e da operacionalidade para se tornar um bombeiro’ com uma dimensão técnico-pedagógica cuja ‘rotina dos cursos inclui valorização do esforço físico’²⁷.

Eu vou te falar, assim, de duas... De duas disciplinas diferentes, uma disciplina prática e uma disciplina teórica. Na disciplina prática, em que se exige um pouco mais do físico, há uma grita geral, porque as pessoas não são acostumadas a isso, né? Você pensa em você fazer uma caminhada na serra, por exemplo, começar às 4 da manhã e a caminhada terminar 5 da tarde. Sem muito direito a descanso, sem alimentação, sem muita água, você só tem o que você consegue levar. E sobe, e desce a serra, sobe e desce, sobe e desce. Lá em cima, quando chega no açude, tem a instrução: carrega pessoas pra cá, carrega pessoas pra lá, aprende uma técnica de amarração aqui, aprende outra técnica ali, desce de volta. No final do dia, tá todo mundo esgotado, inclusive os instrutores. Com a diferença que os instrutores já tem um certo traquejo, né, já conseguem se adaptar melhor a esse ambiente. Então há o que a gente chama de “o choro do civil”. Ele não tá acostumado à exigência física, ele não tá acostumado a esse tipo de

²⁷Referente ao item 1.6 da categoria de análise intitulada de DIMENSÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA.

atividade. Então há um sofrimento, afinal de contas, aprender dói. Aprender é um processo que requer mudanças internas, aprender é um processo que requer uma reorganização interior, então essas pessoas sofrem isso e é normal, todo mundo passa por isso. Eu passei, os meus instrutores passaram, os meus alunos passam, nas disciplinas práticas, todas elas. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Compreendo que Jasão traz um olhar sobre o sofrimento e a aprendizagem que tangencia para uma dimensão cultural na medida em que estes valores e padrões de comportamento estão sendo cultivados e atravessam o tempo, através de várias gerações de bombeiros. Fica evidente que o curso de formação não está deslocado do legado cultural da instituição e da representação que os bombeiros têm da própria profissão, pelo contrário, o discurso do Jasão revela o que está por traz das falas dos egressos, cujo movimento inicial de resistência é chamado de “o choro do civil”, choro este que só é silenciado pelo que Jasão chamou de “reorganização interior”, em que os valores são introjetados e o processo de ensino-aprendizagem é uma das principais vias para que o civil ressignifique alguns de seus valores e esteja apto a se tornar um militar.

Silva (2011) assinala que a cultura é “*um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder*” (p. 134). Através desta análise, foi possível evidenciar a crença sobre a importância da aptidão física e da tolerância à dor, ao cansaço e ao sofrimento que, em alguns momentos de atuação profissional, o bombeiro pode ser confrontado; atributos estes que são utilizados como critério e recurso didático durante o processo formativo com vistas à manutenção da forma como os bombeiros devem ser.

5.2.3 A cultura simbolizada

A cultura se manifesta desde o curso de formação, através de seus códigos, jargões, signos e sinais que personalizam e identificam a profissão.

Quando a gente é leigo, a gente acha... que é... não tem facilidade de entender o toque, depois quando ele diz o toque cada toque tem digamos uma frasesinha para a gente decorar mais fácil perigo iminente parem Pará..pa..rá..pa..rá... a ele dizia, ó: “se não correr eu vou morrer, se não correr eu vou morrer”, Se está numa ocorrência, se ouvir esse toque você aborta a operação imediatamente e sai daquele local se for num campo confinado ele está prestes a arrear, tem de sair daquele local, é perigo eminente algo vai acontecer imediatamente ...toque para o rancho é “pam

..param.. param... pam pam” “pega o caneco para tomar café, pega o caneco para tomar café”, cada toque tinha uma frasesinha que o pessoal mais antigo falava para gente que a gente decorava. Aí quando dava o toque, a gente, ah! Toque tal... (PRAÇA EGRESSO – PERSEU).

como a instituição é algo que já existe, ela para ela existir ela criou seus conceitos, seus valores, quem vem tem que ocupar, claro que a gente pode fazer é mediações eu não posso mudar por causa de um pequeno número por que não sabe o que está acontecendo no contexto, eu acho que não se identificou e pede para sair. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Desde o processo formativo, fica evidenciado que é indispensável que o indivíduo se ajuste à corporação, apropriando-se de sua cultura, desde seus códigos e sinais mais elementares, como os toques a que se referiu Perseu, até os valores que alicerçam e aparelham o funcionamento da instituição; considerando que esta não se despersonalizará em função de possíveis divergências e resistências que surjam de alguns bombeiros.

A questão do fardamento também surge sob o aspecto analítico da manifestação cultural da instituição, na medida em que ali se materializam alguns valores como a hierarquia, definida pela patente, por exemplo. Desta forma, a farda funciona como instrumento de identificação da instituição, além de mediar um processo de construção de identidade também para o indivíduo.

não é a farda de bombeiro, a farda em si. Tudo e qualquer farda, eu vejo como uma maneira de você se identificar perante a sociedade. (...) A mesma coisa eu vejo com qualquer farda, inclusive a do bombeiro. É uma forma de identificar que ele é um profissional, ele... É só pra fora então? não, de identificação, de valor próprio (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Assim como a questão do fardamento para Deon, para Hércules, a academia de formação de bombeiros emerge como recurso simbólico que personaliza e identifica a profissão.

E torci muito, mas não levantei a bandeira pra separação. Mas torcia pra separar. Então separou, graças a Deus, mas infelizmente a gente ainda está um pouco atrelado, a polícia aqui e acolá ainda quer atrelar um pouco o bombeiro a eles e tal, e eu não concordo. ALINE – E a AESP acaba também sendo uma representação desse atrelamento? Sim. A Academia Estadual de Segurança Pública não é a academia de polícia militar, não é a academia de bombeiro. Se chegar um bombeiro de fora e disser “Rapaz eu quero ir na academia de bombeiro”, “Rapaz vá pra AESP, que é integrada”. Entendeu? Você chega em Brasília “Rapaz eu quero ir pra academia de bombeiro”, o taxista te leva lá.) (OFICIAL FORMADOR - HÉRCULES).

Desta forma, compreendo que Hércules traz um valor cultural ligado aos símbolos e signos, estes sustentam a necessidade de individualizar-se enquanto

instituição. Neste caso, a academia representaria esta individualização, ou seja, como se buscassem proteger seu cerne, seus valores e seu *modus operandi*²⁸, movimento que compreendo como busca de uma identidade profissional privatizada²⁹.

5.2.4 A cultura da punição

Desde o curso de formação, valoriza-se a ideia das consequências e da punição, aspecto da cultura da instituição que se expressa na dimensão do currículo oculto.

.... Às vezes o recruta não podia bater a junta da mangueira no chão por que se tocasse no chão por ser de alumínio, e corpo de bronze, né? Aí dava aquele “plá!” aí amassava, aí pagava. Até a pagação, que era pagar flexão, pagar abdominal, pagava apoio de frente, polichinelo... (...) alguma coisa que o recruta tinha de pagar, até isso aí era divertido. Às vezes o recruta mesmo intencionalmente soltava a mangueira no chão voava como “vai voador!” Quando o recruta voa é de pagar, às vezes, nós fazíamos mesmo, às vezes, só por querer só para quebrar a monotonia, exatamente “paga aí, paga aí recruta, um dois três tá bom pagar mais dez, até isso era divertido” (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

o que é que gerava pra ir pro livro como a gente chama, né? No nosso jargão era “Fulano foi pro livro, foi anotado, né?” Então, era um atraso no...pra entrar em forma, vamos dizer sete horas, chegou sete e cinco, anota, certo? Então, era cumprir as suas regras, era chegar no horário, né? Era andar sempre conforme, cabelo cortado, barba feita, o coturno limpo, a farda alinhada, e a formação, a gente leva. Coisas disciplinares. Coisas disciplinares, do dia a dia. Aí ia pro livro se não cumprisse. Se não cumprir aí vai pro livro, certo? (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Às vezes, todo o dia o cara chegou com o coturno (...) então aí coturno sujo, farda suja, coturno sujo, farda suja, sexta, sábado e domingo pra ele aprender a limpar o coturno (...) e outra, funciona? De toda, funciona. Ah, é arcaico? É não. É não. Não venha não, que funciona. Então o cara diz “Pô, perdi meu final de semana só porque meu coturno tava sujo? Agora eu vou limpar.” Se ele quiser, “Não, não vou limpar” fazer beicinho e “Não vou limpar”, mais outra sexta, sábado e domingo. Porque ele vai chegar um horário “Pronto, não quero perder esse final de semana não, quero passar em casa, eu vou limpar meu coturno.” Como eu te falei, manda quem pode, obedece quem tem juízo. Pronto. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

²⁸Seu modo de agir, operar, executar uma determinada atividade, seguindo os mesmos procedimentos que funcionam como códigos.

²⁹Esta análise se articula com os dados que apresento no item 5.1.6 da categoria sobre DIMENSÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA.

Havia realmente uma ideia de querer impactar os candidatos de maneira a fazê-los desistir daquela missão se não fosse para eles, né, então tinha realmente esse negócio de pagar dez, pagar vinte, tinha gente que não se sujeitava aquilo, achava aquilo uma coisa absurda, uma humilhação e tal, eu também não via dessa forma, eu via que realmente fazia parte de um treinamento e aquilo era passageiro e eles iam fazer aquele terror psicológico pra justamente fazer logo uma grande parte que não estaria bem direcionada pra essa profissão, fazer essa grande parte desistir logo de primeira, né, era assim, e realmente na primeira semana de curso vários foram pedindo logo arrego e, e... desistindo, enfim, sobraram vagas (PRAÇA EGRESSO TESEU).

A partir de uma concepção articulada da teoria crítica e pós-crítica de currículo, como sugere Silva (2011), é necessário compreender os processos através dos quais, mediados pelas relações de poder e controle, nos tornamos aquilo que somos. Os relatos dos egressos sobre as punições e os jogos simbólicos de poder corroboram para compreensão do currículo como uma questão de saber e, sobretudo, de identidade e poder. O conhecimento e as práticas corporificadas no currículo carregam as marcas da cultura e das relações de poder. Todavia, a dimensão de poder a qual me referencio analiticamente, dialoga com a concepção da teoria pós-crítica, em que o poder torna-se descentrado, ou seja, para além do Estado, o poder está difundido por toda a trama das relações sociais e, como os relatos sugerem, consubstancia-se nas relações e intervenções no processo formativo dos bombeiros.

5.2.5 A experiência vivida na profissão como valor e crença institucional

Aí aos poucos que, com o passar do tempo que nós (...) aí o soldado moderno tirava o segundo socorro, que é uma viatura que todas as ocorrências de grande vulto quem vai é o primeiro socorro, que era o pessoal mais experiente, a quantidade de homens era bem maior para a ocorrência. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Ulisses enseja esta concepção, ao trazer um discurso em que a experiência vivida na profissão se sobrepõe à patente, no momento da ocorrência.

Porque quando a gente entra a gente sempre busca procurar um curso, a gente sempre busca de desenvolver, até ter essa maior interação com os antigos como eu falei, aqueles que são mais experientes. Quando eu entrei, eu como aspirante, eu buscava. (...) eu buscava essas experiências neles. "E aí, como é que nós vamos resolver, como é que se faz?" (...) e eu adquiri muitas experiências com eles, porque apesar de eles...eu ser lá, no momento, o comandante deles, ser superior, mas eles tinham uma experiência, uma vivência de vida de quinze, vinte anos. Então isso aí me ajudou muito, essa interação, e a gente não vê essa interação, essa

vontade de aprender, essa vontade deles de se inteirar, de viver como bombeiro. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Ainda sobre a valorização da experiência, os achados e análise dos dados empíricos apontam que, na instituição, a hierarquia (antiguidade e a patente) se sobrepõe ao nível educacional alcançado fora da instituição, conforme relato de Ulisses:

tem muitos concurseiros, então o que a gente já viu no...que a gente já identificou e que a gente teve que rebater até chegar e falar isso aí pra eles. O que é que aconteceu muito, muitos já entraram formados, graduados já, certo? Já tinham uma formação de nível superior. Então, muitos dos antigos, né? Sargentos, subtenentes não são formados. O que acontecia? Eles achavam isso: “Não, ele não é formado e eu sou formado”. Não queria dar a ele aquele devido respeito à hierarquia. Mas você entrou pra ser soldado do corpo de bombeiros, você não entrou pra ser o engenheiro, certo? Seu nível superior, a gente respeita, o seu nível superior você tem, mas aqui você é subordinado ao sargento, nem que ele tenha só o segundo grau, mas ele é subordinado ao sargento. (...) Menino, você é formado lá fora, mas aqui, militarmente, você é um soldado. Você pode ter doutorado, certo? (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Aquiles, complementando a visão de Ulisses, sobre a cultura da experiência e da antiguidade no exercício da profissão, aponta que há uma cultura de atribuir aos bombeiros mais experimentados o papel de bússola, espelho que reflete o modelo a ser seguido, independentemente da patente ou da formação educacional, o que confere esse *status* é a experiência e a postura profissional, o fato de ser um representante da imagem que se busca manter ou construir.

quando eu, a gente começou a conviver com pessoal mais antigo aqui eu falei com uma pessoa, a gente cria a gente os nossos amigos, a gente tenta fazer deles uma bússola, eles te dão o norte para tu seguir e tem pessoas aqui que você se espelha (...) principalmente as pessoas mais antigas assim que eu via ... por ser antigos tem uma idade mais elevada que eu, mas não deixa a desejar em nada em ser bombeiro, (...) então, são pessoas que você tira como parâmetro, como referencia ...eu chegando na idade desses caras, entendeu ? E fazendo o que eles fazem, então para mim tá de bom tamanho. Então aqui é uma escola esse quartel é uma escola se aprende muito com esses caras. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Eu acho que se a gente tiver recrutamento e de repente fizesse... a gente faz como o pessoal da polícia, o pessoal do Honda, colocar só pessoal novo pra trabalhar, jamais vai sair a contento, não tem nem perigo, isso eu falo por experiência própria... se botasse quatro camaradas novos numa viatura não saía nada, não saía nada, podia até sair acidente, saía muito acidente. O pessoal antigo aí é que ensina realmente a gente, e a gente vai pros cursos de formação pra se qualificar, pra tentar trazer pra cá as novidades, que a gente sabe que tá carente. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Esta concepção sobre o nível educacional que um bombeiro tenha obtido fora da instituição parece surgir como uma ameaça à ordem hierárquica e disciplinar, bem como à sua práxis³⁰, trazendo um mal estar aos bombeiros com mais tempo de instituição, como aponta Ulisses:

Então, como eu falei, às vezes, muito no começo, o que atrapalhou muitos a entenderem que ele era formado, ele tem o seu nível superior; sim, mas ele precisa saber respeitar, seu mestrado, seu doutorado, é respeitado isso aí, mas se você diz, um quartel, dentro da ocorrência, ele tem que respeitar a hierarquia e disciplina. Ele tem que ser profissional como bombeiro você tem que ser profissional. “Ah que o... o fulano não sabe de nada!”. Eu acho que quinze, vinte anos de serviço na minha frente, ele sabe alguma coisa, com certeza sabe. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Hércules lança luzes sobre uma questão cultural que parece bastante relevante, a questão da experiência e da antiguidade no exercício da profissão, já mencionadas por Perseu, Ulisses e Aquiles. O cotidiano das ocorrências ou mesmo os cursos complementares que são oferecidos, em que não há uma segmentação entre praças e oficiais, explicitam a ideia da experiência se sobrepondo à patente; seja pelo benefício de uma vítima a ser regatada, seja na busca de um conhecimento específico, o saber técnico se sobrepõe.

porque pra nós não interessa se o camarada é um oficial ou é uma praça, o que interessa pra nós é a especialidade que ele tem. Então se eu tenho um camarada aqui que ele é candidato ao curso, ele vai ser aluno, então parte do princípio que ele não sabe de nada e se ele sabe, ele sabe muito pouco, por isso que ele entrou no curso pra aprender. Ele vai aprender com quem? Com quem tem experiência, com quem já sabe né? (OFICIAL EGRESSO – HÉRCULES).

Observo ainda que, embora o conhecimento adquirido em processos formativos fora da instituição fique sobrepujado à patente e à hierarquia, como foi discutido anteriormente, há uma cultura que valoriza conhecimento técnico adquirido nos cursos oferecidos pela instituição ou na experiência profissional. Entretanto, alerta que, segundo os achados empíricos, esta concepção não rompe com o funcionamento ideológico da patente ou hierarquia, conforme apresento e discuto na categoria de análise chamada de IDEOLOGIA³¹.

5.3 Subjetividade

³⁰Palavra com origem no termo grego *praxis* e significa conduta ou ação

³¹Ver item 5.5.6 em IDEOLOGIA.

A categoria subjetividade contempla a análise dos discursos que sugerem todo o movimento dialético, exteriorização – interiorização, de receber, (re)produzir ou mesmo criar sentidos e significados sobre a profissão.

5.3.1 Nascendo o Bombeiro: subjetivando-se pela operacionalidade e prática

todos os recrutas passavam por esta instrução, tanto de combate a incêndio como de salvamento como de armador da escada, tudo relativo, “a combate a incêndio” era ...relacionado ao serviço de bombeiro aí talvez com isso foi o que foi, é talvez eu tivesse, é... sonolento, tivesse dormindo esse meu lado de bombeiro aí foi o que fez com que acordasse (PRAÇA EGRESSO-PERSEU).

Perseu propõe a ideia que, durante o curso de formação, a operacionalidade permite o despertar da identificação profissional, concepção que também verifiquei no discurso do formador, Jasão.

Dando aula pra essa última turma, tem algum, alguns “concurseiros”, né, que tinham entrado só pra fazer ponte pro outro concurso e já disseram que querem ficar, que perceberam a grandeza da tarefa, da ação operacional que é executada pela instituição, e acham que dinheiro nenhum paga o que eles podem fazer aqui pelo reconhecimento que podem ter pela atividade. Mesmo sabendo das dificuldades institucionais, mesmo sabendo das dificuldades administrativas, mesmo sabendo da... do... da remuneração, né, que não é remuneração condigna. Disseram, pelo menos, assim, durante a aula, que desistiram de fazer concursos pra sair. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Compreende seu processo formativo a partir da racionalidade vigente na instituição, valorizando o fazer, a operacionalidade, a prática.

Depois, foi tão bom que o ruim que passou foi tão pouco que o que veio de bom em forma de conhecimento supriu a necessidade “o que você chama do que veio de bom em forma de conhecimento é o que teve de positivo no curso? “exatamente, só foram as instruções, não tanto o teórico, o teórico às vezes em sala de aula, quando a gente é aluno dá muito sono, porque fica uma coisa muito repetitiva, é mais era a apostila que tinha que ler, as apostilas era meio espessa, meio grande...as apostilas, aí o recruta tinha de saber de cor do início ao final aí tornava-se muito cansativo. Às vezes a instrução, no caso de combate a incêndio, era de treze horas às dezessete horas, às vezes era à tarde todinha, não era tão cansativo, nós, claro, ficávamos cansados, mas no final não era tão cansativo como às vezes duas horas de sala de aula. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Neste mesmo panorama, Ulisses, explicita o cotidiano delineando o SER BOMBEIRO, me permitindo compreender que a imprevisibilidade e as adversidades

do exercício da profissão minimizam o papel da teoria ou dos estudos teóricos durante a formação.

E isso aí a gente pega ocorrências parecidas, mas nunca iguais, e com essas ocorrências, com o dia a dia é que a gente vai aprender tirar é... aprender mais ainda a ser bombeiro. (...) A gente vê muito a teórica, muita teoria, muita teoria, certo? E a gente só vai aprender muito depois, é no dia a dia, nas ocorrências, como eu te falei, você pode pegar uma ocorrência aqui no momento e estudar toda a ocorrência. Aqui nós estamos no ar condicionado, a gente tá sentado, todo no conforto. No local lá nós não vamos ter. A vítima gritando, a vítima com hemorragia, a vítima com fratura, o risco de o carro também até já pegar fogo, ou então já ter o cheiro da gasolina. Tem como eu te falei, os curiosos que podem furtar, que atrapalham muito. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Apesar de ter trazido uma reflexão crítica acerca da carência do curso de formação no que concerne uma preparação para além da racionalidade técnico-instrumental, Teseu apresentou um entusiasmo ao se reportar à sua vivência curricular, quando esta trazia a operacionalidade como ponto central, o que permitiu, inclusive, reafirmar sua identificação com a profissão.

então já estava tão adaptado que eu, poxa, eu tô brincando aqui, se esse realmente é o curso de formação prático, pra mim eu tô em casa, eu tô feliz aqui. Aí eu vi que era por ali mesmo a ideia da profissão, então pra mim realmente “caiu como uma luva” foi, eu posso dizer exatamente (risos) isso, foi fantástico. (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

O cotidiano da operacionalidade seja nos cursos de formação ou na atuação profissional propriamente dita, a que se referiram Perseu, Ulisses e Teseu, também surge no discurso de Aquiles e Ajax como sendo o berço ou a gestação do papel profissional do Bombeiro.

Quando o cara vai pra primeira ocorrência que sabe que aquela vítima tá precisando de ti, tá precisando do teu apoio, tu precisa vir lá e salvar, aí doutora, a senhora viu o quanto é que é, entendeu? (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

eu aprendi a ser bombeiro realmente na prática, no dia a dia desde o curso de formação até a experiência que nós tivemos com as ocorrências operacionais. Então aquilo é... criou assim um mecanismo interno dentro da minha pessoa, no sentido de que a gente passou a gostar muito da profissão, pelo fator da gente ter a oportunidade do dia a dia estar ajudando o próximo com o nosso trabalho. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

É possível observar que o cotidiano delinea a compreensão sobre ser bombeiro também para o formador e, conseqüentemente, se manifesta em sua prática pedagógica.

a forma como eu vejo o que é ser bombeiro hoje em dia. Na realidade não é tirado de rascunhos, não! É da vivência do dia a dia, do que a gente percebe, que a gente vai criando e moldando que é para a gente mesmo. (...) Parte da construção pessoal do formador, o processo vem se constituindo, vai vendo, vendo as realidades que nos cercam, a gente vai percebendo como ser, o que é ser, né, bombeiro hoje em dia. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Assim como Deon, Jasão também propõe a ideia do dia-a-dia na subjetivação sobre a profissão. Todavia Jasão lança luzes sobre algo diferenciado, trata-se da patente e da hierarquia³², apresenta e discute na categoria IDEOLOGIA, sob a ótica que mediam os papéis e estruturam as fronteiras das ações e relação na instituição.

Olha, há uma diferença muito grande de... Trabalhar com formação de oficiais e formação de “praças”. Os oficiais, a gente tem que ter o cuidado de formar lideranças. É o indivíduo que vai tá ligado à gestão da instituição, ele vai aprender técnicas pra ser não um executor, mas pra ser um multiplicador. Ele tem que ter esse espírito muito mais forte nele. O soldado, o cabo, o sargento, na formação deles, há preocupação muito mais no apuro técnico. Ele tem que ser um bom executor da técnica, porque, assim, há duas dimensões no cenário operacional que... Algumas pessoas não conseguem perceber. Uma é o fazer prático da ação e o outro é comandar a ação. Eu posso, tendo só uma equipe, isso não fica muito claro de se perceber. Mas eu tendo várias equipes atuando no cenário, eu preciso de alguém que articule essas ações pra que elas não entrem em choque, pra que as pessoas não façam a mesma coisa gastando recursos e equipamentos e nem fiquem sem fazer nada. Se eu tenho uma equipe no cenário operacional sem fazer nada, ela tá lá gastando dinheiro público sem necessidade. Então é importante que, na formação, o oficial, ele entenda o papel dele, que não é só executar, mas ser um multiplicador e gestor do cenário operacional, e o soldado, o sargento, o cabo, os “praças”, eles entendam que são os executores de ações pontuais. (OFICIAL FORMADOR- JASÃO).

A partir de um olhar hermenêutico-crítico, compreendo estes fenômenos de forma articulada e dialética, em que este instrumento ideológico que se manifesta no cotidiano dialoga e se conecta com o processo formativo, incidindo-se e sustentando os mecanismos de subjetivação.

5.3.2 O currículo sob a ótica dos egressos: os sentidos, as percepções e os paradoxos

³²Apresento e discuto na categoria Ideologia a questão da patente e da hierarquia, mediando os papéis e estrutura as fronteiras de ação e relação na instituição, funcionando como instrumento ideológico, que se manifesta no cotidiano, já se conecta como processo formativo e sustenta os mecanismos de subjetivação.

A forma como Perseu percebe vai ao encontro da forma como vivenciou o curso de formação, apontando para uma subjetivação, por meio da instrução/prática reafirma a racionalidade vigente na qual a operacionalidade é valorizada.

com exceção do primeiro mês que foi 90%, só sala de aula “ polícia não é ?” porque não tínhamos definido ainda o pessoal que ia dar as instruções, as vezes quando, fulano de tal... ia ser fulano de tal, as vezes fulano de tal não estava, ai pegava algum praça mais antigo que ia para sala de aula para ficar conversando conosco... mas depoisque mudou o coordenador do curso, que passou a ser outro coordenador foi que nós realmente digamos aprendemos a ser bombeiro com as instruções que tivemos todo o dia. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

de positivo assim, nós tivemos bons instrutores, a...nós tivemos bastante instruções, aprendemos muito mesmo, certo? (...) O que de negativo que na nossa época era a nossa academia, era a estrutura, deixava muito a desejar, a nossa estrutura deixa, a estrutura física deixava muito a desejar, certo? Onde nós precisávamos de uma área de combate a incêndio, pra fazer treinamentos, torre de altura pra fazer treinamento. Então são várias coisas que davam... era pra ser mais investido que a gente já sai com uma boa experiência ou então com uma noção melhor profissional pra fazer o nosso trabalho do dia a dia. Então, como eu falei, tem que sair cada vez mais ainda técnicos, (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Então falta assim, falta mais conhecimento na questão do material, falta equipamentos novos, a gente vai pra fora assim, a gente vê que tem muito equipamento novo, então aqui falta muito, equipamento que ajudariam numa ocorrência, então falta. Falta mais conhecimento. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Pelos relatos acima, é possível compreender que Ulisses e Aquiles, ao destacarem a precariedade dos aspectos estruturais que viabilizariam o treinamento da parte operacional da profissão, acabam colocando a ideia da operacionalidade em lugar de destaque, sinalizando uma aproximação entre seu mundo interno e a racionalidade presente na instituição. Tais relatos, que correspondem às percepções dos egressos, Ulisses e Aquiles, se articulam com a percepção de Jasão, em seu lugar de formador.

eu tenho que tirar o recurso de uma viatura, a viatura deixa de ser operacional enquanto eu tô ministrando a instrução. E aí quando não deixam a viatura ficar nas proximidades pra que ela não... Ela forneça o equipamento, quando não deixa que isso aconteça, eu não tenho instrução. Fica fragilizada nesse aspecto, por falta de recurso. Um outro aspecto, assim, que fragiliza a formação das pessoas é que a gente não tem muitas formações técnicas, especialistas (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Neste discurso, Jasão aponta que, muitas vezes, para haver uma instrução, é necessário solicitar o equipamento da ação operacional propriamente dita; assim, naquele momento da aula, o referido equipamento é cedido para

instrução. Caso isso não ocorra, não há instrução, em decorrência da indisponibilidade de recurso material. Jasão sugere uma fragilização dos processos formativos, o que já havia sido sugerido por Ulisses e Aquiles. Diante deste achado, temos mais uma face do currículo (re)velado³³.

Se você for lá, na academia, não tem um recurso sequer pra formar bombeiro. Eu não tenho a torre de treinamento, eu não tenho a casa de fumaça, eu não tenho labirinto, eu não tenho... "Ah, tem a piscina". Para nadar por cima? Bombeiro não nada por cima, ele vai em profundidade. A piscina não fornece recursos pra ajudar o bombeiro a submergir. Eu preciso de profundidade, eu não preciso de superfície pra nadar, né. Então aquela, a academia esqueceu o bombeiro, não tem formação de bombeiros. O grande equipamento da academia é um estande de tiro, que, pra mim, não serve de nada. Infelizmente, não serve de nada. As salas de aula são boas, são com ar condicionado, as cadeiras são novas, o quadro já não é mais o quadro negro, né, que na academia de bombeiro aqui ainda era um quadro negro, já é o quadro com pincel. Mas é uma sala de aula, só. E pro bombeiro, é muito pouco, é muito pouco, é muito pouco mesmo (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Olha, eu vou dizer uma coisa pra senhora. Eu particularmente, e eu não tenho medo de falar. O governador teve até uma boa intenção, mas eu particularmente, pra mim, Centro Integrado de Operações Aéreas, Centro Integrado de Operação em Segurança, Academia Estadual de Segurança Pública, pra mim acho que cada qual no seu cada qual, no meu ponto de vista. Bombeiro, bombeiro, polícia, polícia. E a AESP, estrutura maravilhosa, fisicamente. O que é que nós temos pra dar de instrução pra bombeiro, pra atividade de bombeiro, na AESP? O que eu vejo lá somente as piscinas, excelente, e o resto? A polícia tem lá estande de tiro, a estrutura até boa, na AESP, pra polícia. E pra bombeiro, cadê as torres de treinamento em resgate, em altura? Cadê um centro de combate a incêndio, uma casa de fumaça, estrutura colapsada? A AESP não tem. Embora nós também não tenhamos, mas eu acho assim, na antiga academia, quando criaram a academia, lá pelo menos tem uma estruturazinha pra combate em incêndio. (OFICIAL FORMADOR – HÉRCULES).

A percepção de Jasão e Hércules sobre alguns aspectos do processo formativo parecem suscitar uma macrodimensão ligada às questões de políticas públicas que norteiam e subsidiam a formação dos bombeiros. Por fugir aos objetivos desta tese, não discutirei a questão macrossocial a que se refere Jasão, entretanto atento para um processo de subjetivação que aponta e revela um movimento de resistência destes dois formadores aos instrumentos de poder que estão postos na forma como os processos formativos são pensados geridos na esfera estadual.

³³Esses dados e análise possuem uma articulação direta com os achados e discussões que apresento nesta mesma categoria (SUBJETIVIDADE), no item que versa sobre a ideia que o bombeiro deixa de ser de ser meramente um empregado, apontando para uma subjetivação que se percebe como missão, com a necessidade de dedicação e do cumprimento das obrigações, independente das dificuldades e aspirações individuais, na subcategoria 5.3.3.

Sobre o curso de formação, Teseu apresentou uma percepção diferenciada tanto de Ulisses quanto de Perseu. Enquanto estes deram destaque à prática, como recurso técnico-pedagógico, Teseu aponta para um movimento subjetivo de resistência, por meio da percepção da carência teórica questiona a racionalidade vigente na qual a dimensão teórica é negligenciada em função da valorização técnico-instrumental.

da nossa turma e com o tempo eu vi que em termos, é operacionais em termos físicos não me espantou em nada, fizeram coisas simplesmente que era possível de se fazer, né, e com relação a termos teóricos aí é que eu fiquei um pouco, é... vendo que estava deixando a desejar, entende? Então aí essa questão de ter pouca gente capacitada foi o que deixou a desejar é... na minha opinião, né, pra, no curso de formação. E o como fazer seria mais mesmo o prático, seria mais a parte física, a parte é... como é que eu posso dizer assim, de...de execução daquilo que teria sido visto teoricamente, mas o teoricamente foi que justamente, na minha opinião o que pecou em muitas disciplinas devido até instrutores não capacitados enfim, até mesmo o conteúdo cheios de erros ortográficos cancelados pelo estado com o nome lá de um governador, de um secretário de justiça, aliás de segurança pública, né, assinando aquele conteúdo, eu via as apostilas, eu questionava, poxa, tá aqui o nome do cara, será que ele viu esse conteúdo?(..)que você não consegue ler um parágrafo sem um erro ortográfico, então isso aí também eu, poxa, quem são esses que estão fazendo esta apostila? então isso pecou demais. (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

No que concerne à busca de conhecimento, Aquiles, assim como Teseu, (re)coloca a teoria em um grau de relevância maior:

(...) não adianta de nada você nascer com aquele dom, com aquela aptidão, e você não vai atrás de lapidar essa aptidão, buscar mais conhecimentos porque nada se limita só a isso aqui. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Ajax, por sua vez, denota uma percepção da necessidade de formar um bombeiro cidadão e, neste caso, é a cidadania que aparece colocada em uma posição de relevância maior, o que me permitiu analisar que Ajax identifica algumas mudanças históricas, em que procedimentos saíram de cena, dando lugar à ações mais humanizadas.

Eu considero hoje um avanço para a instituição. Um avanço! Porque passou a ter uma nova forma de se trabalhar a questão da formação profissional de bombeiros. Não só na questão assim, braçal, mas também na questão intelectual da formação, a questão da... da... cidadã em si, melhor é...preparou mais para a aproximação com a sociedade, coisa que antes era mais fechada, então com essa modernidade de hoje existe uma aproximação social maior do bombeiro como instituição, mais do bombeiro como pessoa física, coisa que antes era mais fechada. Ajudou muito essa modernidade de hoje, eu acho que o bombeiro hoje está mais preparado

nesse sentido, o profissional de bombeiro está pra trabalhar com a sociedade, com a comunidade do que nos anos 60, 70. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Por outro lado, Ajax apresenta ainda uma compreensão diferenciada sobre o papel do curso, trazendo de forma explícita o bombeiro cidadão como perfil de egresso a ser alcançado.

O papel do curso, ele tem que ser muito voltado pra questão humana da profissão. Então, ele tem que preparar muito o cidadão psicologicamente para a ação. Ele vai preparar ele, o lado humano, o lado emocional e profissional também, pra poder ele executar uma boa ação, porque não adianta só preparar o lado... o lado técnico em si e esquecer o emocional, esquecer o social, esquecer a questão cidadã. Então, o curso hoje, ele tem que trabalhar várias linhas de ação, tanto do preparo da pessoa como técnico, mas também o preparo dele no emocional, para determinadas ações, e preparar ele como cidadão equilibrado diante de uma ação do profissional de bombeiros. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Ao trazer sua percepção como formador, abaixo, Deon sugere que historicamente os cursos têm como marca uma concepção instrumental, como ênfase em uma formação tecnicista e pragmática, mas que a nova proposta curricular precisou se adaptar aos indivíduos da pós-modernidade, período em que há uma verticalização do conhecimento, tornado-se recurso de mais fácil acesso à sociedade, como propõe Castells (1999), ao referir-se aos efeitos da tecnologia da informação no mundo contemporâneo, denominando de era da informação de uma sociedade em rede. Nesta lógica social, disseminam-se discursos sobre a formação do sujeito reflexivo e crítico, o que não necessariamente corresponda ao que ocorre para além do currículo oficial.

eu vejo que o que existiu até então no processo de formação ela é bem focada, ela é.. bem direcionada para a área de bombeiro, bem planejada, ela também tem seu foco no bombeiro. Já a nova, é... ela devido as novas temáticas, as novas preocupações, o mundo, que também muda muito, a sociedade. Então, ela já vem trazendo outra temática, os temas outras formas de trabalhar, que é interessante, os detalhes dos direitos humanos, por exemplo, antigamente a gente não tinha tanta preocupação com os direitos humanos dentro do posto de formação. Já agora não, a minha preocupação é os direitos humanos, é temas transversais que podem vir a aparecer, dá liberdade de você colocar. Então, eu vejo isso como proposta interessante, é um fato que existe da grade curricular em si falando em conteúdo, papel, a nossa proposta é essa... a nova essa eu vejo que abre um leque de ampliar não só... primeiro que temos que acompanhar um novo perfil dos novos alunos, que a gente observava os concursos quantos já eram formados, quantos com pós graduação, acho que tinha até mestre, então são pessoas que se a gente continuar no mesmo ritmo a gente não consegue agrupar tantas ideias. (...) é um perfil diferenciado, não tem como negar, se a gente for comparar (...) de como foi o concurso há quarenta

anos atrás, era bem diferente (...), nós estamos em 2013, eram pessoas de cinquenta anos atrás, elas trabalharam até a década de oitenta, noventa. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Então, a nova proposta curricular vem ao encontro de um novo perfil de sujeitos que estão entrando para a instituição, ao mesmo tempo em que a herança profissional e as ideologias que fundamentam a praxis vêm de indivíduos subjetivados em um outro contexto social, incluindo a época da ditadura, daí o estranhamento e até mesmo incomodo que os bombeiros com mais tempo de serviço sinalizam, ao se referir aos bombeiros que entraram na instituição em 2010, último concurso realizado.³⁴

O discurso de Deon e as reflexões que apresentei acima dialogam com as reflexões de Jasão, que dão consistência à ideia que mencionei sobre as proposta curriculares que incorporam o discurso e a visão de sujeito vigente, ao suscitar uma formação de sujeitos críticos e reflexivos, entretando não há uma estruturação sobre a intencionalidade do perfil de egresso nos cursos de praça e oficiais, aliado a isso, Jasão corrobora com Deon ao referir-se à estes novos sujeitos que estão chegando para se integrar à instituição enquanto bombeiros militares.

Enquanto um vê o todo da operação, o outro vê só uma determinada faceta que ele atua, né³⁵. Então nessa formação, infelizmente, a gente não tem estabelecido de modo declarado os perfis de cada um dessas formações diferentes, os perfis ideais. Mas eu vejo hoje que, de uma forma geral, as “praças” de hoje tem um perfil mais crítico como os oficiais, por conta da formação que eles já têm ao entrar na instituição, né? Muitos já são formados, com nível superior, muitos poucos têm o Ensino Médio, a grande maioria já tem o Ensino Superior, e antigamente todos eram de 8ª série, né, de Ensino Fundamental. Então, o nível de criticidade é maior, a articulação das ideias é mais bem formulada, eles conseguem entender com mais facilidade as ações técnicas que devem ser realizadas, né, a gente não precisa ficar repetindo tantas vezes como tinha que ficar antes. Parece que tá ficando um bombeiro mais crítico do que antes, né? Não é só na crítica política, né, porque hoje parece que tá todo mundo engajado nessa, nessa ação política, mas é uma crítica sobre a ação operacional mesmo, sobre o fazer prático do bombeiro. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Hércules, por sua vez, demonstra preocupação com a forma como os cursos estão estruturados, desde 2010, com a fundação da nova academia de formação de bombeiros, polícia militar, polícia civil e perícia forense.

³⁴ Durante a pesquisa de campo, foi recorrente o tema sobre os bombeiros formados em turmas mais recentes, tema que emerge revestido de estranhamento e incomodo em relação à forma de ver e estar no mundo que estes sujeitos apresentam, sendo denominados de “concurseiros”. Sobre isso, é possível verificar uma discussão nos achados da pesquisa apresentados nas categorias cultura e ideologia.

³⁵ Neste momento, Jasão refere-se aos oficiais e praças, respectivamente.

E esses cursos misturados, bombeiros, polícia, civil, polícia militar? É, mas assim, é misturado embora lá tenha a coordenação da polícia, tem a coordenação do bombeiro e tem a coordenação da polícia civil. Todo mundo dá instrução pra todo mundo. Agora tem uma instrução, as instruções pertinentes a bombeiros, é só pra bombeiro. A instrução geral onde abrange regulamentos, ordem unida, é conjunta Aline: “Porque isso seria igual mesmo pra todos, né?” Seria igual pra todos. O que o policial sabe de instrução geral é pra o bombeiro saber também. Mas as partes específicas... policiamento ofensivo, aí não é com o bombeiro, salvamento terrestre, salvamento aquático, salvamento em altura, bombeiro, aí não entra polícia, embora estejam todos na mesma academia. E bombeiro dá instrução pra polícia, dependendo do assunto. Por exemplo, emergência pré-hospitalar. Então eu não concordo com esse tipo de academia que criaram. (OFICIAL FORMADOR – HÉRCULES).

Analisando o que Hércules suscitou acima, percebo que por trás deste questionamento crítico acerca da atual estruturação dos processos formativos, há uma preocupação com seus impactos para o processo de identificação profissional, ou seja, sua internalização fique em risco na medida em que estes futuros bombeiros estão diluídos em uma estrutura física compartilhada com outros profissionais, além dos recursos materiais próprios da profissão não estarem disponíveis.

Ao analisar os discursos dos egressos sobre os sentidos e as percepções atribuídos ao currículo vivenciado, evidenciei, ainda, paradoxos da (des)valorização do processo formativo.

Mas quando terminou (referindo-se ao curso de formação), quando eu me formei soldado foi... eu estava maravilhado.³⁶ (PRAÇA EGRESSO – PERSEU).

O curso de formação ele é extremamente importante nessa concepção. Inicialmente, a questão prática do bombeiro em si é o conhecimento que se tem da profissão, pra poder atuar é na hora da operação. E no segundo momento, é a questão emocional que tem dentro de si pela oportunidade que você tem, no dia a dia, nas operações de bombeiros, de estar salvando vidas, estar resgatando vida. Podemos dizer que antes da formação você não tinha o preparo nem tecnicamente nem emocionalmente, normalmente não se tem pra poder atuar. Então, esse papel é importante nesse sentido, por quê? Porque ele formou como um profissional pra atuar na prática, mas também formou emocionalmente pra poder executar as ações. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Ulisses, ao referir-se ao seu processo formativo, apresenta uma concepção que difere de Perseu e Ajax.

³⁶Perguntei como ele se sentiu neste processo de se tornar bombeiro.

o curso em si, ele não vai te ensinar a ser bombeiro, ele vai te dar um norte, porque o bombeiro é uma vastidão de conhecimentos (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Ainda sobre o papel do processo formativo, Aquiles traz uma concepção que se aproxima da ideia de Ulisses, sugerindo questões do mundo interno de cada indivíduo, egresso dos cursos de formação, como definidoras para a forma de atuação de cada um.

Eu costumo dizer que às vezes não é nem o curso, porque se a senhora olhar na filmagem³⁷, lá tinha uns dez bombeiros e quem subiu fui eu. Você tem que estar preparada para arriscar a sua vida, e às vezes tem de se perguntar, você tá... você quer pagar esse preço? São poucos os que querem pagar esse preço, são poucos os que querem arriscar a sua vida. (...)Então, nesse momento, o papel principal não vem nem do curso“ não vem não, “ vem de onde ? Do seu interior, entendeu? Você amar o que faz, de estar disposto a querer fazer e é assim. E acima de tudo assumir a diferença, porque ser igual é fácil, doutora, (...) ser igual é fácil, agora ser diferente, ninguém quer ser, e são poucos que querem ser. A realidade é completamente diferente, lá³⁸ é uma fantasia, na real é completamente diferente! E a gente aprende muito no dia a dia! Com o pessoal antigo! (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Através deste relato de Aquiles, pude refletir que existe um preço a ser pago para exercer o papel de bombeiro de forma diferenciada e a moeda é arriscar a própria vida. Por outro lado, os que disponibilizam esta moeda em seu cotidiano, ascendem simbolicamente na “hierarquia”, recebem como “pagamento” o fato de ser cultuado pelos próprios colegas de profissão. E neste caso, os bombeiros com mais tempo de instituição (e que pagam o preço, arriscando a própria vida) assumem o papel de referência, principalmente para os mais novos. O herói surge e é cultuado entre os demais, dando vida a futuros heróis, a sua imagem e semelhança.

Deon, apresenta uma reflexão semelhante à Aquiles, ao considerar aspectos do mundo privado do indivíduo para o processo de constituir-se profissionalmente durante os cursos de formação, referindo-se aos egressos que não se apropriam dos valores, crenças, atitudes e saberes trabalhadas na formação. Ao observar a linguagem simbólica de entrar na água e não se molhar, vislumbro que estes egressos parecem oferecer resistência à resignificação de seu mundo subjetivo. Segundo Paniago (2008) resistência pode ocorrer não apenas pela expressão verbal, mas pelo silêncio, pela imobilidade e pelo comportamento.

³⁷Referindo-se a um episódio em que Aquiles realizou um salvamento em altura, momento que foi filmado e, posteriormente, veiculado por uma equipe de televisão.

³⁸Refere-se ao curso de formação.

ele já vem com aquilo, o fator motivação é...a motivação dele foi para aquilo, e ele aceita mas é como se ele entrasse na água e não se molhasse e permanece naquilo. Claro que eu vejo que isso aí é a minoria, a grande maioria, não. A gente consegue trabalhar, consegue mostrar, consegue cativá-lo a desenvolver um trabalho que realmente a gente espera. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Evidenciei, portanto paradoxos na percepção dos egressos, situado em arena de contradições acerca dos sentidos e significados atribuídos ao processo formativo.

5.3.3 “Vidas por vidas”: a (trans)formação do sujeito e a (trans)figuração do herói

Jasão, instrutor dos cursos de formação, sente a necessidade que os alunos percebam a atuação profissional como uma atividade impactante e transformadora do mundo privado e conseqüentemente do mundo externo, pois faz surgir uma irreversível segunda pele.

É uma atividade que requer uma doação do indivíduo, ele não entra na atividade de bombeiro pra tá só durante as 24 horas que ele tiver de serviço. Ele entrou numa atividade que modifica a vida dele, ele, a partir daquele momento, ele permanece bombeiro pro resto da vida dele. Até perto da, das nossas casas a gente é referência pra certas situações. “Ah, chama o Fulano lá, que ele é bombeiro, ele vai saber, pelo menos dar uma dica pra resolver alguma coisa”. Então, é necessário que o indivíduo, ele se perceba nisso. A gente lá no nosso curso de formação, a gente ouvia muito dizer que a gente adquiria uma segunda pele. A camisa vermelha, né? Ela não larga mais da gente, ela tem que tá todo o tempo incrustada dentro da gente, em tudo que a gente faz. (OFICIAL FORMADOR - JASAO).

Analisando os achados, observei que a ideia de um processo de subjetivação que favoreça o surgimento de uma “segunda pele” parece

extremamente relevante para os formadores, pois Deon vale-se desta ideia da necessidade transformação do mundo interno do bombeiro para argumentar e pontuar que considera inadequada que os cursos de formação para entrar na instituição³⁹ mesclam futuros bombeiros com futuros policiais militares ou policiais civis.

ainda dentro da formação que é um momento do lapidar do diamante, ainda é carbono ali, então quando é carbono ainda eu não tenho como mesclar, mais qdo são diamantes, lapidar um diamante aí é mais perfeito. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Articulando os achados da pesquisa, apresento a compreensão de Perseu que denota exatamente o sentimento de transformação a que se referiram os formadores. Perseu chega a utilizar a mesma palavra – lapidação – trazida por Deon.

entrei grosso entrei uma pedra grossa, digamos mais o menos assim, entrei uma pedra grossa, lá passei, fui lapidado para me tornar bombeiro. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Usando a linguagem proposta por Deon e Perseu, esta lapidação que o curso de formação possibilita, inclui como mudança de atitude a relação do bombeiro com o medo, por exemplo. Conforme os discursos abaixo, de Aquiles e Ajax, é possível identificar que o currículo de formação promoveu um redimensionamento do seu mundo interno, cuja crença e padrão de comportamento se ajustaram ao perfil de sujeitos que a instituição quer formar, revelando uma face do currículo que não está prevista nos documentos. Ser bombeiro implica a ressignificação do seu mundo interno, cujo valor de enfrentamento das limitações fundamenta e media o processo de subjetivação.

Antes de entrar aqui eu tinha uma fobia muito grande de mar, lembro como se fosse hoje a gente... eu andando com meu pai quando o um pai era vivo ainda, lá na empresa dele a gente foi dar um passeio de barco, eu tinha acabado de assistir aquele filme do Tubarão e olhei aquele marzão e o pessoal "oh, entra na água" eu não queria entrar por causa do filme e me jogaram na água então aquilo ali me deixou com uma fobia enorme de mar.

³⁹Estes cursos de formação inicial tratam-se dos cursos de soldados ou tenentes, patentes iniciais para aqueles que passaram no concurso de praça ou oficial e vão se inserir na instituição. Pela pesquisa de campo, fica claro que, embora os processos formativos dos bombeiros, polícia militar, polícia civil e perícia forense ocorram em uma academia unificada para todas as instituições, Academia Estadual de Segurança Pública do Ceará (AESP), os cursos de formação de soldados e oficiais (tenentes), acontecem separadamente.

E eu lembro como se fosse a primeira vez que a gente foi entrar aqui no mar para fazer uma travessia, eu senti, eu vi que aquilo ali eu precisava perder, precisava de trabalhar aquilo ali, então foi a cada dia, todo o dia entrando nesse marzão nadando sozinho, às vezes só, às vezes com dupla, trabalhando aquela fobia até que a gente chega na situação de que hoje eu sou apto a mergulhar em qualquer canto aí, né, sem medo de tubarão, sem medo....é isso que a gente faz, a gente trabalha o medo, entendeu? (...) eu ia ter que entrar porque, se fosse uma vítima, se a vítima estivesse lá, não entrava porque estava com medo? Acho que a gente tem de trabalhar e isso é trabalhado aqui são dadas orientações dizendo que a nossa área marítima que não tem tubarão, a pessoa pode ficar tranquila em termos de ataque e tal a gente vai trabalhando, trabalhando até que consiga, não perder, mas enfrentar o medo. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Porque é a partir da formação que você vai é...abrindo os horizontes do que é ser bombeiro, do que é executar é... determinadas operações no local das ocorrências, do planejamento pra executar as operações, então, o curso de formação ele tem esse fator preponderante para formar, pra preparar o bombeiro como pessoa e também emocionalmente para ele atuar numa ocorrência operacional. Então, o curso de formação ele tem esse fator preponderante pra preparar realmente o civil, digamos assim o civil, é... num período X de curso para poder é... dizer “esse aqui é um bombeiro formado e hoje com capacidade realmente de atuar nas operações de bombeiros”. Por quê? Porque passou pelo curso de formação, e esse é o papel do curso de formação, preparar...é pra formar preparar o camarada hoje pra cumprir não só tecnicamente, mas também emocionalmente para a profissão de bombeiros. (PRAÇA EGRESSO - AJAX).

Os discursos de Aquiles e Ajax parecem entoar a concepção de Deon.

Bom, eu acredito que um bombeiro para ser, uma pessoa para ser bombeiro hoje um perfil seria: Uma pessoa responsável, uma pessoa que ele pode ter os medos que todo mundo tem, mas ele tem condição de buscar superá-los. Uma coisa é eu dizer para a senhora que isso aqui é difícil de fazer e não lhe ensinar, outra coisa é eu sei que é difícil fazer mas você pode fazer assim, assim e assado será seguro e você realizará. Se após a formação, ele ainda continuar com medo, é um pouco difícil tá na profissão, ele tem que ser uma pessoa que tem que trabalhar o medo. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Aquiles, Ajax e Deon apresentam ideias convergentes sobre o curso como agente de transformação dos sujeitos, demandando o enfrentamento das limitações ou dos sentimentos que sejam percebidos pela instituição como possíveis obstáculos para o exercício de suas atividades profissionais.

A compreensão sobre o que é ser bombeiro aparece atrelada ao salvamento de vidas e ao surgimento de outra dimensão, antes inexistente - heroica? - e faz o sangue de bombeiro começar nas correr nas veias.

PERGUNTEI O QUE ERA SER BOMBEIRO PARA ELE... bombeiro é salvar vidas, para mim no meu eu, o bombeiro é a minha vida, neste momento, desses 25 anos de serviço, não no início como sempre eu falo, não tinha o pensamento voltado a ser bombeiro, mas depois que entrei bombeiro que eu realmente... o sangue, o sangue de bombeiro começava a correr nas minhas veias, que vejo o serviço de bombeiro, só você sair, já fui a diversas e diversas ocorrências.... que você sai para salvar uma pessoa que você não sabe nem quem é, você vai ocorrência de um incêndio numa residência, um abaloamento, qualquer desastre, você sai pensando na melhor de... agir da melhor maneira possível de salvar aquela pessoa e salvar o bem daquela pessoa que está perdendo. Isso é... só quem tira serviço de bombeiro sabe como é gratificante, como deve ser o médico, como deve ser cada funções, cada profissional na sua função. Mas eu na função de bombeiro, é... pra mim é tudo, eu não me vejo hoje não sendo bombeiro. (PRAÇA EGRESSO- TESEU).

O que é ser bombeiro? É o que eu digo, é o que a gente diz, ser bombeiro é gostar de ser bombeiro, é gostar de salvar vida, é gostar de ajudar, ajudar ao próximo, certo? Não foi nem dentro do curso de formação, foi o dia a dia quando você vai se interagindo, dentro das ocorrências quando você vai se interagindo, até com as histórias, se identificando com as histórias de um e de outro no salvamento, dessa forma, essa gratidão que muitos têm, então, você vai se identificando, vai sendo mais bombeiro ainda, principalmente essa ocorrência de chegar e...deu certo aquela ocorrência, salvamos, embora você nem veja mais aquela pessoa, mas você sabe que a pessoa foi salva, você sabe que você salvou uma vida, que o combate em incêndio ali foi feito. Então, são coisas que aí que a gente vai sendo bombeiro, que a gente vai resgatando, vai crescendo como pessoa, como bombeiro. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Ser bombeiro é poder ajudar o próximo, né, é fazer tudo com satisfação, é... às vezes a gente que ama o que faz se limita a deixar a família em casa, ser um pouco ausente para viver mais isto aqui, né? Isto aqui é o que eu acho ser bombeiro. E... é quando nas ocorrências dá o máximo pelo próximo, não só pelo próximo, mas por animais também, porque a gente arrisca muito a vida para salvar animais e é isso a cada dia aprende, vive, ama, eu particularmente a cada dia amo mais o que faço. (PRAÇA EGRESSO – AQUILES).

é o profissional que parte assim do princípio que tem uma profissão diferenciada das demais profissões, porque ele trabalha no dia a dia com a vida humana, no resgate é...da vida humana, né, em situação de perigo, nas ocorrências operacionais, (...) o profissional de bombeiros, ele se torna um profissional diferenciado porque no dia a dia do trabalho dele ele fazendo... tá prestando seu grande trabalho, sua grande é...sua grande é... digamos assim uma ação... importante para a vida em sua essência. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Há, ainda, uma análise das falas de Perseu, Ulisses, Aquiles e Ajax. Todos denotam uma compreensão semelhante sobre a profissão, não é apenas uma questão de ajudar ou se sacrificar por quaisquer seres vivos ou mesmo bens materiais, ainda que a própria vida esteja em risco (herói?), é preciso nutrir uma paixão por esta atividade. Reflito, ainda, sobre o papel desta paixão ou de outros

aspectos emocionais como combustível para o exercício de uma profissão cuja vida de um ser humano ou de um animal e até mesmo um objeto, como um carro ou uma casa, assume uma relevância maior do que a própria vida. Como sugere um dos achados da observação participante, o Corpo de Bombeiros possui como um dos lemas a frase “Vidas por vidas”, lema este que aparece ter feito sentido ao mundo interno dos entrevistados, inclusive Teseu.

Teseu, por sua vez, ao referir-se à sua compreensão ser bombeiro, traz de forma mais clara a dimensão narcísica, em que a sociedade ocuparia o papel do rio que reflete sua imagem, através do reconhecimento dado à profissão do bombeiro.

A minha compreensão partiu da ideia de servir e ser é... como é que eu posso dizer ... reconhecido pela população então, a partir do momento que eu vi que a minha formação finalizou, que eu passei a servir a população e ser reconhecido por ela eu ,vi realmente o que era ser bombeiro (...) então aí a gente efetiva aquela brincadeira de criança com essa ideia de reconhecimento da população. (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

O discurso de Deon dá corpo à discussão realizada acima, pois fala do lugar de formador e refere-se a um processo interno que acontece à muitos bombeiros, em que o processo formativo possibilita despertar para missão cujo encantamento funciona como combustível para ação, como mencionei anteriormente.

Então, aquela maioria que entra, é gente boa, que tem vontade na...no seu íntimo,de ser um colaborador. Quando ele vê que dentro da atividade que ele escolheu, dentro dessa missão que ele tem, ele pode ser um colaborador com a sociedade, ele se encanta. Aí é que eu vejo o diferencial. Porque existe o currículo programado, existe a experiência do profissional que está repassando não só o conteúdo, mas a vivência, mas existe o elemento captador, que é o aluno que ta lá. E nesse aí eu vejo que a grande maioria são pessoas de boa índole, pessoas que “Ah eu tô aqui por o dinheiro”, mas não! Na hora que ele vê uma situação alheia e que ele lembra que ele tem o conhecimento e que pode colaborar,o lado bom flui, floresce naturalmente e ele se predispõe a se arriscar e ajudar sem nem pensar, muitas vezes. O que eu vejo é isso. É um conjunto, na realidade. O currículo, que é a parte física, capacidade técnica do profissional que está ensinando, aliada a sua própria motivação profissional. E pessoas que estão abertas a novos conhecimentos. Eu vejo isso. Juntando essa trilogia aqui, nós temos um bombeiro profissional. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Destaco, ainda, como ponto para análise, o paralelo que Deon estabelece entre o conhecimento – adquirido na formação, a predisposição para o risco e o florescimento da bondade, ou seja, não se trata apenas de uma ação profissional,

mas de um ato que os qualificam ou purificam enquanto pessoas boas, algo que se costura tão íntima em sua psiquê que possibilita que o indivíduo aja sem nem mesmo pensar; assim os discursos dos egressos e formadores unem-se uma só direção.

Digamos, ele teve 70 %, “o curso” o curso, os outros 30% foi a minha pessoa, aí durante o curso, as instruções teóricas e práticas ficaram digamos 10%, e o meu querer ser bombeiro tornou-se 90%, aí inverteu. Mas, é... me sinto hoje, muito, muito, muito gratificante por ser bombeiro. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

No recrutamento eles plantam aquela sementinha. Hoje essa semente tá uma árvore grandiosa, “frondosa” frondosa... que dá frutos, entendeu, é assim. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

A compreensão de Perseu e Aquiles vai ao encontro da análise acima empreendida, pois sugerem o papel do curso como agente de fecundação do profissional e na transfusão do sangue de bombeiro, ao mesmo tempo em que ratificam que depois o curso vai perdendo força e o bombeiro vai se constituindo por outras vias, para além da formação inicial, suscitando, assim, a ideia da autofomação.

5.3.4 O caráter grandioso da profissão: “Vidas alheias, riquezas a salvar”

Há um eco nas falas que denotam atribuir às vidas salvas o caráter grandioso da profissão de bombeiro militar.

mas graças a Deus, graças a Deus, a grande maioria das ocorrências que eu fui, é em relação a... que tem... envolvendo vítima, foi com sucesso, graças a Deus. É muito bom! Só sabe isso quem... só sabe o valor assim... a grandiosidade de salvar uma vida quem já fez isso. É muito bom! É gratificante, muito gratificante! (PRAÇA EGRESSO PERSEU).

pedi a Deus um emprego que pudesse ajudar o próximo, e depois de X⁴⁰ anos, né, ele me concedeu essa graça, eu consegui passar na polícia e no

⁴⁰Em razão da preservação da identidade do colaborador da pesquisa e por não trazer nenhum prejuízo à compreensão do que foi dito, omiti o tempo a que se refere Aquiles.

bombeiro, e graças a Deus no período lá de escolher, eu me lembrei do pedido que fiz e optei por ser bombeiro. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Ulisses e Teseu aprofundam a ideia de salvar vidas, já anunciada por Perseu e Aquiles, ao trazer em suas falas a identificação da profissão com o fazer o BEM e o ajudar, dando um sentido mais amplo e simbólico à ideia de resgatar vidas.

então isso aí é que motiva a gente, certo? Muitos dos jovens chegar pra gente e dizer “OFICIAL, passei no vestibular” (...), e dizer que nunca achava que ia fazer uma faculdade, (...) então são coisas assim que a gente acha besta, mas ver esses meninos na faculdade, dizer que os pais chegarem pra gente e dizer “Rapaz o que foi que você fez com meu filho?” a gente até se assusta, “O que foi ?”, “Não porque agora ele me pede a benção e me chama de senhor”. Então, isso aí satisfaz a gente, que a gente... motiva a gente a ser bombeiro. Fazer o bem, buscar melhorar a vida de pessoas que a gente nem conheça, a gente possa ajudar. (...) Então, como eu disse, a gente poderia só esperar ser só as ocorrências, mas aí a gente tem essa satisfação desses projetos que os projetos também ensinam muito a gente. (...) Então é... indiretamente a gente também resgata essas pessoas, como eu disse, pessoas carentes, pessoas que até que a gente vê que a família é muito desagregada mesmo assim, muito esfacelada pela família (...) muitos meninos já tão formados, a gente já tem fisioterapeuta, nós temos, tá formando em direito, pedagogo, é... serviço social, educadores físicos, então passaram tudo pela gente. Muitos mesmo. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

aí quando eu vi que tinha a doação de sangue, “pronto, eles têm outras missões, não só combate fogo”, aí, fui pro meu pai, né? (...) E ele foi o primeiro a me falar que bombeiro não fazia só isso, combater incêndios, né? (...) Ver gente dando seu sangue mesmo, “tá aqui meu sangue para vocês, pra vocês sobreviverem (PRAÇA EGRESSO – TESEU).

Perseu, Aquiles, Ulisses e Teseu denotam que o sentido dado à profissão advém da ideia de salvar vidas, o que, na subjetividade privatizada, parece sustentar o significado grandioso de suas ocupações. Diante desta análise, articulo, pois com os achados das entrevistas dos formadores, que explicitam uma dimensão oculta do currículo pela ideia de fomentar nos egressos a compreensão do “mistério” e da “arte” de salvar vidas, ação que engrandece, enobrece e, portanto “não tem preço”. Assim, aponto que o conteúdo do discurso dos egressos aparece ancorado nos valores que os formadores carregam e objetivam transmitir, conforme os relatos abaixo:

E na realidade, a ideia, pelo menos a gente coloca pros alunos que aquilo ali, a ação operacional que ele executa, a ação profissional que ele desempenha, é de fundamental importância pra sociedade, e que ele se sint orgulhoso de poder executar esse mistério, de poder estar trabalhando numa... numa atividade que não é uma profissão, porque salvar vidas é uma arte, né? A arte de salvar vidas. Eu tenho que fazer um pouco mais do que meramente usar as minhas técnicas, usar o meu preparo psicológico e o

meu preparo físico. Eu tenho que fazer com que aquilo seja “engrandecedor”, ou seja, enobrecedor, pra atividade que eu executo. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Eu vejo o prazer e a emoção de ajudar alguém. Não o heroísmo, não o ato, mas a emoção de tirar alguém da situação difícil não tem preço, né? A farda que se queima, cento e cinquenta reais, né? Um coturno, um sapato que se foi, noventa reais, prazer de tirar aquela pessoa de uma situação difícil não tem preço. É um mastercard!⁴¹ (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Analisando as falas dos egressos e relacionando-as com os discursos dos formadores, é possível identificar que a frase “vidas alheias, riquezas a salvar” não é tão somente um lema da instituição, sobretudo permeia e media as práticas de um ensino tácito que dialoga com o indivíduo sobre o caráter grandioso da sua ocupação, diálogo que parece ser interiorizado, constituindo a compreensão privatizada do indivíduo.

5.3.5 O “teatro operacional” como espelho da autoimagem e a imagem social da profissão

O processo de descobrir-se bombeiro emite seus primeiros sopros durante o período recrutamento (processo formativo), pela experiência vivida da operacionalidade, sugerindo que as ocorrências têm papel fundante tanto na autoimagem do profissional, como na imagem social da profissão.

Quando é que você viu que tinha se tornado bombeiro? Acredito que no recrutamento. No recrutamento foi amadurecendo a ideia, foi vivenciando, no recrutamento nós não saímos para ocorrência, porque ninguém tinha farda, logo no início, mas com aqueles incêndios que a gente via, aquelas coisas, aquelas ocorrências com aquela adrenalina que acontecia na época, a gente já imaginava o que seria o serviço de bombeiro. E é muito... muito gratificante. Agradeço a Deus por ter me colocado no lugar certo, na hora certa. (...) Nosso recrutamento foi altamente muito, muito operacional, a parte de combate a incêndio. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

A partir da fala de Perseu, evidencio ainda um entrelaçamento entre o processo formativo dos Bombeiros e o imaginário social da profissão, na medida em que os cursos valem-se sobremaneira do recurso técnico-pedagógico da parte prática da ocorrência, eles reafirmam este imaginário, garantido, pois que os

⁴¹Ao mencionar essa questão do preço da farda ou do coturno (bota utilizada no fardamento operacional), Deon está fazendo alusão a um comercial de cartão de crédito cuja mensagem é: “existem coisas que o dinheiro não compra, para todas as outras existe...”, referindo-se à marca do cartão.

profissionais também sejam reafirmados pela sociedade. Sobre isso, Ulisses revela ainda que a imagem da profissão sustenta o que chamou de mística bombeirística.

porque quando a gente entra no curso de formação, a gente já começa a se empolgar, né? Começa a buscar ser bombeiro, certo? Então, como eu te disse, tem que buscar se identificar. Então, a própria turma faz com que a gente seja bombeiro, porque eu tive a felicidade de ter muitos amigos que já eram bombeiros, que já passou as experiências, então até essa mística que tem de ser bombeiro, até os próprios familiares, da gente, os amigos da gente, se orgulham de ter a gente como amigo, um amigo bombeiro. Então, isso aí também é um fator que motiva, certo? Um fator que...aí depois que você vai tendo a noção de como os amigos, né? Os entes queridos se orgulham de ser, aí que você se orgulha também de ser bombeiro. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Hércules reafirma a ideia que Ulisses trouxe acima sobre a mística bombeirística:

É aquela coisa de você participar de incêndio, de salvamento, de se ver numa... num calor de uma ocorrência, então cria aquela imagem sabe. Então, uma mística né, que a gente costuma dizer uma mística bombeirística. Enquanto que na atual academia o cara não pode dizer “Rapaz eu tenho a mística bombeirística”, tem não. Porque se ele tiver de ter essa concepção ele vai ter que se envolver muito, no dia a dia, nas ocorrências (OFICIAL FORMADOR - HÉRCULES).

Aquiles corrobora com as ideias de Perseu e Ulisses e Hércules, sobre o papel das ocorrências na constituição da imagem da profissional, trazendo, de forma contundente, sua percepção e delegando, ainda, ao imaginário social o lugar do bombeiro como herói; mas, em seu discurso objetivo, não se coloca nesta posição, contudo, menciona fatos que sugerem ainda mais a superação de desafios e dificuldades “de bastidores”, denotando, pelo simbolismo de sua fala, uma autorreferência de um salvador que lida com condições adversas, implicitamente, portanto, enaltece ainda mais seus feitos, que já são heroificados, mesmo por quem desconhece tais desafios dos bastidores.

da forma como você acabou de descrever caberia para uma descrição que seria dada como herói ou não ? Para as pessoas que estão fora, sim! Mas para a gente como eu falei para a senhora a gente vai para a ocorrência se dá o máximo, mas quando a gente está aqui por trás dos bastidores a gente sente, às vezes a gente fica se lamentando se poderia ser de um jeito se poderia ser do outro se poderia chegar um pouquinho mais rápido, para salvar aquela vida, entendeu? Como é que você se sente sabendo que “quem tá fora vê dessa forma”? (...) Eu me sinto bem. A gente se sente bem, a gente vê que a população confia, a gente tem credibilidade. Mas quem tá dentro é outra realidade! A gente vê na hora... no semblante da pessoa quando a gente desencarcera. Do muito obrigado, do abraço, do aperto de mão, do pai, da mãe vir e agradecer, entendeu? Mas eles não sabem por trás dos bastidores que se tem uma a dificuldade muito grande!

De material, de equipamento, de estrutura, de tudo. (...) Não sabe nem o que foi a gente passou depois né, mas pra ela a gente foi lá e tirou “muito obrigado, a gente sabia que vocês iam fazer...” Acredito nesse processo de recrutamento... (...) começa a colocar pontos que você vai verificar se você gosta ou não gosta, se você tem aptidão ou não tem ... o que te vai dar bagagem mesmo são os cursos que a gente faz fora, são cursos de especialização mesmo, são cursos que te dão carga horária boa para tu treinares aquele exercício exaustivamente para que na hora da ocorrência você faça com precisão (...) e nesse curso inicial de recrutamento ele é mais para você se descobrir (...) e ter uma ideia muita abrangente assim do bombeiro. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Ajax menciona o “teatro operacional” como um espaço que possibilita uma compreensão mais clara da missão do bombeiro, salvar vidas, o que o retira da dimensão de empregado e o coloca em um lugar inominável. Assim, este “*não-dito*” de Ajax põe o bombeiro na dimensão de um sacerdócio, uma missão ou um dom.

Vai além do emprego e... (...) chega a um lugar que assim especificamente não dá pra você definir, mas o certo é que ele chega a um momento em que a gente se sente muito mais confortável profissionalmente, psicologicamente como ser humano, é...poder ajudar o próximo poder trabalhar com uma linha de ação que está sempre salvando vidas, o dia a dia do bombeiro hoje é um dia a dia de trabalho de resgate da vida também de salvar vidas em situações de perigo, em acidentes, em incêndios, em determinados tipos de sinistros. Essa frase da gente - referindo-se à frase que ser bombeiro não se trata apenas de um emprego-, nós passamos a entender melhor isso no teatro operacional mesmo, quando se viu a necessidade de atuar, às vezes até de forma fria diante do cidadão, mas com aquele equilíbrio que temos que ter diante de uma ação operacional. Então, no dia a dia quando nós passamos a acompanhar, passamos a executar determinadas ações, nós passamos a entender que... que aquilo dali realmente nós temos que ter aquele preparo, além do preparo profissional, mas tem que ter o preparo emocional, entender que aquilo vai além da ação de emprego, vai internamente, mais internamente a vontade de você estar próximo do ser humano, de você estar ajudando o ser humano. (PRAÇA EGRESSO - AJAX).

A operacionalidade parece ser tão alimentada pelo imaginário social, institucional (incluindo o currículo de formação) e privado do bombeiro, que Teseu denota um sentimento de incongruência entre aquilo que atualmente executa em seu cotidiano profissional (atividades administrativas) e suas crenças e valores sobre a profissão.

continuo aqui no administrativo, e também no operacional, esporadicamente, (...) na operação semana santa, operação carnaval, operação férias e réveillon também que eu vou estar aqui feliz da vida com certeza voltando um pouco pra operacionalidade, realmente quando a gente fica assim, né, no meio do birô, a gente fica assim,” o que eu tô fazendo aqui? Cadê a minha ideia de bombeiro de operacional” e tal, mas é. (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

Jasão, por sua vez, enquanto formador, explicita a necessidade e a intencionalidade de alimentar o “teatro operacional” como papel decisivo para o processo formativo, no sentido de subjetivar uma imagem profissional.

Eu falar da memória da instituição onde eu estou entrando, dos grandes feitos, das grandes dificuldades, dos heróis, né? Porque o bombeiro, ele é muito ligado ao heroísmo, né? Então nessa disciplina a gente sentia orgulho de saber o que os antepassados fizeram, “poxa, eu tô pisando num lugar que tem grandes feitos”. E isso mexia com a cabeça de um adolescente, né? Saído dos dezoito anos, dos dezenove anos. (...) Essas pessoas tiveram coragem de fazer tudo isso sem ter recursos, as pessoas se lançaram ao desafio de salvar outras mesmo sabendo que poderiam morrer, né? Então, isso traz um impacto muito grande, porque de certa forma, o bombeiro é meio esquizofrênico, né? Num grande incêndio, todo mundo corre e o bombeiro vai pra dentro do fogo pra poder tentar debelar o fogo. Mesmo sabendo que eu posso morrer, eu vou enfrentar o risco. Claro, usando a qualificação técnica que eu possuía, a preparação psicológica, o meu estado físico, (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

Deon complementa a ideia de Jasão, todavia reporta-se ao fardamento usado pelos bombeiros como aspecto trabalhado desde o curso de formação e que também presta-se à uma subjetivação profissional, ultrapassando a dimensão objetiva e material, alcançando sentidos e significados que constituem-se como identidade do indivíduo.

eu conquistei aquela farda, eu busquei conhecer, passei por um processo de seleção, passei por um curso de formação e estou tendo direito a receber aquela farda. É como o processo da academia que são três anos, eram três anos, agora vai mudar, mas você, nos primeiros seis meses, você não podia usar farda. Você tá chegando agora, deixa você conhecer um pouquinho o que é o bombeiro, e a partir do momento, seis meses é o tempo mínimo que eles dão, que é a entrega do espadim. “Bom, você pode assim, agora como você pleiteou, conquistou o espaço de usar a farda, pelo seu esforço, pela sua dedicação, você pode sim andar na sociedade”, então eu vejo uma via de mão dupla, internamente é ótimo, me identificando ali, eu conquistei, eu busquei, e tinha vontade e to usando. E a outra é você tá em um ambiente, qualquer que seja, poxa você ali é um bombeiro, ali tá um profissional, e não é só um bombeiro, ali é um profissional que atua dentro de ações que são benéficas a sociedade, uma pessoa bacana, uma pessoa legal. Vejo esses dois aspectos, pela conquista, por isso. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Assim como surgiu no discurso de Deon sobre o fardamento, Hércules traz a ideia da simbolização que tangencia para uma dimensão da autoimagem e da imagem social da profissão, trata-se, porquanto de alegorias que transcendem a realidade objetiva ou material, refletem e são refletidas, alimentam e são alimentadas pela identidade profissional.

Eu disse lá na frente de todo mundo “Eu não venho, eu não quero”, “Rapaz você tá sendo orgulhoso”, “Não, eu venho no dia que a academia for exclusivamente de bombeiro, aí eu venho com todo prazer”, “Rapaz você não pode pensar assim não”, “Posso, é um direito meu, qual o problema?”. Meu nome estava no meio, aí eu: “Major, o helicóptero, qual é a cor do helicóptero?”, “O helicóptero é da polícia, layout da polícia.”, “Pode riscar meu nome”, “Rapaz”, “Pode riscar meu nome Major, não quero não. Major, não quero, se o helicóptero for com o layout do bombeiro eu vou, com o layout da polícia eu não vou. Eu vou ta fazendo propaganda de polícia?” Nada contra eles, tenho muitos amigos na polícia, mas eu acho assim, cada qual no seu cada qual, e eu não fui. E nem vou. Só vou se um dia, mesmo na reserva disser “Ó vamos chamar o pessoal da reserva, tem helicóptero do bombeiro”, eu vou.⁴² (OFICIAL FORMADOR - HÉRCULES).

Deon reafirma a autoimagem a partir do olhar da sociedade e do lugar em que são colocados, face à natureza da atividade que desempenham.

Porque eu sempre vejo isso é... a diferença do que é polícia e bombeiro, porque na realidade nós somos oriundos da Polícia Militar, nossa organização mãe, mas com espécie bem distinta, então quando a pessoa está em situação difícil se ela vê o bombeiro ela corre para o bombeiro, se ela vê a polícia ela corre para a polícia, porque ela tem medo, medo de uma situação de risco, com a polícia ela corre também, o negócio tá sério se a polícia está aqui é porque a situação tá perigosa, “nós temos que sair daqui!” E o bombeiro, não. Quando vê o bombeiro ele vê aquele processo de não é que o profissional seja ruim é a circunstância que a pessoa se encontra. “da atividade, da natureza da função” exatamente. Então o bombeiro é esse profissional que desperta esse sentimento de que pode contar é, tanto é que quando acontece um problema que vem a público envolvendo o bombeiro, né, dá um destaque, bombeiro não sei o quê, é um negócio que todo mundo fica assustado, era bombeiro o quê aconteceu, como fez isso, então assusta um pouquinho. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Através dos relatos acima, é possível identificar que o teatro operacional é “o lugar” do bombeiro, ou, como sugere Bhabha (1998), é o entre-lugar, espaço de de subjetivação, singular ou coletiva, que principia os novos signos de identidade, signos estes que não podem ser negociados, pois negociá-los significaria distanciar-se do seu entre-lugar e perder-se de si, portanto, fardamento, cores de viaturas, acessórios e alegorias que compõem a profissão refletem a imagem do bombeiro, demarcam uma fronteira e situam a profissão e o profissional. O teatro operacional, como entre-lugar, seria um local intersticial, sem polarizações, nesta perspectiva seria possível a coexistência do homem e do herói.

⁴²Neste relato, Hércules faz referência a um momento em que foi convidado para trabalhar na atual academia, AESP.

5.3.6 *Em pouco tempo não serás mais o que és*⁴³: O lugar do iluminado

As entrevistas apontam uma transformação na maneira do bombeiro de ver o mundo e de se perceber diante dele. Depois do processo formativo, ao ser bombeiro e estar em uma ocorrência, o lugar de pessoa parece ficar subjugado ao lugar do iluminado.

Apesar de eu ser digamos uma pessoa assim, meio calada, meio fechada comigo mesmo, mas naquela ocorrência ali, eu não me sinto como se fosse o FULANO pessoa, me sinto como se fosse o FULANO bombeiro. INDAGADO SOBRE COMO CONSEGUE ISSO, ELE CONTINUA: não me esquivar, não... ficar escorando, “não se poupar” é não me poupar, eu me entrego totalmente a ocorrência, totalmente. E isso é bom demais, só quem é bombeiro, sabe o que eu estou falando. É muito... muito bom! Se fosse para fazer tudo de novo, eu faria tudo de novo. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

A gente tem que tá preparado pra isso. Então, é igual num incêndio. Eu já fui rendido em local, eu já fui rendido num local que a gente no local da ocorrência, onde chegou oito horas da manhã, a guarnição chegou lá no local e a gente passou a madrugada todinha fazendo combate em incêndio. Aí eu te digo: vai parar pra, é... pra almoçar, pra dormir? Não. A gente ta em serviço vinte e quatro horas. Então, a guarnição veio, rendeu, nós passamos todas as alterações e a outra guarnição continuou lá o serviço (...) aí foi pra minha folga. Quem quisesse, “Não, vou ficar, vou ficar por aqui”, pode também, tem uns que ficam pra ajudar os companheiros. “Ah, então eu aguento mais aqui, vou ficar até meio dia”, e fica lá. Então, mas eu digo os antigos. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Os dados me permitiram ainda observar que, em sua subjetividade privatizada Ulisses, a sua profissão exige uma necessidade de dedicação e cumprimento das obrigações, independente das aspirações individuais acerca de outros concursos ou projetos de vida.

“Pô, se eu...pelo menos eu estou aqui, nem que eu seja concursado, eu tenho que fazer e a minha obrigação é fazer bem feito ou fazer melhor”. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Aquiles e Ajax confirmam esse valor da entrega total e irrestrita do bombeiro à missão, sinalizando que existe um processo de subjetivação que mobiliza, no mundo interno destes indivíduos, a ideia de ajudar, mesmo com o risco à própria vida.

em todos os cantos que eu fui eu sempre procurei dar o máximo de mim, mas isso aqui não tem preço, desse jeito. Ajudar o próximo. (...) saber

⁴³Música Cazuza.

que a sua vida tá correndo risco pelo outro. Pro cara ser bombeiro o camarada tem que ter desenvoltura, tem que ter aptidão, o que é bombeiro é aquele cara que pro público externo é o herói, mas como é ...o camarada tem que ter desenvoltura, tem que ser destemido pra fazer o que sabe, acima de tudo, né doutora, tem que amar o que faz (...) tem que amar o que faz, porque se não amar o que faz você não vai... você não vai pensar nas ocorrências, você vai pensar só em você “Ah eu não vou entrar nesse buraco aí porque eu posso ficar pendurado...” “Ah eu não vou entrar nessa lama aí porque eu posso adoecer!” E a gente nunca tem proteção contra lama, (...). Se a gente, às vezes, for se melindrar por falta de material ou com medo do risco, não vai, não faz nada. Porque é aqui no salvamento a gente (...) entra em esgoto, a gente mergulha em canto aí poluído, a senhora sabia? (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Não, nós não chegamos assim... a ter orientação nesse sentido. Mas nós como pessoa entendemos que aquilo dali ia realmente além de um emprego, por quê? Porque você tinha que dar resposta. Ou era resposta à sociedade é diante de determinadas situações, quando você precisava do preparo, do conhecimento pra salvar a vida de uma pessoa que estava precisando, mas além daquele preparo você precisava ter dentro de si é... aquela condição, aquele equilíbrio e aquela vontade de salvar não só pelo emprego, mas pela importância que a vida tem. (PRAÇA EGRESSO AJAX).

O que apontam Perseu, Ulisses, Aquiles e Ajax me traz a seguinte indagação: Exercício profissional ou manifestação simbólica ligada ao Herói? Observo que apesar destes discursos nos quais o bombeiro, ao estar fardado em uma ocorrência, parece “despir-se” de questões tão humanas, também existe uma uníssona rejeição de se colocar objetivamente como heróis ou qualquer coisa que os valha; paradoxalmente, Ajax, de forma mais clara, aponta para um processo de subjetivação em que o papel de empregado também não é compatível com a profissão do bombeiro.

Os discursos dos egressos, apresentados e discutidos acima, parecem encaixar na concepção trazida por Jasão e Deon:

Ele tem que modificar a sua forma de pensar, ele não tá entrando na instituição pra exercer um ofício qualquer. Como eu já falei, ele vai aprender a arte de salvar vidas. Isso não é... O Credicard não paga isso, né? É um algo mais. É um, um, uma sensação além do que uma mera profissão, né? É preciso que o indivíduo internalize isso dentro dele, porque as dificuldades são muitas pra ser bombeiro. E ser bombeiro no Estado do Ceará é muito difícil, muito complicado, porque a... as exigências da ação profissional, elas são muito gritantes por falta de equipamentos, por falta de recursos, por falta de pessoal, por falta de qualificação também. “Falta muita coisa” Falta muita coisa, mas há muita boa vontade “Ah, sobra boa vontade”. Há muita boa vontade, muitos, muitas pessoas que estão na ação operacional são muito... “Vontadosos”, né? Apesar das limitações, das dificuldades, conseguem desenvolver a atividade operacional, mesmo tendo o risco presente, né? Se eu tenho uma ação a ser efetuada sem o equipamento, eu vou tá me colocando em situação de risco. O que é que acionaria essa boa vontade? Ela vem de onde? Esse espírito, esses valores, esses princípios. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Um perfil de uma pessoa é ...que consiga manter a calma em situações mais difíceis, embora complicados...mas que ele busque pelo menos manter. Que ele tenha a...características de empatia, que para trabalhar na profissão você tem que saber .. às vezes, em ocasiões você vai estar com a pessoa ...em numa situação delicada, numa situação fragilizada, e ela não vai te ver como uma pessoa..é.. pode ser tão receptivo, pode estar desesperada, então a gente num afogamento ..tá desesperada. Então você tem que saber entender aquela pessoa que é uma vítima e você como conhecedor do processo de apoio tem que entender poder atuar que senão..., não consegue uma pessoa que é interessado, uma pessoa que tenha sentimento pela profissão acima de tudo, que ele goste do que estar fazendo. Se ele está porque ah! É concurso! ah emprego, não vamos deixar existir, e se respeita porque é uma realidade, é uma oportunidade, mas ao longo do seu processo de formação ele aprende a gostar. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Os discursos e a análise, acima descritos, adquirem ainda mais eco a partir do que, abaixo, explicita Jasão.

Então os bombeiros resolvem esses problemas muito mais por sua... Por essa pele, como eu já falei, pelos valores que tem, vai lá e consegue resolver, né, com muita boa vontade, com muita, muito cuidado pra não serem também mais uma vítima do evento, né? Mas a gente vai lá e resolve, mesmo sem ter essa formação tão específica, que o que a gente tem é uma coisa muito superficial. Então essa pele acaba sendo um equipamento aí... Acaba sendo um equipamento que ajuda na hora da ocorrência. Sem ela, ia ficar difícil, né? Fica muito difícil, fica muito difícil. É muito difícil atuar sem ter essa percepção, porque aqui há muita carência de tudo, infelizmente. A cidade é muito grande, Fortaleza, e... Há muita ocorrência, e muitos, muito tipo de ocorrência que desgasta o bombeiro porque não tem um simples equipamento. “Mas ele faz?” Faz. Faz e resolve. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Com isso, compreendo que existe uma intencionalidade de despertar o lugar de iluminado nos bombeiros em formação, caminho que garante um pacto do profissional com sua missão, independente das limitações, dificuldades ou mesmo das condições de trabalho; apenas internalizando estes valores, o bombeiro está “equipado” para uma ação e os riscos decorrentes desta, e este equipamento não se trata de um objeto material, é simbólico, subjetivo e relaciona-se como os valores internalizados, cabendo, portanto ao processo formativo tirar o indivíduo desta posição de empregado.

5.3.7 A dor e a Delícia de ser o que é: Da iluminação ao peso de salvar vidas

A discussão a seguir sugere que o lugar de iluminado e a satisfação profissional estão alicerçados na ideia de salvar vidas, ponto de interseção que

alimenta o mundo interno, ao mesmo tempo que fomenta uma carga emocional, por vezes, onerosa,

Se eu soubesse que fosse tão bom e é tão bom você sair pra uma ocorrência pra salvar, ou tentar para ser instrumento para salvar alguém. Salvar o caminho alheio. Por isso que nosso lema é Vida alheia e riqueza salvar. “Você leva isso ao pé da letra, né?” Totalmente. É como a minha esposa fala, “rapaz, eu moro no quartel e visito em casa”. Porque eu amo. (PRAÇA EGRESSO PERSEU).

eu não procuro reconhecimento, porque a sensação de você salvar uma vida, de você saber que você salvou uma vida, ali, poucos ali, é...voltam ali pra...acho que foi uma ou duas pessoas, eu acho que foi duas pessoas que já chegaram e disseram “Ó”, foi, foi duas pessoas que eu lembro. (...) aquele agradecimento, quer dizer, é muito, é muito bom. É uma sensação indescritível. Você fica grande, você fica bem, você fica leve, você fica... é aquela sensação de dever cumprido, aquela sensação que você ajudou alguém e fez bem o seu trabalho, que você realmente diz “Ó, é...eu gosto de ser bombeiro” isso aí que motiva, certo? É você ter aquela, é... eu digo até aquela bênção, aquela oportunidade, aquela, é...você ser abençoado mesmo, você ser abençoado, porque você salvar uma vida é muito prazeroso mesmo, é muito bom, não tem descrição. Quando tudo dá certo. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Ajudando, fazendo resgate, poxa, resgates múltiplos, teve um dia, que foram dezoitos resgates ininterruptos (...) foi histórico esse dia, nunca na minha mão alguém faleceu, graças a Deus, não tive esse desprazer de tirar alguém da água e essa pessoa falecer, mas, um companheiro meu, do meu lado no mesmo dia, fez um resgate de uma pessoa, e essa pessoa veio a falecer, então, assim, como ele é da minha equipe no dia lá que estava lá atendendo ao posto eu me senti muito penalizado, eu falei, “poxa, será que eu falhei, será que se eu tivesse pegado aquela vítima e ele pegado a minha, será que eu conseguiria fazer ele sobreviver”, aí você fica se sentindo culpado por aquela coisa né, e também tem o aspecto psicológico da culpa né, na falha de um resgate na praia e tudo, mais assim depois eu superei isso porque eu vi que poxa, eu fiz o que eu podia, não dava pra eu salvar a vítima que o companheiro já estava resgatando, ele fez o que ele podia também. (PRAÇA EGRESSO TESEU).

e toda a vida que entro em serviço eu fico ali na porta do meu armário e peço que Deus me faça instrumento do trabalho dele para que a gente possa sempre estar ajudando o próximo e também trabalhando com segurança, né, segurança da guarnição a gente se preocupa muito ali no coletivo, e graças a Deus está dando tudo certo, a gente consegue desempenhar o papel e ser agraciado por Deus, porque no final das contas o camarada sempre vai carregar aquela responsabilidade, não tem quem não carregue. Porque acontece assim, se a gente faz uma ocorrência dá tudo certo, a gente é um herói, mas se deu errado, a gente é culpado, apesar das pessoas... além das pessoas nos culparem, a gente fica com a culpa também, se autoculpando, e isso não é bom. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

passa a ser, a ser uma condição também de humanidade muito forte dentro de si, porque a essência da vida ela é uma coisa fenomenal para o ser humano, então quando você consegue salvar uma vida ali, aquilo não tem preço, então é extremamente gratificante pra você salvar a vida de uma pessoa, e que muitas vezes só o bombeiro consegue fazer aquele trabalho que qualquer outro cidadão não faz porque... às vezes porque não tem a formação, às vezes porque não tem aquele preparo emocional, então é uma

profissão muito gratificante nesse sentido, porque você tem uma oportunidade, a... oportunidade de executar ações assim, extremamente emocionantes e extremamente fundamentais para o salvamento de uma vida. (PRAÇA EGRESSO - AJAX).

Ajax complementa ainda, sugerido uma dimensão interna, privatizada, para além do conhecimento, atrelada ao desejo e ao brilhantismo, é preciso ser iluminado.

ele tem realmente tem que querer , mas ele tem também que abraçar a causa, buscar o conhecimento pra poder atuar e atuar bem como bombeiro. Não adianta só ele querer ser bombeiro, ele chegar dentro da instituição, passar num processo seletivo, ter uma formação, mas não nunca teve aquele... interno dentro de si, aquela vontade interna de fazer as operações, executar as ações com aquele gosto, aquele brilhantismo que tem que ter. (PRAÇA EGRESSO - AJAX).

Perseu, Ulisses, Teseu, Aquiles e Ajax apresentam um discurso extremamente significativo e simbólico sobre como compreendem subjetivamente a profissão, cujas vozes parecem eco de tão semelhantes na amplificação de suas missões, responsabilidades, glórias e até mesmo culpas, compreensão e sentimento que parecem ser partilhadas por Deon, conforme relato abaixo.

voltemos ao lado que a...aquela condição que todos nós temos, o lado emocional, o lado racional. A partir do momento que eu conheço as técnicas, eu tenho condição de desenvolver uma ação que em condições reais, em condições outras que eu não conhecia seria um risco fazer. Mas eu tenho que saber que eu tenho que fazer aquilo sem me arriscar, sem prejudicar outra pessoa e sem me prejudicar, e muitas vezes não dá pra fazer, não dá, mas o lado emocional nesse momento, ele supera o lado racional e faz a vontade de ajudar “Pôxa, se eu der as costas pra aquela pessoa, a situação dela vai ser muito pior” e comigo mesmo a consciência “Pô, eu to negando a vida da pessoa”, então toma uma ação que possa levar a isso. É claro que os grandes fatos que já aconteceram, deram certo, mas dos fatos também que não deram certo, ninguém comenta. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Como pesquisadora, em última análise sobre este aspecto, pondero que estas vozes são eco do currículo em sua dimensão oculta, falas estas que parecem “materializar” o currículo que foi vivenciado.

Aquiles reflete, ainda, uma de suas crenças sobre sua prática profissional, colocando-a como manifestação de, uma dimensão divina assumindo o lugar de “escolhido”.

Pra ser bombeiro eu acho que ele nasce, com esse dom, como pra qualquer uma profissão (...). Então, eu acredito que é assim, o cara nasce pra ser bombeiro, só vai demorar, alguns não vão ter oportunidade, porque a vida é

assim, às vezes ela não dá oportunidade pras pessoas que às vezes têm dom pra um certo tipo de coisa, (...) mas acredito que o camarada pra ser bombeiro, ele nasce com esse dom! Deus me deu esse dom e graças a Deus eu aproveito todos os dias no serviço, em casa, entendeu? A cada dia. Esse dom que é o que você resumiu em uma palavra é um dom de...divino, né doutora [risos] A gente só está aqui pra executar (...)eu acredito em Deus, acredito que ele é que te dá forças pra todo dia estar aqui, ele é te dar forças pra encarar as ocorrências, pra encarar a vida de um modo geral (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Partindo das falas de Perseu, Ulisses, Teseu, Aquiles e Ajax, bem como da análise acima empreendida, observo uma articulação com as ideias de Jasão e Deon.

Eu entendo que é esse senso de servir, né? O senso de estar na possibilidade de servir ao outro que tá numa situação delicada, em que a vida está ameaçada, o patrimônio está ameaçado. A coragem de enfrentar os riscos, né? Na realidade, não é coragem, né, é uma ação mapeada. Eu só vou aonde eu posso ir, se eu vejo que eu não tenho condições de fazer mais do que aquilo, né? Eu tenho que buscar outros recursos pra conseguir fazer. Mas a coragem de empreender uma ação operacional é, é um valor importante. (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

Jasão, a partir do discurso do formador, une sua voz à dos demais e ecoa currículo oculto como artefato de produção do senso de servir e da coragem.

5.3.8 O resgate simbólico: bombeiro cidadão

Ulisses traz ainda o papel profissional do bombeiro em uma perspectiva de cidadania, percebendo-se como agente de transformação social, para além das ocorrências e da operacionalidade, resgatando vidas também no sentido simbólico.

até, às vezes, eu falo, “Gente, era muito fácil a gente só esperar ocorrência, ficar no quartel. Nós temos trabalhos sociais. Estamos também salvando vidas? Estamos salvando vidas”. Só em tirar aqueles idosos da ociosidade, tirar eles da depressão, tirar eles ali da...da ociosidade que isso ficaria às vezes doente só por causa de pressão alta, pressão arterial, diabetes, certo? A falta de exercício ali, muitos deles ali já estavam em depressão. “Resgata, né?” Resgata (...) Dá oportunidade de eles conhecerem coisas que eles nunca iam imaginar conhecer porque a gente é...já teve relatos de ter senhoras que nunca tinham nem viajado doutora, certo? A gente veio assim, uma senhora chorando numa praia porque ela disse que nunca achava que ia conhecer uma praia. A gente sente assim como uma missão cumprida, tá entendendo? Como uma missão cumprida, como dizer “Poxa, eu podia ajudar aquilo ali”, certo? A gente fala que você não foi omisso né? Não foi omisso socialmente, certo? Então, você pode dizer isso “Eu ajudei, certo, eu gostei de ajudar e sei que vai motivar a gente, motiva a gente” (...) Então, muita gente doutora, que veja, muita gente reclama da violência, reclama que hoje você não pode sair, que muita gente é drogada, aí a gente

pergunta: você tá fazendo alguma coisa por isso, pra isso melhorar, pra isso mudar isso aí? “Ah o problema é do governo”. É não, se tá me atingindo, se eu posso ajudar, é meu também, certo? Meu também. Então, no sete de setembro a gente marcar com eles seis horas da manhã, seis horas da manhã estão tudo lá, sete de setembro é oito horas da manhã isso aí, oito horas. Seis horas da manhã já tão tudo lá, tudo empolgado pra desfilar, pros pais verem desfilar, pros amigos verem eles desfilar. Então, a gente motiva eles também e eles motivam a gente também. (OFICIAL EGRESSO - ULISSES).

No discurso de Ulisses, fica implícito uma visão dialética da relação de ajuda que estabelece com indivíduos e sociedade, o que me parece que, simbolicamente, ao salvar, o herói é resgatado.

Igualmente à Ulisses, Ajax reporta-se ao bombeiro cidadão que tem como causa o social.

Ser bombeiro é uma pessoa que tem que abraçar a causa, uma causa... acima de tudo uma causa social, uma causa social. (PRAÇA EGRESSO - AJAX).

Teseu enseja o discurso de Ulisses e Ajax, acerca do resgate de vidas e da doação de sangue, ambos com um viés simbólico. Todavia, Teseu, de forma explícita, (re)coloca o bombeiro no papel de herói.

... meus parentes⁴⁴ terem sido muito ajudados pelos próprios bombeiros numa época em que foi muito difícil para eles, (...) então aparecia vários bombeiros doando sangue e eu vendo aquilo, “pô, eu também vou começar a doar sangue assim que eu puder”, porque eu ainda não podia, né? Aí quando eu pude, eu comecei a doar sangue, aí eu fiquei me interessando, né, não somente pelas brincadeiras de carrinho, de bombeiro, né? Mas também esse lado que eles tinham de heroísmo mesmo, né? (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

5.4 Ambiguidade

Entre as categorizações, ambiguidade foi a única categoria analítica a *posteriori*, ou seja, foi uma categoria emergente durante o próprio processo de análise e reúne os discursos nos quais os atores da pesquisa se relacionam com uma realidade fenomênica atribuindo-lhe múltiplos sentidos ou significações, concebida como uma manifestação polissêmica da realidade pesquisada.

⁴⁴Na entrevista, Teseu menciona o grau de parentesco, então, para garantir o sigilo de sua identidade, alterei a transcrição para palavra ‘parente’, com viés generalista.

5.4.1 As faces do herói

Ambivalência entre a vivência da emoção, enquanto condição humana, e o distanciamento/bloqueio destas emoções, enquanto condição profissional/heroica. Há ainda uma ambiguidade entre a ideia de ser o salvador e de ser um instrumento (de Deus) para o salvamento, ao mesmo tempo em que tenta sair do papel de salvador, aproxima-se de uma DIVINDADE (DEUS) para que vidas sejam salvas.

Bombeiro é você ter que estar... é saber enfrentar as piores... as situações mais adversas, por mais que você fique emocionado, porque todos nós somos seres humanos, todos nós somos emotivos, por mais... numa ocorrência você esteja...que você tente, que você fique emocionado, que você é... o importante é você não perder o controle, porque se você vai para uma ocorrência, aquela vítima, aquela pessoa a qual solicite esses bombeiros, está precisando que seja salva, que seja...é ...tanto ela ... como um bem dela...que seja salva a contento.. aí se o bombeiro chega numa ocorrência demonstra insegurança, demonstra medo, demonstra rapaz...que não sabe fazer, ou coisa do tipo, a pessoa ...digamos o civil, a pessoa que está no sinistro não vai ter a confiança que o bombeiro vai salvar ela, porque nós...eu penso assim, nós bombeiros, nós não salvamos ninguém, quem salva é Jesus, quem salva é Deus, nós simplesmente estamos na função de bombeiro e, ou seja, nós temos o conhecimento melhor do que algumas pessoas, para que nós possamos, digamos, não sei se salvar as pessoas, mas que de... não deixar elas, talvez com um sofrimento maior, porque eu... talvez pela minha parte leiga, não sei, porque eu sou católico, vou a igreja, vou na igreja, tal... esse tipo de coisa, mas...meu ponto de vista é: sempre quem salva as coisas, tudo, tudo é Deus, Deus em primeiro grau, tudo na nossa vida tem que colocar sempre Deus na frente, mas nós digamos somente, nós somos digamos...instrumentos de Deus para que Ele possa salvar as pessoas. Ou seja, através dos nossos conhecimentos, através da nossa vivência no dia-a-dia... LOGO EM SEGUIDA, POSICIONA-SE COMO ALGUÉM QUE SALVA VIDAS mas graças a Deus, graças a Deus, a grande maioria das ocorrências que eu fui, é em relação a... que tem... envolvendo vítima, foi com sucesso, graças a Deus. É muito bom! Só sabe isso quem... só sabe o valor assim... a grandiosidade de salvar uma vida quem já fez isso. É muito bom! (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Aquiles também sugere esta ambiguidade da emoção, no seu caso, relacionada ao medo. Sua visão paradoxal de reconhecer o medo como estratégia de segurança da profissão e ao mesmo tempo desautorizar esta emoção ao impor ao bombeiro o atributo de ser destemido⁴⁵, sugerindo uma compreensão que transita entre o humano e o heroico, já que o medo é apontado pela ciência psicológica como emoção básica do ser humano. Além disso, menciona palavras como autocontrole e resgatar como perfeição, imputando-lhe a condicionalidade do

⁴⁵Segundo Aulete (2007, p. 347), destemido: Que não tem medo; corajoso; valente.

bombeiro não se acidentar, apesar de, no início de sua fala, ter precisado lembrar que é um ser humano.

A gente se emociona sabe, tem ocorrências que comovem a gente. a gente chora pela vítima também, por causa da vítima..... a gente é ser humano, a gente tem coração, mas a gente enfrenta o medo, esse é o ...a senhora vai encontrar muitos bombeiros que não enfrenta o medo, mas o bombeiro que é bombeiro ele enfrenta o medo, ele é destemido. Não só na água, em qualquer situação a gente sabe que vai fazer resgate em altura, faz resgate em setenta, cinquenta, sessenta metros de altura, entendeu? (...) então o medo ele faz parte da segurança, entendeu? Então, a partir do momento em que eu tenho medo em qualquer situação eu vou preocupar realmente em fazer uma ancoragem perfeita; em fazer checklist do meu equipamento se ele está, né, se ele está condicionado no meu corpo corretamente; vou ver se estou levando o material necessário e adequado para fazer aquele resgate, entendeu? Então o camarada que não tem medo, ele está sujeito a se acidentar, que a ideia não é essa! O bombeiro, que é bombeiro ele não se acidenta, não se acidenta! O bombeiro ele é destemido, ele tem autocontrole, ele sabe o material que vai utilizar, ele faz é... o resgate com perfeição para que ele não se acidente, nem acidente a vítima, é assim que é. “É, né? “E é assim que é para ser. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Jasão põe em evidencia o quanto as emoções transitam de forma ambígua na instituição, pois ao mesmo tempo em que adota o recurso da repetição como estratégia de ensino-aprendizagem que os proteja dos aspectos emocionais próprios de um cenário operacional, a instituição adota alguns recursos como a sirene que desencadeiam respostas emocionais. Conforme relato abaixo:

*porque lá no cenário emocional... Né, é um cenário em que os nervos vão estar... O bombeiro, quando toca a ocorrência, nas primeiras que ouve o chamado da sirene, o coração acelera, a adrenalina vai pro sangue. **ALINE:** Só nas primeiras vezes? Não, sempre! Sempre vai. A gente não sabe o que vai enfrentar né, mas sempre vai. (...) Mas há a necessidade de se criar o hábito no momento da normalidade, e o treinamento é pra isso, pra que ele se habitue a ter a resposta no momento do estresse, no momento da ocorrência. **ALINE:** Então essa repetição acaba protegendo o bombeiro “A finalidade é essa” de uma, uma adrenalina, de um recurso emocional na hora daquela situação de estresse e ele entra numa via mais instintiva pela repetição “Isso, a ideia é essa”.⁴⁶ (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).*

Deon também sugere a ambiguidade entre o medo, enquanto condição humana natural, e a inadequação deste sentimento, tendo como requisito a ideia do bombeiro lidar e superar o medo.

⁴⁶Neste momento da entrevista, interajo com Jasão tentando aproximar meu olhar de pesquisadora ao dele, como mencionei que o faria, quando citei a poesia do Moreno (2011), no capítulo sobre o percurso metodológico. Assim, tento refletir os conteúdos de sua fala no sentido de clarificar o que está sendo relatado. Esta postura que assumi me permitiu ter propriedade nesta análise, bem como na discussão que faço no item 1.3 da categoria da DIMENSÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA.

mas como é uma coisa natural do ser humano se a pessoa tem condições de lidar com ele, identificar e superá-lo, ele é mais que habilitado. Nem todo mundo aqui nasceu sabendo nadar em determinados locais, ou alturas grandes .E...e.. foi isso que eu vi uma vez de um colega meu lá na... nós estávamos fazendo o curso de oficiais e ele já era sargento aí eu perguntei: “rapaz você está com medo?” Ele disse: “meu filho, medo todo mundo tem, isso é que nós podemos trabalhá-lo. Eu tenho medo, mas eu tenho que saber trabalhar o momento pra poder atuar.” Pronto, eu fiquei tranquilo. (FICIAL FORMADOR - DEON).

Deon e Jasão seguem com um discurso que reafirma o bombeiro atravessado por dois lados, transitando em duas instâncias que se chocam e se complementam ao revelarem o lado racional do conhecimento ou da técnica e o lado emocional que pela sensibilidade “explode” no momento de uma ocorrência; tais lados são mediados por um recurso interno que Deon representa de forma figurativa pela balança.

Não é só eu arriscar. Não! Porque se eu disser arriscar eu vou estar até esquecendo alguns princípios e colocando aquela pessoa em risco. É, não existe essa expressão. E eu levo a despertar nessa pessoa a vontade de colaborar com o próximo. Isso é que se leva, é a coisa mais ampla. “Primeiro ele precisa querer colaborar com o próximo” Isso sim. Eu vou ta podendo colaborar com alguém num momento de dificuldade, e eu estou habilitando aquela pessoa a poder colaborar, sem arriscar a vida dela. Porque o conhecimento que é dado é pra isso, eu chegar numa situação difícil e poder colaborar, ajudar e não ser mais uma vítima, porque o bombeiro mais uma vítima, eu sempre digo, um bombeiro mais uma vítima, a gente tem que levar mais uma vítima, o bombeiro preso dentro do elevador não adianta, o bombeiro tem que estar fora do elevador, porque se não ele se torna mais uma vítima. Então, unindo isso aí, ele por intuito próprio, tem vontade de colaborar e vai lá, mesmo às vezes... que ele tem a condição e acaba se arriscando. Mas não é um vá se arriscar. Isso nunca! A ideia básica que a gente trabalha é: sempre a filosofia da sua segurança. Se infelizmente, naquela condição ali daquela pessoa, você tiver que entrar e você ficar, deixa a pessoa, porque a gente não vai poder entrar. “Ah, o lema é o sacrifício com a própria vida”, mas o sacrifício com a própria vida implica naquilo que nós temos que fazer responsavelmente, com conhecimento, com...” Ah eu tomei uma atitude, mas quase me arrisquei”, tudo bem, mas não foi a vontade de se arriscar, isso aí nunca. A gente tem que falar que tem que trabalhar com segurança, mas a vontade de colaborar e quando...a senhora sabe que nós temos a balança fiel, né, que é o emocional e o racional, então ela vai pender para qual lado deve ser na situação. Ele racionalmente sabe da técnica que ele aprendeu, é... a missão, ele sabe que a missão na instituição dele inclui a colaboração com a sociedade, mas ele tem que agir com cuidado. E o outro lado ele tem a emoção que é o lado sensível, que explode naquela hora, “Vou ter que fazer alguma coisa”. Nesse limiar, fiel dessa balança é que ele vai se arriscar ou não. Os dois lados estão presentes nele. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

ALINE: “Você disse que o bombeiro é meio esquizofrênico, né?” Dizem, né? (risos), no sentido de ir em direção daquilo que as outras pessoas fogem, né? ALINE: “A resposta dele é diferente.” Isso, ele não pode ter uma resposta emocional nesse cenário, ele não pode sentar no meio-fio e chorar, ele não tem esse direito. No momento da ocorrência, não. Depois que ele atendeu, a vítima tá segura, ele pode chorar, ele pode se

emocionar, ele pode sorrir, ele pode agradecer a Deus, mas no momento da ocorrência ele tem usar as técnicas que ele aprendeu, o controle emocional, e respeitar os limites físicos que ele tem, né? Eu jamais vou conseguir transportar uma pessoa com 200 kg sozinho. (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

A emoção do bombeiro parece transitar em um terreno ambíguo e dando a conotação que enquanto profissional/fardado, em serviço, não é adequado se emocionar, mas em um território de humanidade, como sua casa, sente-se “autorizado” a assumir sua condição humana.

Já fui pra várias ocorrências, emocionei bastante em algumas dessas ocorrências, na hora tentei não chorar, tentei ser o mais profissional possível, mesmo depois, de ter conseguido lograr com êxito a ocorrência, chorando bastante, ...em casa, não na frente da vítima, da pessoa que está avisando (...) nesse momento aqui falando aqui, eu estou muito emocionado, porque eu já sou emotivo, já sou emotivo, (...) por mais que às vezes a gente tente ser duro, ser é...não grosseiro, mas digamos é...fechado, fechado demais, mas às vezes o emotivo fala mais alto (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Por tirar o profissional do seu funcionamento racional, a emoção nas ocorrências é condenada, todavia, por não conseguir superar a sua humanidade, ela surge, apesar de inadequada. Assim, Aquiles e Jasão fazem coro com Perseu.

Eu sou um cara que me comovo muito fácil, tenho sentimento, né, quem tem sentimento é assim, né entendeu? Tem ocorrência que a gente age muito pela emoção, a gente sabe que não é pra agir assim, mas a gente age muito pela emoção... Às vezes ali a gente atenta até contra a nossa própria segurança um resgate (...) que fiz sem segurança nenhuma que o cara estava para cair e trouxe esse cara em cima do ombro, tem filmagem, depois se a senhora quiser posso passar para o email da senhora, para a senhora colocar lá no seu doutorado. (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Eu, particularmente, quando atendo ocorrências envolvendo crianças, eu me emociono, mas a emoção, ela é controlada no momento da ocorrência e depois é que ela tem a sua vazão, né? (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

Apesar de Jasão trazer um discurso em que as emoções surgem em um contexto de salvamento ou combate a incêndio, por exemplo, diferente de Aquiles, sua fala denota um mecanismo de racionalização, quando menciona a ideia do controle.

5.4.2 Bombeiro: herói ou empregado?

Uma questão ambígua é o fato que, o mesmo tempo que ser bombeiro não pode ser visto como um emprego e isso o tira do território de um trabalhador,

paradoxalmente, rejeita à ideia de herói, pelo atributo da sua própria vida, que pode ser ceifada em uma ocorrência, realidade que o tira da condição de imortal e, portanto, de herói.

Eu quero isso só pelo emprego, pelo trabalho, e aí tu sabe nadar? Não. Tu sabe... bombeiro quer queira, quer não, nós temos uma diferença, é essa coragem, claro, dentro da nossa segurança. Nós também, nós somos técnicos, eu sempre digo, nós somos técnicos, nós temos que trabalhar com segurança também, nós temos que pensar na nossa vida, certo. Nós não somos super-heróis não, o não, a gente também morre, aí também a gente se quebra, a gente se machuca, a gente adocece. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Ajax compartilha com Ulisses a concepção que o bombeiro não pode ser visto apenas como emprego, sugere a necessidade de um atributo que chama de “algo mais”, para além do profissional.

além ser um profissional que tem a necessidade que ele tem do emprego, ele é também uma pessoa que tem algo a mais, assim do ponto de vista humano pela condição que ele tem do dia a dia de executar sua ação, também está ajudando o próximo (...). Então bombeiro é muito gratificante nesse sentido não só profissional, mas pelo que ele faz no dia a dia pela vida humana, além do emprego... Tem, tem esse grande fator superimportante hoje na vida da gente, além de você executar suas ações do emprego do dia a dia como qualquer outro emprego exige, mas você tem essa linha de humanidade mais forte ainda porque você está trabalhando no dia a dia ajudando a salvar vidas. Então isso é muito gratificante que faz a gente como bombeiro. Então, nós somos beneficiados duas vezes ao mesmo tempo quando a gente é bombeiro: primeiro pelo emprego que nós temos; segundo, é... pela oportunidade que nós temos de estar trabalhando com o próximo, de estar ajudando a salvar a vida do ser humano, isso é muito gratificante. Inicialmente, a gente partiu do princípio de que ser bombeiro era mais pelo emprego, mas a partir do momento em que nós passamos a conviver com a profissão no dia a dia de trabalho passamos a ter uma outra dimensão do que é ser bombeiro. O bombeiro, o ser bombeiro, ele tem que... é como eu disse, é além de uma boa oportunidade de emprego, tem que ser, é abraçar a causa, do vestir, é... como se diz no popular, vestir a blusa e ir à luta, com aquele gosto que tem que se ter internamente por ser bombeiro. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Teseu traz à tona a ambiguidade posta na questão do reconhecimento, que surge como um conflito, pois, ao mesmo tempo em que há um posicionamento de reconhecimento por parte da população, legitimando a sua prática como bombeiro, há uma necessidade de ter o exercício profissional validado institucional ou governamentalmente. Compreendo que emerge outra face do herói, o herói ressentido, porque ser bombeiro herói nutre parte do mundo simbólico destes profissionais, mas o herói não é um ser planetário, descontextualizado, despersonificado de sua dimensão humana; ele transita em dois mundos com necessidades mundanas como qualquer outro profissional.

porque o reconhecimento da população é o que mais me agrada, sabe? Mas aqui o pessoal também leva muito em consideração o reconhecimento interno, eles não sentem isso aqui, não sentem mesmo, sabe? (PRAÇA EGRESSO - TESEU).

A inserção no cotidiano e a escuta durante as entrevistas me permitiram refletir criticamente sobre a ambivalência vivenciada pelos bombeiros no que concerne o território de trabalhador. Ao mesmo tempo em que rechaçam a ideia de tratar suas ocupações meramente como emprego, possuem necessidade de reconhecimento, inclusive em nível de remuneração, como quaisquer outros trabalhadores, como pude constatar, durante esta pesquisa de doutoramento, quando bombeiros e polícia militar realizaram uma greve, com uma série de reivindicações, principalmente salariais. Sobre isso, trago um registro do diário de campo:

Venho mantendo vários contatos informais sobre a greve dos bombeiros e, através da escuta de alguns posicionamentos, os relatos de um bombeiro me chamou especial atenção. Já na reserva e sabendo que estou realizando uma pesquisa de doutoramento, procurou-me para conversar, sinalizando sentir-se encorajado para agir como estava agindo, sem temor de sanções governamentais e disciplinares, como perda de promoção e até mesmo exonerações, como tem ocorrido com outros militares envolvidos com a greve. Então, fui informada que os bombeiros e a polícia permaneciam realizando assembleias para buscar legalmente seus direitos, já que o acordo feito com o governador do estado do Ceará não havia sido efetivado. Chama minha atenção o clima de desconforto e medo entre alguns bombeiros, pois a constituição federal, art 144, proíbe expressamente que militares participem de movimentos grevistas e de sindicalizações. Neste contexto, a necessidade de melhoria salarial e o mal-estar pela precarização de suas funções parecem andar de mãos dadas com as imposições legais, mesmo contra a vontade alguns e por mais que pareça paradoxal. Assim, algumas vozes que escuto, em minha inserção em campo, são vozes silenciadas, mas desejosas do que chamam de "reconhecimento", ou seja, de melhores remunerações. (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de maio de 2013)

Ao refletir, de forma articulada, sobre estes achados, pude analisar que, embora haja uma identificação com os atributos heroicos, a condição humana dos bombeiros, além de inegável, se manifesta, como princípio de realidade, através de suas aspirações e demandas individuais, familiares e sociais. Compreendo, pois, que na subjetividade privatizada destes indivíduos há espaço para as duas significações, ou seja herói e trabalhador assalariado, território em que a ambiguidade está posta. Assim, na verdade, rechaçam aqueles bombeiros que significam a profissão, preponderantemente, como emprego.

5.4.3 Ser ou não ser, eis a questão?

A questão do heroísmo também parece ambígua quando se confronta os discursos objetivos e subjetivos, ao mesmo tempo em que não se assumem como heróis, não rejeitam tal qualificação e ainda fazem relatos que sugerem verdadeiros atributos heroicos.

A gente entendemos como uma missão. Uma missão gratificante porque está salvando, está ajudando a salvar a vida do ser humano. (...) A gente se sente gratificado porque não é qualquer uma pessoa que é chamada de herói... Então, existem determinadas ocorrências que a gente realmente pratica pela vontade de salvar vidas humanas, mas também pela condição de preparo que a gente temos, então a gente se sente gratificado, é muito gratificante ser chamado de herói. (...) Embora entendemos que seja mais uma expressão da própria população, pelo... às vezes, é até um grande feito realmente para a condição humana da gente também como bombeiro, mas é importante, porque é uma palavra realmente que dignifica muito a vida do ser humano, a vida de uma pessoa que consegue salvar a vida de um ser humano. Então, às vezes você executa determinado ato de brilhantismo você ser tratado como herói isso também é gratificante para a gente (PRAÇA EGRESSO- AJAX).

Apesar de todos os achados evidenciarem o quanto a ideia do bombeiro como herói permeia a instituição, fica claro que os bombeiros não assumem objetivamente a “autoria” desta ideia, pelo contrário. Deon, por exemplo, faz um discurso em que atrela a profissão à ideia de salvar vidas e suscita que não “tem preço” exercer esta missão⁴⁷, ao mesmo tempo em que assume uma postura de rejeição à concepção de heroísmo.

Nada de herói, Não, não virou não. É porque herói é a ideia fictícia de alguém com super poderes. Se plantar essa ideia de herói, aí sim, aí seremos irresponsáveis. Aí era como a senhora perguntou, a cultura de se arriscar, ela tá na cultura do risco. E não é a nossa ideia. Eu vejo que tem que orientar com a pessoa que tem o conhecimento pra trabalhar, e ali pra ajudar. Porque senão a gente cria pessoas irresponsáveis no momento. Tem que ter muito cuidado. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Jasão apresenta um discurso contundente sobre não conceber o bombeiro como herói, mas ao mesmo tempo em que corrobora com a ideia que a sociedade os coloca neste lugar, enquanto o conhecimento técnico os tira desta posição.

⁴⁷Conforme apresentado no item sobre o caráter grandioso da profissão do bombeiro militar, da categoria analítica subjetividade.

eu não vejo o bombeiro como herói. Não vejo. Eu vejo o bombeiro como um profissional técnico. Porque assim, as ações heroicas que acontecem, pra população, a população é que vê, que nutre essa ideia do herói, é porque a população não conhece os saberes que a gente tem, não domina a expertise que a gente adquire ao longo da profissão. Então eles acham que tudo isso é um heroísmo, não é? ALINE: Então isso vem muito mais dessa sociedade, né? Mais da sociedade, porque a profissão me fornece elementos pra eu sempre agir de modo seguro, né? (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Ao ser questionado como a instituição lida com o fato da sociedade ser a responsável por esta representação do bombeiro como herói, Jasão respondeu:

Não vejo como um malefício, não. As pessoas não percebem como se fosse um malefício. Aline: “Uma ameaça”, uma ameaça. Muito pelo contrário, né? Se sentem envaidecidos. No entanto, isso de certa forma traz uns prejuízos no sentido de... A sociedade achar que a gente não come, não dorme, não sente medo, não tem covardia, que a gente não tem, é... Diante duma ocorrência, a gente não vá se sentir emocionalmente abalado. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Trago à discussão um dado que corrobora com a ambiguidade que está posta na temática do herói, diz respeito à observação participante, momento em que fui a um evento de lançamento de um curta metragem⁴⁸, produzido com os bombeiros do estado do Ceará. O filme chama-se “Heróis do Fogo”, com base nos registros que realizei na ocasião:

Já na porta principal da faculdade, chama minha atenção uma viatura dos bombeiros estacionada, com as luzes giroflex vermelhas piscando; cartazes do filme pregados nas paredes e nos elevadores e no auditório, a presença de praças e oficiais fardados para assistir à primeira exibição do filme, também comercializados no local. Ao final da exibição, alguns bombeiros presentes se pronunciaram, com um discurso de agradecimento à homenagem, entrelaçando a profissão ao salvamento de vidas, esta como atividade fim. (Diário de campo, 08 de outubro de 20013).

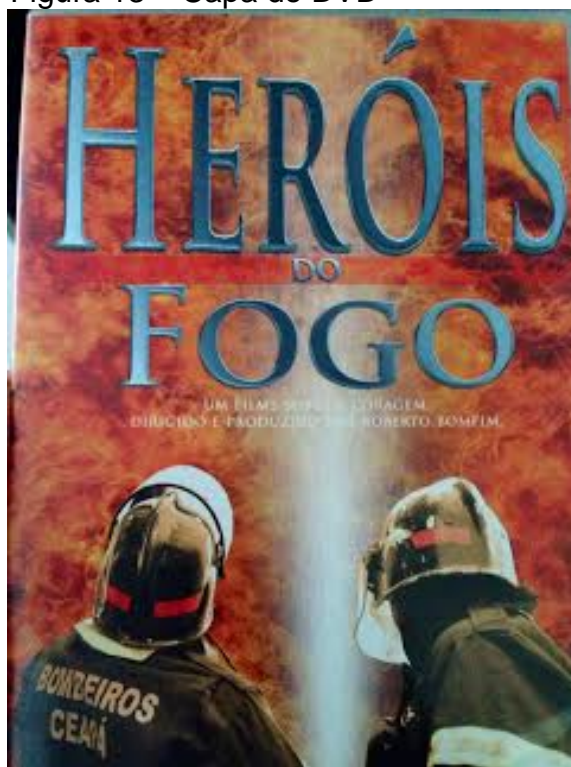
Figura 12 – Entrada do lançamento do filme

⁴⁸Este lançamento ocorreu no dia 08 de outubro de 2013, em um auditório de uma instituição particular de ensino superior.



Fonte: Autora desta tese.

Figura 13 – Capa do DVD



Fonte: Autora desta tese.

Analisei esta manifestação do campo empírico como uma legitimação da instituição à ideia do herói, que embora não seja proferida objetivamente pelos seus

representantes, como as falas supracitadas, no momento em que há uma manifestação social ou artística, por exemplo, que os coloca neste lugar, os bombeiros acolhem e denotam apoiar esta manifestação. Naquela ocasião, meu ponto de reflexão lançou-se sobre os mecanismos simbólicos das ações e rituais dos bombeiros, através do uso de alguns de seus símbolos, como fardamento e principalmente a viatura com suas luzes acesas, que parecem sustentar o lugar da cultura dos bombeiros, alimentando o signo que identifica estes profissionais. Embora estes processos pareçam naturalizados pela instituição, no lugar de pesquisadora, busquei o estranhamento dos fenômenos, como propõem os etnógrafos, assim assumi a postura crítica-reflexiva no sentido de captar a manifestação cultural que põe em evidência a ambiguidade entre o discurso nas entrevistas e a linguagem velada da instituição e seus membros.

Teoricamente, acrescento que em seu fazer cultural, o homem produz símbolos que, de certa maneira, são traduzíveis, como se os sentidos fossem cristalizados e, muitas vezes, se materializassem; o que, segundo Bhabha (1998), permitiria a diversidade cultural. Os signos, por sua vez, são mais complexos em sua caracterização, antecedem a cristalização de um sentido, portanto não se bastam e não dão conta da produção de narrativas ou identidades culturais, para isso é necessário que os signos sejam postos em movimento, adquirindo caráter dinâmico e dialógico, pois de maneira estática não geram produção. Precisa, antes de tudo, ser contemplado em seu movimento imaterial e subjetivo para que resulte em símbolos culturais. Enfim, os símbolos e signos estão concebidos nesta discussão como elementos que constituem o tecido cultural.

Foi neste tecido cultural, de signos e símbolos, que atentei para as manifestações da identidade do herói, durante a pesquisa de campo, particularmente na ocasião da exibição do filme, em que há um discurso verbal que rejeita tal identidade, paradoxalmente, há uma legitimação e uma manifestação cultural que (re)coloca o bombeiro no lugar de herói.

5.5 Ideologia

A categorização sobre ideologia foi concebida no início deste processo investigativo, como categoria *a priori*, foi, portanto formulada a partir dos fundamentos da teoria crítica. Assim, congregou a compreensão analítica dos discursos dos bombeiros que explicitavam uma ideia, representação ou ação que orientam e se inscrevem na consciência e no comportamento humano, produzindo uma forma de ver e se relacionar com mundo (GIROUX, 1986; LEITINHO, 2000). A partir desta concepção e da análise empreendida, sugeriram sete subcategorias que serão discutidas a seguir.

5.5.1 Não basta estar fardado, é preciso ter ‘pele vermelha’

A pesquisa revelou que a instituição concebe como inadequada a presença de Bombeiros que tratam a corporação como um emprego ou fonte de renda provisória.

Na visão dos antigos, muitos... o que a gente sente é que esses novos que entraram, eles não tem aquela visão, aquela vontade de ser bombeiro, não buscam cursos ALINE: “Esses novos que você ta falando é o de 2008?” 2008, exatamente. Então muitos deles se preocupam mais em fazer outro concurso, buscar algo e diz: não, então estou por aqui ainda pra me sustentar, ter um emprego, ter um... é... qual mesmo de ter uma maior sustentação mesmo. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

tem que ter o brilhantismo. Além da... da aptidão, tem que ter realmente o gosto, o prazer de executar as ações, porque se for só pelo emprego, ele também não... não consegue ser um bombeiro (...) Se for só pelo emprego em si, ele consegue ser, (...) mas na realidade ele vai tá, tá muito alheio ao trabalho em si de bombeiro, como profissional, como profissional, ele pode até desenvolver, mas ele vai deixar muito a desejar é... como profissional na hora de executar uma ação, uma operação de bombeiros (...) mas ele tem que abraçar a causa. (...) Senão, não será um bombeiro, ele será mais uma pessoa que vai estar... Fardado, mas que (...) tá faltando algo interno dentro dele. Ele tá lá como emprego, se segura como emprego, pela necessidade que tem a sobrevivência de um salário, mas abraçar a causa, trabalhar aquela emoção interna como bombeiro, não vai ser. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Ajax denota que esta ideologia alicerça a ação do bombeiro militar, sendo necessária, portanto, para que o indivíduo consiga executar a missão, que se for ‘meramente’ pela empregabilidade, ele não conseguirá fazer, assim, estar fardado é diferente de ser bombeiro. Apesar de a farda ser um poderoso instrumento simbólico e de poder, se não houver uma chama interna para acender as emoções e levar

abraçar a causa bombeirística, a farda será apenas uma “casca” esvaziada de grande parte de seu significado.

Para aprofundar esta discussão, explicito o discurso dos formadores, cuja ideologia aparece refletida no discurso dos egressos.

Ele sabe o que fazer na hora da ocorrência, é envolvido com a instituição de corpo e alma, né? e não enxerga esse fazer profissional como uma mera profissão... Não é só vir aqui, fazer o serviço, receber o dinheiro e acabou. (...) Então, é uma atividade que requer que o indivíduo se entregue à formação. E a gente sabe que hoje, com a onda dos “concurseiros”, né? Os “praças”, principalmente, que a gente tá absorvendo agora por conta do lapso aí de 15 anos sem ter concurso, esses novos soldados não têm muito esse comprometimento. Eles tão passando por aqui, buscando locais mais adequados a, ao nível de escolaridade que eles possuem. Muitos já saíram, inclusive alguns estão ainda tentando. Agora alguns, muito poucos esses, são muito poucos mesmo, já absorveram essa ideia de vestir a camisa, né, de impregnar a camisa vermelha na pele. (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

(...) que todo mundo que tá aqui porque o emprego, emprego bom, emprego estável ninguém vai negar mas que dentro das possibilidades você busque a gostar dele. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Nesta direção, apontada por formadores e egressos, fica claro o sistema de crenças que funciona como convenção compartilhada entre os bombeiros sobre a questão de que não basta ser bombeiro, no sentido objetivo da profissão, é preciso se deixar “impregnar pela camisa vermelha”, ou seja, constituir-se no mundo privado a partir de uma lógica de missão, esta assumiria o papel de protagonista no mundo interno deste indivíduo, cabendo à lógica do emprego e da remuneração o papel simbólico de coadjuvante.

5.5.2 Um por todos e todos por um: Um só “corpo”

Ao falar que Bombeiro nenhum trabalha só, revela uma ideologia da profissão, em que o indivíduo se constitui profissionalmente, mas o trabalho se caracteriza pela ideia de coletividade e não de forma individual.

guarnição é um grupo que trabalha todo, são todos voltados para um benefício de um só, ou seja, nós quando saímos para uma ocorrência, todos nós estamos voltados para conseguir debelar o fogo, salvar... fazer um salvamento .. esse tipo de coisa. Então, não só, não é somente a minha pessoa e sim, o grupo, o coletivo. Não é só eu que estava na guarnição, não é só eu que vou fazer o serviço, ou seja, (...) se cada um fizer um pouquinho do que sabe, com certeza o resultado será bem mais rápido, o resultado será bem melhor. ALINE: Então, você está me dizendo que a sua função depende desse trabalho que não é individual. Em equipe. Bombeiro nenhum trabalha só. Eu aprendi desde o recrutamento. Bombeiro quando vai para uma

ocorrência... é igual ao mergulho! Um mergulhador nunca deve mergulhar só. Sempre ao mergulhar tem que ter outra pessoa, porque se ele chegar a passar mal, se ele chega a tomar um susto, alguma coisa acontecer com ele, como é que ele vai, alguém vai identificar que ele passou mal? Igual a uma ocorrência, o bombeiro ao entrar num incêndio, ele nunca entra sozinho, por isso tem... é o chefe e o ajudante de linha, porque se vai entrar só com uma linha, automaticamente vão entrar os dois, porque se um passar mal o outro tem condições de resgatá-lo. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

A fala de Perseu é ratificada por Jasão, que faz alusão exatamente à esta ideologia como fundamento do processo formativo do bombeiros.

O espírito de corpo, a gente trabalha muito... Com a ação de colaboradores, eu não posso, numa ação operacional, trabalhar só. Eu não posso, numa ação operacional, achar que eu sei tudo. Eu tenho que trabalhar com todos da minha guarnição, ouvir a colaboração de todos, dar atenção a todos, pra poder decidir a melhor ação a empreender. É outro valor, espírito de corpo, sem sombra de dúvida. Inclusive, pra entrar num, num ambiente de incêndio com muita fumaça, eu tenho que entrar amarrado e com uma dupla, né, que a gente chama de “canga”, eu não posso entrar sozinho, eu não posso empreender sozinho. (...) As “cangas”, né, as duplas, elas tem que fazer a percussão juntos, amarrados um ao outro, que é uma forma de ter contato, né? Tô num ambiente de fumaça, não vejo nada, visibilidade zero. Então o cabo é a única coisa que vai unir essas pessoas, por conta de eu não ter um equipamento simples que é o rádio, pras pessoas se comunicarem. Então acho que esses valores, eles dão pelo menos uma ideia do que... Do que deve ter na formação desses indivíduos. (OFICIAL FORMADOR – JASÃO).

Ético, tem que ser ético, a ...pessoa tem que buscar a..a melhor maneira possível, a.. se respeitar os valores, tem a ver com ser ético, respeitar os valores embora eu tenha os meus, mas no momento que uma das coisas... que eu entro na instituição, que eu acho interessante é que o nome é corpo de bombeiros. Só o fato de eu dizer corpo de bombeiros, quer dizer que..o corpo é união de...de diversos órgãos, diversas pessoas, o corpo, então todo mundo tem suas opiniões mas naquela hora nós somos corpo de bombeiro é meio ético, então se eu tô junto .. tenho que respeitar os valores. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

E Deon complementa seu discurso sobre o padrão de comportamento esperado, evidenciado a representação de coletividade.

coletividade é... a partir do momento, é... eu abraço a ideia, né.(...)Mas, que a gente... a partir do momento que eu esteja lá, eu respeite e atue naquela equipe , atue em conjunto, trabalhe em, equipe, valorização humana é fundamental, temos que ter, relações interpessoais é interessante você ter uma relação interpessoal, é você... todos os ambientes você ter é...respeitando independente do posto, hierarquia. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

No discurso de Deon, a dimensão ética assume sentido de obediência e respeito aos valores da instituição, e, segundo a análise empreendida, parece se

articular com a ideia posta de coletividade, na medida em que as individualidades se dissipam na ideia de um “corpo”, ou seja, de um grupo que funciona em coletividade e, para isso, é necessário estar em sintonia com os valores e crenças hegemônicas.

5.5.3 A mística bombeirística e o aquartelamento

Valorização das vivências de aquartelamento que denotam ser concebidas como marcantes para o indivíduo (re)nascer como militar, como profissional.

Aí, na época os monitores falavam “Rapaz, esse período que vocês passaram aqui, aqui no quartel, vão ser os melhores período da vida de vocês. Pode anotar aí, pode demorar cem anos que vocês vão lembrar do que vocês vivenciaram nesses oito meses.” E realmente eles tinham razão. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Ao se reportar à experiência de aquartelamento, Ulisses relata um questionamento crítico e de resistência ao currículo em sua organização.

foram três anos né? Que antigamente era interno, era interno, nós ficávamos de domingo, entrava no domingo e só saía na sexta feira a tarde se não tivesse com detenções, a gente ficava detido no quartel, né. É um modo que eu, pra mim, não concordo, pode ficar no período, e é... no final, nesse período, depois, vamos dizer, a aula vai ser até as dezessete horas, depois das dezessete horas “Ir dormir em casa” pode ir dormir em casa, se já tá lá, né? (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

O meu recrutamento foi seis meses internado no quartel central. Uma época difícil, (...) época da ditadura, seis meses internado. Então, você almoçava bombeiro, jantava bombeiro, acordava bombeiro, treinava bombeiro, tudo. Então, a mística bombeirística fica inserida, tá entendendo? (OFICIAL FORMADOR – HÉRCULES).

Por intermédio de seu relato, Hércules revela uma dimensão do currículo, como era vivenciado no passado, o aquartelamento como recurso que reorganiza o mundo interno do indivíduo e penetra na subjetividade privatizada, desenvolvendo o que chamou de mística “bombeirística”, conceito discutido na categoria que aborda a subjetivação, no item 5.3.6.

5.5.4 Para frente! Que importa a tormenta. Nenhum passo daremos atrás⁴⁹

Há uma ideologia acerca do cumprimento da missão, apesar dos riscos, do cansaço e da fome como algo que deve servir de bússola ao bombeiro, apropriando-se da lema “Vidas alheias e riquezas a salvar”.

A letra do hino Soldado do Fogo é muito bonita, é porque, é... vidas alheias riquezas salvar, é você tentar dar o melhor de si para salvar as pessoas, pra você Sempre ir a frente e não regredir, não retornar, ou seja, bombeiro avante, tem que... você pegar uma missão tem que cumprir, totalmente. ALINE: “Não importa o que possa acontecer?” Não. É correndo, é... arriscando a própria vida. Porque o outro como diz, o bombeiro quando vai para uma ocorrência, lógico que você nós que se preservar, tem que se preservar primeiro, tentar fazer da melhor maneira possível, para salvar aquela pessoa, mas muitas vezes estamos arriscando a própria vida em prol de pessoas que nem conhecemos. (PRAÇA EGRESSO - PERSEU).

Às vezes a gente tá tão habituado dentro daquele horário que diz, vou ter que parar. “Não, não vai ter que parar”. Se você se concentrar na ocorrência, se você se concentrar em dizer que é bombeiro, saber que aquela pessoa depende de você, aquele serviço depende de você, pra você dar um conforto, uma resposta ali ao seu trabalho, que você ta ganhando, você esquece daquilo ali. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Às vezes até a gente pensar um pouco a questão da letra. Essa questão é muito forte. Porque você tem que realmente estar preparado, estar preparado nas ações e entender que é realmente uma grande responsabilidade sua é... salvar vidas e bens, principalmente a vida, principalmente a vida. Então, aquilo dali fica algo muito forte dentro da gente quando está principalmente no período de uma formação que é muito forte aquele negócio de... conduzir com nas condições militares e fortalece muito a cidadania da gente e ...essa consciência também, tem que ter o preparo e a responsabilidade de atuar independentemente do que seja a operação de resgate, mas principalmente nas operações que envolvam a vida humana, essa daí é extremamente fundamental, as outras também são, mas quando envolve a vida humana, é a principal, porque a vida humana não tem preço. Então, temos que fazer. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

Refliço, pois, acerca o hino como representação ideológica, na medida em que atua como instrumento funcional de compreensão e apreensão do mundo. Nesta perspectiva de análise, aproximo meu olhar ao de Giroux (1996), no sentido de interpretar a noção ideológica trazida pelos bombeiros, em seus relatos, não como consciência errônea ou uma simplificação pela ideia de dominação, como sugerem os teóricos críticos, reprodutivistas e culturalistas, mas superando o dualismo e aproximando-me de uma interpretação dialética destes dados. Assim, analiso os achados em suas dimensões de *possibilidade*, em que a ideologia do

⁴⁹Retirado do Hino do Soldado de Fogo, citado anteriormente.

bombeiro de “não recuar da missão” pode ser também um espaço integrativo e transformador, lugar de contradição e não tão somente de reprodução sociocultural.

5.5.5 A sociedade como mãe do herói: “Toma que o filho é teu”

Atributos como coragem e bravura são exaltados como condição do exercício da função, ao passo que os desejos individuais, o medo e as limitações são vistas como obstáculo para a profissão e, portanto, devem ser superados. Isso parece conferir ao bombeiro um lugar acima da dimensão humana, mas no discurso verbal não aceitam esse lugar, colocam a população como responsável por criar essa compreensão. Assim, fala como herói, mas racionalmente não aceita esse lugar.

Bombeiro pra mim tem que saber nadar, tem que saber nadar. (...) o exame físico tem que ser antes de entrar, natação tem que ser antes de entrar, teste em altura não se admite hoje um bombeiro querer subir numa escada de dois metros, o cara ficar com medo. Pelo amor de Deus. Em junho agora eu subi numa torre de quarenta metros, salvei um cara, um suicida. E o cara sente que é antigo. Nós subíamos lá, nós subíamos. Passamos uma hora e meia pra tirar esse rapaz dessa torre. Então, aí o cara disse: “Não, eu tenho medo de altura”. Como é que tu entrou no bombeiro? (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

ALINE: *É por isso que vocês são chamados de heróis?⁵⁰ (risos) É. As pessoas costumam chamar o bombeiro como herói. A gente se sente até gratificado por isso, mas entendemos mais assim: a obrigação, o dever de salvar a vida como profissional de bombeiros, o herói a gente entende que fica mais por conta da população, da sociedade de achar, de entender que o trabalho é muito gratificante, né? É muito gratificante, mas fica mais a questão da população entender a gente como herói. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).*

Conforme a pesquisa de campo, evidenciei que a instituição trabalha com lemas e missões que parecem adquirir vida na fala dos bombeiros. Assim como Ulisses, Aquiles traz estas ideologias quando lhes impõe uma lista de atributos profissionais, com discurso que chega a ser sugestivo de um perfil de egresso das formações, ao mencionar o fato da dissipação de uma fobia, depois que o indivíduo entra no curso. A ideologia da instituição adquire uma concretude simbólica quando

⁵⁰A pergunta que dirigi à Ajax adveio do relato que ele havia acabado de fazer, relato este que foi apresentado na discussão anteriormente: “Às vezes até a gente pensar um pouco a questão da letra. Essa questão é muito forte. Porque você tem que realmente estar preparado, estar preparado nas ações e entender que é realmente uma grande responsabilidade sua é... salvar vidas e bens, principalmente a vida, principalmente a vida...”

Aquiles concebe como uma “tatuagem” no corpo psíquico um dos lemas tão entoados pela instituição: “vida por vidas”.

Bombeiro que é bombeiro ele é destemido. Ele aprende a superar o medo, né... as fobias que você tinha antes que você passa a trabalhar e fazer como aquilo ali não te atrapalhe na hora da ocorrência... certas ...fobias que você tinha antes passa a não ter, passa a controlá-las, superá-las, pra executar de maneira correta e perfeita o serviço, é assim que funciona. Nós aqui, as pessoas acham que a gente é ...a gente é super-homem, mas não é. O bombeiro, que é bombeiro ele não se acidenta, não se acidenta! O bombeiro ele é destemido, ele tem autocontrole, ele sabe o material que vai utilizar, ele faz é...o resgate com perfeição para que ele não se acidente, nem acidente a vítima, é assim é que é. E é assim que é para ser. Eu subi trouxe ele no ombro pelas escadas, sem segurança nenhuma, a gente depois fica olhando as filmagens, a gente sabe que é errado, mas a vítima não pode esperar. Então, tem um ditado aqui que a gente... é vida por vida, né, minha vida pela do próximo, então, que o bombeiro ele leva isso consigo, tatua no corpo, né, diz que ama, (risos) fala que ama, e é isso aí, entendeu? (PRAÇA EGRESSO - AQUILES).

Deon tem um relato de rejeição ao suposto lugar de herói atribuído ao bombeiro, pois, segundo ele, isto se deve a uma imagem construída socialmente, com a colaboração da mídia, pois situações em que os bombeiros tiveram intervenções bem sucedidas alimentam este imaginário. Contraponho com o momento em que Deon mencionou que faz uso da história oral como via para acessar os alunos e despertá-los para o valor da profissão através dos feitos de bombeiros mais antigos⁵¹.

É claro que os grandes fatos que já aconteceram, deram certo, mas dos fatos também que não deram certo, ninguém comenta. Então, gerou-se, pôxa a vida, como cria a repercussão positiva dos grandes fatos, fica a imagem de sempre dar certo, alimenta ideia. (...) A mídia foca muito, então essas ações cria uma cultura que sempre da certo. A cultura de televisão de filme. Que é a cultura do bombeiro como herói? Sim, um herói, porque um herói ele transcende a ideia do ser humano normal. Eu vejo o herói como um... um cara super-humano, o cara que não tem problema, o cara que não tem nada e resolve tudo. E ele vê já o seguinte, a cultura do... da pessoa que tem condições de resolver tudo, com suas limitações e tem condições de resolver. Eu vejo, essa é a ideia do... que eu vejo como se a senhora quiser usar a expressão herói, eu faço um recorte nesse aspecto, é um cara humano, normal, dia a dia com problema. (OFICIAL FORMADOR - DEON).

Jasão também traz um relato que está alicerçado na rejeição à este imaginário do herói e posiciona o bombeiro no lugar de técnico, como recurso ideológico que o tira definitivamente do papel de herói, além de fomentar essa superação dos obstáculos emocionais.

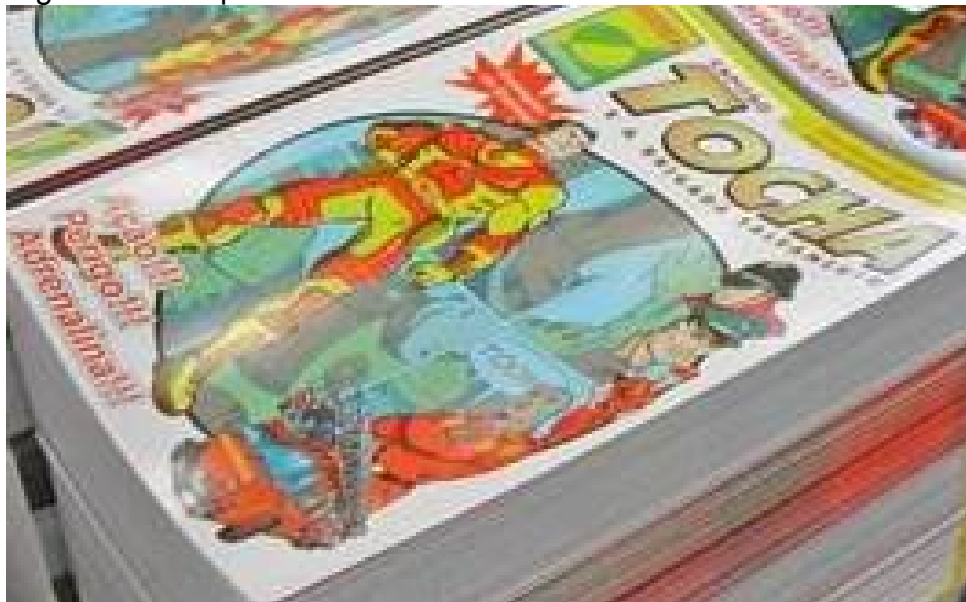
⁵¹Deon menciona esta estratégia de ensino, apresentada e discutida no item sobre a racionalidade técnica-instrumental, da categoria de análise sobre Dimensão Técnico-Pedagógica.

Não vejo o bombeiro como um herói, né, e não vejo muita gente passando isso à frente também não. Porque o heroísmo, o herói tá morto. Né, todo mundo que quis ser herói morreu, né, e a ideia é que a gente não seja herói, a ideia é que a gente seja um profissional com conhecimento técnico, com formação adequada, pra fazer as ações necessárias num ambiente de risco pra salvar vidas. A gente não precisa ser herói. A gente tem que ser profissional técnico. A gente tem que saber o que fazer, por que fazer e pra que fazer, né, com os recursos que tem, com os equipamentos que são disponíveis. Eu tenho que aprender a utilizar da criatividade num cenário de risco pra conseguir sobrepujar as minhas necessidades de equipamento. Eu não tenho a maca num determinado local, eu tenho que treinar antes a fazer macas diferentes sem ter a maca. Maca com cabo de vassoura, maca com roupa, maca com pedaços de pano, com lençol, eu tenho que aprender a fazer isso, pra que na hora do evento, se eu não tiver a maca, eu vou ficar de braços cruzados? Eu tenho que empreender e fazer alguma coisa pra improvisar a maca que eu preciso. De alguma forma, eu tenho que treinar isso antes. Inclusive, nos cursos práticos, há vários “meios de fortuna”, que é isso que a gente chama quando não tem o equipamento, que os instrutores, eles ensinam a utilizar “meios de fortuna”, que são esses meios de criatividade que é pra pessoa poder executar a ação mesmo sem ter o equipamento. (OFICIAL FORMADOR - JASÃO).

Apesar de haver uma rejeição objetiva ao lugar de herói, contraponho estes discursos da entrevista com o achado documental da revistinha em quadrinhos (FIGURA 14) produzida pela instituição, com apoio do governo do estado do Ceará, cuja ideia do *Bombeiro-Herói revela-se de forma contundente*. A referida revista, intitulada de Capitão Tocha e a Brigada Salvamento⁵², e sua criação e circulação sugere que, apesar da instituição atribuir à sociedade o papel de mãe deste imaginário do Bombeiro-herói, a instituição não só parece validar este papel, como o alimenta e o introjeta, conforme aponta a Figura 15, cuja imagem diz respeito à publicidade da revista (FIGURA 15). Para subsidiar esta discussão, aponto que o enredo da referida revistinha situa o bombeiro no lugar de super-herói cuja missão é salvar a população e o enredo é composto por vilões (FIGURA 17), crianças, cidade em perigo e bombeiros (Capitão Tocha, Tenente Chama, Sargento Machadinha e Cabo da Vida (FIGURA 16).

⁵²No capítulo da apresentação e discussão dos resultados retomo à questão da revistinha, como recurso de análise e articulação com os achados da pesquisa.

Figura 14 – Capa da Revistinha



Fonte: Capitão Tocha (2006).

Figura 15 – Publicidade do Capitão Tocha



Fonte: Prismarte (2005).

Figura 16 – Os Heróis (bombeiros) da revistinha Capitão Tocha



Fonte: Prismarte (2005).

Figura 17 – Os vilões, mencionados como integrantes da seita triângulo do fogo



Fonte: Prismarte (2005).

As achados apresentados e discutido não foram analisados de forma absolutista ou polarizada, o campo empírico parece revelar, sobretudo, uma

manifestação simbólica rica por suas múltiplas, contraditórias e complementares revelações. O lugar de herói parece, portanto, transitar entre o real e o simbólico, o objetivo e o subjetivo, por vezes, territorializando e, em outras, desterritorializando o bombeiro, como sugere a concepção de identidade proposta por Bhabha (1998).

5.5.6 A hierarquia e sua mútua constituição com a instituição: do concreto ao simbólico

A patente, a hierarquia, media os papéis e estrutura as fronteiras de ação e relação na instituição, funcionando como instrumento ideológico.

Não pode fazer. “Ah eu vou embora”. Vá! Pode ir! O portão tá aberto, não vou lhe agarrar, pode ir. Lembre-se, você abandonar o serviço é crime, você tá cometendo um crime, né? Responda pelos seus atos! “Não OFICIAL, é porque eu tava de cabeça quente, tal, tal, eu vou...”. Então pronto, são coisas simples de resolver. Até o momento da..., principalmente do momento das ocorrências, a gente tem um ditado, manda quem pode, obedece quem tem juízo. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES)

No cotidiano, a ideologia das consequências e da punição, se manifesta como alicerce orientando pensamentos e comportamentos, o discurso de Ulisses revela a relação entre patente e o poder disciplinar.

ALINE: “Então no curso se aprende também a ter juízo, né?” Ter juízo, exatamente. É aquele negócio, a gente tem que aprender a hierarquia e disciplina. A hierarquia e disciplina tem que ter em todo canto, a pessoa pensa que é só de militar isso. Não, é dentro da família, é na escola. (...) Então, hierarquia e disciplina, ela tem que ter em todo canto, ela é necessária. Como eu disse, dentro da família, na escola, quem manda na classe é o professor. Se você desobedecer vai suspenso, vai expulso do colégio, é transferido. Existe a hierarquia dentro da escola. Então, no trabalho, qualquer trabalho que seja, tem um gerente lá, né? Tem um gerente. Então, as pessoas acham que só existe isso no militarismo, colocam “Não porque o militarismo é arcaico, o militarismo...”, mas você sabe, o planejamento estratégico em todas as empresas fazem, nasceu dentro do militarismo. (OFICIAL EGRESSO – ULISSES).

Ajax aprofunda a ideia de Ulisses e propõe que, do ponto de vista histórico, no período da ditadura isso se deu com mais ênfase, entretanto ainda faz parte do aparelho ideológico da instituição, adaptado aos sujeitos e à sociedade atual.

No começo nós tivemos é... várias dificuldades, tivemos várias dificuldades de relacionamento dentro da própria tropa, porque era um sistema militar muito fechado, que vinha ainda resquício da ditadura...dentro das próprias

instituições militares estavam, ainda tem, só que é muito pouco em relação à época final dos anos oitenta, início dos anos noventa, que já estavam num processo democrático de direito, mas que dentro das instituições militares ainda era muito forte a questão tanto da formação profissional, mas também o convívio com a tropa, com isso dificultava determinada situação, dificultava as ações da gente. E hoje não, hoje esse processo tá mais moderno, então facilitou pra gente o convívio, facilitou o trabalho dentro da instituição. (PRAÇA EGRESSO – AJAX).

ser...na realidade uma troca está sempre como uma troca, a instituição precisa de mim como um profissional ela me deu uma instrução me deu uma formação, me acolheu e eu como bombeiro tenho que saber retribuir a ela como profissional respeitando os ditames dela, respeitando as regras dela já que eu concordei em vim e se pode melhorar as regras, pode, mas dentro de uma coerência de ação. (OFICIAL FORMADOR – DEON).

Ulisses e Deon, enquanto oficiais, explicitam a questão das regras e da disciplina como um aparelho ideológico da obediência. A partir dos achados documentais e da observação participante, os oficiais estão ligados à gestão da instituição, com o aparato legal e hierárquico de sustentar as convenções que mediam a compreensão da realidade institucional, entre elas a disciplina, enquanto tecnologia específica de poder, como propõe Foucault (2010b); daí a análise sobre a importância do discurso destes oficiais, pois neste sentido, portanto, eles representariam uma ideologia hegemônica.

Hércules evidencia a ideia esta ideia discutida acima ao mencionar os cursos de especialização oferecidos pela corporação, estes são voltados para uma especialidade técnica do bombeiro, com turmas que mesclam oficiais e praças.

*A gente nivela todo mundo, né. Nós já tivemos aqui major cursando, soldado, tudo num grupo só, uma turma só de alunos, onde tinha major, tinha sargento, subtenente, tinha cabo, tinha capitão. Então nivela, durante o curso, todo mundo é igual, não tem estrela, nem divisa. Agora terminou a instrução, cinco horas da tarde, seis horas, aí não, volta a hierarquia, mas dentro do curso, durante o curso aluno é aluno. **ALINE** – Nem todo curso é assim? Nem todo curso é assim. Geralmente são os cursos de especialização, os cursos de especialização geralmente são assim. Especialização de salvamento. (OFICIAL FORMADOR – HÉRCULES).*

Pelo discurso acima, observo que a busca de um conhecimento técnico permite que, em um dado momento, oficiais e praças ocupem um mesmo papel – de *aprendente*, entretanto, findado este momento, retomam seus papéis institucionais que estão alicerçados e mediados pela patente.⁵³

⁵³Esta discussão está articulada com os dados e análises apresentados no item 5.2.5, da categoria que versa sobre CULTURA.

5.5.7 A hierarquia oculta dos heróis

Através dos achados empíricos, outra ideologia que existe na instituição está ligada a uma “hierarquia oculta dos heróis”, como explicito a seguir:

mas a capacidade e habilidade são né, critérios... critérios de exclusão pra esse trabalho não é todo mundo que pode vir pra cá⁵⁴. (PRAÇA EGRESSO TESEU).

quando eu estava no recrutamento, tinha passado na prova, (...) aí eu via aqueles camaradas de laranja, sabe, nas ocorrências desencarcerando, (...) Aí por várias vezes eu me deparava com guarnição de salvamento e disse: “Rapaz, como é que a gente faz para ir para o salvamento, ó, que eu passei agora no concurso?” Aí lembro como se fosse hoje os antigos falavam assim “Rapaz é não ter preguiça, porque o cara que tem preguiça não pode trabalhar lá não” Eu não entendia porquê, né, quando cheguei aqui tinha que cortar árvore, tinha que entrar em buraco, tinha que fazer tudo...então o camarada não pode ter preguiça não ...é o mínimo. Pode não porque a gente faz logo é cortar a preguiça, (...) (risos) Muita gente não vai querer vir pra cá não. Não é à toa que assim, muita gente, a gente teve cara que entrou pra cá, aí não se adaptou ao serviço e pediu pra sair (...). A praia também é um serviço muito puxado também você passar o dia no sol, entendeu, tomando conta uma população imensa que vai frequentar aquela praia do Futuro lá, o serviço é meio cansativo, (...) é a segunda praia mais perigosa do Brasil é a Praia do Futuro, pelas suas características. (PRAÇA EGRESSO AQUILES).

Os discursos de Teseu e Aquiles traduzem uma ideia velada que algumas unidades de trabalho, e conseqüentemente funções do bombeiro, exigem mais das habilidades e dos atributos profissionais, o que diferenciaria o bombeiro que exerce função operacional nestas funções, permitindo-me compreender estas unidades como um verdadeiro Olimpo⁵⁵.

Acrescento, pois, que durante a observação de campo, registrei no diário de campo um relato que confere ainda mais consistência à este achado.

Percorrendo o quartel central, sou cumprimentada por oficial que inicia uma conversa informal e pergunta como está minha pesquisa, se ainda preciso de bombeiros para entrevistar. Ao mencionar que sim, ele começa a pensar alto e fazer algumas elaborações sobre a instituição e a tropa, chegando neste ponto, menciona o nome de um bombeiro que, segundo ele, seria “perfeito” para colaborar, pois este sim, seria um “bombeiro de verdade”,

⁵⁴Referindo-se ao local em que atua como bombeiro.

⁵⁵Olimpo, segundo Aulete (2007, p. 719) representa na mitologia a “1 Mit. Morada dos deuses gregos- latinos. 2 Mit. O conjunto de Deuses.”

com habilidades terrestres, aquáticas e aéreas, um exemplo de profissional e com muito conhecimento, respeitado por todos na instituição, mesmo aqueles de patente mais alta, como o próprio oficial que conversava comigo. (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 2013).

Articulando a nota de campo com os discursos de Teseu e Ulisses, reflito sobre a representação que um indivíduo passa ter em um grupo, cujo processo de identificação e personificação da profissão ultrapassa simbolicamente a dimensão hierárquica objetiva e se torna preponderante. Há por trás desses discursos, um culto a um padrão de comportamento, cujas habilidades individuais ou atributos de algumas unidades de trabalho operacional dos bombeiros são valorados simbolicamente, tornando-se ícones representativos de autoimagem e, assim, possibilitando que indivíduos ou funções sejam elevados a outro patamar, subjetivamente hierarquizados, na instituição.

6 SÍNTESE CRÍTICA CONCLUSIVA

Iniciei esta investigação tendo como questionamento central a ideia sobre como se manifesta a subjetivação nos processos formativos e autoformação do bombeiro militar do Ceará e como se relaciona com o imaginário social de herói da profissão. Neste veio, estive subsidiada pela ideia do currículo como fio condutor do processo formativo do bombeiro e lancei o olhar de forma particular ao currículo oculto, pois, na perspectiva da teoria crítica, o currículo oculto está intimamente relacionado com a formação de atitudes, comportamentos, valores e orientações que favorecem o ajustamento dos sujeitos às estruturas da sociedade, havendo, portanto, uma intencionalidade por trás das práticas tácitas, como defende Apple (2006).

Assim, para responder à indagação proposta, pus em articulação os estudos sobre currículo e a compreensão a respeito da subjetividade. Para tanto, iniciei a caminhada desnaturalizando as manifestações de comportamentos, atitudes, crenças e valores dos bombeiros militares, com vistas a desvelar os aspectos que alimentam e dão vida a estas manifestações, objetivando compreender o currículo de formação profissional do bombeiro militar em sua construção social, visando à explicitação dos processos de subjetivação que determinam sua identidade heroica.

Mediante os achados empíricos, o currículo de formação dos bombeiros está alicerçado em uma significação do ofício que demanda valores e atitudes propiciadores de 'que sua missão seja executada para além das condições individuais, e, para que isso ocorra, pude evidenciar uma formação tácita que busca a (trans)formação do mundo interno do bombeiro, no sentido de habilitá-lo, técnica e, sobretudo, simbolicamente, para salvar vidas. Neste sentido, a cultura da instituição revelou-se por intermédio do currículo de formação e autoformação dos bombeiros, principalmente em sua dimensão oculta, cujos recursos técnico-pedagógicos adotados buscavam o que chamei de *internalização orgânica*. Esta expressão adveio de uma contundente manifestação do campo empírico, ao conceber a

necessidade de que bombeiro tenha a profissão em seu sangue, ou seja, o processo de ressignificar o mundo interno transcenderia a dimensão técnica, alcançaria a dimensão simbólica e se materializaria organicamente na pessoa, transformando seu ser, “alterando” o sangue que corre em suas veias, tornando-se, portanto, um processo “visceral” para que o lema “Vidas por vidas” se concretize como prática profissional; neste veio ocorre a (trans)figuração do herói.

Destarte, as reflexões empreendidas dialogam com a concepção de Silva (2010, p. 25), ao sinalizar para noção de que

Um dos efeitos mais importantes das práticas culturais é o de produção de identidades sociais. Em geral, tende-se a naturalizar as identidades sociais, as formas pelas quais os diferentes grupos sociais se definem a si próprios e pelas quais eles são definidos por outros grupos. As identidades só se definem, entretanto, por meio de um processo de produção da diferença, um processo que é fundamentalmente cultural e social. A diferença, e portanto a identidade, não é produto da natureza: ela é produzida no interior de práticas de significação, em que os significados são contestados, negociado, transformados.

Neste momento, entrelaçando-se à discussão, retomo as considerações à tese formulada inicialmente: **A natureza da profissão do bombeiro militar do Ceará e o imaginário social como herói são definidores dos processos formativos que possibilitarão a constituição de subjetividades que integrem o eu individual e o eu social.** Nesta perspectiva, o sentido de heroísmo inscreve-se social e institucionalmente, pois permeia a cultura do quartel, e revela-se mediados pelos processos formativos e vivências cotidianas; paradoxalmente, o trabalho dos bombeiros tem as marcas do contexto globalizado que se situa em terreno ambíguo, pois, se por um lado se encontra o herói, de outra parte, existe o homem comum, trabalhador e assalariado. Desta forma, os achados da investigação e a análise empreendida não apenas ratificam a tese inicial, como também a aprofundam, em uma perspectiva dialética, permitindo uma reflexão que transborda a uma análise de causalidade, mas que compreende que o currículo, em sua natureza polissêmica, como propõe Rodrigues (1993), se constitui mutuamente com a cultura e as ideologias da instituição, processo que não se dá de forma linear, mas, sobretudo, aparece marcado de ambiguidades.

Com isso, reporto-me a Silva (2011, p. 150) quando, sob o olhar da teoria crítica e pós-crítica, sugere que “Currículo é lugar, espaço, território. O currículo é

relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. [...] No currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.” Assim, o currículo do bombeiro é produto e produtor de cultura, história, ideologia, sentidos, significados e subjetividades, estando todos em movimento de (re)construção, cuja dimensão do herói, embora (des)construída no discurso oficial, se manifeste e assuma um sentido de mediar interesses do mundo exteriorizado do bombeiro, como alimentar uma imagem social e também mantê-los imbuídos de suas missões, independente das condições emocionais, salariais ou de trabalho. Além disso, o herói também assume lugar na subjetividade privatizada dos bombeiros, dando conta de nutrir uma autoimagem narcísica de empoderamento.

Desta forma, analisando a trajetória desta investigação e sua busca de compreender o currículo de formação profissional do bombeiro militar em sua construção social, visando à explicitação dos processos de subjetivação que determinam sua identidade heroica, demandou um processo de (des)velamento da realidade. Admitindo que os currículos estejam encharcados de concepções normativas de cultura e de valores legítimos (APPLE, 2006), analiso que evidenciei, sobretudo, um campo caracterizado por ambivalências e paradoxos, na medida em que diversos valores, regras e percepções se expressavam no cotidiano e no discurso, em alguns momentos se reafirmando mutuamente e em outros tantos revelando uma dimensão simbólica e vivencial que punha em contradição os discursos racionalizados dos bombeiros. Neste sentido, o currículo, em sua dimensão oculta, revelou as nuances de um ensino tácito que fomenta um processo de subjetivação profissional do bombeiro enraizado em crenças, valores e atributos que inegavelmente se equiparam àqueles associados às figuras heroicas; esta “*aprendizagem incidental*”, como se refere Apple (2006, p. 128), “[...] contribui mais para a socialização política de um aluno do que, digamos, aulas de civismo ou outras formas de ensino deliberado de determinada orientação de valor ético-social”. Assim, segundo o referido autor, os *aprendentes* internalizam as *fôrmas e formas* de se relacionar com a estrutura de autoridade, da coletividade de que fazem parte, pelos padrões e modelos vivenciados no processo formativo.

A lente que utilizei para contemplar o processo formativo e de autofomação dos bombeiros situa-se no território da teoria crítica do currículo ou, como propõe Leitinho (2000), *tendência de organização curricular dinâmico-dialógica*. Assim, os aspectos analíticos sobre a dimensão técnico-pedagógica, a

cultura, a subjetivação, a ambiguidade e a ideologia têm fronteiras pouco demarcadas, dada a relação dinâmica e dialética que possuem entre si; neste sentido, constituíram-se como partes de um todo fenomênico de onde emergiu, de forma transversal, a figura (re)velada do bombeiro-herói. Estando os recursos técnico-pedagógicos, portanto, constituídos por valores culturais e por uma estrutura ideológica que fomenta uma subjetivação perpassada pelo imaginário de herói, entretanto este papel tira a pessoa de um caminho emancipador, em que haja espaço para crítica e resistência, e o situa a serviço de uma estrutura de poder e de reprodução cultural.

Neste veio, o bombeiro aparece “refém” da autoimagem e da imagem social de herói, cuja servidão estará garantida, mesmo que lhe faltem recursos, inclusive material; servidão que os processos formativos e de autoformação suscitam de forma tácita e explícita, simbólica e concreta, subjetiva e objetivamente. Para tanto, o currículo não se instaura de forma ingênua e despretensiosa, pois, analisando criticamente, no caso dos processos formativos dos bombeiros, do ponto de vista social, a subjetivação que os identifica enquanto heróis parecem funcionar a serviço de uma macro e microestrutura de poder, como do ponto de vista do individual vem saciar os mecanismos narcísicos do funcionamento psíquico.

O *teatro operacional*, expressão advinda do discurso de alguns entrevistados, emergiu como *bússola* do processo formativo, considerando que se trata da atividade-fim da instituição, pois remonta à própria história de surgimento dos bombeiros, cujas raízes históricas e sociais apontam e fortalecem uma identidade profissional estruturada na ideia de combate a incêndio e salvamento. Esta análise vai ao encontro da perspectiva de Silva (2011), que situa o currículo além de seu caráter técnico, como “*artefato social e cultural*”, social e historicamente determinado, relacionando-se com questões éticas, pessoais e políticas. Neste sentido, durante a formação, os atos de treinar, ensinar, estimular e situar os bombeiros no palco do teatro operacional, não só alimentam a imagem social e autoimagem do bombeiro entrelaçada ao salvamento, como mantêm vivo o lugar com o qual se identificam, onde se organizam e se abastecem de uma referência da profissão; é o lugar de pertença do bombeiro militar, território de onde surge sua *persona* de herói.

Portanto, o currículo dos bombeiros se efetiva em consonância com esta perspectiva social, histórica e cultural, alimentando-a e sendo por ela alimentada,

cujos mecanismos de subjetivação emergem como via para o processo de tornar-se bombeiro, remetendo-os a uma identidade heroica.

Aprofundando esta discussão, apesar de um discurso que, por vezes, negava e contestava tal identificação heroica, o campo empírico (re)velou o herói e as práticas tácitas que lhe dão vida, seja por meio de frases pintadas na parede do quartel central⁵⁶; das postagens feitas pelos próprios bombeiros nas redes sociais, apresentadas ao longo da tese, cujas imagens e frases fazem alusão a atributos e atos heroicos; seja por meio dos quadros pendurados atrás de alguns birôs em um dos quartéis em que realizei entrevista, fazendo referência direta ao bombeiro-herói; ou mesmo das revistinhas do *Capitão Tocha* ou documentário de curta-metragem intitulado *Heróis do Fogo*; passando pelo hino ensinado nos cursos de formação e entoado em ocasiões formais, cujo heroísmo é literal e simbolicamente cantado; passando, por fim, às falas dos entrevistados, por vezes ambíguas, na medida em que se referem e apregoam os atributos que os situam no lugar de iluminado, ou de herói, por outro lado denotam uma racionalização que objetivamente nega esta posição.

Em segunda análise, considerei como “*inevitável*” a construção desta autoimagem e imagem social, a que chamei de iluminado, dada a missão que lhes é ensinada; não se trata “apenas” de salvar vidas, algo que estaria associado à outras profissões; trata-se sobretudo que o processo de torna-se bombeiros impõe-lhes uma missão cuja própria vida fica, em certa medida, em risco, em nome da vida do outro.

Há ainda um aspecto analítico que se destacou -, a ideia de que *ser bombeiro* vai além da ajuda ou do sacrifício em nome de seres vivos ou mesmo bens materiais, disponibilizando a própria vida para concretização daquele ato; é preciso nutrir uma paixão por esta atividade, isso é significado como perfil ideal de egresso. Neste veio, reporto-me ao trecho da música *Ideologia*, de Cazuza, que diz: “o meu prazer agora é risco de vida”; no caso dos bombeiros, apesar do risco e, talvez, por conta dele, o prazer ou a paixão funcionam como combustível para o exercício de uma profissão, caso contrário o lema “Vidas por vidas” se tornaria inatingível.

⁵⁶Citada anteriormente, nesta tese, e que dizia: “A palavra covardia não existe no dicionário do bombeiro).

Em última análise, foi possível identificar a *persona* do herói como uma manifestação narcísica do bombeiro. Do ponto de vista exteriorizado, a sociedade emergiu, de certa forma, como recurso de subjetivação que alimenta a figura do herói, funcionando como o “rio”, da história do Narciso, que reflete para o bombeiro a imagem de herói. Já em uma perspectiva interiorizada da manifestação narcísica, encontrei a vontade de potência, nietzscheana expressando-se no domínio sobre os outros, a natureza ou mesmo na superação de si e de suas “debilidades”. Compreendo que para o bombeiro, o processo de subjetivação que determina sua identidade heroica, coloca-o em contato com uma pulsão permanente pela vida e pela busca de domínio, mobilizando as energias, físicas e mentais, o que, para Nietzsche, seria a busca da superação da catástrofe e da morte, estando representada pelo esforço de triunfar sobre o nada e vencer a fatalidade, a destruição. Assim, para o bombeiro, a frase “*Para frente! O que importa a tormenta*” (HOLANDA, 1997, p. 348) aciona a vontade de ir avante e o agiganta narcisicamente, ainda que seja contra o fogo, a água, a terra ou o ar, expressão utilizada pelos entrevistados, em alusão aos contextos de salvamento em que atuam, palco do já citado teatro operacional, habitat que identifica o bombeiro, pois, como a pesquisa mostrou, aqueles que passam a atuar em funções exclusivamente burocráticas se distanciam da *persona* do herói.

À guisa de conclusão, o currículo de formação foi analisado como parte constitutiva de um processo multidimensional e complexo que, ao mesmo tempo em que absorve, transmite conhecimentos, valores, crenças e atitudes, além de alimentar e ser alimentado por imaginários individual, institucional e social que permeiam a profissão. É um processo vivo e em movimento, dotado de intencionalidades e (de)marcado histórica e culturalmente. Não se tratou, portanto de qualificar o bombeiro como herói, mas desvelar através desta pesquisa científica algo tão manifesto e, ao mesmo tempo, tão velado que apontou para uma dimensão do currículo oculto e para os seus desdobramentos em uma ação educativa.

Ante estas considerações, enfatizo a relevância desta pesquisa, cuja contribuição extrapola a área de currículo. Estudar a formação dos bombeiros e sua articulação com a subjetividade, além de tratar-se de uma investigação inédita, vem aproximar a ciência de uma profissão tão pouco privilegiada pelo olhar do pesquisador, com isso, abrindo um espaço de (des)velamento e reflexão sobre um

grupo social e os sujeitos inseridos nesta realidade que parecem alijados ao olhar da comunidade científica.

Ademais, este estudo presta relevante contribuição à Ciência Psicológica, que, juntamente com a Sociologia e a Antropologia, ao longo dos anos, reflete e busca respostas sobre a formação da pessoa, seu desenvolvimento na circunstância de sujeito histórico e social, como anota Sousa Santos (1993), o qual chega a afirmar que preocupação com a identidade nasce *com e da* Modernidade. O discurso e a compreensão da Ciência, no entanto, são desafiados em função de todas as transformações ocorridas nos últimos anos, incluindo neste veio o papel da tecnologia. Assim, ao propor que o homem é uma lenta e continua construção do próprio homem, Elias (1994) aponta para essa constante transformação que mantém o ser humano e aquilo que o constitui como pessoa em um lugar ainda de (des)conhecido. O currículo, como concebido neste estudo, situa-se feito um artefato social e cultural Moreira e Silva (1995) produtor de identidade (SILVA, 2011). Neste âmbito, o currículo é um dos lugares onde deságua essa construção do próprio homem. Portanto, este estudo lança luzes sobre a relevante compreensão de pessoa, em sua dimensão simbólica ou subjetiva, e, para tanto, aproxima a Psicologia à Educação e vem contribuir com os estudos que entrelaçam currículo e subjetividade. Ressalto, pois o espaço e a carência de novas pesquisas que ponham em evidencia a profissão do bombeiro militar, bem como os estudos sobre currículo e subjetivação, pois, na Psicologia, não faz sentido falar em subjetivação sem se reportar também ao contexto de desenvolvimento da subjetividade. Portanto, a Ciência está desafiada a se renovar em seus estudos e reflexões, na medida em que há um processo dialético em curso, evidenciado na construção de identidade, amplamente dimensionado pela cultura e situado histórica e socialmente.

Durante este percurso investigativo, estive fundamentada em um posicionamento teórico-metodológico e epistemológico que contempla a realidade de forma fluida, dialógica, crítica e dialética, na busca por apreender a riqueza polissêmica dos fenômenos pesquisados. Não havia, portanto, a pretensão de assumir uma postura absolutista ou reducionista sobre o objeto. Assim, encerro esta tese trazendo o fragmento de uma composição musical que reflete o sentido e o vivido enquanto pesquisadora.

Daquilo que eu Sei

Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo me deu certeza...
Daquilo que eu sei
Nem tudo foi proibido
Nem tudo me foi possível
Nem tudo foi concebido...
Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah Eu!
Usei todos os sentidos
Só não lavei as mãos
E é por isso que eu me sinto
Cada vez mais limpo!

(Ivan Lins)

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ACADEMIA ESTADUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ. **Histórico**. 2008a. Disponível em: <<http://www.aesp.ce.gov.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2012.

ACADEMIA ESTADUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ. **Infraestrutura**. 2008b. Disponível em: <<http://www.aesp.ce.gov.br/>>. Acesso em: 11 out. 2012.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Temas básicos de sociologia**. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

AS NOVE profissões mais confiáveis no Brasil. **Revista Exame**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/blogs/o-negocio-e-lista/2010/08/06/as-9-profissoes-mais-confiaveis-no-brasil/>>. Acesso em: 18 out. 2012

AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Digital, 2007.

AZEVEDO, M. A. Avaliação educacional: medo e poder. *In*: SAUL, A. M. Educação e **Avaliação**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 61–68. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p061-068_c.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

BANISTER, P. *et al.* **Qualitative methods in psychology: a research guide**. Buckingham: Open University Press, 1994.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. *In*: MORTENSEN, C.D. **Teoria da comunicação**: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119–138.

BOMBEIROS mantêm-se como os profissionais mais confiáveis entre a população do Brasil e de outros 18 países. 2011. Disponível em: <http://www.lvba.com.br/web2/imprensa/?bombeiros_mantem_se_como_os_profissionais_mais_confiveis_entre_a_populacao_do_brasil_e_de_outros_18_paises_aponta_estudo_da_gfk>. Acesso em: 18 out. 2012.

BORIS, G. D. J. B. **Falas de homens, a construção da subjetividade masculina**. São Paulo: Anna Blume, 2002.

BOURDIEU, P. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

BRASIL. Lei nº 7.479, de 2 de junho de 1986. Aprova o Estatuto dos Bombeiros Militares do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, e dá outras providências. **DOU**, Brasília, DF, 1986. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7479.htm>. Acesso: 19 jul. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Estado Maior das Forças Armadas. **A profissão militar**. Brasília, DF, 1995. (Caderno de divulgação).

BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Org.). **Psicologia e pesquisa fenomenológica**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Ômega, 2001.

BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Trad. M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. 21. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

CAMPOS, C. C. de. **O estresse profissional e suas implicações na qualidade de vida no trabalho dos bombeiros militares de Florianópolis**. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

CAPITÃO TOCHA. Capitão Tocha e a brigada salvamento. *In*: _____. **Blog Capitão Tocha**. Fortaleza, 2006. Disponível em: <<http://capitaotocha.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2012.

CARNEIRO, H. F.; MARQUES, A. M. S. O milenar e o singular: a interpretação e a significação do mito do Gênesis e da Horda Primitiva na construção do poder masculino. **Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line**, São Paulo, v. 1, p. 108-123, 2005.

CARVALHO, Vicente de. **Poemas e canções**. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1928.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTORIADIS, Cornelius. Para si e subjetividade. *In*: VEJA-PENA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 35-46.

CEARÁ. Lei Nº 13.438, de 07 de janeiro de 2004. Dispõe sobre a organização básica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE), e dá outras providências. **DOE**, Fortaleza, n. 5, 9 jan. 2004. Disponível em: <http://www.cb.ce.gov.br/html/coletanea/coletanea_html/coletanea_lei13438.html>. Acesso: 19 jul. 2012.

CEARÁ. Secretaria de segurança Pública. Bombeiros Militares do Ceará. **Localização**. Fortaleza, 2008. Disponível em: <<http://www.bombeiros.ce.Gov.br/index.php/instituicao/unid-ope>>. Acesso: 20 jun. 2012.

CIAMPA, A. C. Identidade. *In*: LANE, S. M. T.; CODO, W. G. **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 58-75.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DA MATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'. *In*: Nunes, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: entering the field of qualitative research. *In*: _____. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. p. 1-17.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa, teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artemed, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.

ESTRELA, Albano; NÓVOA, Antônio (Org.). **Avaliações em educação**: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1993.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio M.; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia, uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2010.

FIRTH, R. Introdução a segunda edição. *In*: MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 15-23, 25-35.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 20. ed. São Paulo: Edições Graal, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010b.

FRASER, M. T. D. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREUD, Sigmund. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 21). Trabalho originalmente publicado em 1930.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Fruto proibido**: um olhar sobre a mulher. São Paulo: Pioneira, 1992.

GEERTZ, C. Do ponto de vista de nativo: a natureza do pensamento antropológico. *In*: _____. **O saber local**: novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 85-107.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura. *In*: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13-41.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIMENO SACRISTÁN, J. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIROUX, H. **Escola crítica e política cultural**. Trad. Dagmar Zibas. São Paulo: Cortez, 1987.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GIROUX, H. **Pedagogia radical**. São Paulo: Cortez, 1983.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação**: para além das teorias de reprodução. Petrópolis: Vozes, 1986.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GUATTARI, F. Heterogênesse. *In*: GUATTARI, F. (Org.). **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 11-95.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.

HOLANDA, J. X. **O Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará**. Fortaleza: IOCE, 1997.

HOLANDA, P.; LIMA, S. **A avaliação dos estágios**: papel, contribuições e limites nos cursos de formação dos professores. Fortaleza, 2005. p. 181-192. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/11.pdf>>. Acesso: 20 maio 2010.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LAGE, G. C. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 97, p. 3-7, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LEITINHO, Meirecele Calíope. **Concepção e currículo**: Universidade Regional do Cariri. Fortaleza: Imprensa universitária UFC, 2000.

LINS, D. S. **Ayrton Senna**: a imolação de um deus vivo. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIRA, G. V. **Epistemologia, metodologia e prática de um modelo cartográfico de avaliação curricular em Educação Médica**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LOCH, J. Avaliação: uma perspectiva emancipatória. **Química Nova na Escola**, São Paulo, n. 12, p. 30- 33, nov. 2000. Disponível em: <<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc12/v12a07.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2010.

LVBA COMUNICAÇÃO. **Bombeiros mantêm-se como os profissionais mais confiáveis; políticos continuam na última posição do ranking**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/carreira-e-rh/bombeiros-mantem-se-como-os-profissionais-mais-confiaveis-politicos-continuam-na-ultima-posicao-do-ranking/45710/>>. Acesso em: 18 out. 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2006. 179 p. (Série Pesquisa v. 15).

MACHADO, Antonio. **Antologia poética**. 2. ed. Madrid: Editorial Cotovia, 1999.

MALHEIROS, Maria do Socorro. **A mão de obra feminina no Corpo de Bombeiros Militar do Para**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Coleção Os Pensadores, v. 43).

MARCUSE, H. **Idéias sobre uma Teoria Crítica da sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MARTINS, H. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 53-58, jul./dez. 2001.

MAYOS, G. **O Iluminismo frente ao Romantismo no marco da subjetividade moderna**. Tradução de Karine Salgado. Barcelona: Editorial Herder, 2004. Disponível em: <<http://www.ub.edu/histofilosofia/gmayos/PDF/IluminismoFrenteRomantPort.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2014

MEHEIREI, K. Construção do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/>>

scielo.php?pid= S1413-29072002000100003&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 23 maio 2010.

MENEZES, José. **O Corpo de Bombeiros no Pará**. 2. ed. Belém: Delta Gráfica e Editora, 2007. Disponível em: <<http://www.bombeiros.pa.gov.br/downloads/o-cbmpa-menezes.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de C. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Freitas Bastos, 1999. Originalmente publicado em francês, 1945.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. [s.n.], 2012. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 maio 2012.

MINAYO M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOITA, A. M. **Os heróis também sofrem: um estudo do cotidiano de trabalho dos bombeiros e de suas relações amorosas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, 2007.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

NATIVIDADE, Vidas em risco: a identidade profissional dos bombeiros militares. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 411-420, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006a. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, 45).

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006b. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, 31).

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como se chega a ser o que se é**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006c. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, 57).

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

PACHECO, J. A. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PANIAGO, Maria de L. F. S. Vigiar e punir na escola: a microfísica do poder. **Itinerarius Reflectionis**, Goiania, v. 1, n. 1, p. 89-101, jan./jul. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20400>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

PRISMARTE. **Bombeiro no Ceará lança revista em quadrinhos**. Fortaleza, 2005. Disponível em: <http://www.prismarte.com.br/hqnoticia/add_comment.asp?IDNews=343>. Acesso em: 19 jul. 2012.

RANK, Otto. **The myth of the birth of the hero**: a psychological interpretation of mythology". New York: The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, 1914. (Nervous and Mental Disease Monograph Series, n. 18).

REY, G. F. **Pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

REY, G. F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

RODRIGUES, Pedro. A avaliação curricular. In: ESTRELA, Albano; NÓVOA, Antônio (Org.). **Avaliações em educação**: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1993. p. 15-76.

SAMPAIO, Sonia. M. R. **O corpo no cotidiano escolar (ou a miséria pedagógica)**. 1997. 161f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

SANTOS. **Orgulho de ser bombeiro**. [S.n.], 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/home.php#!/fiel.santos.56?fref=ts>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e prática de avaliação e reformulação de currículo. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SAWAIA, B. B. Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. **Psykhé**, Santiago, v. 8, n. 1, p. 19-25, 1999.

SIGNIFICADO de Rapport. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/rapport/>>. Acesso em: 10 out. 2014.

SILVA, H. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. 2ª. Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Modernidade, identidade e Cultura sem Fronteira. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2014.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos em saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

VIANNA, H. M. **Avaliação educacional**: teoria, planejamento, modelos. São Paulo: IBRASA, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1993.

APÊNDICE A – QUADROS

Quadro 6 – Síntese das categorias empíricas da dissertação de mestrado

CATEGORIAS EMPIRICAS	SUBCATEGORIAS
1. A vivência do cotidiano “heroico”	1.1 Alegorias que compõem o “herói” 1.2 As dificuldades do cotidiano do “herói” 1.3 A vivência do serviço operacional 1.4 As estratégias de evitação do sofrimento do cotidiano 1.5 Sentidos atribuídos ao medo 1.6 Os ricos do “ser herói” 1.7 A recompensa como experiência ambígua 1.8 A “homenização” do “herói”
2. O fenômeno das relações amorosas dos bombeiros	2.1 Os “múltiplos contornos” das relações amorosas 2.2 O “ser homem” interferindo no vivido amoroso
3. A interface entre as relações amorosas e o cotidiano de trabalho dos “heróis”	3.1 As relações amorosas atravessadas pelo cotidiano de trabalho 3.2 O “herói” em dois mundos 3.3 A percepção da vivência amorosa dos “heróis”

Fonte: Produzida pela autora, com base na dissertação defendida no mestrado em Psicologia.

Quadro 7 – Síntese da pesquisa realizada no Banco de Dados da CAPES

PALAVRAS-CHAVE	RESULTADOS	AUTOR E TÍTULO
HERÓI, SUBJETIVAÇÃO, BOMBEIRO.	Nenhum resultado encontrado	—
HERÓI, BOMBEIRO	02	Aline Maria Loureiro Muniz Moita – Os heróis também sofrem: Um estudo sobre o cotidiano de trabalho e as relações amorosas dos Bombeiros Militares Andresa Jaqueline Toassi. Heróis de fumaça: um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros. - 01/12/2008
BOMBEIRO MILITAR	11	AM Berger. "Transtorno de estresse pós-traumático em equipes de resgate e salvamento do corpo de bombeiros militares do município do Rio de Janeiro". - 01/10/2006 Vanessa Rodrigues Lopes. O Papel do suporte social no trabalho e da resiliência no aparecimento de Burnout - um estudo com bombeiros militares - 01/12/2010 Nathália de Carvalho Milet. Transtorno de estresse pós-traumático em bombeiros militares em Pernambuco: um estudo descritivo e sociodemográfico - 01/02/2010 Paula Almeida de Oliveira. Habilidades Sociais, Depressão, Ansiedade e Alcoolismo em Bombeiros: Um Estudo Correlacional. - 01/09/2010 Pedro Paulo Scremim Martins. Atendimento pré-hospitalar: atribuição e responsabilidade de quem? Uma reflexão crítica a partir do serviço do Corpo de Bombeiros à luz da filosofia da práxis - 01/06/2004 Luiz Antônio Cardoso. Influências dos fatores organizacionais no estresse de profissionais bombeiros - 01/02/2004 José Luiz Gonçalves da silveira. Aptidão Física, Índice de Capacidade de Trabalho e qualidade de Vida do Bombeiro da Região de Florianópolis/SC. - 01/11/1998 Jakel Santana do Prado. Estresse e qualidade de vida de bombeiros militares - 01/04/2011 Erika de Paiva Bucasio. "Burnout em Equipes de Resgate e Salvamento do Corpo de Bombeiros Militares do Município de Rio De Janeiro". - 01/09/2007 David Gaspar Ribeiro de Faria. O profissional de segurança pública - desempenho de seu papel num cenário estressante, de violência e de riscos: um estudo exploratório - 01/05/2000 Carlos Eduardo Riberi Lobo. Internacionalização e americanização dos Corpos de Bombeiros e da Defesa Civil entre 1972 e 2008: uma análise comparativa entre os Corpos de

		Bombeiros Brasileiros e os Corpos de Bombeiros do Cone Sul - 01/10/2009
BOMBEIRO MILITAR, CURRÍCULO.	Nenhum resultado encontrado	_____
BOMBEIRO MILITAR, CURSO DE FORMAÇÃO.	Nenhum resultado encontrado	_____
BOMBEIRO MILITAR, SUBJETIVIDADE.	01	Eia Geraldo Batista. "Quando os bombeiros não chegam: algumas contribuições da Psicologia do Trabalho para o entendimento dos acidentes com veículos operacionais de bombeiros na Região Metropolitana de Belo Horizonte" - 01/08/2009
BOMBEIRO, PROCESSOS FORMATIVOS.	Nenhum resultado encontrado	_____

Fonte: Produzida pela autora.

Quadro 8 – Síntese dos objetivos, problema e problematizações

Fonte: Produzida pela autora.

OBJETIVO GERAL	QUESTÃO CENTRAL
Compreender a construção da subjetividade profissional do bombeiro através do currículo de formação, em uma perspectiva avaliativa.	Como o processo de subjetivação é construído na formação do Bombeiro?
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROBLEMATIZAÇÕES
Analisar a atuação do bombeiro em tempos neoliberais.	1. Qual o lugar do bombeiro na pós-modernidade?
	2. Quais as marcas das políticas neoliberais nos Bombeiros Militares?
Pensar sobre a subjetividade e os mecanismos de subjetivação, em seus significados e manifestações.	3. Qual o significado e as manifestações da subjetividade e dos mecanismos de subjetivação?
Conhecer teoricamente os estudos sobre os aspectos subjetivos e os processos formativos, articulando-os com as concepções de currículo e avaliação curricular.	4. Qual a fundamentação teórica sobre formação profissional, currículo e avaliação curricular?
	5. Qual a significação de herói e como isso se presentifica na pós-modernidade?
Analisar o currículo oculto da formação do bombeiro, atentando para a emergência, ou não, da dimensão do heroísmo.	6. Como os valores, as crenças e as relações de poder se manifestam nos processos formativos?
Entender o currículo do bombeiro em seus níveis prescritivo, perceptivo e experiencial.	7. Quais os fundamentos orientadores do projeto de formação profissional do Bombeiro Militar do Ceará em seus níveis prescritivo, perceptivo e experiencial?
	8. Como a concepção de herói permeia os processos formativos ligados à subjetivação profissional?
Identificar o(s) fundamento(s) político-ideológico(s) que constituem o curso de formação profissional dos Bombeiros.	9. Quais as perspectivas político-ideológicas permeiam os currículos de formação dos Bombeiros?
Sistematizar uma proposta avaliativa do currículo de formação dos bombeiros.	

AP
Ê
N
D
I
C
E
B –
R
E
L
A
T
Ó
R
I
O
D
A
P
E
S
Q
U
I
S
A
E
X
P
L
O
R
A
T
Ó
R
I
A

R
e
l
a
t
ó
r
i
o
d
a

Pesquisa Exploratória

TEMA DA INVESTIGAÇÃO

Avaliação dos cursos de formação de bombeiros: Fundamentos político-ideológicos do currículo

1. Apresentação

O presente trabalho é fruto das atividades de estudo e pesquisa exploratória realizadas na disciplina de Avaliação Curricular ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Com vistas ao amadurecimento da tese de doutorado e às reflexões e aproximações com o objeto de pesquisa, realizei um estudo exploratório, tecido a partir de um recorte da tese de doutorado, **Compreendendo a relação dos processos formativos na subjetivação dos Bombeiros Militares do Ceará.**

Para tanto, adotei como fio condutor deste estudo exploratório um dos objetivos específicos traçados no projeto de tese. Utilizei como critério para escolha do objetivo, aquele que fosse exequível no tempo destinado para sua realização e que me possibilitasse acessar informações sobre os alicerces nos quais se apoiam os processos formativos dos bombeiros militares do Ceará, ponto fulcral da realidade investigada. Convergi, portanto, meu olhar para o seguinte objetivo: Compreender a fundamentação político-ideológica dos cursos de formação dos bombeiros militares a partir dos discursos dos formadores.

Assim, apresento os resultados da pesquisa realizada, cujo movimento de incursão ao campo empírico voltou-se para a compreensão que os formadores têm sobre os cursos de formação de bombeiros em seus fundamentos político-ideológicos.

Para tanto foram entrevistados dois bombeiros com inserção neste processo formativos, com vista de avaliar e aprimorar a metodologicamente o projeto de tese.

O referencial teórico-metodológico adotado circunscreve-se no campo da pesquisa qualitativa. O termo *qualitativo* alude a uma partilha densa com aspectos constitutivos do objeto de pesquisa, como pessoas, fatos, locais e documentos, com vistas a apreender as percepções e os significados, sejam eles explícitos ou latentes (Chizzotti, 2003). Segundo Denzin e Lincon (2007) as produções científicas apontam para uma extensa e diversa gama de pesquisas que se imbuem da alcunha qualitativista, cuja orientação filosófica e epistemológica tece as diferentes direções que uma a pesquisa irá tomar.

Diante da multiplicidade de perspectivas que circundam a pesquisa qualitativa, utilizei o objeto da minha pesquisa como bússola norteadora da

tendência filosófica e epistemológica a ser adotada; assim cheguei ao método advindo das *representações sociais*.

De acordo com Moscovici (2003), as representações sociais possuem composição polimorfa, já que suas raízes não se constituíram em um campo de conhecimento exclusivo. Este processo se deu na sociologia, assim como na psicanálise freudiana, se expandindo pela psicologia social; por isso, a dificuldade de conceituá-la.

O meu pensamento está alicerçado na concepção de representação social como um modo característico não só de compreender, mas também de comunicar aquilo que já sabemos. Situam-se entre conceitos que têm como objetivo abstrair o sentido do mundo para nele introduzir ordem e percepções que o reproduzam de forma significativa (Moscovici, 2003).

Para o referido autor, as representações sociais na sociedade atual são análogas aos mitos e crenças nas chamadas sociedades primitivas. Por conseguinte, dizem respeito à maneira dos homens pensarem, agirem e compreenderem o sentido de suas ações e pensamentos. Neste sentido, revela que a representação social

se focaliza na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os 'lugares comuns' e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que vêem, os humores de seu vizinho e o poder a que se submetem. (Moscovici, 1985, p.02)

Destarte, adotei o referencial proposto por Moscovici no qual as representações sociais são concebidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações gerados na vida cotidiana pelo desenrolar das comunicações interpessoais.

A técnica de coleta e análise dos dados seguida foi a do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) por se tratar de uma via que possibilita acessar as ideias compartilhadas em um grupo social, a partir de como seus integrantes pensam e atribuem sentidos sobre um assunto ou vivência e que refletem a coletividade (Lefèvre e Lefèvre, 2005).

No quadro abaixo, sistematizei os contornos que a pesquisa exploratória tomou.

Caracterização quanto aos objetivos	Caracterização quanto ao delineamento	Caracterização quanto à natureza	Técnica de Coleta de Dados	Técnica de Análise dos dados
Pesquisa Exploratória	Pesquisa Empírica	Pesquisa Qualitativa	Entrevista	DSC

Quadro 1. Estrutura metodológica da pesquisa exploratória. Fonte: Elaborado pela autora.

2. Caracterização dos Sujeitos Pesquisados

Por se tratar de uma pesquisa exploratória inserida como exercício de aproximação ao objeto de pesquisa e proposta como atividade a ser desenvolvida durante a disciplina de Avaliação Curricular do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, me propus a realizar uma entrevista com dois bombeiros que tivessem atuado como docentes (instrutor) nos cursos de formação profissional.

Como critério de escolha destes dois bombeiros instrutores, adotei a perspectiva de acessar estas representações sociais sobre os processos formativos profissionais dos Bombeiros através de discursos historicamente caracterizados, ou seja, um bombeiro que atuou como instrutor e não mais exerce este função, pertencendo ao quadro da reserva (aposentado) e um bombeiro que atualmente exerce o papel de instrutor. Este critério de escolha dos sujeitos da pesquisa se fundamenta na ideia de acessar as representações atribuídas aos processos formativos, estando com uma relação e uma implicação diferenciada temporalmente, o que permite ingressar em compreensões e percepções construídas pelo que foi captado e apreendido em uma experiência passada e em uma vivência atual.

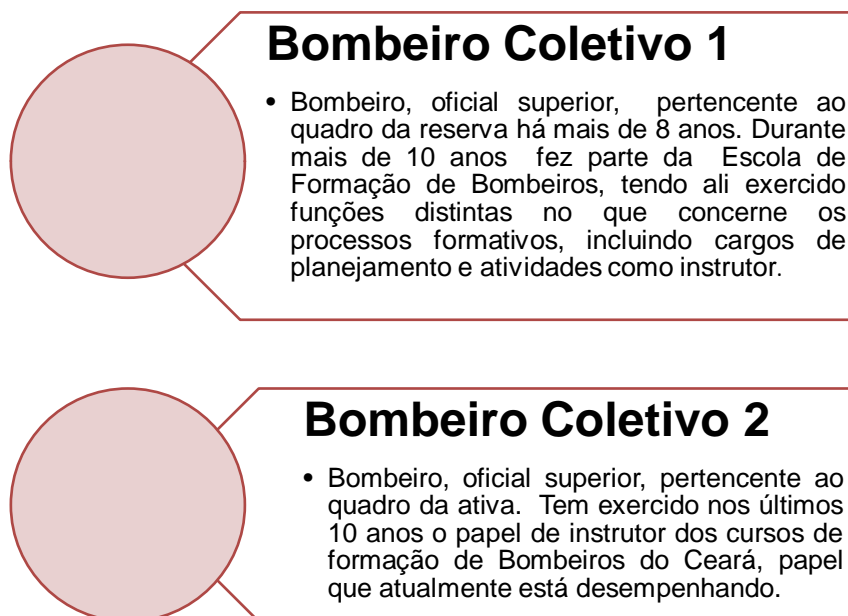
Outrossim, ao mesmo tempo em que escolhi sujeitos têm como ponto convergente a experiência de mais de 10 anos nos cursos de formação profissional dos bombeiros, lancei-me ao desafio de eleger sujeitos com perfis com atuação que divergem pela relação que têm com o papel de instrutor, com distanciamento e envolvimento histórico diferente, portando com implicações possivelmente distintas.

Vislumbrando questões éticas de pesquisas envolvendo seres humanos, lancei mão de critérios que assegurassem o sigilo acerca dos dados de identificação

dos bombeiros, mantendo apenas informações relevantes para este relatório, mas superficiais no que tange a identidade dos sujeitos colaboradores.

A figura a seguir traz a síntese do perfil dos sujeitos coletivos pesquisados.

Figura 1- PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS



3. Percurso da Análise dos Depoimentos Discursivos

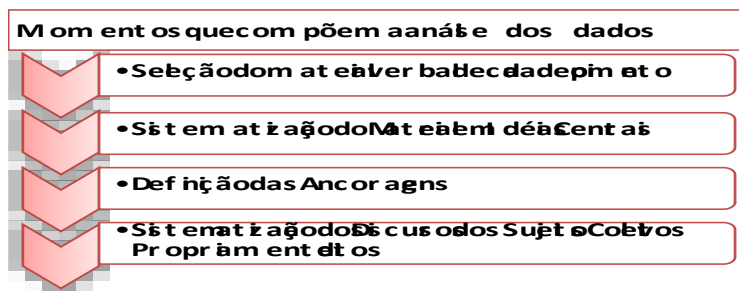
Diante da perspectiva de compreender a fundamentação político-ideológica dos cursos de formação dos bombeiros militares, a partir dos discursos dos formadores, percorri um caminho com etapas diferenciadas. No que diz respeito ao momento do trajeto que se relaciona com a coleta de dados, empreendi quatro etapas:

- 1^a) resolução do instrumento de investigação;
- 2^a) definição dos critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa exploratória;
- 3^a) escolha dos sujeitos da pesquisa; e
- 4^a) realização da entrevista.

No que concerne à quarta etapa, considero pertinente esclarecer que, ao abordar os sujeitos para realização das entrevistas, conversei, individualmente,

sobre a escolha do local em que esta seria feita; sob a justificativa de se sentirem mais preservados, ambos optaram por conceder a entrevista em meu consultório psicológico. Os depoimentos tiveram duração aproximada de cinquenta minutos, pautados em uma pergunta disparadora, a partir da qual os sujeitos faziam seus relatos livremente e, em alguns momentos pontuais, a fiz intervenções. Com o devido consentimento, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, material que veio a ser utilizado de forma sistematizada para compreensão do discurso do sujeito coletivo.

Tomando como base o projeto da pesquisa exploratória, no tratamento dos dados, me propus a realizar os seguintes momentos:



4. Descrição e Análise dos Depoimentos Discursivos Propriamente Ditos

A pesquisa exploratória foi realizada tendo como instrumento de análise dos depoimentos dos bombeiros o método/metodologia *Discurso do Sujeito Coletivo*, buscando a compreensão acerca dos cursos de formação dos bombeiros militares em seus fundamentos político-ideológicos. Desta forma, exercitei o desvelar de um dos aspectos que compõem o currículo dos bombeiros e engendram a complexa teia das dimensões concretas, simbólicas, objetivas e subjetivas, e que formam o homem e o *herói*.

Assim, com vistas ao exercício de pesquisa proposto e à descrição e análise de um discurso que desvele a coletividade (DSC), construí uma categorização dos dados baseada em:

- a) Definição das Ideias Centrais (IC)
- b) Acepção das Ancoragens (AC)

Realizei uma entrevista que possibilitasse a livre expressão dos bombeiros instrutores sobre suas concepções a respeito dos cursos de formação dos bombeiros militares. Para tanto, apreendi as ideias centrais contidas no discurso, com base na proposta metodológica de Lefreve e Lefreve (2005), apresentadas a seguir:

TABELA 4- QUADRO ANALÍTICO-SINTÉTICO DOS DSCs

IDÉIAS CENTRAIS	DISCURSOS
<p>Pragmatismo da Formação Profissional</p>	<p>SC 1- “Na formação do bombeiro fica claro que sua preparação está toda voltada para servir a sociedade, por isso nossa formação valoriza tanto os fundamentos da prática, do serviço operacional”.</p> <p>“É um curso prioritariamente técnico, pelo menos cinquenta por cento do curso é voltado para parte operacional”.</p> <p>SC 2- “Acho que o bombeiro se prepara mesmo é para o dia-a-dia, pra salvar, pra atuar. O ponto alto da formação não é ligado aos fundamentos do militarismo não, claro que isso faz parte, mas a parte da prática é o ponto central”.</p> <p>“Não é só estudo, é estudo, mas também tira serviço nas viaturas, como auxiliar, fazendo a função dele e aprende na prática aquilo que estudou na teoria”.</p>
<p>A patente como variável que mobiliza o cotidiano da formação</p>	<p>SC 1- “Tem um problema sério, os alunos do curso mais graduado perseguem os alunos dos cursos menos graduados. Eu tive que punir muitos oficiais que faziam verdadeiras humilhações com os praças. Um verdadeiro assédio moral. Chegando a ter um aluno lá que teve um surto, foi aí onde a coisa veio mais a tona. Dos quarenta alunos eu deixava pelo menos uns 30 presos”</p> <p>SC 2 – Nós somos militares, então sempre vai existir esse lance da patente, não importa se estamos falando dos cursos de formação. No curso de formação de oficiais, os oficiais não são muito chegados a ter um praça sendo monitor da disciplina não, mesmo que o praça seja preparado e esteja ali substituindo um oficial, ele de certa forma está subordinado aos próprios alunos, que são oficiais. Por isso que institucionalmente um praça não</p>

	assume o papel de instrutor de um curso de oficiais, ele pode até acabar assumindo uma função bem semelhante, mas perante a instituição ele responde e recebe financeiramente como monitor”
Ênfase na Paz e não na Guerra	SC 1- “A profissão do bombeiro é voltada pra paz e não pra guerra como acontece com a polícia e com o exército, por exemplo. Por isso que os cursos passaram a ter outra conotação quando o bombeiro e a polícia se dividiram.”
	SC 2- “Nossos cursos de formação refletem a essência da profissão do bombeiro, por isso são tão voltados para dimensões que garantiam o bem estar da sociedade. Nosso foco é a vida como riqueza a ser preservada”.
Fragilização dos Processos Formativos	SC 1- “Eu acho que o curso de formação é só pró-forma mesmo, né? Por que nos cursos de formação só acredita no que o professor tá falando, quem está entrando no bombeiro naquele momento, está cheio de sonhos, você só consegue convencer os alunos daquilo que você está dizendo se for na sua formação inicial, ou seja, você está entrando naquele momento no Corpo de Bombeiros, pode ser pra ser tenente ou pra ser soldado. Depois que você termina, você vai descobrir que aquilo que você aprendeu não serve praticamente para nada em termos de ascensão profissional.
	SC 2- “O aprendizado da parte operacional, como incêndio, salvamento e socorro de urgências é o que realmente o bombeiro vai utilizar quando sair dali e é o que minimiza os aspectos nocivos que fazem parte do processo educacional do bombeiro, tão comprometido, tão fragilizado e tão emperrado por algumas questões que fazem parte do militarismo.
O papel das músicas e dos hinos nos processos formativos	SC 1- “Durante os cursos, os bombeiros aprendem e cantam o hino da profissão e isso vai fazendo parte do processo de se tornar bombeiro, né? Eles vão entendendo também sobre sua profissão a partir de cada estrofe, da letra da música”.
	SC 2- “O nosso hino diz muito sobre nós e o curso também

	é para que o bombeiro aprenda o significado de ser bombeiro, daí o fato do hino fazer parte dos cursos”.
A lógica do argumento da autoridade	SC 1- “Independente da época do curso de formação um ponto convergente é o argumento de autoridade, não vale um argumento racional, o que vale é que o superior é quem manda, isso é muito convergente nos cursos de formação; a ponto dos alunos não puderem discordar na própria aula. (...) É assim porque eu sou seu superior, não é porque a ciência disse isso não”.
	SC 2- “Na sala de aula o que você disser, o aluno pode até discordar, mas não fala; não fala e o determinante é a hierarquia, é a possibilidade de depois ser perseguido, ficar detido, mesmo que o bombeiro não fosse reagir assim com o subordinado, mas ele, o aluno, não vai correr esse risco”.
A ética da vingança nas relações	SC 1- “Existe uma rivalidade muito grande entre oficiais e praças sedimentada na questão da vingança. Não existe uma cultura da justiça (...) O que existe é: para os amigos tudo - Passar nos concursos internos, promoções... para os inimigos a fria letra da lei”.
	SC 2- “Porque a gente sabe que a lógica que alicerça as relações estão presentes nos processos formativos, o processo educacional está todo engendrado nestas relações de poder e, por isso, pode-se pagar um preço muito alto ou mesmo o contrário...”

5. Considerações Finais

A pesquisa exploratória realizada evidenciou o pragmatismo presente nos cursos de formação dos bombeiros militares e, mais do que respostas, trouxe indagações e reflexões sobre o processo de subjetivação que está posto nos diversos níveis curriculares, fundamentalmente o viés político-ideológico ancorado na racionalidade instrumental que perpassa o discurso do *bombeiro coletivo*. Assim, fez germinar a reflexão sobre o quanto o currículo do bombeiro se estrutura com vistas ao *fazer*, ou melhor, ao *como fazer* para fazer mais adequadamente e assim

garantir o cumprimento da missão da profissão, “*vidas Alheias, riquezas a salvar*”, o que parece irremediavelmente alimentar o mito do *herói*.

Por fim, o relato deste exercício de pesquisa exploratória não está alicerçado em respostas absolutistas e não proporcionou conclusões taxativas, entretanto sua riqueza se encontra na possibilidade de problematizar a realidade com subsídios advindos do campo empírico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIZZOTTI, 2003. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, ano/vol. 16, número 2002. Universidade do Minho. Braga, Portugal, p. 221-236. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/374/37416210.pdf>. Pesquisado em: 13/05/2012.

____. **Sobre representações sociais**. (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

APÊNDICE C – ROTEIROS DE ENTREVISTA

ENTREVISTA PARA FORMADORES

Estabelecimento de *rapport*

Questão Norteadora:

- Fale-me sobre como você acha que o Bombeiro Militar deve ser, o perfil ideal?

Aspectos Complementares:

- Que tipo de profissional você acha que forma nos cursos de formação?
- Você pode me falar sobre o que acha da proposta do curso?
- Na sua percepção, como os alunos reagem ao curso?

ENTREVISTA PARA EGRESSOS

Estabelecimento de *rapport*

Questão Norteadora:

- Compartilha comigo o que é ser bombeiro.

Aspectos Complementares:

- Gostaria de conhecer sobre os motivos que o levaram a ser bombeiro. Fale-me sobre isso.
- Na sua percepção, como foi o curso de formação de Bombeiro Militar?
- Como você se sentiu em seu processo de se tornar bombeiro?
- Como você se sente hoje no exercício da profissão?
- E para você, como é ser Bombeiro?

Quadro 4 – Construção coletiva do grupo de estudos curriculares. Setembro\2011

FASES DO DESENVOLVIMENTO CURRICULAR	OBJETIVO	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	FONTESE EVIDÊNCIAS
1.Currículo Prescritivo:	Conhecer o currículo oficial, regulamentado pela esfera político-administrativa responsável por uma estrutura de organização escolar	1.Estudo Documental	
2.Currículo Programado (grupo)	Analisar o projeto pedagógico dos cursos investigados a fim de compreender sua fundamentação e sua lógica de sistematização da formação profissional;	1.Estudo Documental	-Projeto Pedagógico dos Cursos; - Resoluções internas dos BM do Ceará;
3.Currículo Planificado (individualmente pelo professor mediado por sua formação)	Conhecer os materiais e recursos que fundamentam a prática pedagógica do professor e que são por ele planejados.	1.Estudo Documental 2. Observação Participante	- Plano de curso ou plano de aula dos professores - Cadernetas -Reuniões de planejamento;
4.Currículo Real/Em Ação	Observar o cotidiano de Formação profissional\educacional a partir do que é de fato efetivado	1. Observação Participante 2. Entrevista	- observação em Sala de aula e reuniões administrativo-pedagógicas - Discurso e narrativa dos sujeitos da investigação - Realidade Observada

Fonte: Quadro sintético produzido pela autora.

ANEXO A – TABELA DOS PROFISSIONAIS MAIS CONFIÁVEIS

Tabela 1 – Pesquisa sobre os profissionais mais confiáveis

De maior confiança para menor	Índice de Confiança							
	Brasil				Internacional			
	2011 (%)		2010 (%)		2011 (%)		2010 (%)	
Bombeiros	97	1º	98	1º	94	1º	94	1º
Carteiros	91	2º	92	2º	84	4º	82	3º
Professores do Ensino Fundamental e Médio	91	2º	87	3º	85	3º	84	2º
Médicos	90	3º	87	3º	86	2º	84	2º
Exército	88	4º	84	4º	82	5º	81	4º
Organizações de Proteção ao Meio Ambiente	82	5º	80	5º	65	7º	62	6º
Pesquisadores de Mercado	81	6º	80	5º	54	10º	55	9º
Jornalistas	79	7º	76	6º	44	13º	41	12º
Publicitários	72	8º	71	7º	29	16º	29	15º
Instituições de Caridade	76	9º	68	9º	64	8º	59	7º
Juizes	74	10º	67	10º	66	7º	62	6º
Instituições religiosas	70	11º	70	8º	58	9º	58	8º
Profissionais de Marketing	70	11º	67	11º	32	15º	33	13º
Diretores de Grandes Empresas	67	12º	64	12º	34	15º	31	14º
Funcionalismo Público	66	13º	56	14º	61	9º	58	8º
Advogados	64	14º	57	13º	47	11º	46	10º
Policiais	59	15º	51	15º	76	6º	75	5º
Sindicatos	58	16º	50	16º	45	12º	42	11º
Executivos de Bancos	48	17º	47	17º	43	14º	42	11º
Políticos	19	18º	11	18º	17	17º	14	16º

Fonte: LVBA Comunicação (2011).